

COLETÂNEA UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO
PARA A CARIDADE



O QUE É UMBANDA – I

Padrinho Juruá

Padrinho Juruá – 1956

COLETÂNEA UMBANDA

“A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”

O QUE É UMBANDA – I

**São Caetano do Sul, 2013
2500 p.**

Fundação Biblioteca Nacional

**Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou
Averbação**

Nº Registro: 533.475 – livro: 1024 – folha: 149

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da “LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”.

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.



CAPA: Concepção artística de Jesus – Oxalá da Umbanda

ÍNDICE

•	PREFÁCIO.....	01
•	OS RESPONSÁVEIS PELA DOCTRINA DA UMBANDA CRÍSTICA.....	08
•	PORQUE SOU UMBANDISTA.....	17
•	SOU DA UMBANDA COM AMOR E DEVOÇÃO.....	20
•	AS SETE LÁGRIMAS DE UM PAI PRETO.....	21
	A OITAVA LÁGRIMA DO CABOCLO DE ARUANDA.....	22
•	A LIÇÃO DE UMA PRETA VELHA.....	24
•	A UMBANDA SOB A VISÃO DE UM FREI TEÓLOGO.....	25
•	A UMBANDA É UMA RELIGIÃO CRÍSTICA.....	29
	O HOMEM CRÍSTICO.....	30
	SEDE CRÍSTICOS.....	30
	CRISTIANISMO CRÍSTICO E CRISTIANISMO ECLESIAL – FUSÕES E CONFUSÕES.....	32
	O QUE É UNIVERSALISMO CRÍSTICO.....	34
	MAS, AFINAL, QUAL O SIGNIFICADO DO NOME CRISTO?.....	35
	QUAL O VERDADEIRO NOME DE JESUS?.....	35
	O CONCÍLIO DE NICÉIA.....	37
	SÃO LÚCIFER – O SANTO CATÓLICO QUE A IGREJA “ESCONDE”.....	49
•	A MODALIDADE “UMBANDA CRÍSTICA”.....	51
•	AOS IRMÃOS DE OUTRAS MODALIDADES UMBANDISTAS ESCLARECEMOS.....	64
	O CAMINHO.....	66
	O CRISTO INCONFUNDÍVEL.....	67
	O MARTÍRIO DOS SUICIDAS.....	68
	PARÁBOLAS DE JESUS – Parte 38.....	68
	FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER E A RELIGIÃO DE UMBANDA.....	69
	PRETOS-VELHOS.....	70
	A UMBANDA E O EVANGELHO.....	70
	A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NA UMBANDA.....	72
	NO EVANGELHO ENCONTRAMOS OS POSTULADOS, AS PRÁTICAS E A SÍNTESE DE FÉ UMBANDISTA.....	74
•	O INÍCIO E O IDEALIZADOR DA RELIGIÃO DE UMBANDA.....	82
	A ORDEM DO MESTRE.....	89
	O EVANGELHO A LUZ DO COSMO.....	91
•	AS RAÍZES (EXOTÉRICAS) DA UMBANDA.....	93
•	O QUE É UMBANDA.....	98
	UMBANDA – RELIGIÃO/FILOSOFIA/CIÊNCIA/ARTE.....	102
	A UMBANDA COMO RELIGIÃO.....	103
	A DOCTRINA UMBANDISTA.....	105
•	OS POSTULADOS DA UMBANDA.....	109
	APOTEGMAS DA UMBANDA.....	109
	SÍNTESE DA PROFISSÃO DE FÉ DOS UMBANDISTAS.....	109
	PROFERIDOS UMBANDISTAS.....	111
	FINALIDADES DA UMBANDA.....	113
•	A UMBANDA É UMA RELIGIÃO NEO-PANTEÍSTA.....	114
	UMBANDA: UMA RELIGIÃO.....	114

DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES DA RELIGIÃO.....	116
UMBANDA – UMA RELIGIÃO UNIVERSAL.....	117
TIPOS DE RELIGIÕES.....	118
PANTEÍSMO.....	121
POLITEÍSMO.....	121
MONOTEÍSMO.....	122
ATEÍSMO.....	123
E A UMBANDA?.....	125
A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO HUMANA.....	125
• A UMBANDA É UMA RELIGIÃO EVOLUCIONISTA TEÍSTA.....	127
CRIACIONISMO.....	127
EVOLUCIONISMO.....	128

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é dividido em:

- 1) Profundas e exaustivas pesquisas;
- 2) Orientações espirituais; e,
- 3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em “A Gênese” – capítulo I, item 50: “(...) os Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço contínuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos”. Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”. (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos “impor” nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

“Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...) mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...).” (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em “o Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXIV, onde diz que: *“Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)”*. Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

“(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la”. (Trecho da introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.

Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breve pincelada da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatis: *“A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero”*.

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

*Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda*

Temos certeza que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

“Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa” (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em “O Livro dos Médiuns”, 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em “achismos” (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo esta sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade... com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d’alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam serem umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro “Umbanda é Luz” de Wilson T. Rivas)

Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No primeiro livro (“COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA”), estaremos disponibilizando todo um material histórico sobre a formação da Umbanda.

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do livro sobre as “Origens da Umbanda” – procuramos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer pequenas observações, mas calcadas da razão, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiosincrasia. Propagam o Caboclo como instituidor da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras “Linhas Mestras” relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas esfarrapadas, sem comprovação e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser usado a bel prazer.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas institui a Umbanda como religião e normatizou-a com preceitos simples, mas, que teriam de serem seguidos a risca. A partir da fundação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: “Modalidades de Umbanda”. Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as “Linhas Mestras” do instituidor, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desprendimento, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as “Linhas Mestras” do fundador.

Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo pudesse se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *“(…) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (nota do autor: ritual da Umbanda) seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo”(…).*

Já lemos relatos de irmãos ainda insistindo que não foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas que fundou a Umbanda; outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Tudo pura conjectura. São opiniões calcadas somente em achismos, pois carece de comprovação documentária, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no primeiro livro, juntando em anexo, documentos escritos, jornalísticos e fonográficos. Contra depoimentos documentais e relatos gravados, não há argumentos.

Creemos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje esta sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade. Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizeram em fatos documentais. A verdade é uma só: Quem participou juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como “Linhas Mestras” a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade.

Seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho, etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual.

Pela extensão, da “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”, dividimo-lo em vários livros, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No livro: “As Origens da Umbanda” está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterado; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos livros, estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da Umbanda Crística.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem cada livro, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *“Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros”*. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: “www.redeumbanda.ning.com”, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? (Publicado por M.R.C. em 13 de Setembro de 2008 às 11h20min)

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia-a-dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.

“(...) Muitas portas levam a morada do Pai (...)”

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*

- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*
- *Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.*
- *Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.*
- *Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.*
- *Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética, etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.*
- *A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos trabalhadores.*

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem as diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegrindo a imagem da Umbanda.

*****//*****

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento, etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil “escrever” sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser “expert”, somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem.

Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a “modalidade umbandista” a qual está ligado; afinal, o que existe são os subgrupos dentro da Umbanda. Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela modalidade “Umbanda Crística”. Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. *“Tempus est mensura motus rerum mobilium”* (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

“Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático”. “Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém”. (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

“Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja”.

“Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito”.

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, estarão plantando nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

“Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos”. (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

- 1) Isenção de preconceitos;
- 2) Mente livre, não subordinada a dogmas;
- 3) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;
- 4) Raciocínio perquiridor e sagaz;
- 5) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,
- 6) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtrairmo-nos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua “verdade”.

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus” (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiosincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

“Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.

É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera”.

(Pelo Espírito de Emmanuel)

Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creemos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiosincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda encontramos-nos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galileia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fieis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

*Umbandista que
não estuda e não se
dedica ao labor
mediúnico
caritativo, não é
umbandista; é
simplesmente um
simpatizante.*

Padrinho Juruá

OS RESPONSÁVEIS PELA DOCTRINA DA UMBANDA CRÍSTICA

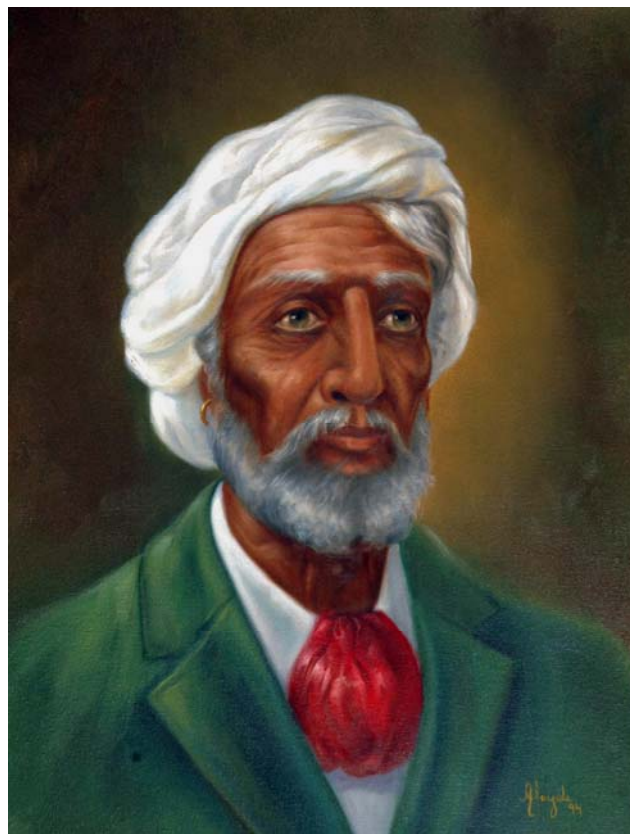


Alice Gurayebe Boechat (1919 – 1993)

Mãe Alice, minha avó materna, fundadora da “Casa de Caridade Pai Matheus” (atual “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista”), de 1937 a 1993. Os Guias Espirituais, que se manifestavam em Mãe Alice, fundadores e dirigentes da Casa, eram:



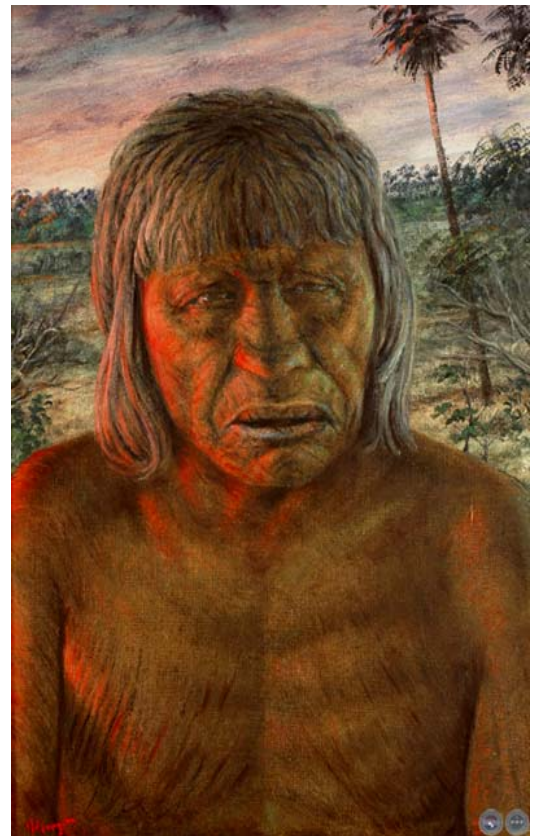
Pai Matheus de Aruanda (fundador)



Pai Jacob (responsável pelos trabalhos de cura)



Pai Caboclo (responsável pelos trabalhos de Descarregos (desobsessões))



Pai Kalunga (responsável pelos trabalhos demandatórios)

Quando da passagem de Mãe Alice para o plano espiritual, os Guias Espirituais que assumiram a direção da Casa são:



Mãe Estrela Azul – Veneranda do “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista”

A senhora Mãe Estrela Azul, é considerada por nós, um das 21 Orixás Mediadoras da Mãe Yemanjá, Espírito Superior que está na Umbanda dando-nos sustentação vibratória para que o Evangelho Redentor seja divulgado e interiorizado como meta a cumprir. Ela se apresenta mediunicamente uma vez por ano, ou quando necessário, para nos dar seu amor e nos agradecer com suas palestras elucidativas.



Pai João da Caridade – Pai Espiritual e Mentor do Templo da Estrela Azul

O Guia Espiritual comandante do Templo da Estrela Azul é o Pai João da Caridade. Ele nos diz que todos os Caboclos encarregados do Terreiro, são seus generais, e cada um tem um trabalho específico a ser cumprido. São eles:



Pai Mata Virgem

O amado Pai Mata Virgem, é o mentor responsável pelos ensinamentos e aplicações dos Caminhos de Cura e dos Caminhos de Poder. Esses “Caminhos” são as aplicações da magia positiva utilizando todos os recursos do imenso “arsenal da Umbanda”, todos provindos da Mãe Natureza.

- **Os Caminhos da Cura são:** O Caminho da Reza Meditativa (prática do Rosário). O Caminho Tabaco que Purifica (Petyncaém); O Caminho do Fogo que Higieniza (Tatacaém); O Caminho do Banho que Agrega (Yahúcaém); O Caminho da Defumação que Transforma (Timbócaém); O Caminho da Água que Desagrega (mar), que Concilia (cachoeiras), que Eleva (fontes e nascentes), que Matura (poços, mangues e represas) e que Modifica (águas das corredeiras) (Ycaém); O Caminho da Cura pelo Amor (Araporã); O Caminho da Cura pelo Descarrego (desobsessão).
- **Os Caminhos do Poder são:** O Caminho das Entregas Magísticas de Poder; O Caminho dos Pós de Poder; O Caminho dos Patuás de Poder; O Caminho dos Cânticos de Poder; O Caminho das Escritas de Poder.

Foi num trabalho espiritual de fim de ano (1999), na Praia Grande/SP, de harmonização com as energias sagradas da Mãe Yemanjá, que o até então dirigente espiritual da nossa casa, o Senhor Caboclo Sete Folhas Verdes, nos comunicou que essa era a última vez que ele viria em terra para coordenar os trabalhos do Terreiro. Em seu lugar viria outro Caboclo, para dar continuidade aos planos traçados pela Espiritualidade Maior. Os médiuns, emocionados, despediram-se. O Pai Sete Folhas Verdes abençoou a todos, e desincorporou; segundos após, imensa emoção tomou conta de todos, e, imediatamente ocorreu à incorporação de um Caboclo da Mata. Cumprimentou a todos, e cantou o seguinte ponto:

*“Pai Ventania quando chegou no Congá;
 Todos os Caboclos vieram ajudar;
 Veio Ogum, veio Xangô, Yemanjá;
 Oxossi e Yansã;
 As estrelas clarearam a mata escura;
 Para Oxalá abençoar;
 Sarava todos Caboclos;
 Sarava pai Ventania no Congá”.*

Logo a seguir nos disse: *“Sarava filhos de fé; sou o Caboclo Sete Ventanias; a partir de agora estou assumindo a direção deste Templo; não esperem elogios da minha parte, mas sim, bons puxões de orelha quando necessário. Eu vim, para trazer a doutrina. Quando completar minha missão, volto para o Juremá, quando outro Caboclo virá para divulgá-la”.* Foi a partir desta data que iniciamos a escrita dos tratados da Umbanda Crística, com afinco, diariamente. Nossa mente se abriu como um passe de mágica, e as informações caíram como chuva abundante, nunca mais parando. Por isso, dedicamos este livro ao nosso amado Pai Ventania.



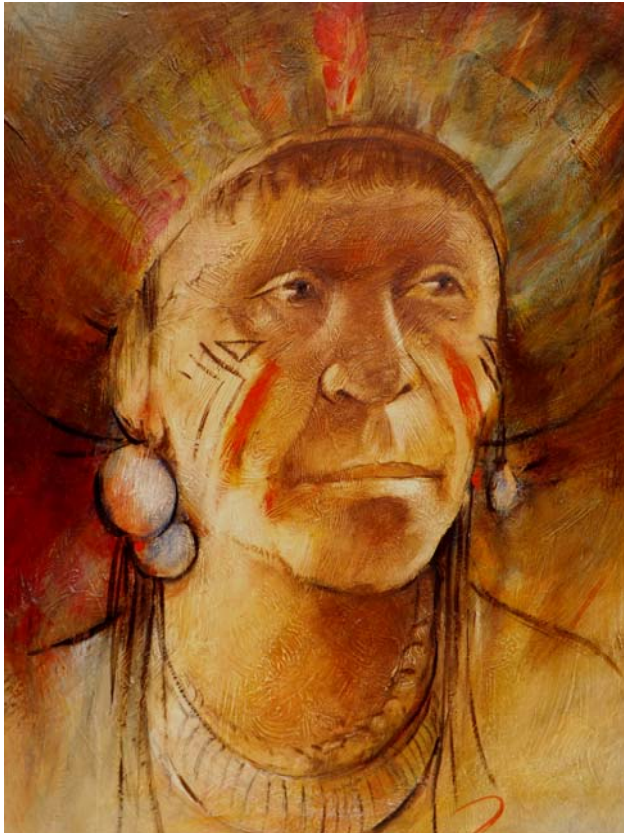
Caboclo Sete Folhas Verdes



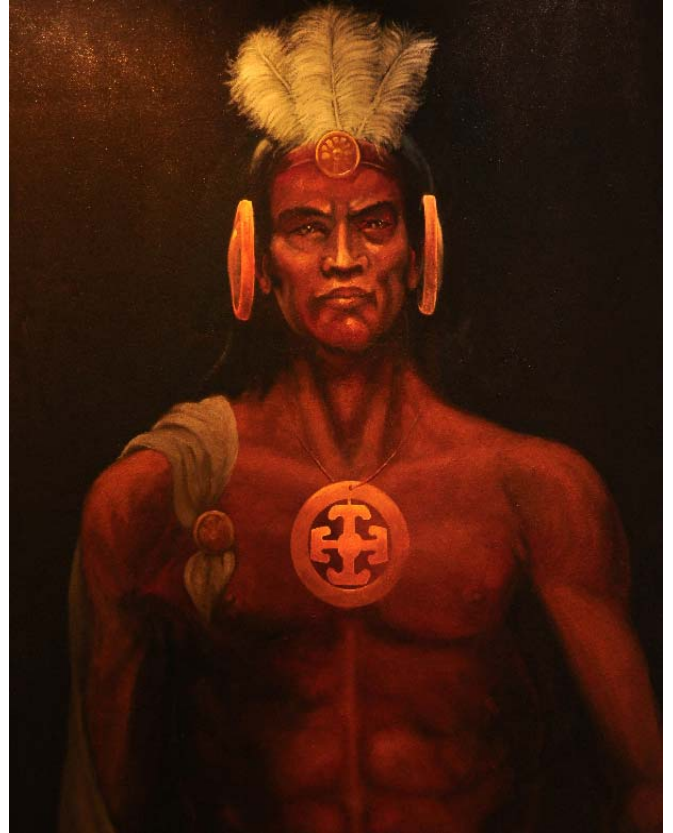
Caboclo Sete Ventanias

Quando foi o ano de 2007, numa Sessão de Educação Mediúnica, o Pai Sete Ventanias nos disse que esse seria o último dia de trabalho ostensivo dentro do Templo, pois sua missão havia sido cumprida a contento. O espaço sagrado para a vinda dos ensinamentos umbandísticos havia sido completado; a partir daí, o conhecimento estava liberado.

Ele nos disse: “Era a hora de vir o outro trabalhador, que seria o responsável pela reelaboração ritualística do Terreiro, e a divulgação da doutrina umbandista”. Despediu-se com emoção. Logo após, ainda emocionado, senti um arrepio pelo corpo, e apossou-se de mim um Caboclo da Mata, que nos disse ser o Pai Araribóia, que viria nos dar sustentação para que pudéssemos iniciar o trabalho de divulgação da Umbanda Crística. Pai Araribóia, manifestado, nos disse: “A partir de agora, toda a ritualística, a doutrina e os trabalhos espirituais serão pautados nos ensinamentos e nas práticas do Caboclo das Sete Encruzilhadas; faremos a Umbanda como era em 1.908; eu estava lá”. A partir de então, toda a temática dos trabalhos espirituais, em seus aspectos internos e externos, obedece aos ditamos do instituidor da Umbanda.



Pai Araribóia



Caboclo do Sol

Numa Sessão de Educação Mediúnica do mês de Agosto de 2013, o Pai Araribóia nos disse: “Meu trabalho está completado. A doutrina já está sendo divulgada através de livros. A partir de agora, não cessa mais”. Estarei aqui, em trabalho caritativo”.

Logo após, apossou-se de nós uma imensa vibração, onde se apresentou outro obreiro da vida eterna, que vinha dar sustentação vibratória ao Terreiro. Apresentou-se como Caboclo do Sol. Abençoando-nos, comunicou-nos que vinha para nos dar sustentação vibratória nos trabalhos caritativos ostensivos, para que fôssemos exemplos vivos da prática compassiva umbandista. O Caboclo do Sol manifestado, assim cantou:

*“É de ponto em ponto;
É de cruz em cruz;
Que eu retiro o mal;
Com o Mestre Jesus.*

*Com Deus em vim;
Com Deus eu vou;
Com os Anjos da guia;
E com o Salvador.*

*Se a Umbanda é Umbanda;
Se é da banda ou da kimbanda;
É o Caboclo do Sol;
Que é vencedor de demanda”.*



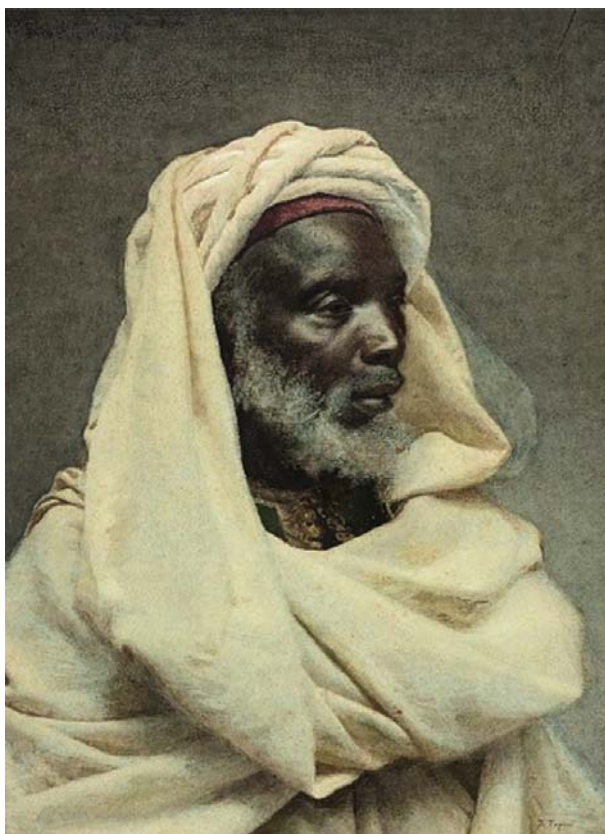
Pai Cobra Coral

O Pai Cobra Coral coordena os trabalhos de cura:



Pai Akanguera

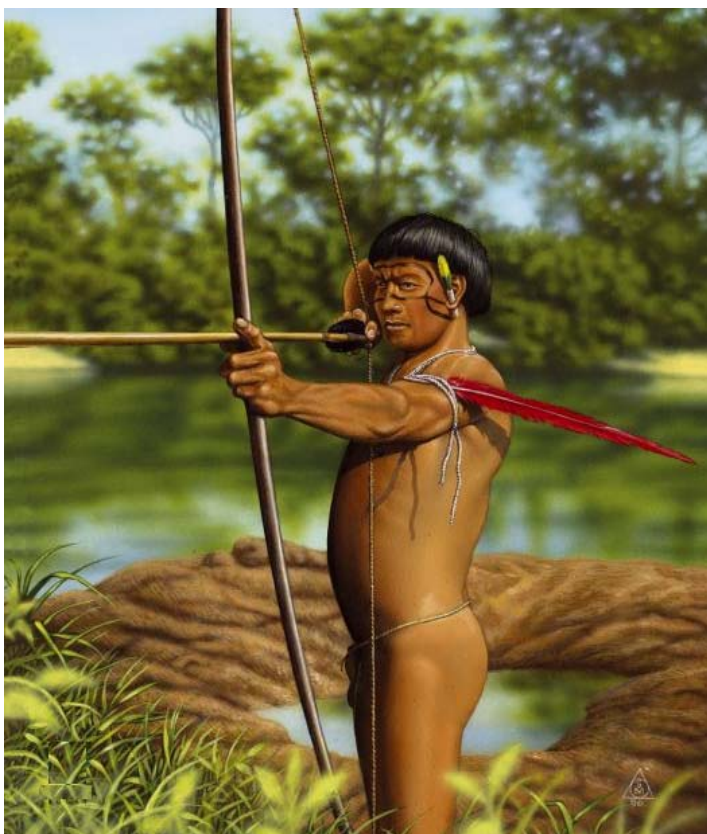
O Pai Akanguera é o responsável pelos trabalhos efetuados com portadores de depressão.



Caboclo Serra Brava

O Caboclo Serra Brava é o Capitão de Demanda do Templo da Estrela Azul; dirige os trabalhos de Descarrego (desobsessão) bem como a resolução de todos os possíveis processos demandatórios.

O primeiro Caboclo da Mata a nos dar sustentação em nossa mediunidade, em 1970, por 17 anos, foi o “Caboclo Tupinambá” (Curumin Uçú), que hoje nos dá seu auxílio e proteção, atuando fluidicamente em nosso Terreiro, incorporando esporadicamente somente para nos agraciar com a sua presença, bem como matarmos a saudades.



Caboclo Tupinambá (Curumin Uçú)

O Pai Ogum de Lei nos dá sustentação vibratória. A Mãe Janaina nos agracia com suas bênçãos, nos trazendo as forças do oceano.

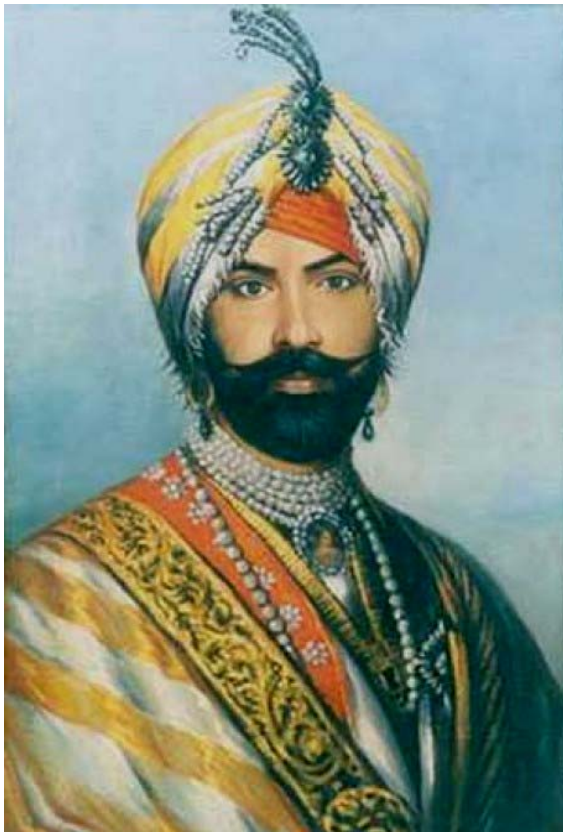


Pai Ogum de Lei



Mãe Janaina

Desde a sua fundação, o Templo da Estrela Azul conta com o Guia instrutor espiritual Maha Raja, componente da Confraria dos Magos Brancos do Oriente, conhecido na Umbanda como: "Linha do Oriente". Também contamos com a presença mediúnica, o abençoado Guia Espiritual Jorginho, da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais das Crianças, que nos traz os ensinamentos de como sermos puros e inocentes para conhecermos o Reino de Deus.



Maha Raja



Jorginho



Vovó Joana da Bahia

A Vovó Joana da Bahia é a nossa conselheira, nossa educadora, e o nosso ombro amigo em todos os momentos. Com suas divinas magias, leva seus milagres aos lares aflitos. Curando os enfermos, solucionando velhas questões de família, levando às casas onde não há pão o emprego para seus chefes e, conseqüentemente, o conforto às famílias desesperadas pelo sofrimento.

As imagens dos Guias Espirituais: Mãe Estrela Azul, Pai Matheus de Aruanda, Pai Jacob, Pai João da Caridade, Pai Mata Virgem, Pai Caboclo, Pai Araribóia, Caboclo Sete Folhas Verdes, Caboclo Sete Ventanias, Pai Akanguera, Pai Ogum de Lei e Mãe Janaina, foram retratadas por sensitivos em pictografia. As demais pinturas foram escolhidas por serem imensamente semelhantes com quem representam.

Obs.:

Segundo o Pai Jacob, a Mãe Alice era a terceira e última médium com quem ele tinha missão de trabalhar mediunicamente. Hoje, o Pai Jacob nos dá assistência espiritual, manifestando-se vibratoriamente em todos os locais onde se pratica o Araporã, dando sustentação, dirigindo todo o sistema.

O Pai Matheus de Aruanda sempre nos disse que a mãe Alice era sua última médium em trabalho caritativo ostensivo, portanto, não mais se manifestando mediunicamente. Hoje, nos dá assistência espiritual, participando ativamente na direção do Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista.

PORQUE SOU UMBANDISTA

Depois de décadas de trabalhos mediúnicos ininterruptos, sem paixões, sem chiques, sem ilusões, sem imposições, sem fanatismos, sem condicionamentos tresloucados, sem perder a fé, como livre pensador, sei perfeitamente porque sou umbandista.

Toda semana, sei, com consciência, com amor e ardor, porque me dirijo ao Terreiro, alegremente, ao encontro dos meus ancestrais, e, juntamente, recebermos as bênçãos de Deus e toda a Espiritualidade Superior, servindo ao próximo com dedicação e amor. Com o passar dos anos, no amadurecimento abençoado, em plena força de meu raciocínio cinquentenário, encontro as respostas abençoadas da força de viver e servir a tão plena religião.

- A Umbanda me ensinou que a religião verdadeira é aquela que entenece aos corações; modifica o homem, auxilia; não impõe; não julga; não aprisiona, mas, liberta; nos faz melhores, caridosos, amorosos; nos põe de encontro com a nossa espiritualidade; nos ensina a sermos humanos; nos mostra que todos estamos ao alcance e no merecimento das benesses divinas; nos coloca diretamente, frente a frente, com os abnegados irmãos da espiritualidade, sem fantasias, sem ilusões, sem imposições, como verdadeiros filhos e irmãos.
- A Umbanda me ensinou que este mundo em que vivemos é um celeiro de bênçãos, e jamais um vale de lágrimas. Mostrou-me as belezas e as inteirezas da Mãe Natureza, onde buscamos o alento da irmandade com os nossos irmãos menores, preenchendo o nosso íntimo de paz, alegria, saúde e agradecimentos ao Divino Criador por nos proporcionar tamanha bondade em repartir sua perfeita criação.
- A Umbanda me ensinou que Deus é bondade, justiça, poder, paz, serenidade, perdão. Me ensinou que Deus é Amor; que seu alimento é amor; portanto, como seus filhos, também vivemos de amor; e por isso, devemos, a todo instante e por tudo, amarmo-nos infinitamente, afim de nos alimentarmos dessa força tão poderosa. Me ensinou que Deus só deseja uma coisa: que sejamos bons em tudo o que fizermos. Me ensinou que Deus me ama do jeito que sou; que não se importa com o que sou, mas somente com o que eu faço. A única missão que me deu foi fazer o bem, esteja onde estiver, sendo o que eu sou.
- A Umbanda me ensinou que: **“Fora do Amor não há Salvação”**, pois Deus é Amor. Por isso, serenamente, sem imposições, sem julgamentos, sem pressão, sem condicionamentos, nos coloca frente a frente com nossos irmãos, principalmente em atendimentos fraternos, para que através da caridade desmedida e gratuita efetuadas não por nos médiuns, mas, pelos abençoados Guias e Protetores Espirituais, possamos juntos fazer somente o bem, porque é bom ser bom, e é ruim ser ruim. Afinal, a caridade é uma das maiores expressões de amor que existe. A caridade é a linguagem pela qual as preces das pessoas são ouvidas, quando se dirigem a Deus.
- A Umbanda me mostrou, através das manifestações mediúnicas, que nossos irmãos, os Guias e Protetores Espirituais, em suas simplicidades, singelezas e humildade, apresentam-se em roupagens fluídicas arquetípicas regionais, tipos sociais, ocultando suas luzes, para que possamos entender que todos podemos, irmanados, servir a Deus e ao próximo, sem as complicações metafísicas, lingüísticas, teológicas, teosóficas e filosóficas, mas sim, com amor, perdão, caridade, dedicação, sutileza, firmeza, determinação, coragem, destemor, mostrando-nos que absolutamente todos, independente de credo, cor, grau social, grau escolar, grau evolucionar, podemos ser instrumentos de Deus Pai para tudo e para todos.
- A Umbanda me mostrou que mesmo os nossos irmãos desafortunados, que fixam moradas temporárias no Reino da Kimbanda (Vale das Sombras), estão exercendo em pleno direito, o seu livre arbítrio. Me ensinou que estes irmãos não são ignorantes e muito menos inferiores, mas simplesmente estão vivendo como acham melhor, acreditando no que acham certo e optando por metas que acham serem corretas, e por isso devemos respeitá-los, sem julgamentos, perseguições e ódios. Me ensinou que gradativamente, todos um dia se libertarão de seus condicionamentos mentais ilusórios, deixarão de serem malvados, voltando-se então para as verdades eternas e imutáveis. Mas, salienta que não existe uma guerra de poder contra Deus, mas tão somente uma guerra de poder temporal, onde somente muitos querem impor suas realidades como verdade absoluta.
- A Umbanda me ensinou a respeitar todas as religiões como vias naturais de evolução, onde seus congregados cultuam, ensinam, doutrinam àquilo que acham serem a salvação do homem. A Umbanda me ensinou a ouvir a cada um, sem discutir, impor ou agredir. Me ensinou que somente através do exemplo dignificante, poderemos um dia sermos respeitados.

- A Umbanda me ensinou que Deus, em Sua infinita misericórdia, nos legou toda a Natureza para que pudéssemos nos servir dela com retidão, humildade, benevolência e respeito, para que, através de seus infindáveis recursos, pudéssemos nos beneficiar e beneficiar a quem nos procura.
- A Umbanda me ensinou que cada ser humano tem o seu tempo evolucionar, não havendo “maior ou menor”, “mais evoluído ou menos evoluído”, mas somente, humanos em seu tempo natural, seguindo seu curso vivencial com seus passos, dentro das suas vivenciações, com seus entendimentos e devemos respeitá-los incondicionalmente, não procurando imputar-lhes nossas pretensas sabedorias por acharmos estarmos em adiantado estado de evolução.
- A Umbanda me mostrou que não existe cor de pele, credo religioso, preferências sexuais, ou seja, qualquer tipo de preconceito. Me mostrou que existem somente seres humanos, nossos irmãos, todos nascidos de um só útero divino, e a eles devemos respeito, amor, cordialidade, irmandade, perdão e paz.
- A Umbanda me mostrou que realmente – *“Há mais coisas entre o Céu e a Terra, do que imagina nossa vã filosofia”* – e por isso, devemos impreterivelmente respeitar as normas, as condutas, as doutrinas, as filosofias, os rituais, e as liturgias de qualquer credo religioso ou filosófico existente no mundo, sem querer impor, explicar, doutrinar, converter, a quem quer que seja. Mesmo que essas doutrinas pregam inverdades contra nós. Nos ensina que devemos divulgar nossa religiosidade através da exemplificação moral, santidade das intenções e mente ilibada. Afinal, como diz o Espírito de Miranez: *“Todo aquele que combate o tipo de fé de outro, é por não estar seguro da sua”*.
- A Umbanda me aproximou de Jesus e de seus ensinamentos, fazendo-me seguir fielmente o designado pelo Meigo Rabino, através da exemplificação de seus Emissários da Luz, que diariamente se fazem presentes na mediunidade redentora, nos trazendo o alento do amor incondicional.
- A Umbanda me mostrou que não devemos nos prender a tal ou qual doutrina, filosofia, livro, mestre, ensinamento; que não devemos aceitar as coisas cegamente, mas ao invés disso, usando a benção do raciocínio, questionar, examinar e investigar, tomando por base a nossa própria experiência pessoal. A Umbanda me ensinou a seguir o que o Siddhartha Gautama (Buddha) disse, e que tenho como regra:

“Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade.

Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Devo (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual.

Nem porque pareça ser uma necessidade análoga.

Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não crerdes meramente porque ouvistes falar. Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, deveis agir de conformidade e intencionalmente”.

- A Umbanda me ensinou a ver todos como irmãos, como companheiros de jornada, sem alusões negativas e/ou depreciativas. Me ensinou que, se eu ver uma só qualidade em cada um, esta basta.
- Emmanuel, um dia disse a Chico Xavier: “Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus? - *Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem;* – respondeu o médium. – Não será você desamparado – disse-lhe Emmanuel – mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem. – *E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso?* – tornou o Chico. – Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço. Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou: – *Qual é o primeiro?* A resposta veio firme: – *Disciplina.* – *E o segundo?* – *Disciplina.* – *E o terceiro?* – *Disciplina”.*

A mim, com respeito aos três pontos básicos, a resposta de um Caboclo da Umbanda, Cacique Araribóia, veio, firme, da seguinte forma: *“Queremos de vocês: 1º) Trabalho, 2º) Trabalho, e, 3º) Trabalho. Porque disciplina, dificilmente, irão ter. Trabalhem; pois, enquanto aguardam as resoluções de seus problemas, vão fazendo algo de bom pra alguém”.*

Pai Tomé disse: *“O Espiritismo é Jesus ensinando. A Umbanda é Jesus trabalhando”*.

- A Umbanda me ensinou que não devemos trabalhar como servidores tão somente pensando estar fazendo “Caridade”, como um ato de esmola, favor ou benefício, mas sim, trabalhar com Espírito compassivo, a compaixão fervorosa que compreende a dor dos outros de forma verdadeira, sem julgamentos, sem egoísmo, sem reservas, seja o que for, material ou espiritual, procurando intervir de alguma forma, a fim de mudar o quadro de sofrimento alheio.
- A Umbanda me ensinou que o mal não existe; que o mal é o bem mal interpretado. O mal está muito mais na nossa impaciência, no nosso desequilíbrio quando exigimos determinadas concessões e privilégios, sem condições de obtê-los. Se a treva aparece é porque a luz está demorando, mas quando acendemos a luz ninguém pensa mais nas trevas. O mal não existe em substância. É pura ficção.

Enfim, se fosse enumerar tudo o que a Umbanda me ensinou, precisaria de um livro só pra isso.

Esclarecimento:

Ao lerem os nossos livros, por usarmos os ensinamentos de Jesus, bem como os ensinamentos do Pentateuco Kardeciano para explicarmos a Umbanda, muitos podem pensar: “o autor foi católico”, ou “o autor foi kardecista ou espírita”. Não.

Aliás, até certo tempo eu achava que a Umbanda era Cristã, bem como eu o era também, mas, incomodava-me muita coisa, pois não coadunava com os ensinamentos das ditas escolas cristãs, as quais, inclusive, nos excluíam e rejeitavam totalmente. Passado o tempo, amadurecendo as ideias, descobri que tanto a Umbanda, quanto eu aceitamos tudo o que é bom e rejeitamos tudo o que é mal; isso me levou ao universalismo, e claramente não me posicionei mais como cristão, mas sim, como crístico.

Do Catolicismo sei o que me foi passado popularmente e liricamente pelos mais velhos, o que estudei, e participando como convidado de reuniões tipo: casamentos e batismos somente.

Do Espiritismo, as obras kardecianas, sei o que estudei e estudo sistematicamente, como fonte inspirativa e aprimoramento mediúnico.

Da Religião Kardecista praticamente nada sei, pois nunca participei de nenhuma sessão realizada por eles. Somente tenho como fonte de estudos algumas obras psicografadas por kardecistas, que achei serem de cunho elevado.

Do Candomblé, igualmente; sei o que estudei; nunca participei de uma sessão candomblecista, portanto, nem sei como a coisa ocorre.

Nasci em 1956 e me criei em berço umbandista, pela minha avó materna, Mãe Alice, que já tinha um grupamento de Umbanda, a “Casa de Caridade Pai Matheus”, desde 1937. Iniciei minhas atividades mediúnicas em atendimentos fraternos em 1970, trabalhando até os dias atuais, ininterruptamente. Quando do desencarne de minha avó, em 1993, assumi a direção do Terreiro, que passou a ter a denominação de: “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista” em referência à veneranda Orixá Mãe Estrela Azul, nossa mãe e mentora.

A partir do dia que assumi o Terreiro, seguindo o que já era feito, tateei acrescentar algumas práticas ritualísticas a fim de melhorar o padrão material e espiritual da Casa. Mas, passado um tempo, verificando a inocuidade das ditas práticas, voltei fielmente ao que me foi passado pelos nossos fundadores, Pai Matheus de Aruanda, Pai Jacob e Pai Caboclo, que mesmo sem nunca ter-nos falado no Caboclo das Sete Encruzilhadas, seguiam fielmente o preposto pelo instituidor, ou seja, o mando era espiritual.

Aceito e coaduno com a Espiritualidade Maior. Sigo, invoco e honro os Espíritos de e da luz, sejam eles quais forem e de onde foram em vida. Onde existem os ensinamentos crísticos e o Evangelho Redentor, ali estarão presentes os Espíritos Superiores.

O dia em que fizermos nossa passagem (desencarnarmos), não seremos julgados pela religião que professamos, mas sim, pelas obras que fizemos. A Umbanda, assim como qualquer religião é tão somente uma via de evolução que escolhemos por afinidade, para bem servirmos a Deus Pai.

Trabalhamos onde melhor nos adaptamos. Temos que dar o melhor de nós, onde estivermos, pois tudo é feito para a honra e a glória de Deus.

SOU DA UMBANDA COM AMOR E DEVOÇÃO



Todos os dias ergo minhas mãos ao alto, e cantarolo: *“Eu canto a Umbanda, que deu vida ao meu ser. Eu canto aos Orixás, que me fizeram renascer. E canto o dia em que, senti ao Senhor, andando pela vida, aprendi essa canção: Sou da Umbanda, e também de ti Senhor; sou da Umbanda com amor e devoção”.*

Um arrepio invade meu ser; meus olhos marejam, pois o amor que tenho por ti, minha Umbanda querida, é tão grande, que transborda o coração. Foi na Umbanda que eu aprendi a amar. Foi na Umbanda que eu conheci a Deus. Foi na Umbanda que eu conheci um Jesus amoroso, que me ama como sou. Foi na Umbanda que tive a oportunidade de servir ao próximo com amor. E é nesse momento sagrado, que olho para o alto, e vejo Jesus, de braços abertos me dizendo:

“Curai os doentes, curai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os Espíritos maus”.

“Recebestes de graça, de graça daí”.

“Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita”.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser através de mim”.

“Perdoai, para que Deus vos perdoe”.

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu Espírito; este o maior e o primeiro mandamento; e aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo.”

“Orai sem cessar”.

“Não façais ao próximo o que não quereis que o próximo lhe faça”.

Umbanda; obrigado por me receber em seu seio, e batalhar dia-a-dia para que eu me torne verdadeiramente um ser humano. Obrigado pela paciência de me educar, de me ensinar às verdades eternas, sem nada me pedir a não ser fé, esperança, amor e caridade. E no fim do dia, cantarolo, emocionado, outro ponto:

*“Mas eu sempre te amei e sempre hei de te adorar;
Umbanda querida dona da Terra e do mar;
Umbanda, Umbanda ê;
Umbanda, Umbanda a;
No Terreiro de Umbanda eu aprendi a amar;
Umbanda Lei de Deus;
Umbanda dos Orixás;
Foi na Umbanda que eu aprendi a amar”.*

AS SETE LÁGRIMAS DE UM PAI PRETO



Foi uma noite estranha aquela noite queda; estranhas vibrações afins penetravam meu ser mental e me faziam ansiado por algo, que pouco a pouco se fazia definir. Era um quê desconhecido, mas sentia-o, como se estivesse em comunhão com minha alma e externava a sensação de um silencioso pranto.

Quem do mundo Astral emocionava assim um pobre eu?

Não o soube, até adormecer e, “sonhar”.

Assim, vi meu “duplo” transportar-se, atraído por cânticos que falavam de Aruanda, Estrela Guia e Zambi; eram as vozes da Senhora da luz velada, dessa Umbanda de todos nós que chamavam seus filhos de fé.

E fui visitando Cabanas e Tendas, onde multidões desfilavam, mas, surpreso ficava, com aquela “visão” que em cada uma eu “via”, invariavelmente, num canto, pitando, um triste Pai-preto chorava.

De seus “olhos” molhados, esquisitas lágrimas desciam-lhe pelas faces e não sei por que, contei-as; foram sete. Na incutida vontade de saber, aproximei-me e interroguei-o: fala Pai-preto, diz a teu filho, por que externa assim tão visível dor?

E Ele, suave, respondeu: *estás vendo essa multidão que entra e sai? As lágrimas contadas distribuídas estão a cada uma delas.*

A primeira, eu a dei a esses indiferentes que aqui vêm em busca de distração, na curiosidade de ver, bisbilhotar, para saírem ironizando daquilo que suas mentes ofuscadas não podem conceber.

Outra, a esses eternos duvidosos que acreditam, desacreditando, na expectativa de um “milagre” que os faça alcançar aquilo que seus próprios merecimentos negam.

E mais outra foi para esses que crêem, porém, numa crença cega, escrava de seus interesses estreitos. São os que vivem eternamente tratando de “casos” nascentes uns após outros.

E outra mais que distribuí aos maus, àqueles que somente procuram a Umbanda em busca de vingança, desejam sempre prejudicar a um seu semelhante – eles pensam que nós, os Guias, somos veículos de suas mazelas, paixões, e temos obrigação de fazer o que pedem; pobres almas, que das brumas ainda não saíram.

Assim, vai lembrando bem, a quinta lágrima foi diretamente aos frios e calculistas – não creem nem descreem: sabem que existe uma força e procuram se beneficiar dela de qualquer forma. Cuida-se deles, não conhecem a palavra gratidão, negarão amanhã até que conhecerem uma casa de Umbanda.

Chegam suaves, têm o riso e o elogio à flor dos lábios, são fáceis, muito fáceis; mas se olhares bem seus semblantes, verás escrito em letras claras: creio na tua Umbanda, nos teus Caboclos e no teu Zambi, mas somente se vencerem o “meu caso”, ou me curarem “disso ou daquilo”.

A sexta lágrima eu a dei aos fúteis que andam de Tenda em Tenda, não acreditam em nada, buscam apenas aconchegos e conchavos; seus olhos revelam um interesse diferente, sei bem o que eles buscam.

E a sétima filho; notas-te como foi grande e como deslizou pesada. Foi à última lágrima, aquela que “vive” nos “olhos” de todos os “Pretos-Velhos”; fiz doação dessa, aos vaidosos, cheios de empáfia, para que lavem suas máscaras e todos possam vê-los como realmente são. “Cegos, guias de cegos”; andam se exibindo com a Banda, tal e qual mariposa em torno da luz; essa mesma luz que eles não conseguem ver, porque só visam à exteriorização de seus próprios “egos”.

Olhai-nos bem; vede como suas fisionomias são turvas e desconfiadas; observai-os quando falam “doutrinando”; suas vozes são ocas, dizem tudo de “cor e salteado”, numa linguagem sem calor, cantando loas aos nossos Guias e Protetores, em conselhos e conceitos de caridade, essa mesma caridade que não fazem, aferrados ao conforto da matéria e gula do vil metal. Eles não têm convicção.

Assim, filho meu, foi para esses todos que viste cair, uma a uma, as sete lágrimas do Pai Preto.

Então, com minha alma em pranto, tornei a perguntar: não tens mais nada a dizer, Pai Preto? E daquela “forma velha”, vi um véu caindo e num clarão intenso que ofuscava tanto, ouvi mais de uma vez.

Mando a luz da minha transfiguração para aqueles que esquecidos pensam que estão. Eles formam a maior desta multidão. São os humildes, os simples; estão na Umbanda pela Umbanda, na confiança pela razão. São os seus filhos de fé. São também os “aparelhos”, trabalhadores silenciosos, cujas ferramentas chamam-se Dom e Fé, e cujos “salários” de cada noite, são pagos quase sempre com uma só moeda, que traduz o seu valor numa única palavra: a ingratidão.

(Texto extraído do livro: “Umbanda de Todos Nós” 2ª edição (1960) SILVA, Woodrow Wilson da Matta e - Livraria Freitas Bastos)

A OITAVA LÁGRIMA DO CABOCLO DE ARUANDA



Ah! A Oitava Lágrima.

A oitava lágrima eu vi rolar dos olhos do Caboclo de Aruanda. E então, perguntei: E essa lágrima, meu pai, o que significa?

Ele então me respondeu com a voz embargada e cheia de pesar:

“Essa lágrima, meu filho, é a mesma que desceu dos olhos do Cristo quando encontrou o querido Lázaro no túmulo.

Ela desce queimando minha face, como o sangue que desceu lá no Calvário, da cabeça divina coroada de espinhos.

Essa lágrima representa a dor e a tristeza que invade os corações de todos os Caboclos de Aruanda.

A dor em ver tantos filhos de fé retribuindo com ingratidões todos os favores a eles dispensados. Em receber em troca do amor que lhes dou, muitas flechadas embebidas no fel da discórdia e da descrença.

Representa o sofrimento em receber nas mãos os cravos da injúria daqueles que, negando a mensagem de Jesus, levantam falsas palavras contra o meu carinho e afago.

É a lágrima que ofereço aos filhos que me abandonam na jornada e na difícil tarefa de apascentar as ovelhas perdidas do Senhor.

É a lágrima que jorra todos os dias em favor dos médiuns que não aplicam seus corações nos ensinamentos que o Pai determina que eu lhes dê.

Entrego em favor dos filhos que vêm para esse pequeno paraíso, a Tenda de Umbanda, com os corações e as mentes cheios de espinhos e abrolhos que a terra seca produz.

Aos que, cegos, não conseguem ver a beleza e a pureza que, dia após dia, permito que vejam dentro do Congá o qual purifico e perfume com as essências da caridade e do perdão.

Desce, porque sinto o peso da cruz do Nazareno e não encontro nenhum Simão para me ajudar a levantar da terra e a continuar firme em direção ao alvo que Deus, nosso Pai, quer levar a todos.

Enxuga-me os olhos, filho.

E me presenteie com o seu amor”.

(Mensagem transmitida na Casa de Caridade Santo Antônio de Pádua (Gurapari/ES) durante a Sessão de Educação Mediúnica em complemento ao já famoso texto “As Sete Lágrimas de um Pai Preto”)

A LIÇÃO DE UMA PRETA VELHA



COMO SER UM UMBANDISTA

Um pequenino menino, dentro de sua simplicidade e inocência, perguntou a uma Preta Velha:

– Vovó, eu adoro a Umbanda e gostaria de ser um médium. O que eu posso fazer para ser um umbandista?

Filho, a Umbanda é para os fortes! Para ser umbandista, basta ser forte.

– Mas Vó, eu ainda sou criança e não tenho força ainda. Eu vou ter que crescer para ser umbandista?

Mas é claro que você é forte meu filho, você já é um umbandista, você é a fonte desta força e cabe a você não perder a força que tem.

– Que força é essa Vovó? O que é ser forte, então?

Ser forte é ter a pureza, a fé, a humildade, a simplicidade e a ingenuidade que você tem. Cabe a você manter esta força quando crescer.

– E eu sou forte só com isso?

Você acha pouco filho?

Quando os seres crescem, eles se tornam competitivos, egoístas, ciumentos e invejosos, eles deixam de ter o coração puro, perdem sua fé no Pai e adquirem fé nos bens materiais. Tornam-se seres egocêntricos, não dividem com o próximo, não confiam em ninguém e passam a macular os sentimentos puros dos quais foram dotados na sua infância pela dádiva do esquecimento que o Pai lhes deu ao encarnarem. Isso, aos poucos, vai tornando-os fracos.

Esta fraqueza faz com que os maus Espíritos se aproximem e os bons se afastem.

Ser umbandista meu filho é manter-se puro, vendo sempre o que há de bom no seu próximo.

Ser umbandista é saber dividir com o próximo o amor que o Pai te deu, praticando as caridades morais, materiais e espirituais.

Ser umbandista é ter um caráter íntegro, destituindo-se do orgulho e da vaidade. É desenvolver a fé em momentos de sua vida. É acreditar que o sucesso vem com o crescimento espiritual e não material.

É desenvolver, em si, o bem, a verdade, o amor e fazer com que cada vez mais esta centelhinha de luz, que o Pai te deu, cresça e resplandeça, pois assim nenhum mal se achegará de ti e assim, e somente assim, você encontrará a paz para se desenvolver na Doutrina a ser um verdadeiro Umbandista.

– Vó, eu vou tentar ser o melhor umbandista que tiver, a senhora não deixa os maus sentimentos tomarem conta de mim, não é?

Uh! Uh! Uh! Você verá meu filho, que toda a sua felicidade, fé, paz, crescimento só depende de você; com o tempo você verá e, esta Preta-Velha estará lá para te ajudar a mostrar o caminho, a te aconselhar e te orientar. O resto dependerá de você e do seu livre-arbítrio.

– Vó, o que é livre-arbítrio? A senhora me explica?

Uh! Uh! Uh! Isto é uma outra história que Preta Velha conta depois. Pense e medite sobre esta e a outra você aprenderá pelo caminho!

– Sua benção Vovó!

Deus te abençoe, meu filho!

Vovó Joana da Bahia

Mensagem recebida pela médium: Jacira G. Santoro

A UMBANDA SOB A VISÃO DE UM FREI TEÓLOGO

O ENCANTO DOS ORIXÁS

Quando atinge grau elevado de complexidade, toda cultura encontra sua expressão artística, literária e espiritual. Mas ao criar uma religião a partir de uma experiência profunda do mistério do mundo, ela alcança sua maturidade e aponta para valores universais. É o que representa a Umbanda, religião, nascida em Niterói, no Rio de Janeiro, em 1908, bebendo das matrizes da mais genuína brasilidade, feita de europeus, de africanos e de indígenas.

Num contexto de desamparo social, com milhares de pessoas desenraizadas, vindas da selva e dos grotões do Brasil profundo, desempregadas, doentes pela insalubridade notória do Rio nos inícios do século XX, irrompeu uma fortíssima experiência espiritual.

O interiorano Zélio Moraes atesta a comunicação da Divindade sob a figura do Caboclo das Sete Encruzilhadas da tradição indígena e do Preto-Velho da dos escravos. Essa revelação tem como destinatários primordiais os humildes e destituídos de todo apoio material e espiritual. Ela quer reforçar neles a percepção da profunda igualdade entre todos, homens e mulheres, se propõe potencializar a caridade e o amor fraterno, mitigar as injustiças, consolar os aflitos e reintegrar o ser humano na natureza sob a égide do Evangelho e da figura sagrada do Divino Mestre Jesus.

O nome Umbanda é carregado de significação. É composto de “OM” (o som originário do universo nas tradições orientais) e de “BHANDHA” (movimento incessante da força divina). Sincretiza de forma criativa elementos das várias tradições religiosas de nosso país criando um sistema coerente. Privilegia as tradições do Candomblé da Bahia por serem as mais populares e próximas aos seres humanos em suas necessidades. Mas não as considera como entidades, apenas como forças ou Espíritos puros que através dos Guias Espirituais se acercam das pessoas para ajudá-las.

Os Orixás, a Mata Virgem, o Rompe Mato, o Sete Flechas, a Cachoeira, a Jurema e os Caboclos representam facetas arquetípicas da Divindade. Elas não multiplicam Deus num falso panteísmo, mas concretizam, sob os mais diversos nomes, o único e mesmo Deus. Este se sacramentaliza nos elementos da Natureza como nas montanhas, nas cachoeiras, nas matas, no mar, no fogo e nas tempestades. Ao confrontar-se com estas realidades, o fiel entra em comunhão com Deus.

A Umbanda é uma religião profundamente ecológica. Devolve ao ser humano o sentido da reverência face às energias cósmicas. Renuncia aos sacrifícios de animais para restringir-se somente às flores e à luz, realidades sutis e espirituais.

Há um diplomata brasileiro, Flávio Perri, que serviu em embaixadas importantes como Paris, Roma, Genebra e Nova York que se deixou encantar pela religião da Umbanda. Com recursos das ciências comparadas das religiões e dos vários métodos hermenêuticos elaborou perspicazes reflexões que levam exatamente este título “O Encanto dos Orixás”, desvendando-nos a riqueza espiritual da Umbanda. Permeia seu trabalho com poemas próprios de fina percepção espiritual. Ele se inscreve no gênero dos poetas-pensadores e místicos como Álvaro Campos (Fernando Pessoa), Murilo Mendes, T. S. Elliot e o sufi Rumi. Mesmo sob o encanto, seu estilo é contido, sem qualquer exaltação, pois é esse rigor que a natureza do espiritual exige.

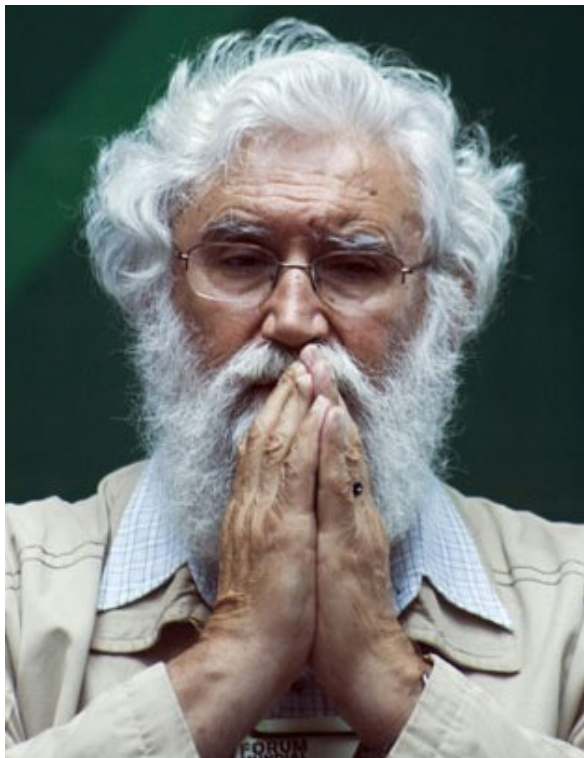
Além disso, ajuda a desmontar preconceitos que cercam a Umbanda, por causa de suas origens nos pobres da cultura popular, espontaneamente sincréticos. Que eles tenham produzido significativa espiritualidade e criado uma religião cujos meios de expressão são puros e singelos revela quão profunda e rica é a cultura desses humilhados e ofendidos, nossos irmãos e irmãs. Como se dizia nos primórdios do cristianismo que, em sua origem também era uma religião de escravos e de marginalizados, “os pobres são nossos mestres, os humildes, nossos doutores”.

Talvez algum leitor/a estranhe que um teólogo como eu diga tudo isso que escrevi. Apenas respondo: um teólogo que não consegue ver Deus para além dos limites de sua religião ou igreja não é um bom teólogo. É antes um erudito de doutrinas. Perde a ocasião de se encontrar com Deus que se comunica por outros caminhos e que fala por diferentes mensageiros, seus verdadeiros anjos. Deus desborda de nossas cabeças e dogmas.

(Frei Leonardo Boff)

Algumas pessoas desconhecem o Frei Leonardo Boff. Vamos a uma sucinta biografia desse importante teólogo brasileiro:

LEONARDO BOFF



Leonardo Boff, pseudônimo de Genézio Darci Boff (Concórdia, 14 de dezembro de 1938), é um teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da Teologia da Libertação no Brasil. Foi membro da Ordem dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos. É respeitado pela sua história de defesa pelas causas sociais e atualmente debate também questões ambientais.

Leonardo Boff ingressou na Ordem dos Frades Menores em 1959 e foi ordenado sacerdote em 1964. Em 1970, doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade de Munique, Alemanha. Ao retornar ao Brasil, ajudou a consolidar a Teologia da Libertação no país. Lecionou Teologia Sistemática e Ecumênica no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis (RJ) durante 22 anos. Foi editor das revistas *Concilium* (1970-1995) (*Revista Internacional de Teologia*), *Revista de Cultura Vozes* (1984-1992) e *Revista Eclesiástica Brasileira* (1970-1984).

Seus questionamentos a respeito da hierarquia da Igreja, expressos no livro *“Igreja, Carisma e Poder”*, renderam-lhe um processo junto à Congregação para a Doutrina da Fé, então sob a direção de Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso”, perdendo sua cátedra e suas funções editoriais no interior da Igreja Católica. Em 1986, recuperou algumas funções, mas sempre sob severa vigilância. Em 1992, ante nova ameaça de punição, desligou-se da Ordem Franciscana e pediu dispensa do sacerdócio. Sem que esta dispensa lhe fosse concedida, uniu-se, então, à educadora popular e militante dos direitos humanos Márcia Monteiro da Silva Miranda, divorciada e mãe de seis filhos. Boff afirma que nunca deixou a Igreja: *“Continuei e continuo dentro da Igreja e fazendo teologia como antes”*, mas deixou de exercer a função de padre dentro da Igreja.

Sua reflexão teológica abrange os campos da Ética, Ecologia e da Espiritualidade, além de assessorar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e movimentos sociais como o MST. Trabalha também no campo do ecumenismo.

Em 1993 foi aprovado em concurso público como professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde é atualmente professor emérito.

Foi professor de Teologia e Espiritualidade em vários institutos do Brasil e exterior. Como professor visitante, lecionou nas seguintes instituições: de Universidade de Lisboa (Portugal), Universidade de Salamanca (Espanha), Universidade Harvard (Estados Unidos), Universidade de Basel (Suíça) e Universidade de Heidelberg (Alemanha). É doutor honoris causa em Política pela universidade de Turim, na Itália, em Teologia pela universidade de Lund na Suécia e nas Faculdades EST – Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (Rio Grande do Sul). Boff fala fluentemente alemão.

Sua produção literária e teológica é superior a 60 livros, entre eles o *best-seller* *“A Águia e a Galinha”*. A maioria de suas obras foram publicadas no exterior.

Atualmente, viaja pelo Brasil dando palestras sobre os temas abordados em seus livros e também em encontros da Agenda 21. Vive em Petrópolis (RJ) com a educadora popular Márcia Miranda.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_Boff)

O Frei Leonardo Boff, inteirou-se do site da Umbanda Crística, lendo o exposto, nos enviou um e-mail com o seguinte teor:

From: Pai Juruá <paijuru@gmail.com>

Date: Tue, 24 Apr 2012 01:49:18 -0300

To: <contato@leonardoboff.com>

Subject: "Olá

Meu caro Pai Juruá.

Vi seu site da Umbanda Crística. Gostei dos materiais e do espírito de oração, veneração e respeito que marcam como aura todos os programas. Deus é servido por muitos modos e mediante muitos servidores. Você é um servidor do Altíssimo que alimenta a chama sagrada da presença de Deus em cada pessoa.

Embora eu venha de outro caminho, apoio sua missão, pois ela seguramente conduz ao coração de Deus.

Unidos às forças divinas e irmanados na fé de Jesus o saúdo e abraço fraternalmente".

Leonardo Boff

A opinião do Frei Leonardo Boff muito nos alegra e incentiva, pois é a impressão de um teólogo, um estudioso sobre o universalismo espiritualista, sem sectarismos.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO CRÍSTICA



“A maior de todas as ignorâncias é rejeitar uma coisa sobre a qual você nada sabe”. (H. Jackson Brownk)

“A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo Cristo”. (palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando anunciou a Umbanda).

Em seu universalismo, também, a Umbanda é uma escola divulgadora dos ensinamentos de Jesus. Temos a nossa maneira de ver, crer e difundir os ensinamentos evangélicos. Alguns segmentos religiosos ou filosóficos cristãos que se incomodam de interiorizarmos os ensinamentos de Jesus, ou mesmo os que afirmam categoricamente que não podemos, faremos das palavras de Mahatma Gandhi as nossas:

- Certa vez um missionário encontrou-se com Mahatma Gandhi na Índia, e perguntou: *“Senhor Gandhi, sempre cita as palavras do Cristo; por que resiste tão duramente e rejeita tornar-se cristão?”* Ao que respondeu Gandhi: *“Ó! Eu não rejeito seu Cristo. Eu amo seu Cristo. Apenas creio que muitos de vocês cristãos são bem diferentes do vosso Cristo.”*
- *“Amo o cristianismo, mas lamento os cristãos que não vivem segundo os ensinamentos de Cristo”.*
- *“Aceito o seu Cristo e os Evangelhos, mas não aceito o teu cristianismo”.*
- *“Não conheço ninguém que tenha feito mais para a humanidade do que Jesus. De fato, não há nada de errado no cristianismo. O problema são vocês, cristãos. Vocês nem começaram a viver segundo os seus próprios ensinamentos”.*
- *“Cristo é a maior fonte de força espiritual que o homem tenha conhecido. Ele é o exemplo mais nobre de um desejo de tudo dar sem nada pedir em troca. Cristo não pertence somente ao cristianismo, mas ao mundo inteiro”*
- *“Eu gosto de Cristo. Eu não gosto de vocês cristãos. Vocês cristãos são tão diferentes de Cristo”.*
- *“Não sou cristão por causa dos cristãos”*

A Umbanda ama e honra a Jesus com veneração, sendo Ele o pilar central de toda a doutrina e religiosidade umbandista. A Umbanda filia-se à tradição do Mestre Jesus e da melhor maneira possível procura lhe dar continuidade. Temos o Cristo Planetário como o Mestre Supremo, sendo Jesus o seu médium.

Mas, porque a Umbanda tem Jesus como pilar central, e segue incondicionalmente Seus ensinamentos? Para entendermos, vamos disponibilizar um belo trecho do livro: “O Sétimo Selo – O Silêncio dos Céus” – magistralmente colocado pelo Espírito do Irmão Virgílio, psicografado pelo médium Antonio Demarchi:

“(...) Informaram-nos nossos superiores que existem comunidades de Espíritos puros e perfeitos que habitam esferas mais elevadas, onde apenas a luz existe. É algo que estamos distante de imaginar, pois não dispomos de termos comparativos para nos expressar.

Nem mesmo em pensamentos podemos imaginar sua grandiosidade e beleza, porque, nestas paragens, existe apenas energia em forma de luz que brilha incessantemente, emanada do próprio Criador, em seu amor infinito. Os Espíritos que habitam essas esferas, encontrando-se em comunhão integral com o Criador, captam, dessa forma, o pensamento do Verbo Divino, manipulam as energias cósmicas, condensam essas energias, dão formas a galáxias, nebulosas, estrelas e planetas, na condição de participantes na grande obra da criação. Não podemos localizar essas esferas nem esses Espíritos no tempo ou espaço, porque vibram na dimensão Divina.

Jesus Cristo é um dos Membros desta comunidade, e coube a Ele a sintonia da vontade do Pai no ato de amor para criar nosso planeta. Jesus foi o sublime arquiteto que, manipulando energias cósmicas, condensou e deu forma ao nosso planeta. Acompanhou todas as etapas evolutivas desde as convulsões telúricas, o resfriamento, o surgimento das primeiras formas de vida e, com amor incontido, acompanhou todas as etapas que, sob sua tutela, se desenvolviam, até o surgimento das primeiras manifestações humanas na Terra.

Nos milênios incontáveis, Jesus nos viu surgir como criaturas humanas, desde os antropóides, o homo erectus, o homo sapiens, acompanhando-nos passo a passo até os dias atuais. Por isso, o Mestre nos amou tanto e fez questão de vir pessoalmente nos trazer a grande mensagem da Boa-Nova, doando-se para nos resgatar das teias da ignorância (...).”

“(...) O Divino Amigo não mediu esforços nem sacrifícios. Poderia ter enviado outro mensageiro para nos trazer a grande revelação do Deus que é amor e misericórdia infinita, cujos ensinamentos se resumiam na lei do amor, amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Mas não; a mensagem era de suma importância de forma que veio pessoalmente para viver a grande mensagem de amor entre os homens, que não o compreenderam. Escolhemos Barrabás, naquela época, e Jesus foi para a cruz, e sua morte em holocausto foi o exemplo final de sua grande missão.

A grande tristeza do Mestre é que, transcorridos mais de dois mil anos, continuamos escolhendo a Barrabás em detrimento de Jesus, o que não mais se justifica, pois, naquela época, o seu humano podia alegar ignorância, mas, hoje, temos a obrigação de conhecer o Evangelho e seguir seus passos. Mas o ser humano ainda vive para as emoções do momento, envolve-se com as glórias passageiras, entrega-se aos devaneios e distrações perniciosas que o levam a despenhadeiros tenebrosos, porque ainda encontra-se distanciado do amoroso Mestre que tudo fez por nós, e o que é mais grave: não se dá conta do que ocorre à sua volta, no campo da espiritualidade (...).

Só por esse trecho, cremos que já dá pra se ter uma breve noção da importância de Jesus e de Seus ensinamentos para a Umbanda.

Somente não seguimos a tradição e o entendimento preconizado pelas várias escolas cristãs que pregam suas visões particulares sobre os ensinamentos de Jesus. A Umbanda tem seu próprio estudo, entendimento e versão do Evangelho Redentor, somente aceitando a teoria de outras escolas se estiverem calcadas na razão e no bom senso. O que nos difere das outras escolas, é o universalismo existente na Umbanda. Nós umbandistas ainda estamos tateando os ensinamentos sagrados existentes nos Evangelhos, mas, orientados de perto pela Cúpula Astral de Umbanda, povoada de Espíritos crísticos.

Primeiramente devemos entender e aplicar os ensinamentos constantes do Evangelho de Jesus, para depois podermos compreender com exatidão, o que também nos foi ensinado por outros Mestres do Amor que estiveram presentes na Terra, pela graça Divina. Por isso, dizemos que a Umbanda é crística, mas seus seguidores ainda estão engatinhando nos ensinamentos de Jesus, portanto, aprendendo primeiramente a serem evangelizados, para depois, com sabedoria, transformarem-se em crísticos. Vamos entender o que é ser crístico:

Para todos entenderem bem o que é ser “crístico”, vamos às seguintes elucidações:

O HOMEM CRÍSTICO

- O homem crístico é como o sol, suavemente poderoso, poderosamente suave.
- É poderoso – mas não exhibe poder.
- É puro – mas não vocifera contra os impuros.
- Adora o que é sagrado – mas sem fanatismo.
- É amigo de servir – mas sem servilismo.
- Ama – sem importunar a ninguém.
- Vive alegre – com grande compostura.
- Sofre – sem amargura.
- Goza – sem profanidade.
- Ama a solidão – sem detestar a sociedade.
- É disciplinado – sem fazer disto um culto.
- Jejua – mas não desfigura o rosto para mostrar a vacuidade do estômago.
- Pratica abstinência de muitas coisas – sem fazer disto uma lei ou uma mania.
- É um herói – mas ignora qualquer complexo de heroísmo.
- É virtuoso – mas não é vítima da obsessão de virtuosidade.
- Trabalha intensamente, com alegria e entusiasmo – mas renuncia serenamente, cada momento, aos frutos do seu trabalho.

Assim é o homem que se tornou a “LUZ DO MUNDO”

(Huberto Rohden)

SEDE CRÍSTICOS

Pergunta: - Qual é a diferença que existe entre o conceito de “amor crístico” e “amor cristão”? Ambos não definem a mesma coisa?

Ramatís: “Crístico” é um termo sideral, sinônimo de Amor Universal, sem quaisquer peias religiosas, doutrinárias, sociais, convencionais ou racistas! É o Amor Divino e ilimitado de Deus, que transborda incessantemente através dos homens independente de quaisquer interesses e convicções pessoais! “Cristão”, no entanto, é vocábulo consagrado na superfície do orbe e que define particularmente o homem seguidor de Jesus de Nazaré, isto é, adepto exclusivo do Cristianismo!

Os cristãos são homens que seguem os preceitos e os ensinamentos de Jesus de Nazaré; mas os “crísticos” são as almas universalistas e já integradas no metabolismo do Amor Divino, que é absolutamente isento de preconceitos e convenções religiosas. Para os crísticos não existem barreiras religiosas, limites racistas ou separatividades doutrinárias, porém, flui-lhes um Amor constante e incondicional sob qualquer condição humana e diante de qualquer criatura sadia ou delinquente! Em sua alma vibra tão-somente o desejo ardente de “servir” sem qualquer julgamento ou gratidão alheia! O crístico é um homem cujo dom excepcional de empatia o faz sentir em si mesmo a ventura e o ideal do próximo!

O homem cristão, no entanto, pode ser católico, protestante, espírita, rosacruziano, teosofista, umbandista ou esoterista, mas só o crístico é capaz de diluir-se na efusão ilimitada do Amor, sem preferência religiosa ou particularização doutrinária!

Para ele, as igrejas, os templos, as sinagogas, as mesquitas, as lojas, os “tatwas”, os Centros Espíritas, os Terreiros de Umbanda ou círculos iniciáticos são apenas símbolos de um esforço louvável gerados por simpatias, gostos e entendimentos pessoais na direção do mesmo objetivo – Deus!

O prefixo ou vibração “Cris” subentende incondicionalmente, na tradicional terminologia sideral, a existência do “amor ilimitado”, que Jesus de Nazaré, o médium sublime do Cristo Planetário da Terra, o revelou nas fórmulas iniciáticas do Evangelho da humanidade terrícola! Cada orbe ou planeta possui o seu Cristo planetário, que é a fonte do Amor Ilimitado, a vitalidade, o sustento das almas encarnadas ou desencarnadas num determinado ciclo de evolução e angelitude!

Enquanto Jesus era um crístico, os homens que o seguem se dizem “cristãos”! Então, eles se distinguem dos “não religiosos”, assim como fazem restrições às demais organizações religiosas, eliminando o sentido universalista do próprio ensino do Mestre Nazareno! Daí, as tendências separatistas entre os próprios cristãos, que se distinguem como católicos, protestantes, espíritas, umbandistas, budistas, taoístas, judeus, hinduístas e islamitas.

No entanto, para os “crísticos”, Maomé, Buda, Krishna, Confúcio, Zoroastro, Fo-Ri, Hermes, Orfeu, Kardec e o próprio Jesus, são apenas fontes estimulantes do Amor incondicional latente em todos os prolongamentos vivos do “Cristo-Espírito”!

Assim, como o cristão só admite o cristianismo ou o Evangelho de Jesus, o crístico vibra sob o Amor latente em todos os códigos espirituais divulgados pelos demais instrutores de Cristo, seja o “Bhagavad-Gita” dos hindus, o “Ching Chang Ching” ou “Clássico da Pureza” dos chineses, o “Thorah” dos judeus, o “Livro dos Mortos” dos egípcios, a teologia de Orfeu dos gregos, a Yasna de Zoroastro ou o “Al-Koran” dos adeptos de Maomé.

O homem crístico não se vincula com exclusividade a qualquer religião ou doutrina espiritualista; ele vibra com todos os homens nos seus movimentos de ascese espiritual, pois é o adepto incondicional de uma só doutrina ou religião – o Amor Universal! Ele vive descondicionado em qualquer latitude geográfica, sem algar-se aos preceitos religiosos particularistas, na mais pura efusão amorosa a todos os seres! É avesso aos rótulos religiosos do mundo, alérgico às determinações separatistas e para ele só existe uma religião latente na alma o Amor!

(Trecho extraído do livro: “A Vida Humana e o Espírito Imortal”, pelo Espírito de Ramatis, psicografado pelo médium Hercílio Maes)

Atentem para o texto abaixo, inteligentemente formulado, onde nos esclarece que a essência do cristianismo está implicitamente inclusa na cristificação:

CRISTIANISMO CRÍSTICO E CRISTIANISMO ECLESIAL – FUSÕES E CONFUSÕES

Inapropriadamente, ainda reina nos discursos teológicos, filosóficos e acadêmicos de todo o mundo, a pacífica confusão entre cristianismo e catolicismo, cristianização e catolicização. É que, historicamente, o cristianismo, enquanto imposto como sistema religioso obrigatório aos povos mais subdesenvolvidos ou dominados de todo o mundo, trouxe no seu arcabouço a doutrina católica, já que foram os católicos que inicialmente se esmeraram em expandir seu império religioso mundo afora.

Ademais, foram os próprios católicos os primeiros a sistematizar o cristianismo, ainda na origem da chamada “igreja primitiva”.

A rigor, a chamada “Igreja” (que, a esta altura, mais precisamente deve ser chamada de “Igreja Católica”) tem toda sua estrutura dogmática bem distanciada do cristianismo puro e do judaísmo. Outra: que nos referimos aqui a “católicos”, não nos referimos aos seus religiosos seguidores, mas aos políticos eclesiais, ao alto comando da Igreja, que cuidou de expandir a fé católica acima da fé crística mundo afora. Sempre existiram a Igreja Católica e a religião Católica, que não são exatamente as mesmas coisas.

Os religiosos Católicos, que não tinham a consciência política invasiva por trás dos bastidores, exerciam sua fé simplesmente, cuidando-se de sua alma, e é isso o que mais importa para Deus, não a linha religiosa em si que cada um segue.

Hodiernamente, algumas seitas evangélicas é que tomaram para si o título de “cristão” ou “evangélico” para seus adeptos. Tais formações neo-cristãs não são necessariamente dissidências de religiões tradicionais específicas, mas, sim, de todo o universo religioso judaico-cristão clássico, embora mantendo a Bíblia como livro sagrado.

Como sistema religioso, o cristianismo foi fundado por Paulo de Tarso, ainda que só oficializado por Roma no fim do século IV, bem depois da morte do próprio Paulo, e mesmo assim infectado por vários postulados judaicos e pagãos. Difere do cristianismo como estilo de vida baseado na moral evangélica pregada pelo próprio Cristo e que tem como sustentáculo o amor em suas várias manifestações conducentes aos propósitos divinos para cada um de nós aqui na Terra.

O termo “evangélico” também tem de ser entendido no contexto, porquanto a própria raiz “evangel” possui três acepções, a saber: evangélico, como tendo a ver com a boa nova pregada pelo Cristo; o evangelismo como pregação dos apóstolos, discípulos e seguidores contemporâneos de Jesus; e evangélico, como integrante de uma das novas religiões e seitas neopentecostais, também chamadas “gospel” (Evangelho, em inglês).

O certo é que, com lastro na própria Bíblia, há a conhecida grande lição de Tiago: *“A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo.”* (Tiago 1:27).

Os órfãos e as viúvas aí referidos somos todos nós, em alguma aflição ou em outra, em algum grau de dor ou em outro. Por isso Jesus nos deu o título de irmãos. Devemos nos tratar como tais, nos amando e nos cuidando reciprocamente, nos níveis que cada um precisa circunstancialmente. O nazareno disse que seus seguidores seriam reconhecidos por muito se amarem. Conseqüentemente toda a humanidade deve integrar essa irmandade. Quem não precisa de ajuda? Quem não tem a sua cruz para carregar? A ladeira é íngreme. Sozinho o tempo todo é difícil subir.

Ou os subintes se ajudam um ajudando ou outro a segurar momentaneamente a sua cruz, ou um estimulando no outro a energia da fé e da coragem, para o fortalecimento espiritual. Vale também. Quanto mais cada um puder se robustecer também na fé pauliana, tanto melhor, não exatamente para subir sem precisar de ajuda, mas para melhor subir e também para melhor ajudar quem ainda não tem essa vitamina no sangue espiritual. Tiago e Paulo de Tarso: um complementa o discurso do outro.

Mesmo sendo uma necessidade imperiosa na transição planetária, fazer a caridade não é necessariamente sustentar sozinho a cruz do outro, não. É dar uma força para que o outro sustente sua própria cruz. Lembra-se do que Jesus disse? *“Pega a tua cruz e segue-me”*. Mas, como seguir Jesus é praticar as virtudes crísticas, incluídas aí o perdão (a si e aos outros), a paciência, a tolerância e o amor caritativo, logo, o peso da cruz pode até continuar o mesmo, mas nós nos fortalecemos mais em alma e, conseqüentemente, em corpo. Assim, o peso da cruz fica menos penoso e mais suportável. Ajudar os outros, sem olhar a quem, ou seja, sem discriminar, é seguir o Cristo, conscientemente, ou não. É se estar, em conclusão, se fortalecendo em alma e em corpo. A cruz fica relativamente mais leve. Quando se ajuda o outro, dando-lhe, por exemplo, umas frutas, umas palavras de ânimo, um perdão ou fazendo-lhe um cafuné, para que o outro se fortaleça a fim de melhor suportar a sua cruz, também o doador se fortalece para carregar melhor a sua. Isso é um clássico de qualquer época da humanidade, não é mesmo?

Se sua religião, seita, filosofia, ciência, doutrina, sociedade iniciática, clube de serviços, ONG, OSCIP, liga, associação, fundação, instituto, ou qualquer organização disseminadora de pensamentos ou de fé a que você pertence, exemplifica e incentiva a todos os seus membros e não membros a vivenciar o código de ética do nazareno, ótimo! Você está bem assessorado. Mantenha o ritmo. Se ela demonstra e prega isso direta ou indiretamente, para dentro e para fora do templo ou da sede, e dentro e fora de seus ritos e dogmas ou estatutos e princípios, então sua organização é um bom meio facilitador. Se não, pratique por sua própria conta a supra-religião crística. Adiante o seu lado, ou seja, o seu próximo, e permita-se ser adiantado pelo seu próximo, mesmo que ele esteja distante de seus pensares, falares e agires, mesmo que ele seja de uma igreja rival ou de nenhuma igreja. O verdadeiro cristianismo é antes de tudo um sentimento profundo de querer o bem para o outro ou de querer o bem para si mesmo com o bem que o outro lhe quer.

Querer o bem já é um começo de fazer o bem a outrem e a si mesmo. O cristianismo visto e buscado a partir dessa finalidade maior, funciona como se fosse uma irmandade geral, onde todos os seres humanos são membros. O importante não é a estrutura formal que seguimos. O importante é seguirmos o Cristo, ou seja, cumprir suas recomendações diretas, através, ou não, de uma formação sócio-ecclesial. Isso inclui afastar-se da corrupção do mundo, mas não dos mundanos e dos corrompidos. Ao contrário, é ir até onde eles estão para levar-lhes a palavra e o pão da vida e mostrar-lhes opções de crescimento para Deus, da mesma forma com que esperamos que nos sejam mostrados esses mesmos alentos. Mas sem pressão, sem assédio religioso.

Muitos precisam de ajuda e nem sabem disso, porque vivem a gargalhar perante as estimulações extasiantes e drogatzantes do mundo hedônico, enquanto fecham o coração para a dor alheia, por nem percebê-la. Tornam-se egoístas inconscientes, conseqüentemente presas fáceis de manipuladores ideológicos destrutivos do aquém e do além.

A caridade aqui necessária não é levar a tristeza onde houver alegria, mas é levar a lembrança de que, ao lado e abaixo do nosso infundável mundo de faz de conta anestésico e gargalhante existem várias sarjetas de sofrendores clamando socorro de toda ordem.

Entre elas há a própria sarjeta da inconsciência ou alienação quanto às necessidades de ajuda de si mesmo. Quem vive nesta sarjeta precisa também socorrer, não a si próprio como pessoa, mas certamente a si próprio como alma. A anestesia do egoísmo impede de se ver a necessidade da própria alma de respirar.

Seguir a Jesus nos tempos hodiernos é simplesmente despertar, desenvolver e socializar nossa espiritualidade, nossas virtudes e nossos sentimentos mais nobres, não importando onde e como foram adquiridos. E tudo de bom e de nobre que se desenvolve de dentro de si para fora, se estende a partir do próprio coração, fazendo um bem danado a este e a todo o soma.

Se não atingirmos o outro com nossos gestos afetivos, com certeza atingiremos a nós mesmos, que também somos necessitados.

“Ame, e faça o que você quiser” (Em Latim: “ama et fac quod vis”). Santo Agostinho (354-543)

Dessa máxima augustina, podemos entender e estender que cada um de nós pode fazer, pensar e ser o que quiser; pode estar onde, quando e como quiser; e pode acreditar no que quiser ou não acreditar no que não quiser, seguindo, ou não, a corrente de crença que achar verdadeira, ou seguir corrente nenhuma. O importante é que, em todos os momentos, lugares e ações de sua vida, cada um empunhe o estandarte do amor.

Mais essencial do que qualquer bandeira, brasão, insígnia ou cruz que se ostente, é uma ética que envolva a melhoria de si mesmo e do próximo, em todos os sentidos, inclusive no terreno da saúde mental e física. E essa ética pode ser apenas a sua mesma, montada pela sua própria visão de mundo, silenciosa, honesta, sincera e fundada no solidarismo (“doutrina social e moral que se fundamenta na solidariedade entre os membros de uma sociedade.” (Dic Houaiss)).

O homem de bem não é o necessariamente o virtuoso, o que segue uma formação social qualquer, mesmo que esta seja socialmente respeitável. É o que segue uma ética que se assemelha essencialmente com a ética crística, no anonimato.

“Ninguém pode servir a Deus, se não estiver servindo ao seu irmão”. (Mateus, 16:21)

Muitos grupos religiosos e afins até servem como meio de auto-ajuda espiritual. Porém, dentro do sistema cartesiano, buscam crescer muito mais na reta da fé abscissa (do ser para Deus), do que na reta da caridade ordenada (do ser para seu próximo).

Nos pontos cartesianos formados (eixos dos xis), geralmente o elemento da ordenada é sempre zero ou quase zero. Não atentam que o crescimento vertical é diretamente proporcional ao crescimento horizontal. Para que haja uma diagonalidade cartesiana evolutiva, os elementos de cada ponto hão de ser sempre diferentes de zero. Esse crescimento no plano, sim, será pleno. Como diz Tiago, 2:17: *“a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma”(...).*

(Texto de: Josenilton Kaj Madragoa)

O QUE É UNIVERSALISMO CRÍSTICO

(...) Ao tratar do termo crístico, Hermes – em latim: Hermes Trismegistus; “Hermes, o três vezes grande”, nome dado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas ao deus egípcio Thoth (ou Tehuti), identificado com o deus grego Hermes – esclarece no livro “A Nova Era”, de Roger Bottini Paranhos, que o termo “cristão” refere-se ao maior projeto de esclarecimento espiritual de nossa humanidade: a mensagem de Jesus de Nazaré, sob a orientação do Cristo Planetário, entidade arcangélica que rege a evolução dos habitantes da Terra.

O termo “crístico” é mais abrangente, pois refere-se ao trabalho realizado pelo Cristo Planetário com todos os seus fiéis medianeiros na Terra, como, por exemplo, Antúlio, Buda, Krishna, Zoroastro, Akhenaton, Moisés, Maomé e o incomparável Jesus.

Depois desse esclarecimento, ficará fácil perceber que o termo “cristão” diz respeito somente aos seguidores da doutrina de Jesus de Nazaré, sob a orientação do Cristo, já o termo “crístico” significa o trabalho do coordenador da evolução planetária da Terra em meio a todas as culturas do globo, tanto entre os povos ocidentais como os orientais, demonstrando que a mensagem de amor, paz e evolução foi alardeada pelos quatro cantos do orbe durante toda a história de nossa humanidade (...).

(Texto extraído do site: <http://ucrj.com.br/universalismo-crístico/o-que-e-universalismo-crístico/>)

Após as elucidações acima descritas, podemos com certeza afirmar que a Umbanda, bem como os Espíritos militantes em suas fileiras, com certeza são crísticos.

Trabalham integrados num sistema religioso, mas, somente para se situarem perante a coletividade. Ensinam-nos que a Umbanda é somente um símbolo de manifestação material, onde os simpáticos podem interagir em tudo, para a grandeza de Deus.

Observem que muitos Guias Espirituais militantes na Umbanda (Caboclos e Pretos-Velhos), num verdadeiro espírito crístico, atuam em outras denominações espiritualistas e/ou religiosas sem imporem a doutrina umbandista, mas tão somente pregando o amor, incitando a cristificação de todos e atendendo fraternalmente quem os procura. Os Espíritos da Umbanda, universalistas, trabalham proficuamente nos Terreiros, mas, também, atuam em outros lugares, num verdadeiro espírito crístico.

MAS, AFINAL, QUAL O SIGNIFICADO DO NOME CRISTO?

Cristo era o sobrenome de Jesus? A palavra “Cristo” é geralmente interpretada como o sobrenome de Jesus por causa das várias menções a Jesus Cristo na Bíblia.

Cristo é somente um título, assim como o é prefeiro, vereador, senador, presidente, comendador, etc. Cristo é o termo usado em português para traduzir a palavra grega Χριστός (Khristós) que significa “Consagrado – Purificado”. O termo grego, por sua vez, é uma tradução do termo hebraico מָשִׁיחַ (Māšîaḥ), transliterado para o português como Messias. Cristo também significa o iluminado; o Redentor; ou “aquele que torna o homem livre através da verdade; livre do misticismo; livre do primitivismo; livre do fetichismo; livre do preconceito; livre dos cultos exteriores extravagantes e escravizantes; livre da escravidão mental; livre do temor aos “deuses”; livre para pensar por si próprio, para resolver os seus problemas existenciais. A palavra Cristo é um título dado aos que se tornaram condutores de raças, pelo amor.

Portanto, se Cristo quer dizer o “o Consagrado – o Purificado”, temos agora a certeza que vários Espíritos iluminados que estiveram presentes encarnados no planeta, todos, trouxeram uma parcela da verdade, culminando no grande Luminar, Jesus de Nazaré, todos, emissários do Cristo Planetário. Vejam então, que ser crístico é seguir os ensinamentos do Cristo Planetário através desses Avatares que só nos ensinaram a libertação através do perdão e do amor. Ser “crístico” significa ser semelhante a Cristo; ter o mesmo sentimento que Ele tem; tratar as pessoas como Ele trata.

Para a Umbanda Crística, o Cristo em si, seria o “Cristo Planetário”, um Espírito Arcangélico responsável pela evolução do Planeta Terra como um todo. Jesus era o médium do Cristo Planetário, trazendo-nos as mensagens deste ser de luz, para a nossa libertação. Jesus é um Espírito crístico, mas não é o Cristo Planetário.

Biblicamente e originalmente, o significado da palavra “cristãos” no grego é: “Pequenos Cristos” – dando o sentido de que o cristão deve ser uma cópia submissa de Cristo. A designação não está relacionada à religião de alguém, mas sim, à identidade que essa pessoa tem com a pessoa de Cristo. Na acepção da palavra usaram erroneamente o termo “cristão” para designar humanos religiosos que seguem somente a Jesus, se auto-intitulando “cristãos”. Se fossem cristãos, seguiriam os ensinamentos elevados de todos os Espíritos crísticos que já estiveram encarnados na Terra, e não somente a um. Afinal, o ser crístico é universalista e jamais sectário. O ser crístico segue os ensinamentos universais, emanados do Cristo Planetário. Como já dissemos, estiveram na Terra vários Espíritos universalistas, todos trazendo as mensagens crísticas, culminando no luminar Jesus, o governante do nosso amado planeta.

QUAL O VERDADEIRO NOME DE JESUS?

O nome Jesus é uma adaptação para o Português de um nome hebraico que aparece no Evangelho em duas formas: Yehoshua (יְהוֹשֻׁעַ) e Yeshua (יֵשׁוּעַ). Yeshua é uma forma abreviada do nome Yehoshua.

O nome Yehoshua foi adaptado para o Português como Josué, e é o nome do auxiliar de Moisés, que após a morte de Moisés tornou-se o líder do Povo de Israel, e conduziu o povo na conquista da Terra de Canaã.

O nome Yeshua é uma forma abreviada do nome Yehoshua, sendo que um mesmo homem é chamado na Bíblia, ora pelo nome Yehoshua, ora pelo nome Yeshua. Este homem era o sumo sacerdote na época de Zorobabel. Nos livros dos profetas Ageu e Zacarias, ele é chamado de Yehoshua, que na versão em Português aparece como Josué (Ageu 1:1 e Zacarias 3:1), e nos livros de Esdras e Neemias, ele é chamado de Yeshua, que na versão em Português aparece como Jesua (Esdras 3:2 e 5:2 e Neemias 7:7).

O sucessor de Moisés, que nos livros de Êxodo, Números, Deuteronômio, Josué e Juízes é chamado de Yehoshua (Josué), em Neemias 8:17 é chamado de Yeshua (Jesua, ou Jesus).

Tanto o nome Yehoshua quanto o nome Yeshua foram adaptados para o grego como Iesus. Na tradução do Antigo Testamento (Tanach) para o grego, chamada Septuaginta, feita no século III A.C., o nome Yehoshua aparece como Iesus, e o nome Yeshua também aparece como Iesus. Daí é que veio a forma Jesus, que é usada nas traduções do Evangelho para o Português.

Yehoshua significa “o Senhor vai salvar/salva;salvou”. Yeshua também tem este mesmo significado.

Josué, Jesua e Jesus são o mesmo nome, em três diferentes adaptações para a língua portuguesa.

Existem pessoas que dizem que é muito importante pronunciar o nome de Jesus como Yehoshua, ou como Yeshua, mas, na realidade, tanto faz falar Yehoshua, ou Yeshua, ou Jesus, pois de qualquer forma é o mesmo nome.

Alguns dizem que nomes próprios não se traduzem. Realmente, nomes próprios não são traduzidos, mas muitas vezes são adaptados para outras línguas, pois existem certos fonemas (sons) que existem em uma certa língua, mas não existem em outras línguas. Por exemplo: O nome Jacó é a adaptação para o Português do nome hebraico Ya'acov, sendo que em hebraico existe uma letra, chamada "ayin", cujo som não existe na língua portuguesa. Também não existe em Português palavra terminada em consoante que não seja l, m, r, s ou z. Por isso foi necessário fazer uma adaptação do nome Ya'acov para o Português.

O nome hebraico Yochanan foi adaptado para o Português como João, pois em Português não existe o y como semivogal, e também não existe o som que é representado como ch, mas não é o mesmo som que tem o ch em Português, é uma espécie de h aspirado, porém diferente do h aspirado que existe na língua inglesa. O mesmo nome, Yochanan, foi adaptado para o grego como Ioanan, para o inglês como John, para o espanhol como Juan, para o francês como Jean, para o alemão como Johan, e para o italiano como Giovanni.

Portanto, vê-se que é normal adaptar-se os nomes próprios de uma língua para outra, mesmo porque, sem esta adaptação se torna muito difícil pronunciar certos nomes.

Principalmente os nomes de pessoas importantes são adaptados para outras línguas. Por exemplo, o reformador alemão Martin Luther é conhecido no Brasil como Martinho Lutero. Outro exemplo: o nome do imperador Carolus Magnus foi adaptado para o português como Carlos Magno, e para o francês como Charlemagne, e para o alemão como Karl der Grosse.

Portanto, podemos pronunciar o nome do Messias (Mashiach) como Yehoshua, Yeshua, ou Jesus. É indiferente. Além destas formas, podemos pronunciar o nome do Messias (Mashiach, (...)) ou Ungido) nas formas Josué, Josua, Jeosua e Jesua.

(http://www.servosdejava.org.br/qual_o_verdadeiro_nome_de_jesus.htm - com adaptações do autor)

A partir daqui, defenderemos a importância do aprendizado do Evangelho Redentor. Por isso insistimos que os umbandistas primeiramente devem se tornar tenazes aprendizes dos ensinamentos de Jesus, para depois, poderem entender os ensinamentos universalistas, principalmente os que nos são passados pela Mãe Natureza.

Somente absorvendo os ensinamentos do Evangelho como regra de vida, poderemos então, com mansidão, amor, paz, perdão e caridade, entendermos tudo o que está em nós e a nossa volta. Mas, queremos deixar claro: A Umbanda é crística, como já explanado acima, e não mais uma religião cristã existente no mundo; a Umbanda é toda permeada nos ensinamentos crísticos, mas, principalmente no legado que Jesus nos deixou, aplicando-o em toda a sua doutrina religiosa universalista.

A nossa casa, o "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista", particularmente, é uma escola de ensinamentos preconizados pelo Mestre Jesus, pois lemos, estudamos, seguimos e procuramos vivenciar fielmente o que é orientado pelos quatro Evangelhos, integrando-o na pluralidade das vivências umbandistas; em nossa casa, ser cristificado, é também seguir os exemplos e os ensinamentos deixados por vários Emissários da Luz, que estiveram presentes em nosso meio, encimado pelo Mestre Jesus. A Umbanda não defende Jesus, que, aliás, não necessita de defesa, mas sim, defende a Sua mensagem em todos os tempos.

Ramatis, em seu livro: "Magia de Redenção", nos diz: *"Ademais, o homem cristão, aquele que segue os ensinamentos deixados por Jesus de Nazaré na face do Ocidente terráqueo, é avesso às prescrições morais de Buda, Confúcio, Krishna, Hermes e outros líderes siderais. Isso então produz uma linha separativista no corpo do Cristo, o qual é incondicionalmente Amor e Efusão Espiritual sem limites de crença ou de preferências religiosas. Enquanto o cristão segue uma ética que o isola dos demais homens afeitos a outras éticas espiritualistas, a criatura cristificada é universalista e jamais discute, critica ou opõe restrições a quaisquer empreendimentos, esforços, preferências doutrinárias religiosas e espiritualistas do irmão!"*

Muitos são aqueles que querem seguir os ensinamentos de Jesus de qualquer maneira. Muitos são os que buscam a Deus e a Jesus do jeito que querem e da maneira que lhes convém, mas saibam que segundo os ensinamentos evangélicos, as coisas não podem acontecer dessa forma.

Para compreendermos a nossa vivência humana e espiritual, primeiramente há de ser como Jesus nos orienta; isto é: obedecendo e seguindo a todos os Seus ensinamentos que estão nos Evangelhos.

Por isso, Jesus nos adverte: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, senão através de mim”* (João 14, 6). Com isso Jesus nos orienta a seguir literalmente Seus ensinamentos. Essa é a única maneira de podermos entender e vivenciar tudo o que está em nossa volta.

Só não podemos ficar sujeitos aos achismos, às interpretações e dogmas impostos por qualquer filosofia ou pessoa, mas sim, devemos pensar por nós mesmos, não aceitando nada sem uma análise feita utilizando a razão, a lógica e o bom senso, e que podemos questionar tudo, mas tudo mesmo, porque infalível, só Deus.

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus” (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o resto é pura idiosincrasia.

Estamos discorrendo sucintamente sobre a cristandade da Umbanda, mas, precisamos atentar que a Umbanda cresceu desordenadamente, sem estrutura, e por esse fato, acabou por cada dirigente e seus seguidores a aceitaram os postulados particulares ensinados a pecha de “tradição” (costume transmitido de geração a geração), surgindo daí, a grande diversidade denominada de: “modalidades da Umbanda” – cada grupamento seguindo o que lhes foi ensinado como prática de Umbanda. Uma coisa é certa: Com o tempo, somente sobreviverá a modalidade que estiver alicerçada na razão e no bem senso em união com as emanções da Espiritualidade Superior. O tempo é o melhor juiz de todas as coisas.

Se nos reportarmos aos primórdios do cristianismo primitivo, existiam inúmeras igrejas, cada uma com seu dirigente, e cada uma realizando seus cultos, doutrinas, liturgias diferentes, mas todas tendo um só princípio: amor e caridade. Somente no Concílio de Nicéia em 325; foram fixadas linhas diretrizes, criando uma só igreja estruturada e um só dirigente, que na época era chamado de bispo, posteriormente papa.

Reparam que o mesmo acontece com a Umbanda hoje: inúmeros Terreiros, cada um realizando um culto diferente, com roupagens, doutrinas, liturgias e rituais diferenciados, uns dos outros.

Essa opinião reflete exatamente o nosso pensamento: *“Existe apenas uma Umbanda. Esta é uma religião de inclusão que se constrói e se renova a cada dia e não há desrespeito a seus fundamentos desde que não se afaste da prática do amor e da caridade e do lema de que se dá de graça aquilo que de graça se recebeu”* (Tenda Espírita São Jorge/RJ).

Os dirigentes só deveriam se posicionar, e esclarecer o “tipo de ramificação” seguida pelo seu Templo.

Reiterando: o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos deixou a mensagem: *“A Umbanda é a manifestação do Espírito para a prática da caridade”*, e do Caboclo Mirim: *“Umbanda tem fundamento e é coisa séria para quem é sério ou quer se tornar sério”*.

Finalizando, a Umbanda é Crística, pois, mesmo como sistema religioso, fundamenta-se no universalismo, no respeito, amor e caridade. A Umbanda não é sectarista, dogmática e nem codificada. Os dirigentes espirituais da Umbanda nos incitam a estudarmos todos os livros ditos como “santos” do mundo, aproveitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal.

Sempre se ouve falar do tal “Concílio de Nicéia”, mas, o que foi? Como ocorreu? Vamos sucintamente estudá-lo, observando como surgiu o catolicismo e muitos dos seus dogmas. Também entenderemos que os atuais, ditos evangélicos (tradicionalista, pentecostais e neo-pentecostais), seguem muitas das diretrizes dos Concílios Católicos, pois eles são descendentes dos mesmos. Com isso, vamos entender o porquê os Guias Espirituais não permitem a “união” dos umbandistas quando querem fixar certas diretrizes na Umbanda, calcadas na imposição doutrinária/ritualística/magística (codificação).

O CONCÍLIO DE NICÉIA

O Primeiro Concílio de Nicéia ocorreu em 325, durante o reinado do imperador romano Constantino I, o primeiro a aderir ao cristianismo. Considerado como o primeiro dos três concílios fundamentais na Igreja Católica, foi a primeira conferência de bispos ecumênica (do Grego oikumene, “mundial”) da Igreja Cristã. Lidou com questões levantadas pela opinião Ariana da natureza de Jesus Cristo: se uma pessoa com duas naturezas (humana e Divina) como zelava até então a ortodoxia, ou uma pessoa com apenas a natureza humana.

Foi um dia na história que marcaria, nos séculos vindouros da História Ocidental, o princípio do fim de conceitos como o da pré-existência e da reencarnação, e de importantes conceitos cosmogônicos como a distinção entre o Deus Ignoto e o Logos, ou Demiurgo, ao mesmo tempo em que promovia o distanciamento entre o homem e o Cristo. Ao mesmo tempo, afirmava a ideia de uma humanidade passiva, “corrompida pelo pecado original”, à qual restava e bastava acreditar na literalidade dos fatos históricos da vida de Jesus Cristo e obedecer cegamente aos padres da Igreja – exclusivos intermediários entre Deus e o povo – para ser salva.

Constantino desejava um Império forte e unido. Naturalmente que, para manter o seu domínio sobre o povo e estabelecer uma ditadura religiosa, as autoridades eclesiásticas teriam que promover o obscurecimento e a ignorância do conhecimento existente nas brilhantes escrituras e filosofias arcaicas (e perenes...), que constituíam um obstáculo aos objetivos da nova religião imperial.

Foi no Concílio de Nicéia que se deram dados passos decisivos no sentido de criar uma nova religião unificada, engendrada de forma a servir ao Imperador como forma de domínio político e social.

O Deus do Império deveria ser suficientemente forte para se opor aos Deuses do Olimpo, ao Jeová dos Hebreus e ao Buda do Oriente. Misturando as divindades arcaicas orientais com as antigas histórias de Moisés, Elias e Isaías, foram assim convenientemente criados os símbolos da nova Igreja Romana. De igual modo, para a fabricação desta nova religião, assimilaram-se as práticas do paganismo mais convenientes, enquanto, em paralelo, todas as filosofias contrárias aos interesses da Igreja e do Império eram suprimidas ou ocultadas. O Concílio de Nicéia constituiu-se como o primeiro de vinte e um concílios (oficialmente reconhecidos) realizados ao longo dos séculos com o fim de fabricar e consolidar a teologia de uma nova religião concebida para o fácil controlo das populações.

Embora tenham havido concílios anteriores, o de Nicéia foi o primeiro considerado como Concílio Ecumênico e o primeiro que foi alvo de convocação. E, certamente, é o mais celebrado pela Igreja Católica Romana, em toda a sua história. Iremos ver como nele foram instituídas as primeiras “ferramentas” facilitadoras da criação do profissionalismo religioso e do afastamento entre o Homem e o ideal de Cristo; como foram criados os fundamentos da teologia da nova Igreja Cristã, alicerçados na deificação de Jesus e sua consubstanciação com o Deus Pai, bem como na escolha dos Evangelhos que, a partir deste Concílio, passaram a ser os únicos textos considerados como sagrados no Cristianismo.

A Conjuntura

Vejam os então o conjunto de circunstâncias que levou a este acontecimento decisivo da nossa história e cultura. Até Constantino, Roma exigia uma obediência total ao estado, mas tinha bastante abertura à livre expressão da liberdade do pensamento religioso. Em Roma coexistiam grupos que professavam a Tradição Hermética Egípcia, o Zoroastrismo Persa, o Budismo Oriental, o Monoteísmo Judeu, bem como grupos Gnósticos, Filósofos Platônicos, e outros. Esta confluência de diversidade religiosa e filosófica permitia o intercâmbio de tradições e ensinamentos, contribuindo assim para o desenvolvendo de uma teologia bastante rica. Alexandria era o centro de aprendizagem deste império (que então integrava) e a sua biblioteca era a mais famosa da antiguidade. Além do mais, a sua localização geográfica proporcionava a congregação de pessoas grupos de várias culturas e credos. Entretanto, a acumulação de riqueza nos estratos sociais mais altos, a cobrança de impostos injustos aos pobres, a escravatura disseminada e o desrespeito pela vida humana, tinham chegado a um ponto de decadência que se tinha alastrado, e que estava agora a corromper o coração do império.

Neste contexto vários grupos Gnósticos floresciam em Alexandria. Simultaneamente, nasciam escolas filosóficas e grandes instrutores religiosos que procuravam despertar, nos seus alunos, ideais mais nobres. Grupos Gnósticos foram aos cristãos primitivos, verdadeiros herdeiros da Religião-Sabedoria. Até 250 DC, as suas ideias difundiram-se e foram amplamente toleradas. Eles ensinavam que o caminho para a libertação se encontrava pela obtenção da Gnose, o conhecimento das verdades sagradas do Universo Espiritual.

Para os cristãos dos primeiros séculos, Cristo era o símbolo vivo da centelha divina em cada Homem; e Jesus, o Homem sublimado, era o “... Chréstos, ou discípulo no Caminho ascendente, (que) havia chegado a ser um poder maior, Christos, ao realizar a união permanente com o seu Espírito, a Mônada Divina, o Pai. Neste estado crístico, Jesus volveu-se apto para ser o veículo de uma Entidade (ainda) mais excelsa, um Mestre de Mestres – o Cristo manifestado em Jesus”. Através da sua vida e morte, era demonstrada a via da libertação e ensinavam-se os segredos da ascensão espiritual.

Em contraste com a cultura Romana, estes grupos de cristãos ensinavam a simplicidade, muitas vezes levando vidas ascéticas. Denunciavam a escravatura, a opressão e a brutalidade dos jogos romanos, onde se sacrificavam os desfavorecidos, às centenas, em espetáculos de carnificina. Roma tinha sido até aí bem sucedida a silenciar protestos populares por meio da morte ou suborno. Estes grupos cristãos, porém, não eram permeáveis a ameaças: não tinham medo da morte, não eram tentados por suborno, e continuavam a aumentar.

Entretanto, paralelamente, as facções Cristãs mais literalistas, mais fanáticas e que se vieram a tornar ortodoxas, viram o seu poder confirmado por Constantino. Em 314, um mês depois da morte de Miltiades, Bispo de Roma, o Imperador Constantino nomeou publicamente Silvestre como o sucessor daquele. Silvestre foi o primeiro bispo de Roma a ser coroado como um príncipe.

Constantino doou-lhe terras, palácios, poder judicial, dinheiro, força política e até controle sobre o exército, estendendo assim o seu poder e autoridade sobre todo o Império. Ao ter aceite a aliança entre o Estado e a Igreja, Silvestre foi o primeiro Papa a ter verdadeiro poder temporal. Em troca, promovia-se o papel divino do Imperador Constantino.

Em sequência, dois anos antes da realização do Concílio de Nicéia, o Imperador Constantino declara oficialmente o Cristianismo (Ortodoxo) como a religião do império Romano. Consequentemente, toda a Igreja passou também a receber grandes poderes, promovendo assim o apetite pela riqueza da classe eclesiástica.

Toda a nova classe de líderes da Igreja Romana deixou então de ser estrangeira no mundo, para ser parte ativa no sistema político vigente, acumulando riqueza e dominando congregações. Os Bispos tornaram-se homens de poder e de política, assim como conselheiros do Imperador, alguns gozando de grande prestígio e cooperando com o Imperador na construção da nova religião, como foi um exemplo Eusébio de Cesareia.

Localização e participantes

Nicéia (hoje Iznik), é uma cidade da Anatólia (hoje parte da Turquia). No verão de 325, os bispos de todas as províncias foram chamados ao primeiro concílio ecumênico em Nicéia: um lugar facilmente acessível à maioria dos bispos, especialmente aos da Ásia, Síria, Palestina, Egito, Grécia, Trácia e Egrisi (Geórgia ocidental). O número dos membros não pode exatamente ser indicado; Atanásio contou 318, Eusébio somente 250. Foram oferecidas aos bispos as comodidades do sistema de transporte imperial – livre transporte e alojamento de e para o local da conferência – para encorajar a maior audiência possível. Constantino abriu formalmente a sessão. A religião cristã nesses tempos era majoritária unicamente no Oriente. No Ocidente era ainda minoritária, especialmente entre os pagãos, vilas rústicas. Daí o nome de pagãos para os gentios. Uma exceção era a região de Cartago ou Túnis. Portanto, os bispos orientais estavam em maioria; na primeira linha de influência hierárquica estavam três arcebispos: Alexandre de Alexandria, Eustáquio de Antioquia, e Macário de Jerusalém, bem como Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesareia. Entre os bispos encontravam-se Stratofilus, Bispo de Pitiunt (Bichvinta, reino de Egrisi).

O ocidente enviou não mais de cinco representantes na proporção relativa das províncias: Marcus de Calábria de Itália, Cecilian de Cartago de África, Osio de Córdoba (Hispania), Nicasius de Dijon, na França, e Domnus de Stridon da província do Danúbio. Estes dignitários eclesiásticos naturalmente não viajaram sozinhos, mas cada qual com sua comitiva, de modo que Eusébio refere um grupo numeroso de padres acompanhantes, diáconos e acólitos.

Entre os presentes encontrava-se Atanásio, um diácono novo e companheiro do Bispo Alexandre de Alexandria, que se distinguiu como o “lutador mais vigoroso contra os arianos” e similarmente o patriarca Alexandre de Constantinopla, um presbítero, como o representante de seu bispo, mais velho.

O Papa em exercício na época, Silvestre I, não compareceu ao Concílio. A causa de seu não comparecimento é motivo de discussões: uns falam que recusou o convite do imperador esperando que sua ausência representasse um protesto contra a convocação do sínodo pelo imperador; outros, que Silvestre já ancião estava, impossibilitado, portanto de comparecer. Silvestre já fora informado da condenação de Ário ocorrida no Sínodo de Alexandria (320 a 321) e para o Concílio de Nicéia enviou dois representantes Vito e Vicente (presbíteros romanos).

Ao que parece, quem presidiu o Concílio foi o Bispo Osio. Que Osio presidiu o Concílio afirma-o Atanásio, contemporâneo de fato (Apol. de fuga sua, c. 5), afirmam-no implicitamente os próprios arianos escrevendo que ele “publicara o sínodo de Nicéia” (Ap. Athanas, Hist. arian. c. 42”).

Outra fonte da influência, apesar do não comparecimento do Bispo de Roma, é que as assinaturas dos três clérigos – Osio, Vito e Vicente – estão sempre em primeiro lugar, bem como a citação de seus nomes pelos historiadores do Concílio, o que seria estranho, dado que o Concílio se deu no Oriente, e os três clérigos eram ocidentais – o primeiro um Bispo espanhol e os outros dois sacerdotes romanos. Só o fato de serem representantes do Papa explicaria tal comportamento. Portanto, é mais provável a impossibilidade do comparecimento de Silvestre, do que um protesto contra o imperador.

As questões doutrinárias

Este Concílio deliberou sobre as grandes controvérsias doutrinárias do Cristianismo nos séculos IV e V. Foi efetuada uma união entre o extraordinário eclesiástico dos conselhos e o Estado, que concedeu às deliberações deste corpo o poder imperial. Sínodos anteriores tinham-se dado por satisfeitos com a proteção de doutrinas heréticas; mas o concílio de Nicéia foi caracterizado pela etapa adicional de uma posição mais ofensiva, com artigos minuciosamente elaborados sobre a fé. Este concílio teve uma importância especial também porque as perseguições aos cristãos tinham recentemente terminado, com o Édito de Constantino.

A questão ariana representava um grande obstáculo à realização da ideia de Constantino de um império universal, que deveria ser alcançado com a ajuda da uniformidade da adoração divina. Os pontos discutidos no sínodo eram:

- A questão ariana
- A celebração da Páscoa
- O cisma de Milécio
- O batismo de heréticos
- O estatuto dos prisioneiros na perseguição de Licínio.

Embora algumas obras afirmem que no Concílio de Niceia discutiu-se quais Evangelhos fariam parte da Bíblia não há menção de que esse assunto estivesse em pauta, nem nas informações dos historiadores do Concílio, nem nas Atas do Concílio que chegaram a nós em três fragmentos: o Símbolo dos apóstolos, os cânones, e o decreto senoidal. O Cântico Muratori, do ano 170, portanto cerca de 150 anos anterior ao Concílio, já mencionava os Evangelhos que fariam parte da Bíblia. Outros escritores cristãos anteriores ao Concílio, como Justino, Ireneu, Papias de Hierápolis, também já abordavam a questão dos Evangelhos que fariam parte da Bíblia.

É um fato reconhecido que o anti-judaísmo, ou o anti-semitismo cristão, ganhou um novo impulso com a tomada do controle do Império Romano, sendo o concílio de Nicéia um marco neste sentido. Os posteriores Concílios da Igreja manteriam esta linha. O Concílio de Antioquia (341) proibiu aos cristãos a celebração da Páscoa com os Judeus. O Concílio de Laodicéia proibiu os cristãos de observar o Shabbat e de receber prendas de judeus ou mesmo de comer pão ázimo nos festejos judaicos.

A Crescente Controvérsia

Naturalmente, as vozes dos Gnósticos, cujos valores não se coadunavam com os do Império Romano, e que recusavam a interpretação literal da vida de Jesus promovida pela facção ortodoxa, constituíam um perigo para a Igreja de Constantino. Os Gnósticos entendiam Deus a um nível metafísico e místico, e sugeriam uma relação com o Divino bem mais madura do que a promovida pelos ortodoxos-literalistas. Em consequência, começaram a surgir verdadeiros focos de discórdia e diferendos vários, que vinham a causar grandes ressentimentos na comunidade ortodoxa e a contribuir para debilitar cada vez mais a relação entre estes grupos.

Diferentemente da facção ortodoxa, os cristãos originais, Gnósticos, consideravam o Deus Jeová dos Judeus como o Demiurgo, o Criador ou Governante do mundo imperfeito, do mundo inferior, e não como o Pai de que falava Jesus ou muito menos como o Absoluto. Pretendiam ainda alguns dos grupos Gnósticos cortar a ligação a este Deus caprichoso, ou melhor, separar o Cristianismo das noções de um Deus ciumento e vingativo que aparece em tantas páginas do Antigo Testamento.

Em acréscimo, nos primeiros tempos do Cristianismo discutia-se na Igreja Ortodoxa a segunda vinda de Cristo (Parusia). Acreditava-se – e a Igreja continua até hoje a subscrever esta ideia – que a humanidade estava prestes a entrar numa idade gloriosa em que Cristo voltaria para recompensar os que nele acreditavam, castigar os que não acreditavam nele e voltar a dar vida física àqueles que tinham morrido em seu favor. Por contraste, a generalidade dos Gnósticos não defendia essas crenças literalistas. Tal como a crucificação, a ressurreição física não significava nada para eles, pois a verdadeira vitória estava em transcender o corpo físico (e a natureza animal), não em transportá-lo depois da morte. A ressurreição de Cristo não era interpretada de uma forma literal, mas sim simbólica, referindo-se a uma transformação interior levada a cabo na Iniciação nos Mistérios.

Outros diferendos, como a Doutrina das Emanações, e as doutrinas sobre a Criação do Universo, suscitavam de igual modo feroz reação nos cristãos ortodoxos, tendo-se atingido o ponto máximo de controvérsia – que levou à convocação do Concílio de Nicéia por Constantino – com a discussão em torno da Doutrina da Trindade.

A Controvérsia “Ariana”

Discutida pela primeira vez no Concílio de Antioquia em 269 DC, as divergências sobre Doutrina da Trindade alcançam o seu clímax no Concílio de Nicéia, quando do diferendo entre Árius (e seus seguidores, os “Arianos”) e o Bispo Alexandre de Alexandria (e seu protegido Atanásio), relativamente à consubstancialidade de Jesus com Deus Pai, defendida por este(s) último(s).

Até então, em muitas comunidades cristãs, era o ensinamento preponderante que Jesus fora um homem que, em virtude da sua vida perfeita e sem pecado, recebera pelo batismo a iniciação, tornando-se (um) Salvador do Mundo. Este tinha sido também o ensinamento da Igreja até então, nomeadamente através de Paulo de Samosata (260 – 272 DC), Bispo de Antioquia.

Esta concepção foi seguida por Árius, um presbítero da Igreja de Alexandria. Começava, no entanto, a surgir a tendência materializante da facção ortodoxa. Deste modo, e ao contrário de Árius, Alexandre, Bispo de Alexandria, afirmava nos seus sermões que, em relação ao mistério da Trindade, o Filho era igual ao Pai, que o gerara, e da mesma substância. Dava-se início, assim, à formulação das três pessoas da divindade cristã ortodoxa, uma trindade antropomorfizada e que não admite divindade superior.

Árius, tendo sabido dos sermões do Bispo, declarou-lhe oposição e afirmou publicamente a sua dedução lógica: se o filho era gerado pelo Pai, tem que ter havido um tempo, um momento em que o Filho não existia, ou seja, o momento anterior à sua criação. O Filho tinha, portanto, tido um começo, um início. Antagonizando o Bispo Alexandre, Árius iniciou uma forte campanha ensinando em Igrejas e assembleias públicas a doutrina de que Jesus Cristo era filho do Pai, criado pelo Pai e, portanto, uma criatura. Em resposta o Bispo Alexandre escreveu a vários Bispos, incluindo ao Bispo Alexandre de Constantinopla, denunciando Árius e os seus seguidores por tentarem evitar a deificação de Cristo.

O verdadeiro propósito do Concílio de Nicéia

Constantino terá percebido que a controvérsia entre os seus Bispos podia constituir uma ameaça e ser um impedimento à unidade do Império Romano. Ou, talvez ainda mais provavelmente, Constantino terá visto nesta conjuntura uma oportunidade para a unidade da religião que ele pensava impor ao império (e como forma de controlar a população), e que acabou por assentar na facção que se opunha a Árius – a facção que veio a ser a ortodoxa.

A nova religião imperial, assente numa mistura confusa das ideologias dos vários grupos cristãos e pagãos, permitia a difusão desejada. A adaptação (desvirtuadora, embora) das tradições do passado, facilitaria também a sua aderência pelos povos de Roma.

Adicionalmente, ao atribuir “origens divinas” à Igreja Cristã de Roma, garantia-se que Deus ficava acessível apenas à hierarquia eclesiástica – controlada por Constantino – e não ao indivíduo comum. Constantino estendia então e reforçava o seu poder político através de todo o Ocidente, garantindo também que, como Imperador defensor da Igreja, se revestia ele próprio de um manto divino.

Quanto à moralidade que Jesus teria ensinado, esta seria gradualmente modificada de acordo com interesses do Império e da Igreja, que impunha que “fora da igreja não há salvação”, evitando focos de dissidência. Por último, e de modo a garantir a adesão da população a um catecismo pouco credível, a Igreja postulou a ideia que acreditar nos eventos históricos da vida de Jesus era o suficiente para a salvação, fundando-se assim a “Religião Imperial Católica Apostólica Romana” ou, por outras palavras, o Cristianismo Imperial de Constantino.

Historiadores do Concílio de Nicéia: Uma boa fonte para o estudo deste período histórico é-nos apresentada hoje sob a forma da obra de Edward Gibbon, um historiador representativo do iluminismo inglês do século XVIII, ainda hoje lida e traduzida para várias línguas: A história do declínio e queda do império romano. Há diversas obras a respeito do Concílio de Nicéia, mas de fato os historiadores que gozam de mais credibilidade e são a fonte desse período histórico para os demais autores são os próprios contemporâneos do Concílio de Nicéia: Eusébio, Sócrates de Constantinopla, Sozomenes, Teodoreto e Rufino, (...) junto com algumas informações conservadas por Atanásio e uma história do Concílio de Nicéia escrita em grego no século V por Gelásio de Cícico.

O caráter, a sociedade, e os problemas

A cristandade do século II não concordava sobre a data de celebração da Páscoa da ressurreição. As igrejas da Ásia Menor, entre elas a importante igreja de Éfeso, celebravam-na, juntamente com os judeus, no 14º dia da primeira lua da primavera (o 14º Nisan, segundo o calendário judaico), sem levar em consideração o dia da semana. Já as igrejas de Roma e de Alexandria, juntamente com muitas outras igrejas tanto ocidentais quanto orientais, celebravam-na no domingo subsequente ao 14º Nisan. Com vistas à fixação de uma data comum, em 154 ou 155, o bispo Policarpo de Esmirna, entrou em contato com o papa Aniceto, mas nenhuma unificação foi conseguida e o assunto permaneceu em aberto.

Foi no concílio de Nicéia que se decidiu então resolver a questão estabelecendo que a Páscoa dos cristãos seria sempre celebrada no domingo seguinte ao plenilúnio após o equinócio da primavera. Apesar de todo esse esforço, as diferenças de calendário entre Ocidente e Oriente fizeram com que esta vontade de festejar a Páscoa em toda a parte no mesmo dia continuasse sendo um belo sonho, e isso até os dias de hoje.

Além desse problema menor, outra questão mais séria incomodava a cristandade católica: como conciliar a divindade de Jesus Cristo com o dogma de fé num único Deus?

Na época a inteligência dos cristãos ainda estava à procura de uma fórmula satisfatória para a questão, embora já houvesse a consciência da imutabilidade de Deus e da existência divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nesse quadro, um presbítero de nome Ário passa a defender em Alexandria a ideia de que Jesus é uma "criatura do Pai", não sendo, portanto, eterno. Em suas pregações, Ário por várias vezes insistia em afirmar em tom provocativo que "houve um tempo em que o Filho não existia". Dizia que Cristo teria sido apenas um instrumento de Deus, mas, sem natureza divina. A esse ensinamento de Ário aderiram outros bispos e presbíteros. Sobretudo, o bispo Eusébio de Cesareia, conhecido escritor da igreja, que se colocou do lado de Ário.

Por outro lado, a doutrina de Ário, ou arianismo, foi prontamente repudiada pelo restante dos cristãos, que viam nela uma negação do dogma da encarnação. O repúdio mais radical, talvez Ário tenha encontrado no bispo Alexandre de Alexandria e no diácono Atanásio, que defendiam enfaticamente a divindade de Cristo. Um sínodo foi convocado e a doutrina do Ário foi excluída da igreja em 318. Mas o número de seus adeptos já era tão grande que a doutrina não pode ser mais silenciada. A situação se agravava cada vez mais e, desejoso de resolver de vez a questão, o imperador Constantino, que recentemente, no ano de 324 d.C., havia se tornado o imperador também do Oriente convoca um Concílio Ecumênico.

Dado este importante, pois apesar de Constantino agora ser o imperador também do Oriente mostra a independência que os Bispos orientais (a maioria no Concílio) tinham do seu recente imperador.

Os procedimentos



O concílio foi aberto formalmente a 20 de maio, na estrutura central do palácio imperial, ocupando-se com discussões preparatórias na questão ariana, em que Ário, com alguns seguidores, em especial Eusébio de Nicomédia, Teógnis de Nice, e Maris de Chalcedon, parecem ter sido os principais líderes; as sessões regulares, no entanto, começaram somente com a chegada do imperador. O imperador abriu a sessão na condição de presidente de honra e, depois, assistiu às sessões posteriores, mas a direção das discussões teológicas ficou com as autoridades eclesiásticas do Concílio.

Nem Eusébio de Cesárea, Sócrates, Sozomenes, Rufino e Gelásio de Cícico, proporcionam detalhes das discussões teológicas. Rufino nos diz tão somente que se celebraram sessões diárias, as opiniões de Ário eram escutadas e discutidas com seriedade, apesar de que a maioria se declarava energeticamente contra suas doutrinas.

No início os arianos e os ortodoxos mostraram-se incondescendentes entre si. Os arianos confiaram a representação de seus interesses a Eusébio de Cesareia, cujo nível e a eloquência fez uma boa impressão perante o imperador. A sua leitura da confissão dos arianos provocou uma tempestade de raiva entre os oponentes.

No seu interesse, assim como para sua própria causa, Eusébio, depois de ter cessado de representar os arianos, apareceu como um mediador. Apresentou o símbolo (credo) batismal de Cesareia que acabou por se tornar a base do Credo Niceno.

A votação final, quanto ao reconhecimento da divindade de Cristo, foi um total de 300 votos a favor contra 2 desfavoráveis. A doutrina de Ário foi anatematizada e os dois Bispos que votaram contra e mantiveram sua posição contrariando a posição do Concílio foram exilados pelo imperador.

A profissão de Fé e os cânones do Concílio de Nicéia

O Concílio de Nicéia estabeleceu 20 cânones, os quais darão seqüência ao Credo. Um breve resumo de seu conteúdo:

- Cânon I - Eunucos podem ser recebidos entre os clérigos, mas não serão aceitos aqueles que se castram.
- Cânon II - Aqueles que provieram do paganismo não poderão ser imediatamente promovidos ao Presbiterato, pois não é de conveniência um neófito sem uma provação de algum tempo. Mas se depois da ordenação constatou-se que ele anteriormente pecara, que seja afastado do Clero.
- Cânon III - Nenhum deles deverá ter uma mulher em sua causa, exceto sua mãe, irmã e pessoas totalmente acima de suspeita.
- Cânon IV - Um bispo deve ser escolhido por todos os bispos da província ou, no mínimo, por três, apresentando os restantes seu assentimento por carta; mas a escolha deve ser confirmada pelo metropolitano.
- Cânon V - Quem foi excomungado por algum bispo não deve ser restituído por outro, a não ser que a excomunhão tenha resultado de pusilanimidade ou contenda ou alguma outra razão semelhante. Para que esse assunto seja resolvido convenientemente, deverá haver dois sínodos por ano em cada província : um na Quaresma e o outro no Outono.
- Cânon VI - O bispo de Alexandria terá jurisdição sobre o Egito, Líbia e Pentápolis; assim como o bispo Romano sobre o que está sujeito a Roma. Assim, também, o bispo de Antióquia e os outros, sobre o que está sob sua jurisdição. Se alguém foi feito bispo contrariamente ao juízo do Metropolitano, não se torne bispo. No caso de ser de acordo com os cânones e com o sufrágio da maioria, se três são contra, a objeção deles não terá força.
- Cânon VII - O bispo de Aélia seja honorificado, preservando-se intactos os direitos da Metrópole.
- Cânon VIII - Se aqueles denominados Cátaros voltarem, que eles primeiro façam uma profissão de que estão dispostos a entrar em comunhão com aqueles que se casaram uma segunda vez, e a dar perdão aos que apostaram. E nessas condições, aquele que estava ordenado continuará no mesmo ministério, assim como o bispo continuará bispo. Àquele que foi Bispo entre os Cátaros permita-se que, no entanto, seja um corepíscopo ou goze a honra de um presbítero ou bispo. Não deverá haver dois bispos numa única igreja.
- Cânon IX - Quem quer que for ordenado sem exame deverá ser deposto, se depois vier a ser descoberto que foi culpado de crime.
- Cânon X - Alguém que apostatou deve ser deposto, tivessem ou não consciência de sua culpa os que o ordenaram.
- Cânon XI - Os que caíram sem necessidade, ainda que, portanto, indignos de indulgência, no entanto lhes será concedida alguma indulgência, e eles deverão ser "genuflectores" por doze anos.
- Cânon XII - Aqueles que sofreram violência e indicaram que resistiram, mas depois caíram na maldade e voltaram ao exército, deverão ser excomungados por dez anos. Mas, de qualquer modo, a maneira de fazerem penitência deve ser examinada. O bispo poderá tratar mais brandamente alguém que está fazendo penitência e se mostrou zeloso em seu cumprimento do que quem foi frio e indiferente.

- Cânon XIII - Os moribundos devem receber a comunhão. Mas se alguém se recupera, deve ser posto no número daqueles que participam das preces, e somente com eles.
- Cânon XIV - Se alguns dos catecúmenos caíram em apostasia, deverão ser somente “ouvintes” por três anos; depois poderão orar com os catecúmenos.
- Cânon XV - Bispos, presbíteros e diáconos não se transferirão de cidade para cidade, mas deverão ser reconduzidos, se tentarem fazê-lo, para a igreja para a qual foram ordenados.
- Cânon XVI - Os presbíteros ou diáconos que desertarem de sua própria igreja não devem ser admitidos em outra, mas devem ser devolvidos à sua própria diocese. A ordenação deve ser cancelada se algum bispo ordenar alguém que pertence a outra igreja, sem consentimento do bispo dessa igreja.
- Cânon XVII - Se alguém do clero praticar usura ou receber 150% do que emprestou deve ser excluído e deposto.
- Cânon XVIII - Os diáconos devem permanecer dentro de suas atribuições. Não devem administrar a Eucaristia a presbíteros, nem tomá-la antes deles, nem sentar-se entre os presbíteros. Pois que tudo isso é contrário ao cânon e à correta ordem.
- Cânon XIX - Os Paulianistas devem ser rebatizados. Se alguns são clérigos e isentos de culpa devem ser ordenados. Se não parecem isentos de culpa, devem ser depostos. As diaconisas que se desviaram devem ser colocadas entre os leigos, uma vez que não compartilham da ordenação.
- Cânon XX - Nos dias do Senhor e de Pentecostes, todos devem rezar de pé e não ajoelhados.

Nas atas do Concílio de Nicéia, assinadas por todos os bispos participantes, com exceção dos dois seguidores de Ário, constou o texto da seguinte profissão de Fé:

“Cremos em um só Deus, Pai todo poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis; E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial do Pai, por quem todas as coisas foram feitas no Céu e na Terra, o qual por causa de nós homens e por causa de nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao Céu e virá para julgar os vivos e os mortos; E no Espírito Santo. Mas quantos àqueles que dizem: 'existiu quando não era' e 'antes que nascesse não era' e 'foi feito do nada', ou àqueles que afirmam que o Filho de Deus é uma hipóstase ou substância diferente, ou foi criado, ou é sujeito à alteração e mudança, a estes a Igreja Católica anatematiza”.

O Concílio

Segundo Helena Blavatsky uma névoa de mistério envolve este Concílio, o qual *“... pode muito bem ser chamado de misterioso. Havia mistério, em primeiro lugar, no número místico dos seus 318 bispos, a que Barnabé deu muita importância; além disso, não há concordância entre os escritores antigos quanto à época e ao local de realização dessa reunião, nem mesmo sobre quem seria o bispo que a presidiu”.* Não obstante, os frutos da realização deste concílio marcaram de forma indelével o curso da nossa civilização.

Segundo a história oficial da Igreja Católica, o concílio terá sido presidido pelo próprio Imperador Constantino, e nele terá estado presente Eusébio de Cesareia, um dos maiores apoiantes da Ortodoxia, que mais tarde reescreveu a história da Igreja, segundo a perspectiva do Cristianismo Imperial de Constantino.

Deve-se a este concílio duas ferramentas chave da teologia da igreja Católica:

A decisão de quais, entre os muitos Evangelhos existentes, eram inspirados pelo Divino, ou seja, a seleção dos Evangelhos oficiais (e a subsequente erradicação de todos os escritos considerados apócrifos);

A formulação Oficial da Doutrina da Trindade, em que a Igreja rejeita o princípio “Ariano” (de Ários) e afirma que Jesus é da mesma substância (ou seja, é a mesma entidade) que Deus.

Consequentemente, o Credo de Nicéia foi redigido e modificado (nele se inserindo várias redundâncias) de forma a identificar o Pai com o Filho. Quem discordou, foi pura e simplesmente perseguido pelo imperador.

Ainda durante os vários séculos posteriores, os Concílios defenderam as visões mais antagônicas e contraditórias sobre a Doutrina da Trindade, visando reforçar cada vez mais a ideia da identidade de Jesus como Deus Absoluto, e o conseqüente afastamento do homem e do ideal do Cristo. É exemplo a proclamação de Maria, mãe de Jesus, como “Theotokos” – mãe de Deus – no Concílio de Éfeso realizado em 431 DC.

O Concílio – a seleção dos Evangelhos

Quanto à seleção dos Evangelhos, diz-nos Helena Blavatsky na sua obra “Ísis sem Véu”:

“Todo o atual dogmatismo religioso da Igreja se deve à Sortes Sanctorum, a prática de lançar à sorte alguma coisa com o fim da adivinhação, exercida pelo clero cristão primitivo e medieval. Não sendo capazes de concordar quais dos numerosos Evangelhos seriam os mais divinamente inspirados, foi resolvido no Concílio de Nicéia deixar a decisão nas mãos da intervenção milagrosa”. Como tal, os atuais Evangelhos Canônicos são estes e não outros devido à Sortes Sanctorum.

Curiosamente esta prática de adivinhação era considerada uma prática sagrada, se feita pelo clero cristão primitivo e medieval. Porém, se exercido por leigos, hereges ou pagãos o sortes sanctorum convertia-se, se acreditarmos nos piedosos padres, em sortes diabolurum ou sortilégio (feitiçaria).

Ainda segundo Helena Blavatsky, “... Pappus diz-nos no seu Synodicon daquele Concílio: ‘Depois de terem promiscuamente colocado todos os livros que tinham sido referidos para determinação ao Concílio sob a mesa de comunhão de uma Igreja, eles (os Bispos) imploraram ao Senhor para que os livros inspirados fossem parar em cima da mesa, e assim sucedeu (...) Com base na autoridade das testemunhas eclesiásticas, portanto, tomamos a liberdade de dizer que o mundo cristão deve a sua ‘Palavra de Deus’ a um processo adivinatório, pelo qual a Igreja, em seguida, condenou vítimas infelizes como conjuradores, encantadores, mágicos, feiticeiros e vaticinadores e os queimou aos milhares. Falando desse fenômeno verdadeiramente divino da escolha dos manuscritos, os padres da Igreja dizem que o próprio Deus preside ao Sortes”.

Refira-se que, nos primeiros séculos do Cristianismo, os Evangelhos teriam chegado a ser mais de 300. A sua redução para somente 04, decorrente do Concílio de Nicéia, e o fato de se conhecerem hoje mais de 60 Evangelhos ditos “apócrifos” (como os de Tomé, de Pedro, de Filipe, de Tiago, dos Doze Apóstolos, dos Hebreus, etc.) vem demonstrar o papel preponderante da Igreja Católica na eliminação e adulteração dos primeiros escritos cristãos. Adicionalmente, sabe-se que os diversos grupos de Cristãos Gnósticos, de que são exemplo os Ebionitas e os Nazarenos, tinham os seus próprios Evangelhos, muito diferentes dos textos selecionados sob os auspícios de Constantino.

Reforçando a incoerência de todo este processo, e de acordo com um dos compiladores da obra “Apócrifos, os Proscritos da Bíblia”, houve textos que, não obstante eliminados da Bíblia Romana, viriam mais tarde a ser nela reintegrados, como são exemplos o Livro da Sabedoria (atribuído a Salomão), o Eclesiástico ou Sirac, as Odes de Salomão, o Livro de Tobias, o Livro de Macabeus, e outros mais. Outra parte de escritos veterotestamentários ficou, no entanto, de fora, como o famoso Livro de Enoch, o Livro da Ascensão de Isaias, e os Livros III e IV dos Macabeus.

O Concílio – o Credo Niceno

Para prover a nova religião de origens divinas, os Bispos reconstruíram um credo existente, enfatizando a consubstanciação do Filho com o Pai, de Jesus com Deus:

“Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis; E em um Senhor Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, gerado de Seu Pai antes de todos os tempos, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro, gerado e não criado, consubstancial ao Pai (...)”.

De fato, como já foi dito, um dos dois pontos na agenda do Concílio, foi a discussão sobre a natureza de Cristo e a natureza da sua relação com Deus: se o Pai tinha existido antes do Filho, e se Pai e Filho eram da mesma natureza ou “apenas” de natureza semelhante. A discussão centrou-se à volta de uma variação da palavra grega “homos”: em grego a palavra “homos” significa da mesma natureza ou substância, consubstancial. No entanto, adicionando um “i” à palavra – “homoios” – passa a significar de natureza semelhante. Decidiram os Bispos que o termo correto para designar Jesus seria, na língua Grega, “homos”, ou seja, consubstancial.

A Trindade de Hipóstases divinas existente no Hinduísmo e no antigo Egito, assim como em todos os sistemas religiosos e filosóficos arcaicos, foi assim decalcada e antropomorfizada. Consequentemente o Concílio decidiu que a Trindade Cristã seria constituída por Três Pessoas: o Pai, o Filho (Jesus) e o Espírito Santo, e que Jesus, o Filho, era consubstancial a Deus.

Nos Mistérios e religiões arcaicas que antecederam a Críandade, era bem conhecido que o termo “Filho de Deus” se usava para designar o grau de Iniciação nos mais altos Mistérios, a realização da sua natureza divina por parte do iniciado. Quando um aspirante alcançava, através da Iniciação, de grandes provas e sofrimentos, um elevado estado de perfeição, o seu nome era transformado em Christos, o “purificado”. Para a generalidade dos grupos Gnósticos, Jesus era a Sabedoria e a palavra de Deus em virtude da sua indissolúvel união com o Verbo. Cristo, filho de Deus, corresponde analogicamente ao segundo Aspecto do Logos e o princípio Crístico, ou Buddhi, no homem.

Como é óbvio, estas considerações metafísicas por muito enriquecedoras do ponto de vista do conhecimento religioso-filosófico que fossem, não beneficiavam em nada o poder e a autoridade da classe eclesiástica, que se começava a formar no Império através do domínio da facção ortodoxa nas paróquias.

Se os padres da Igreja Ortodoxa fizessem a distinção entre a preexistência da alma de Jesus (ou Jesus homem) e o Cristo ao qual ele ascendeu, isso implicava obviamente que qualquer alma podia, da mesma forma que Jesus, vir a identificar-se com o Filho e, portanto, a progredir na direção de uma União com a Divindade. O poder e a autoridade do Clero, como únicos mediadores entre Deus e o Homem, seriam, desta forma, ameaçados.

Os padres tomaram, portanto, a direção contrária – uma direção que lhes permitisse o controle absoluto dos seus crentes, um movimento na direção da absoluta deificação de Jesus.

Em oposição, vários bispos favoráveis às teses de Árius apresentaram um outro credo ao concílio, o qual foi rasgado, resultando na excomunhão de Árius. O livro de Árius foi igualmente queimado no próprio Concílio. Uma confissão de fé (o Credo Niceno) foi então escrita no Concílio e assinada por todos os presentes, de acordo com ordem dada por Constantino. Todos os que se recusaram a assinar o Credo, foram banidos.

O Credo subscrito em Nicéia é muito mais do que a afirmação da Divindade de Jesus: é também a afirmação da nossa separação de Cristo e do Divino.

Entretanto, curiosamente, o Credo Niceno é também visto por alguns estudiosos como um simples (mas pouco lúcido) desenvolvimento da fórmula “O Buddha, A Lei, A Comunidade Monástica (Buddha, Dharma, Sangha), tendo sido o Concílio o momento em que o Cristianismo rompeu definitivamente com o Budismo eclesiástico, visto que os Essênios, os Terapeutas e os Gnósticos são identificados como o resultado da fusão entre o pensamento Indiano e Semítico, demonstrado por comparação entre a vida de Jesus e Buddha. Na parte lendária, ambas as histórias são idênticas. A parte lendária é contrastada com a característica correspondente noutras religiões, principalmente com a história Védica do Visvakarman”.

Aliás, são patentes as similaridades do Credo Niceno com a antiga doutrina Hindu. Krishna era considerado como a encarnação de Visnu, cuja função era análoga à Segunda Pessoa da Trindade Cristã. No Bhagavad-Gita (datado aproximadamente de 250 AC), o mesmo Krishna é representado como a suprema personificação de Brahman – a divindade suprema que desce para iluminar o homem e contribuir para a sua salvação. Isto vem evidenciar, uma vez mais, que o Credo proposto pela facção ortodoxa e feito assinar pelos Bispos em Nicéia resultou de uma amálgama fabricada com elementos de outras doutrinas mais antigas, adaptadas aos interesses e objetivos da nova religião imperial.

Posteriormente, ao longo da história da Igreja Católica, e no decorrer de vários Concílios, foram também adicionadas ao Credo Niceno diversas outras referências refletindo a constante adaptação da religião fabricada, nomeadamente a inclusão da passagem “... e encarnou pelo Espírito Santo na Virgem Maria...” e “... também por nós foi crucificado e sob Pôncio Pilatos”, numa clara tentativa de enfatizar um elemento histórico na vida literal de Jesus, justamente por ser um elemento controvertido”.

Conclusão

Como vimos, a política do Império Romano foi lentamente assimilada na Igreja, sendo formulada uma religião totalitária com o nome de Catolicismo Romano. A ascensão de Constantino foi um período de grande crescimento da Igreja, com o criar da religião oficial do Império.

Vimos também que no concílio de Nicéia se dão os primeiros passos no sentido de construir os alicerces da teologia desta igreja oficial: são “sorteados” os Evangelhos “Divinamente” inspirados, e Jesus Cristo é oficialmente declarado como Deus.

Após este ato, haverá sempre, para muitos, um abismo entre a humanidade e Cristo. De acordo com os padres pós-Niceia, Jesus é o próprio Deus Eterno Imanifestado e Absoluto. Também a noção de “Iniciação” é eliminada. As doutrinas gnósticas e esotéricas, cujos ensinamentos incidiam na evolução espiritual, tornaram-se supérfluas e indesejáveis. A teologia resultante do Credo Niceno promoveu uma passividade em que, de acordo com aquela fórmula, qualquer pessoa tem apenas que aceitar o credo, partilhar dos sacramentos, obedecer aos bispos e à Igreja, bem como às decisões dos concílios, e será “salvo”.

Este concílio e as doutrinas daí advenientes prepararam também o terreno no qual floresceram as doutrinas do pecado original e do Inferno Eterno, contribuindo para a degradação e aviltamento da humanidade.

Vimos ainda que o triunfo do Cristianismo não pode ser separado da influência política do Império Romano. Ao promover o casamento entre Igreja e Estado, os líderes da Igreja tornaram-se monarcas e Constantino foi quase considerado um santo.

Consequentemente, uma das grandes preocupações da Igreja foi (não a teologia), mas a eliminação de todos os elementos que se atravessaram na obtenção do poder absoluto. A partir daqui e até 1798 (quando os exércitos de Napoleão entraram em Roma), o Papa e as Monarquias governaram em uníssono.

Quando Constantino morreu, em 337, foi batizado (ironicamente só no seu leito de morte e por um seguidor de Ário) e enterrado na consideração que se tornara um décimo terceiro apóstolo. Na iconografia eclesiástica foi representado como recebendo uma coroa da mão de Deus...

O Concílio de Nicéia – outra visão

Por Paty Witch Maeve 09/04/2010 - 325 D.C.

É realizado o Concílio de Nicéia, atual cidade de Iznik, província de Anatólia (nome que se costuma dar à antiga Ásia Menor), na Turquia asiática. A Turquia é um país euro-asiático, constituído por uma pequena parte europeia, a Trácia, e uma grande parte asiática, a Anatólia. Este foi o primeiro Concílio Ecumênico da Igreja, convocado pelo Imperador Flavius Valerius Constantinus (285 - 337 d.C), filho de Constâncio I. Quando seu pai morreu em 306, Constantino passou a exercer autoridade suprema na Bretanha, Gália (atual França) e Espanha. Aos poucos, foi assumindo o controle de todo o Império Romano. Desde Lúcio Domício Aureliano (270 - 275 d.C.), os Imperadores tinham abandonado a unidade religiosa, com a renúncia de Aureliano a seus "direitos divinos", em 274. Porém, Constantino, estadista sagaz que era, inverteu a política vigente, passando, da perseguição aos cristãos, à promoção do Cristianismo, vislumbrando a oportunidade de relançar, através da Igreja, a unidade religiosa do seu Império. Contudo, durante todo o seu regime, não abriu mão de sua condição de sumo-sacerdote do culto pagão ao "Sol Invictus". Tinha um conhecimento rudimentar da doutrina cristã e suas intervenções em matéria religiosa visavam, a princípio, fortalecer a monarquia do seu governo.

Na verdade, Constantino observara a coragem e determinação dos mártires cristãos durante as perseguições promovidas por Diocleciano, em 303. Sabia que, embora ainda fossem minoritários (10% da população do império), os cristãos se concentravam nos grandes centros urbanos, principalmente em território inimigo. Foi uma jogada de mestre, do ponto de vista estratégico, fazer do Cristianismo a Religião Oficial do Império: Tomando os cristãos sob sua proteção, estabelecia a divisão no campo adversário. Em 325, já como soberano único, convocou mais de 300 bispos ao Concílio de Nicéia. Constantino visava dotar a Igreja de uma doutrina padrão, pois as divisões, dentro da nova religião que nascia, ameaçavam sua autoridade e domínio. Era necessário, portanto, um Concílio para dar nova estrutura aos seus poderes.

E o momento decisivo sobre a doutrina da Trindade ocorreu nesse Concílio. Trezentos Bispos se reúnem para decidir se Cristo era um ser criado (doutrina de Ário) ou não criado, e sim igual e eterno como Deus Seu Pai (doutrina de Atanásio). A igreja acabou rejeitando a ideia ariana de que Jesus era a primeira e mais nobre criatura de Deus, e afirmou que Ele era da mesma "substância" ou "essência" (isto é, a mesma entidade existente) do Pai.

Assim, segundo a conclusão desse Concílio, há somente um Deus, não dois; a distância entre Pai e Filho está dentro da unidade divina, e o Filho é Deus no mesmo sentido em que o Pai o é. Dizendo que o Filho e o Pai são "de uma substância", e que o Filho é "gerado" ("único gerado, ou unigênito", João 1. 14,18; 3. 16,18, e notas ao texto da NVI), mas "não feito", o Credo Niceno, estabelece a Divindade do homem da Galiléia, embora essa conclusão não tenha sido unânime. Os Bispos que discordaram, foram simplesmente perseguidos e exilados. Com a subida da Igreja ao poder, discussões doutrinárias passaram a ser tratadas como questões de Estado. E na controvérsia ariana, colocava-se um obstáculo grande à realização da ideia de Constantino de um Império Universal que deveria ser alcançado com a uniformidade da adoração divina.

O Concílio foi aberto formalmente a 20 de maio, na estrutura central do palácio imperial, ocupando-se com discussões preparatórias na questão ariana, em que Ário, com alguns seguidores, em especial Eusébio, de Nicomédia; Teógnis, de Nice, e Maris, de Chalcedon, parecem ter sido os principais líderes. Como era costume, os bispos orientais estavam em maioria. Na primeira linha de influência hierárquica estavam três arcebispos: Alexandre, de Alexandria; Eustáquio, de Antioquia e Macário, de Jerusalém, bem como Eusébio, de Nicomédia e Eusébio, de Cesaréia. Entre os bispos encontravam-se Stratofilus, bispo de Pitiunt (Bichvinta, reino de Egrisi). O ocidente enviou não mais de cinco representantes na proporção relativa das províncias: Marcus, da Calabria (Itália); Cecilian, de Cartago (África); Hosius, de Córdova (Espanha); Nicasius, de Dijon (França) e Domnus, de Stridon (Província do Danúbio). Apenas 318 bispos compareceram, o que equivalia a apenas uns 18% de todos os bispos do Império. Dos 318, poucos eram da parte ocidental do domínio de Constantino, tornando a votação, no mínimo, tendenciosa. Assim, tendo os bispos orientais como maioria e a seu favor, Constantino aprovaria com facilidade, tudo aquilo que fosse do seu interesse. As sessões regulares, no entanto, começaram somente com a chegada do Imperador.

Após Constantino ter explicitamente ordenado o curso das negociações, ele confiou o controle dos procedimentos a uma comissão designada por ele mesmo, consistindo provavelmente nos participantes mais proeminentes desse corpo.

O Imperador manipulou, pressionou e ameaçou os partícipes do Concílio para garantir que votariam no que ele acreditava, e não em algum consenso a que os bispos chegassem. Dois dos bispos que votaram a favor de Ário foram exilados e os escritos de Ário foram destruídos. Constantino decretou que qualquer um que fosse apanhado com documentos arianistas estaria sujeito à pena de morte. Mas a decisão da Assembléia não foi unânime, e a influência do imperador era claramente evidente quando diversos bispos de Egito foram expulsos devido à sua oposição ao credo. Na realidade, as decisões de Nicéia foram fruto de uma minoria. Foram mal entendidas e até rejeitadas por muitos que não eram partidários de Ário.

Posteriormente, 90 bispos elaboraram outro credo (O “Credo da Dedicção”) em, 341, para substituir o de Nicéia. (...) E em 357, um Concílio em Smirna adotou um credo autenticamente ariano. Portanto, as orientações de Constantino nessa etapa foram decisivas para que o Concílio promulgasse o credo de Nicéia, ou a Divindade de Cristo, em 19 de Junho de 325. E com isso, veio a conseqüente instituição a Santíssima Trindade e a mais discutida, ainda, a instituição do Espírito Santo, o que redundou em interpolações e cortes de textos sagrados, para se adaptar a Bíblia às decisões do conturbado Concílio e outros, como o de Constantinopla, em 381, cujo objetivo foi confirmar as decisões daquele.

A concepção da Trindade, tão obscura, tão incompreensível, oferecia grande vantagem às pretensões da Igreja. Permitia-lhe fazer de Jesus Cristo um Deus. Conferia a Jesus, que ela chama seu fundador, um prestígio, uma autoridade, cujo esplendor recaia sobre a própria Igreja Católica e assegurava o seu poder, exatamente como foi planejado por Constantino. Essa estratégia revela o segredo da adoção trinitária pelo Concílio de Nicéia. Os teólogos justificaram essa doutrina estranha da divinização de Jesus, colocando no Credo a seguinte expressão sobre Jesus Cristo: “Gerado, não criado”. Mas, se foi gerado, Cristo não existia antes de ser gerado pelo Pai. Logo, Ele não é Deus, pois Deus é eterno!

Espelhando bem os novos tempos, o Credo de Nicéia não fez qualquer referência aos ensinamentos de Jesus. Faltou nele um “Creio em seus ensinamentos”, talvez porque já não interessassem tanto a uma religião agora sócia do poder Imperial Romano. Mesmo com a adoção do Credo de Nicéia, os problemas continuaram e, em poucos anos, a facção arianista começou a recuperar o controle. Tornaram-se tão poderosos que Constantino os reabilitou e denunciou o grupo de Atanásio. Ário e os bispos que o apoiavam voltaram do exílio. Agora, Atanásio é que foi banido. Quando Constantino morreu (depois de ser batizado por um bispo arianista), seu filho restaurou a filosofia arianista e seus bispos e condenou o grupo de Atanásio. Nos anos seguintes, a disputa política continuou, até que os arianistas abusaram de seu poder e foram derrubados. A controvérsia político/religiosa causou violência e morte generalizadas. Em 381 d.C, o imperador Teodósio (um trinitarista) convocou um concílio em Constantinopla. Apenas bispos trinitários foram convidados a participar. Cento e cinquenta bispos compareceram e votaram uma alteração no Credo de Nicéia para incluir o Espírito Santo como parte da divindade. A doutrina da Trindade era agora oficial para a Igreja e também para o Estado. Com a exclusiva participação dos citados bispos, a Trindade foi imposta a todos como “mais uma verdade teológica da igreja”. E os bispos, que não apoiaram essa tese, foram expulsos da Igreja e excomungados (...).

Tudo isso nos leva a crer que o homem chamado “Jesus Cristo” na maneira descrita nos Evangelhos nunca existiu. Suas peripécias são fictícias; não sofreu sob nenhum Pôncio Pilatos; não foi nem poderia jamais ser a única Encarnação do Verbo; e qualquer Igreja, seita ou pessoa que diga o contrário ou está enganada ou enganando. Não quero dizer com isto que um homem assim não pudesse ter nascido, pregado e padecido. Segundo a Doutrina Teosófica, teria existido um homem chamado Joshua Ben Pandira. Tais homens nascem continuamente, e continuarão a nascer por todos os tempos: Encarnações do Logos, Templos do Espírito Santo, Cruzes de Matéria coroadas pela Chama do Espírito.

(...) Por volta do século IX, o credo já estava estabelecido na Espanha, França e Alemanha. Tinha levado séculos desde o tempo de Cristo para que a doutrina da Trindade “pegasse”. As políticas do governo e da Igreja foram às razões que levaram a Trindade a existir e se tornar a doutrina oficial da Igreja. Como se pode observar, a doutrina trinitária resultou da mistura de fraude, política, um imperador pagão e facções em guerra que causaram mortes e derramamento de sangue. As Igrejas Cristãs hoje em dia dizem que Constantino foi o primeiro Imperador Cristão, mas seu “cristianismo” tinha motivação apenas política. É altamente duvidoso que ele realmente aceitasse a Doutrina Cristã. Ele mandou matar um de seus filhos, além de um sobrinho, seu cunhado e possivelmente uma de suas esposas. Ele manteve seu título de alto sacerdote de uma religião pagã até o fim da vida e só foi batizado somente em seu leito de morte.

Em 313 d.C., com o grande avanço da “Religião do Carpinteiro”, o Imperador Constantino Magno enfrentava problemas com o povo romano e necessitava de uma nova Religião para controlar as massas. Aproveitando-se da grande difusão do Cristianismo, apoderou-se dessa Religião e modificou-a, conforme seus interesses. Alguns anos depois, em 325 D.C, no Concílio de Nicéia, é fundada, oficialmente, a Igreja Católica (...).

(<http://www.oarquivo.com.br/index.php/polemica/religiao-ceitas-e-organizacoes/2367-o-concilio-de-niceia-parte-2>)

Vamos a uma curiosidade acontecida nesse Concílio, e não divulgada. Pelo texto, podemos até pensar que de fato, deve ter saído daí, a famosa lenda do “Lúcifer”, que teria sido expulso do “Reino de Deus”:

SÃO LÚCIFER – O SANTO CATÓLICO QUE A IGREJA “ESCONDE”



São Lucifer Calaritano



Igreja de São Lúcifer, em Cagliari (Sardenha/Itália)

Muitos não sabem da existência de um Santo com o nome de Lúcifer. A Igreja Católica não toca muito no assunto, pois o fazendo, teria que admitir que o nome “Lúcifer” colocado na Bíblia tem outro sentido, que é deturpado em seu real significado. Se a Igreja admitisse isso publicamente, a fé de muitas pessoas seria abalada.

Até o século IV da era Cristã, o nome Lúcifer era um nome como outro qualquer e não tinha nada de diabólico. A prova mais eloquente disto é que houve, no século IV, até um bispo católico chamado Lúcifer de Cagliari.

Bispo Lúcifer ou Lúcifer Calaritano (em italiano *San Lucifero*) (m. 370 ou 371) foi um bispo de Cagliari na Sardenha e é um santo cristão conhecido, sobretudo, pela sua oposição ao arianismo. No Concílio de Milão em 354 defendeu violentamente Atanásio de Alexandria e suas ideias, se opondo a arianos poderosos, o que fez o imperador Constantino II, simpatizante dos arianos, confiná-lo por três dias no palácio. Durante seu confinamento, Lúcifer debateu tão veementemente com o imperador que ele acabou por ser banido, primeiro para a Palestina e depois, para Tebas, no Egito. No exílio escreveu duras cartas ao imperador, que o pôs sob o risco de martírio.

Após a morte de Constantino e a ascensão de Juliano, Lúcifer foi solto em 362. Entretanto não pode se reconciliar com os antigos arianos. Ele consagrou o bispo Paulino, sem licença, criando assim um cisma. Possivelmente foi excomungado. Nos dá uma pista disso os escritos de Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo, que referem-se a seus seguidores como *luciferianos*, uma divisão que surgiu no início do século V. São Jerônimo não gostava da intransigência nem das opiniões do Bispo Lúcifer de Cagliari e seus seguidores. São Jerônimo inclusive escreveu um livro criticando detalhadamente tais opiniões. São Jerônimo em seu *ALTERCATIO LUCIFERIANI ET ORTHODOXI* (Altercação entre Luciferianos e Ortodoxos) demonstra quase tudo que se sabe sobre Lúcifer e suas ideias. Inclui-se entre os principais escritos do bispo de Cagliari: *DE NON CONVENIENDO CUM HAERETICIS*, *DE REGIBUS APOSTATICIS*, e *DE S. ATANASIO*.

Sua festa, no calendário da Igreja Católica é dia 20 de maio. Seu nome demonstra que *Lúcifer* não era, pelo menos no século IV, apenas um sinônimo para Satã. Todavia, com os movimentos a partir do século XIX houve certa confusão, dando a entender que luciferianos (diferentemente do sentido teológico que é apresentado aqui) fossem satanistas. É de se observar que isso não faz com que seu culto seja suprimido ou sua canonização reavaliada. Muito embora ele não seja muito citado para evitar mal-entendidos e escândalos.

Uma capela na Catedral de Cagliari é dedicada a São Lúcifer (talvez a única no mundo). Maria Josefina Luísa de Savóia, rainha consorte, esposa de Luís XVIII de França está enterrada lá.

Juntamente com o bispo, outro santo foi exilado, Eusébio de Vercelli, defensor da plena divindade de Cristo.

Pouco depois, quando São Jerônimo traduziu a Bíblia do Grego para o Latim, ao traduzir Isaias 14, São Jerônimo traduziu “Estrela da Manhã” por Lúcifer (Lúcifer em Latim realmente quer dizer “Estrela da Manhã”).

Note que a expressão “Estrela da Manhã” é usada na Bíblia várias vezes para indicar Grandeza, Grandiosidade. Em Apocalipse, a expressão “Estrela da Manhã” é usada duas vezes para designar Jesus. Em Isaias 14, a expressão “Estrela da Manhã” é usada como adjetivo para o rei da Babilônia (um homem, não um Espírito). Mas, São Jerônimo escolheu usar a palavra Lúcifer, como tradução de “Estrela da Manhã” neste único ponto: em Isaias 14,12. Em todos os outros pontos São Jerônimo usou a expressão composta “Estrela da manhã”, em Latim.

Por isso, todas as traduções da Bíblia baseadas na tradução de S. Jerônimo têm uma única ocorrência da palavra Lúcifer e é precisamente em Isaias 14. As Bíblias que não são baseadas na tradução de São Jerônimo simplesmente não têm a palavra Lúcifer.

Pouco depois da tradução da Bíblia por São Jerônimo, Santo Agostinho criou a fábula da revolta dos anjos contra Deus. E pouco depois, no século V, início da Idade Média, o nome Lúcifer passou a ser o nome do anjo chefe de tal rebelião. A fábula da revolta dos anjos contra Deus se tornou tão popular que muitas pessoas acreditam que ela está na Bíblia, mas na realidade não está.

Antes de Santo Agostinho, a única menção a anjos caídos era no Livro de Enoch (que não é parte da Bíblia). Este livro conta a estória de 200 anjos que tendo se apaixonado por mulheres comuns escolheram voluntariamente abandonar os Céus e descer à Terra para serem seus maridos. Deus não aprovou a decisão deles, enviou cinco Arcanjos que os localizaram e os prenderam em lugares remotos da Terra, onde esperam o julgamento no fim dos tempos. O Livro de Enoch foi escrito no século II (dois) antes de Cristo, e há evidências (por exemplo, Epístola de São Judas e Segunda Epístola de São Pedro) que os Apóstolos e os chamados Pais da Igreja Católica conheciam este livro (ou, pelo menos, a estória contida nele). No Livro de Enoch também não aparece o nome Lúcifer nem Heilel (o correspondente em hebraico de Lúcifer).

Além disto, algumas pessoas citam Ezequiel 28 como sendo relativo a Lucifer, mas não há fundamento para isto. Ezequiel 28 é uma repreensão feita por Deus ao rei de Tyro (um homem, não um Espírito). Não há nada que ligue este texto ao nome de Lúcifer, nem mesmo o uso da expressão “Estrela da Manhã”.

SIGNIFICADO DO NOME LÚCIFER

Lúcifer (em hebraico, *heilel ben-shachar*, הילל בן שחר; em grego na Septuaginta, *heosphoros*) representa a estrela da manhã (a estrela matutina), a estrela D'Alva, o planeta Vênus, mas também foi o nome dado ao anjo caído, da ordem dos Querubins, como descrito no texto Bíblico do Livro de Ezequiel, no capítulo 28. Nos dias de hoje, numa nova interpretação da palavra, o chamam de Diabo (caluniador, acusador), ou Satã (cuja origem é o hebraico *Shai'tan*, que significa simplesmente *adversário*). Atualmente se discute a probabilidade de Lucifer ter sido um Rei Assírio da Babilônia.

O nome Lúcifer ocorre uma vez nas Escrituras Sagradas e apenas em algumas Traduções da Bíblia em língua portuguesa. Por exemplo, a tradução de Figueiredo verte Isaias 14:12: “*Como caíste do céu, ó Lúcifer, tu que ao ponto do dia parecias tão brilhante?*”

Lúcifer (do latim *Lux fero*, portador da Luz, em hebraico, *heilel ben-shahar*, הילל בן שחר; em grego na Septuaginta, *heosphoros*) significa *o que leva a luz*, representando a estrela da manhã, o planeta *Vênus*, que é visível antes do alvorecer. A designação descritiva de Isaias 14:4, 12, provém dum raiz que significa “brilhar” (Jó 29:3), e aplicava-se a uma metáfora aplicada aos excessos de um “rei de Babilônia”, não a uma entidade em si, como afirma o pesquisador iconográfico Luther Link “Isaias não estava falando do Diabo. Usando imagens possivelmente retiradas de um antigo mito cananeu, Isaias referia-se aos excessos de um ambicioso rei babilônico”.

A expressão hebraica (*heilel ben-shahar*) é traduzida como “o que brilha”, nas versões NM, MC, So. A tradução “Lúcifer” (portador de luz), (Fi, BMD) deriva da Vulgata latina de Jerônimo e isso explica a ocorrência desse termo em diversas versões da Bíblia.

Mas alguns argumentam que Lúcifer seja satanás e por isso, também foi o nome dado ao anjo caído, da ordem dos Arcanjos. Assim, muitos nos dias de hoje, numa nova interpretação da palavra, o chamam de Diabo (caluniador, acusador), ou Satã (cuja origem é o hebraico *Shai'tan*, *Adversário*).

(<http://redeesgoto.blogspot.com.br> - <http://www.ocultura.org.br>, com adaptações do autor)

A MODALIDADE “UMBANDA CRÍSTICA”



Símbolo da Umbanda Crística

(Fé: representada pela cruz, Esperança: representada pela âncora, e Caridade: representada pelo coração)

Quando resolvemos instituir formalmente uma modalidade umbandista, foi somente para que todos possam se situar, pelo fato de existirem múltiplas formas de práticas umbandísticas por esse país afora. Muitos praticam doutrinas e rituais que divergem grandemente com as “Linhas Mestras” fundamentadas pelo instituidor da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Como seguimos fielmente as “Linhas Mestras” do instituidor da Umbanda, queríamos utilizar a denominação “Linha Branca de Umbanda”, mas, achamos por bem não usá-la, pois, em época de Zélio de Moraes, era usada, quando, para diferenciar as práticas umbandísticas do Bem, diferenciando daqueles que se intitulavam umbandistas, mas, na realidade, muitos praticavam o Mal, e a maioria praticava um culto totalmente distanciado das normas do instituidor da Umbanda, culto esse conhecido por Macumba, mas, com ares e título de Umbanda. Hoje se fossemos utilizar o termo “Linha Branca de Umbanda”, muitos umbandistas poderiam entender que estaríamos tachando-os de praticarem a “banda negra”. Consultamos os Guias Espirituais, e recebemos autorização para instituir a “Modalidade Umbanda Crística”, que nada mais é que, a “Linha Branca de Umbanda” com outra denominação. A fundação oficial se deu em 21 de Setembro de 2011.

Revivendo e restaurando a Escola do Caboclo das Sete Encruzilhadas, juntamente com os ensinamentos crísticos, tudo calcado na razão e no bom senso, fundamentamos as bases, criando um estatuto direcionador e regulador de toda a temática doutrinária, seguindo as “Linhas Mestras” instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, com os princípios, deveres, e os interditivos necessários, para que todos os que estiverem dispostos a terem seus Terreiros pautados nestas orientações, tenham onde se modelar.

Vamos versar sobre a modalidade “Umbanda Crística” fundamentado e seguido pela nossa casa: “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista – fundada em 21 de setembro de 1937”. Sobre a questão – “Ser Crístico” – já elucidamos no capítulo anterior: “Umbanda – Uma Religião Crística”.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou: “(...) A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal deste culto (Umbanda), que teria por base o Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo o Cristo”. Portanto, a Umbanda Crística segue fielmente os ensinamentos de Jesus, e tem como Mestre Supremo o Cristo Planetário, fonte do Amor Ilimitado, vitalidade e sustento das almas encarnadas ou desencarnadas.

Em época, o que ocorreu com a “Linha Branca de Umbanda e Demanda” do Caboclo das Sete Encruzilhadas, pela falta de normatização estatutária registrada, todo Terreiro da Macumba e/ou prática de mediunismo se tachou de Umbanda, distorcendo e deturpando quase a totalidade das “Linhas Mestras” do Caboclo, de como deve ser a Umbanda, e como devem se portar os umbandistas. Hoje, assistimos entristecidos, alguns Terreiros com desvirtuamentos efetuados, criando modalidades totalmente descaracterizadas, pautadas somente na idiosincrasia, no exercício exterior, roupas extravagantes, cultos e homenagens a Orixás, Espíritos, Exus, Pombas-Gira e homens, magias disparatadas, oferendas e despachos a torto e direito, barulhos ensurdecedores, rituais lúdricos, e ai por fora.

Não tivemos contato direto ou indireto com o instituidor da Umbanda e nem com a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, mas trabalhamos sob os princípios e “Linhas Mestras” da Linha Branca de Umbanda e Demanda, mantendo a pureza e a singeleza das orientações do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Os Espíritos fundadores de nossa casa, Pai Matheus de Aruanda (nas sessões de caridade – os atendimentos fraternos), Pai Jacob (nas sessões de cura), Pai Caboclo (nas sessões de desobsessões) e o (Caboclo) Pai Kalunga (nos processos demandatórios e desmaches de magia negra), desde 1937, preconizavam e priorizavam os mesmo ensinamentos, sem tirar e nem por. Isso se deve ao plano espiritual.

Em Umbanda Crística existem outras práticas seguidas e ensinadas que sabemos estarem corretas, pois raciocinamos em cima do seguinte proferido:

Tudo o que estiver pautado nos ensinamentos crísticos, nas orientações da codificação kardeciana, e principalmente nas orientações dos Evangelhos, sem achismos e sem idiosincrasias, regrando todas as práticas, sejam elas doutrinárias ou ritualísticas, na razão e no bom senso, está no caminho de praticar a Religião de Umbanda.

E para sabermos se os ensinamentos dos textos acima, sejam quais forem, estão pautados na sabedoria divina, é só seguir o seguinte aforismo:

“Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade. Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Deu (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual. Nem porque pareça ser uma necessidade análoga. Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não crerdes meramente porque ouvistes falar.

Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, deveis agir de conformidade e intensamente”.

(Siddhartha Gautama – Buddha)

“A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião”. (Dalai Lama)

A Umbanda, incondicionalmente, também aceita e segue os 14 preceitos engajados do budismo. Levemente adaptamos os preceitos, para se encaixar na Umbanda, sem ferir o seu conteúdo:

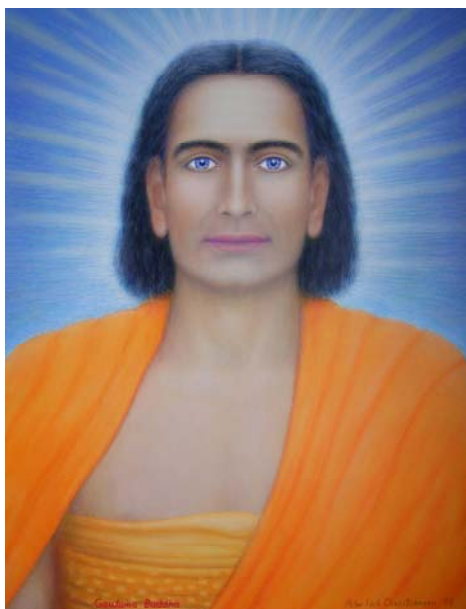
- 1. Não seja idólatra por causa de nenhuma doutrina, teoria ou ideologia, mesmo a umbandista. Os sistemas umbandistas de pensamento são meios de orientação; eles não são a verdade absoluta.**
- 2. Não pense que o conhecimento que você possui no presente é imutável, ou que ele é a verdade absoluta. Evite ser fechado e estar preso a opiniões presentes. Aprenda a praticar o desligamento de pontos de vista a fim de estar aberto a receber os pontos de vista de outros. A verdade é encontrada na vida e não simplesmente no conhecimento de conceitos.**

3. ***Não force os outros, incluindo crianças, por nenhum meio, a adotar seus pontos de vista, seja por meio de autoridade, ameaça, dinheiro, propaganda, ou mesmo educação. Entretanto, através do diálogo compassivo, ajude os outros a renunciarem o fanatismo e a estreiteza de ideias.***
4. ***Não evite o sofrimento, não feche seus olhos ao sofrimento. Não perca a consciência da existência do sofrimento na vida do mundo. Encontre maneiras de estar com aqueles que estão sofrendo, incluindo contato pessoal, visitas, imagens e sons. Por tais meios, lembre a si mesmo e aos outros à realidade do sofrimento no mundo.***
5. ***Não acumule riqueza enquanto milhões passam fome. Não faça o objetivo da sua vida adquirir fama, lucro, riqueza, ou prazer sensual. Viva simplesmente e compartilhe seu tempo, energia e recursos materiais com aqueles que estão passando necessidades.***
6. ***Não mantenha a raiva ou o ódio. Aprenda a penetrá-los e transformá-los enquanto eles ainda só existem como sementes na sua consciência.***
7. ***Não se perca nas distrações à sua volta, mas continue sempre em contato com tudo que é maravilhoso, refrescante e curativo dentro de você e ao seu redor. Plante sementes de alegria, paz e entendimento em si mesmo, a fim de facilitar o trabalho de transformação nas profundezas da sua consciência.***
8. ***Não pronuncie palavras que podem criar discórdia e causar a quebra da comunidade. Faça todos os esforços para reconciliar as pessoas e resolver todos os conflitos, nem que sejam pequenos.***
9. ***Não diga coisas falsas nem por interesse pessoal, nem para impressionar as pessoas. Não diga palavras que causam divisão e ódio. Não espalhe notícias que você não sabe se são verdadeiras. Não critique ou condene coisas das quais você não tem certeza. Sempre fale a verdade, de maneira construtiva. Tenha a coragem de levantar sua voz quando vir uma situação injusta, mesmo quando ao fazer isto você coloca sua segurança em perigo.***
10. ***Não use a comunidade umbandista para ganho ou lucro pessoal, e não transforme sua comunidade em um partido político. Uma comunidade religiosa, no entanto, deve tomar uma atitude clara contra a opressão e injustiça, e deve tentar mudar a situação sem se envolver em política partidária.***
11. ***Não viva com uma vocação que é nociva aos seres humanos e à natureza. Não invista em companhias que privam outras pessoas da sua chance de viver. Selecione uma vocação que o ajude a realizar seu ideal de compaixão.***
12. ***Não mate. Não deixe que outras pessoas matem. Encontre todos os meios possíveis de proteger a vida e impedir a guerra.***
13. ***Não possua nada que deveria pertencer a outras pessoas. Respeite a propriedade dos outros, mas impeça os outros de lucrarem do sofrimento humano ou do sofrimento de outras espécies na Terra.***
14. ***Não maltrate seu corpo. Aprenda a cuidar dele com respeito. Para preservar a felicidade dos outros, respeite os direitos e os compromissos dos outros. Preserve suas energias vitais (sexual, espiritual, respiração) para a realização de seu Caminho.***

Para irmãos e irmãs que são médiuns umbandistas: suas expressões sexuais não devem ser sem amor e comprometimento. Em uma relação sexual tenha consciência do sofrimento que pode ser causado no futuro. Para preservar a felicidade de outros, respeite seus direitos e compromissos. Esteja plenamente consciente da responsabilidade de trazer novas vidas a este mundo. Medite sobre o mundo para o qual você está trazendo novos seres.

Agora, o que estiver contrário a tudo isso, pare imediatamente; está no caminho errado; não está praticando a Religião de Umbanda. A Umbanda é uma religião de amor, compreensão e compaixão.

Muitos podem perguntar: Mas a Umbanda segue os preceitos de Buddha? Mais uma vez reiteramos: A Umbanda é crística, e em suas fileiras militam Espíritos universalistas, que seguem os ensinamentos dos Espíritos crísticos que estiveram entre nós, inclusive Buddha. Mas, o quem seria Buddha, e o seu contexto na humanidade? Vamos a um texto concorrente, sucinto e explicativo:



Siddharta Gautama (O Buddha)

Ser de muita luz, não se dizia uma encarnação divina, nem tampouco um representante de alguma divindade hindu.

Filho do Rei Suddhodana e da rainha May, foi um homem, considerado um dos mais sábios e santos ser entre os seres da humanidade terrena. Viveu muitas vidas aprimorando-se espiritualmente. Toda essa experimentação fez nele acender-se a natureza divina que todos nós possuímos.

O Budismo é um conjunto de ensinamentos emitidos e vividos por esse grande homem conhecido por Buda (Buda não é um nome próprio, mas uma condição de pleno desenvolvimento espiritual, um título, que quer dizer: “O Iluminado”. Hoje, os que seguem a Filosofia Budista não o têm como um deus, mas como um Mestre Espiritual que ensina a todos como se libertar do ciclo reencarnatório, buscando a iluminação e o Estado de Pureza Espiritual, libertando-se das preocupações materiais e do ciclo ininterrupto de vida e morte.

Na Filosofia Budista, o ser humano é escravo do ciclo reencarnatório, que é gerado pelo “Karma” (a Lei da Ação e Reação). Conseguir livrar-se do Karma significa encerrar o ciclo de reencarnações, atingir a iluminação e encontrar a porta que abre o caminho para o “Nirvana” (*No Budismo, o significado de Nirvana é o estado de libertação atingido pelo ser humano ao percorrer sua busca espiritual. O termo tem origem no sânscrito, podendo ser traduzido por “cessação do sofrimento”*). Para que isso pudesse acontecer, Buda ensinou aos seus discípulos aquilo que é a base do Budismo: “As Quatro Nobres Verdades” e os “Oito Caminhos”, uma combinação de ensinamentos morais por meio da meditação e concentração.

Basicamente, os ensinamentos de Buda buscaram a libertação de todos os seres cientes de seu sofrimento.

Cerca de 2.550 anos a.C., depois de experimentar seu Estado de Iluminação, meditando sob uma figueira, Buda faz o seu primeiro sermão, iniciando seus ensinamentos.

UMBANDA E BUDISMO UNIDOS PELA ILUMINAÇÃO

(...) Na Filosofia Budista, o ser humano é escravo do ciclo reencarnatório, que é gerado pelo Karma, a Lei de Ação e Reação.

Conseguir livrar-se do Karma significa encerrar o ciclo de reencarnações, atingir a iluminação e encontrar a porta que abre o caminho para o Nirvana (estar liberto). Para que isso pudesse acontecer, Buda ensinou aos seus discípulos aquilo que é base do Budismo: “As quatro Nobres Verdades” e os “Oito Caminhos” (nota do autor: “Nobre Caminho Óctuplo”), uma combinação de ensinamentos morais por meio da meditação e concentração.

As Quatro Nobres Verdades

1. Existe o sofrimento;
2. O sofrimento tem causas;
3. O sofrimento tem um fim;
4. Existe um caminho para acabar com o sofrimento.

O Nobre Caminho Óctuplo é, nos ensinamentos do Buda, um conjunto de oito práticas que correspondem à quarta nobre verdade do budismo. Também é conhecido como o "caminho do meio" porque é baseado na moderação e na harmonia, sem cair em extremos. Essas oito práticas estão descritas nesta passagem:

O Nobre Caminho Óctuplo é, nos ensinamentos do Buda, um conjunto de oito práticas que correspondem à quarta nobre verdade do budismo. Também é conhecido como o "caminho do meio" porque é baseado na moderação e na harmonia, sem cair em extremos. Essas oito práticas estão descritas nesta passagem:

1. *Compreensão correta: Conhecer as Quatro Nobres Verdades de maneira a entender as coisas como elas realmente são, e com isso gerar uma motivação de querer se liberar de dukkha e ajudar os outros seres a fazerem o mesmo.*
2. *Pensamento correto: Desenvolver as nobres qualidades da bondade amorosa, não tendo má vontade em relação aos outros, não querendo causar o mal (nem em pensamento), não ser avarento, e em suma, não ser egoísta.*
3. *Fala correta: Abster-se de mentir, falar em vão, usar palavras ásperas ou caluniosas, e ao invés disso, falar a verdade, ter uma fala construtiva, harmoniosa, conciliadora.*
4. *Ação correta: Promover a vida, praticar a generosidade e não causar o sofrimento através de práticas moralistas.*
5. *Meio de vida correto: Compreender e respeitar o próprio corpo, olhar os outros com amor, compaixão, alegria e equanimidade, que são as quatro qualidades incomensuráveis, e na prática do dia-a-dia, praticar os seis paramitas (Nota do autor: Pāramitā (em sânscrito) ou Parami (em pali): "Perfeição" ou "Transcendente" (lit. "Que alcançou a outra margem"). No budismo, chama-se de paramitas as perfeições ou culminações de certas práticas. Tais práticas são cultivadas por arahants e bodhisattvas para percorrer o caminho da vida sensorial (samsara) à iluminação (nirvana)). da generosidade, ética, paz, esforço, concentração e sabedoria. Também inclui ter uma profissão que não esteja em desacordo com os princípios.*
6. *Esforço correto: Praticar autodisciplina para obter a quietude e atenção da mente, de maneira a evitar estados de mente maléficos e desenvolver estados de mente sãos.*
7. *Atenção correta: Desenvolver completa consciência de todas as ações do corpo, fala e mente para evitar atos insanos, através da contemplação da natureza verdadeira de todas as coisas.*
8. *Concentração correta: A partir da concentração, a mente entra em estado contemplativo e em seguida vem o nirvana.*

Buda ensinou que toda a causa do nosso sofrimento é o desejo, o apego às coisas materiais. Quando o desejo e o extremo apego acabam, o sofrimento termina.

Para se chegar ao fim do sofrimento existem oito caminhos. Buda ensinou que o esforço correto em nossa busca pelo fim do sofrimento é sempre manter o equilíbrio – o Caminho do Meio. Quando diagnosticamos a causa do sofrimento, podemos encontrar o caminho da cura.

Na Umbanda existe a mesma crença de que o homem caminha para sua evolução espiritual buscando, através de suas várias encarnações, o entendimento da linha evolutiva traçada para nossa Humanidade. Por meio da prática da caridade, exercendo sua fé e humildade, o médium Umbandista busca sua evolução rumo à Pureza Espiritual, um Estado de Iluminação, o despertar para a Vida Eterna. Por sua vez, os Guias e Protetores Espirituais que incorporam nas Sessões de Umbanda também estão cumprindo seu papel na Escala Evolutiva do Planeta, levando aos necessitados palavras de fé, amor e compreensão, sempre passando a mensagem da Eternidade do Ser, única maneira de nos libertarmos das amarras de nossa condição humana, rumo à evolução.

Quando somos estimulados amorosamente pelos Caboclos e Pretos Velhos a promover nossa reforma íntima, com a extinção da vaidade, do egoísmo e do ódio, nos ligando a sentimentos de amor, compaixão, humildade e caridade, estamos buscando a evolução do ser ao se libertar dos apegos e sentimentos materiais, como nos ensinam as Quatro Nobres Verdades do Budismo.

A Umbanda é a Luz de Aruanda que nos dá força e que nos conduz na busca do autoconhecimento, revelando que quando descobrimos nossas dores, cessa-se nosso sofrimento e cessando o sofrimento, o homem segue, sem medo, seu caminho rumo à evolução e iluminação de seu Espírito Imortal.

(<http://taniawentzel.blogspot.com.br/2012/10/umbanda-e-budismo-unidos-pela-iluminacao.html>)

Em nosso Terreiro, num tempo curto, devido à permitirmos "certas influências", quando da manifestação dos Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros, autorizamos a utilização de alguns adereços simples, tais como chapéus de palha, saias e capas, mas, durou pouco, pois os nossos Mentores os rechaçaram, dizendo-nos que tudo isso era tão somente coisa da cabeça do médium, da nossa vontade, pois nada de material nos pediram. Nos disseram que os Espíritos trabalhadores da Umbanda refutam a vaidade.

No mesmo tempo, cedemos um espaço físico para um irmão de fé ministrar um “curso de atabaques”, que durou somente duas aulas, pois quase tivemos problemas sérios com a vizinhança pelo barulho ensurdecedor provocado; demos razão aos vizinhos, pois não podemos fazer ao próximo aquilo que não queremos que o próximo nos faça; aliás, as atividades realizadas nada tinham a ver conosco. Pelas mesmas influências, por uma única vez, numa Sessão de Educação Mediúnica, tateamos o uso de atabaques, sendo imediatamente retirados, pois causaram mal estares em alguns, exteriorizações exageradas em outros; alguns encetaram danças e rodopios esquisitos, abalando todo o esquema meditativo/concentrativo/contemplativo do Terreiro. Imediatamente doamos os atabaques recém-adquiridos. A partir daí, voltamos às práticas originais do Terreiro, deixando definitivamente todo e qualquer adereço e/ou instrumentos de percussão distante dos rituais e das manifestações mediúnicas.

Linhas gerais sobre a Umbanda Crística:

Usamos alguns termos para nos referir aos Orixás e ao conjunto dos Espíritos trabalhadores da Umbanda, bem como suas atividades. Para melhor entendimento e classificação, assim são nomeados:

“Essenciais” (Orixás – Espíritos Arcangélicos): *“Que caracteriza, denota o mais relevante; Que é primordial”.*

“Sustentadores” (Orixás – Anjos Planetários): *“Aquele que ampara, sustenta; mantém em pé”*

“Mediadores” (Orixás – Espíritos Superiores): *“Que ou aquele que intervém. Intercessor”.*

“Guia” (Espirituais): *“Pessoa que conduz, que dirige, que mostra o caminho. Pessoa que dá uma direção moral, intelectual”*, os integrantes das “Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais”.

“Protetores” (Espirituais): *“Que ou o que protege; que serve para proteger ou defender”*, os integrantes das “Linhas Auxiliares e Secundária de Trabalhos Espirituais”.

“Linha”: *“Série de pessoas ou de objetos dispostos numa mesma direção” – “Orientação teórica adotada por um grupo”.*

“Excelsa”: *“Tornar excelso”.* Excelso: *“Muito alto, elevado”.*

“Mestra”: *“O que é perito ou versado em qualquer ciência ou arte”.*

“Auxiliar”: *“Que auxilia, que presta ajuda; ajudante”.*

“Sublime”: *“De característica moral ou intelectual admirável: modos sublimes”.*

“Secundária”: *“Que, ou o que é de segunda ordem; que ocupa o segundo lugar em ordem, graduação ou qualidade relativamente a outrem ou outro”.*

“Corrente”: *“Diz-se das águas que correm, que não se acham estagnadas” – “Deslocamento orientado das águas do mar: correntes marinhas”.*

“Irmandade”: *“Associação de caráter religioso”.*

“Falange”: *“Corpo de Tropa”.*

“Tarefa”: *“Aquele que trabalha por tarefa; pequeno empreiteiro que realiza os trabalhos unicamente com auxílio de sua família, ou ajudado por outros trabalhadores”.*

- Sem atabaques ou qualquer outro tipo de instrumento de percussão, bem como a não utilização de palmas ritmadas.

Nas Sessões de Caridade ou nas Sessões de Educação Mediúnica, os pontos cantados (cânticos) de raiz, sejam de força e/ou de poder, ou os pontos cantados terrenos, são entoados somente de viva voz, sem acompanhamentos de instrumento de percussão. Alguns, com mensagens crísticas são efetuados com arranjos musicais. Os cânticos são entoados de forma muito firmes (sem gritarias), ritmados, harmoniosos, para a manutenção (egrégora) da corrente vibratória, e a manifestação dos Guias e Protetores Espirituais.

Pontos Cantados de Raiz: são os cânticos compostos por Guias e Protetores Espirituais que os trazem dos Planos Superiores onde habitam, fazendo deles uma chamada particular ou da Linha de Trabalho Espiritual que integram, ou mesmo ativador de egrégoras. Ativam uma linguagem espiritual referente aos sons que o ponto emite, estabelecendo uma conexão vibratória entre o plano físico e o plano espiritual.

Traduzem verdadeiras magias sonoras de movimentação psíquica, e devem ser cantados com concentração. Os Pontos de Raiz somente são ensinados pelos Guias e Protetores Espirituais, pessoalmente, ou mesmo intuitos para médiuns abalizados. Existem os pontos cantados de raiz dolentes, e os mais vibrantes, mas, todos são entoados de forma harmoniosa sem o concurso de qualquer tipo de instrumento musical e não ser a própria voz. Tais cânticos, de forma nenhuma devem ser alterados em suas letras (somente podemos alterar quanto ao nome do Guia Espiritual invocado) e melodias, já que são direcionados e estabelecidos pelos Guias e Protetores Espirituais para fins específicos.

Pontos Cantados Terrenos: São os cânticos criados pelos encarnados para homenagear os Orixás, as Linhas de Trabalhos Espirituais, ou determinado Guia Espiritual, sendo aceitos pela espiritualidade desde que providos de musicalidade religiosa, harmonia, espiritualidade, razão e bom senso. Às vezes, porém, nos deparamos com pontos cantados terrenos que nos causam verdadeiro espanto, quando não tristeza. São composições “sem pé nem cabeça”, destituídas de fundamento, com frases ingênuas, algumas vezes chulas, e sem nenhum nexo, chegando algumas a denegrirem os reais valores umbandistas; estes são veementemente rechaçados pela espiritualidade.

- Dá ênfase a simplicidade dos rituais, sem salamaleques, sem complicações litúrgicas, que permite a dedicação integral do tempo das Sessões ao atendimento fraterno dos necessitados.
- Jesus e seus ensinamentos são os pilares centrais da Umbanda Crística.
- O aspecto doutrinário é embasado nos ensinamentos de Jesus e dos Espíritos Crísticos, sendo bastante severos os testes que irão considerar aptos as pessoas que devem cumprir a missão de manifestar o Espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda.
- Sem roupagens coloridas, sem rendas e lamês, panos de pescoço, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: balandraus, cocares, penas, chapéus, capacetes, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. O vestuário utilizado, tanto para homens como mulheres, é somente composto de jaleco e calça brancos, de tecido modesto e simples (algodão). Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda).
- As guias (colares) usadas são: uma de quartzo translúcido, o Rosário das Santas Almas Benditas e/ou as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta; todas as guias são confeccionadas com elementos eletromagnéticos positivos, provindos na Natureza. *“A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium”* (Zélio de Moraes).
- Abomina o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei), quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios ou demandatórios para obtenção de favores de quaisquer ordens.
- Não se aceita retribuição financeira e/ou presentes pelos atendimentos fraternos ou pelos trabalhos realizados, sejam eles quais forem. A prática da caridade no sentido do amor fraterno é uma das características principais da Umbanda Crística. Damos de graça o que de graça recebemos.
- Incentiva o estudo e a realização do Evangelho no lar.
- Promove a realização de evangelização para os médiuns e para os assistidos.
- Tem como trabalho essencial, em todas as Sessões de Caridade e de Educação Mediúnica, os Descarregos (desobsessão). Em nossas Sessões temos a preocupação de curar os obsediados e/ou os perturbados.
- Sem cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei) ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antônio manifestado em Zélio de Moraes: *“Festa é fazer Caridade”*. Em datas específicas, privadas, efetuamos “Sessões de Reverência” (*“Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado”*) aos Poderes Reinantes do Divino Criador (Sagrados Orixás), ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas através da realização do Rosário das Santas Almas Benditas para o reverenciado, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos, normalmente.

- Aceitamos a existência dos Poderes Reinantes do Divino Criador, nominados de “Orixás Essenciais” (*Essencial: Que caracteriza, denota o mais relevante; Que é primordial*) os Espíritos Arcangélicos, também conhecidos como Engenheiros Siderais ou Arquitetos Maiores, Mentas Superiores, construtores e responsáveis pelas constelações. Não são deuses, mas sim denominações humanas para uma classe de Hierarquia do Divino Criador.
- Aceitamos a existência dos “Orixás Sustentadores” (*Sustentador: Aquele que ampara, sustenta; mantém em pé*), os Anjos Planetários, responsáveis diretos por toda a criação e sustento de tudo no Planeta Terra. São os embaixadores dos “Orixás Essenciais”.
- Aceitamos a existência de “Orixás Mediadores” (*Mediador: Que ou aquele que intervém. Intercessor*), também conhecidos como “Pais de Segredo”, os Espíritos Superiores, que são os enviados diretos dos “Orixás Sustentadores”. As atuações e posturas arquetípicas dos Espíritos Guias e Protetores na Umbanda, manipulam os reservatórios de energia (Orixás) de cada Linha; por isso as “Sete Linhas de Umbanda” postadas como se fossem Orixás em si; nada mais seriam, do que Poderes Reinantes do Divino Criador, fundamentados por Arcanjos Planetários (Orixás Essenciais), manipulados por Anjos Planetários (Orixás Sustentadores), e, distribuídas com 21 Espíritos Superiores para cada Linha Excelsa (Orixás Mediadores – em número de 147 no total), que comandam Espíritos Guias (Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos), seus enviados, por afinidade fluidica. Isso tudo é para a Umbanda somente.
- Em Umbanda Crística, Orixás Essenciais (Espíritos Arcangélicos), ou Orixás Sustentadores (Anjos Planetários), não se manifestam na fase mediúnica de incorporação. Os que raramente manifestam-se mediunicamente, quando muito necessário, são Espíritos Superiores que nominamos de Orixás Mediadores, que trabalham na “força” Orixá, sendo Seus emissários. Os Guias e Protetores Espirituais, também enviados pelos Orixás, não trabalham na “força” Orixá, mas somente na “Irradiação” Orixá. *“Orixá não se incorpora. São Espíritos que trabalham na sua irradiação, não na sua força. Não são os Orixás que se incorporam, mas são os seus enviados”.* (Zélio de Moraes)
- Em Umbanda Crística não há “obrigações” para Orixás;
- Em Umbanda Crística não existe “feitura de cabeça”, “fazer o santo”, e nem “coroação” de médiuns.
- Em Umbanda Crística não há determinar se alguém é filho deste ou daquele Orixá. Todos somos filhos somente de Deus. Os Sagrados Orixás atuam mais decisivamente devido ao nosso temperamento estar ligado a uma força da Natureza, mudando em cada encarnação, nos auxiliando em nossas falhas (carma) ou graças (darma).
- Em Umbanda Crística a condução e direção dos descarregos e atendimentos fraternos se dá com as Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos.
- Em Umbanda Crística se realiza aplicações de Araporã. Araporã é uma palavra do idioma Tupí é quer dizer: **Ara**: dia, luz, tempo, clima, nuvem, hora, nascer. **Porã**: bonito. Literalmente, Araporã quer dizer: **“Luz Bonita”**. A Luz de Deus, das Santas Almas Benditas a da Mãe Natureza que é emanada pelo nosso amor através das nossas mãos (sem incorporação) para o auxílio ao próximo. O Araporã é um veículo da manifestação do amor de Deus, dos Sagrados Orixás, de Jesus e da Mãe Maria Santíssima, onde através dos Fluidos Universais, dos Fluidos Magnéticos e dos Fluidos dos Elementos da Natureza, proporciona o equilíbrio físico-mental-espiritual. É um sistema de imposição de mãos misto (Guia Espiritual/Médium), da Umbanda Crística. O Araporã é a presença da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente (Linha do Oriente), em ação.
- Aceita os Espíritos tidos como condutores e/ou obreiros de outras filosofias e/ou religiões e seus ensinamentos (Ex: Santos, Kardecistas, Budistas, Hinduístas, etc.), desde que calcados nos princípios crísticos, na razão e no bom senso.
- Aceita primordialmente as obras da codificação kardeciana como fonte de estudos e aplicações, principalmente os: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns” e o “Evangelho Segundo Espiritismo”.
- Aceita os escritos de autoajuda e reforma íntima, desde que calcados nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso (Ex: A série dos livros: “Metafísica da Saúde”, Os Livros: “A Doença como Caminho”, todas as obras da autora “Louise L. Hay”, etc.).
- Faz largo uso de ervas em defumações, em banhos, em amacis, e o uso ritualístico de tabaco.
- Promove concentrações nos sítios vibratórios da Natureza (praias, matas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, etc.), para refazimento energético, harmonizações e captações de energias sublimes.

- Restringe o uso indiscriminado de entregas magísticas e despachos.
- A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas, entregas magísticas e possíveis despachos demandatórios. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos.
- Dá ênfase a realização de rezas, orações e principalmente à prática diária do Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas.
- Incentiva o estudo e promove a educação mediúnica, doutrinária e reforma íntima dos médiuns iniciantes, bem como de simpatizantes, reservando 01 dia da semana para tais misteres.
- Semanalmente, um Guia Chefe dá atendimento fraterno aos médiuns que necessitarem.
- Realiza, mensalmente, a “Sessão de Descarrego Privativa” para os trabalhadores da Casa.
- A educação mediúnica é efetuada a par de Descarregos (desobsessão), e harmonizações de captação fluídica receptiva mediúnica, onde os que possuem o dom paranormal de incorporação possam ser amestrados. Em processos de incremento mediúnico não são utilizados nenhum subterfúgio para “criar clima catártico”, hipnotizando os médiuns com bater intermitente de sinete, adjá, tambor, pandeiro, maracá, atabaque, girar o médium, etc. Também não usamos o subterfúgio do uso de qualquer tipo de beberagem alucinógena e/ou enteógena. Somente são entoados cânticos firmes, ritmados e harmoniosos para a manutenção da corrente vibratória, e a manifestação dos Guias e Protetores Espirituais.
- Nominamos de Congá, todo o salão, o espaço onde ficam os médiuns para os trabalhos mediúnicos e afins (*Congá: Corruptela do termo quimbundo “ngonga” (pronunciado como Gongá), que quer dizer: “cesto; cofre”. No antigo reino de Ndongo a palavra “ngonga” designava uma espécie de sacrário onde se guardavam as relíquias da pátria. (Novo Dicionário Banto do Brasil)*). Nominamos de “altar”, onde ficam imagens sacras e algumas firmezas e assentamentos.
- O conjunto dos trabalhos espirituais é classificado de “Sessões” (*Espaço de tempo que dura uma atividade. Período de tempo*), Utilizamos o termo “Engira”, no sentido de “um caminho seguido”. O trabalho em si chama-se: “Sessão”. O que vai acontecer nesse trabalho chama-se “Engira”. Ex: Uma Sessão (período de tempo) com a Engira (caminho) de Caboclos; uma Sessão (período de tempo), com a Engira (caminho) de Pretos-Velhos.

Hoje, na grande maioria dos Terreiros umbandistas utiliza-se o termo “Gira” como designativo de “conjunto dos trabalhos espirituais”. Segundo os dicionários, “Gira”, quer dizer: “Ato de girar, de dar uma volta, um passeio. Adoidado, meio louco”. E “Girar”: “Andar a roda, dar voltas ou giros. Andar de um lado para outro; circular. Vaguear. Lidar, cavar a vida. Fazer rodar, pôr em movimento circular”. Segundo o sentido etimológico do termo “Gira”, se usado para um grupo de pessoas, define o simples fato de um conjunto de indivíduos dando voltas, dançando em círculo intermitentemente, adoidados, meio loucos. Portanto, seria um termo muito banal para se referir aos trabalhos dos Guias Espirituais dentro de um Terreiro de Umbanda, pois eles não ficam vagueando, dando voltas, e muito menos ficam girando como loucos. Guias Espirituais “descem em terra” somente para ensinar ou fazer a caridade. “Gira”, é um termo trivial surgido na Macumba, e erroneamente continuado na Umbanda. É uma adulteração do termo “Engira”, que é uma corruptela dos termos kikongo “nzila”, e do kimbundo “njila”, que literalmente quer dizer: “Caminho”.

“(…) Na Cabula a reunião dos camanás formava a Engira. Esta palavra igualmente, com a sílaba “en” sincopada, se perpetua na Macumba. “Gira” é um dos termos usados para designar uma cerimônia cultural da Macumba. É possível que na Macumba e Umbanda a hodierna expressão proceda da “Engira Cabulística”, assim como aproximada do verbo português “girar”, andar à roda, mover-se circularmente, rodopiar, porque as duas modalidades comportamentais verificavam-se no antigo ritual da Macumba. O ritual se desenvolvia com os adeptos dançando e “girando” num grande círculo, uns após os outros, em fila indiana, como ainda hoje se vê em alguns Candomblés e Sessões de Umbanda com influência afro, realizadas nas matas, como presenciamos várias vezes. A segunda acepção da palavra “girar”: — rodopiar — girar sobre si próprio, também se ajusta às umbandas com influência afro, porque assim se comportam seus adeptos, quando entram em estado de transe. Rodopiam cambaleando, seguindo a fenomenologia precursora do transe, assim como o fazem, quando já “possuídos” pelas “entidades”(…)”. (Valdeli Carvalho da Costa com adaptações do autor)

Também encontramos o termo “gira” em vários pontos cantados, que na realidade deveria ser “Engira”, sempre como designativo de “caminho”.

- Observamos com muita atenção, a seguinte orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) O assistido e a médium mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior”.*
- A Umbanda Crística dá ênfase à educação da corrente mediúnica quanto à questão da “predisposição sensual incontida”, onde os médiuns, inadvertidamente, caem pelo “fator sexo”, entre irmãos, dirigente e/ou assistidos, fato considerado escabroso e escuso, jamais aceito pelos Guias e Protetores Espirituais, e se ocorrer, provocará a queda do médium com o afastamento dos Guias e Protetores Espirituais.
- Para militar como médium umbandista, a Umbanda Crística dá ênfase a Moral, que nada mais é do que um conjunto de virtudes, adquiridas no estudo e aplicação sistemáticos do Evangelho Redentor, a retidão de caráter e os princípios crísticos dos médiuns, para que possam ter mediunidades positivas.
- Atua mediunicamente, e somente, com as roupagens fluídicas arquetípicas regionais de apresentação, assim classificados:

Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e suas Linhas Auxiliares:

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos Sertanejos (Caboclos Boiadeiros e as Caboclas Rendeiras).
- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos D’Água (Caboclos Marinheiros, Caboclos Marujos, Caboclos Caiçaras, Caboclos Barqueiros, Caboclos Pescadores, Caboclos Canoeiros, etc., e as Caboclas Lavadeiras).

Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos e sua Linha Auxiliar:

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Baianos.

Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Crianças.

Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Magos Brancos do Oriente e sua Linha Auxiliar:

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Curadores.

Linha Secundária de Trabalhos Espirituais dos Protetores Ciganos.

Em Sessões de Caridade com a engira de Guias Caboclos da Mata e/ou Guias Pretos-Velhos, em algumas exceções e precisão, as Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos Protetores Baianos, dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D’Água e a Linha Secundária dos Protetores Ciganos, atuam nas Sessões de Caridade integradas às Linhas Mestras, não havendo sessões privativas para eles.

Atuam quando necessário, auxiliando os Guias Caboclo da Mata e os Pretos-Velhos, em processos vibratórios, para aliviar, desoprimir, libertar ou descarregar um assistido; efetuado o trabalho, o Guia Caboclo da Mata ou o Preto-Velho do medianeiro retorna, e continua seus afazeres.

A Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Magos Brancos do Oriente (Linha do Oriente) atuam quando acham necessários, mas, somente para palestras elucidativas e orientações vocativas, mediúnicas, evangélicas e doutrinárias; a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Curadores se faz presente 01 vez por semana em Trabalhos caritativos de cura.

A Linha Sublime dos Guias Crianças atuam somente em conagrações, quando clamadas. Quando necessário, atuam nas Sessões de Caridade, auxiliando os Guias Caboclos da Mata e/ou os Pretos-Velhos, em processos vibratórios, para aliviar, desoprimir, libertar ou descarregar um assistido; efetuado o trabalho, o Guia Caboclo da Mata ou o Guia Preto-Velho do medianoiro retorna, e continua seus afazeres.

Todas as Sessões de Caridade são dirigidas exclusivamente por Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos.

Corrente de Trabalhos Espirituais das Sereias e dos Tritões

São Espíritos (não são elementais) ligados ao magnetismo marinho que manifestam-se em grupo, procedendo a descarregos e desagregações mais pesadas. Os Tritões são a contraparte masculina das Sereias. Eles vêm por ordem da Mãe Yemanjá.

Corrente de Trabalhos Espirituais das Yaras

São Espíritos (não são elementais) ligados ao magnetismo dos rios, riachos e cachoeiras. São também conhecidas como “ninfas da água – sereias dos rios”. Manifestam-se em grupo, procedendo a descarregos e desagregações em processos psicológicos de toda ordem. As Yaras vêm por ordem do Pai Oxossi.

Quando necessário, as “Correntes de Trabalhos Espirituais” são as que manifestam-se mediunicamente somente em descarregos e desagregações, mas não procedem a consultas. Não utilizam roupagem arquetípica. São o que são.

Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Semiombas (Santos (as), padres, freiras, Mestres Ascencionados e todos os Espíritos cujas vidas foram e são devotadas a evangelização, rezas, orações e práticas caritativas)

Na Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Semiombas, encontram-se todos os Espíritos abnegados que seguem os preceitos universais crísticos, principalmente de Jesus, semeando a evangelização, o amor, a caridade, a união, a fraternidade, a esperança, o perdão e a oração. São os Mestres da evangelização, da reforma íntima e da caridade.

Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Sakáangá (benzedoras, benzedores, rezadeiras, rezadores e parteiras)

Os Sakáangás são Espíritos que atuam concomitantemente com as rezas e orações, de onde utilizam suas poderosas energias mentais para seus trabalhos de cura, descarregos e principalmente para que possam auxiliar os Espíritos perturbadores de toda ordem. A Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Sakáangás é composta por Espíritos Mestres da magia mental, rezas, orações e benzeções.

Os Espíritos quando em trabalho nas “Irmandades de Trabalhos Espirituais dos Semiombas e dos Sakáangás” não atuam na fase de “incorporação” mediúnica. Só nos dão sustentação vibratória e se fazem presentes quando se realiza evangelização, perdão, reforma íntima, rezas, orações, benzimentos e principalmente no Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas.

Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda (Guardiões e Amparadores)

A Umbanda Crística nomina de Tarefeiros (subdivididos entre Guardiões e Amparadores), os Espíritos recém egressos do Reino da Kimbanda (trevas humanas), recrutados, e que já estão totalmente integrados na Lei de Umbanda em trabalhos caritativos onde forem ordenados. Deixamos de usar os termos “Exu e Pomba-Gira” pelo fato de serem nomes que, infelizmente, como o passar do tempo, tomaram conotação muito negativa, sendo, pela maioria da população brasileira, reconhecidos como: baderneiros, madraços, malandros, demônios, feiticeiros, arruaceiros, drogados, beberrões, prostitutas, imorais, etc.

Tanto é verdade que os próprios umbandistas quando querem se referir aos Falangeiros integrados à Lei da Umbanda, não falam só: Exus e Pombas-Gira, mas sim: “Exus e Pombas-Gira da Lei”, por falta de uma outra nomenclatura.

Na Umbanda Crística, a Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras.

Por determinação da diretoria espiritual da Umbanda Crística, não são realizadas Sessões específicas com os Tarefeiros, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos. Por isso não é considerada uma “Linha de Trabalho Espiritual”. Em Sessões de Caridade, em algumas exceções e precisão, com anuência e fiscalização do Guia Chefe, algum Espírito da Falange dos Tarefeiros da Umbanda pode se fazer presente num médium, isoladamente, mas somente para processos demandatórios, sem contudo, proceder a atendimentos. Suas presenças são discretíssimas, não sendo muitas vezes reconhecidos pelos assistidos. Efetuado o trabalho, o Guia Espiritual do mediano retorna, e continua seus afazeres.

A Umbanda Crística dá ênfase a questão de que Guias e Protetores Espirituais não “vem em terra” só para bebericar, dançar, rodar, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias.

- **A Umbanda Crística trabalha integrada às “Sete Linhas Excelsas de Umbanda”, assim nominadas:**

- 1) Linha Excelsa de Oxalá;
- 2) Linha Excelsa de Ogum;
- 3) Linha Excelsa de Oxossi;
- 4) Linha Excelsa de Xangô;
- 5) Linha Excelsa de Yemanjá (as entidades femininas de Nanã Buruquê e de Oxum se apresentam e trabalham dentro desta Linha);
- 6) Linha Excelsa de Yansã; e,
- 7) Linha Excelsa de Santo (também chamada de “Linha das Almas”), dirigida e inspecionada por Omulú/Obaluaê.

Obs.: Durante todo o discorrer dos nossos livros, estaremos explicando de forma mais abrangente, tudo o que dissemos acima. No livro de nossa autoria: “AS CORPORAÇÕES ORIXÁS”, estarão às explicações sobre os Orixás. No livro de nossa autoria: “OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS”, estarão as explicações sobre as Linhas de Trabalhos. No livro de nossa autoria: “A FALANGE DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DOS TAREFEIROS DA UMBANDA”, estarão as explicações sobre as atuações dos Tarefeiros. É só ler e observar com atenção. Não leia somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele trecho. Leia todos os compêndios do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Esclarecimento:

Quando se diz praticar a Umbanda Crística, baseada nos ensinamentos e práticas orientadas pelo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, imediatamente, os inconformados nos dizem estarmos praticando uma “Umbanda Católica”. Se aceitamos os ensinamentos da codificação kardeciana ou algumas literaturas psicografadas por médiuns kardecistas, imediatamente, os mesmo inconformados nos tacham de estarmos praticando uma “Umbanda Kardecista”. Interessante isso.

Quer dizer então que ser crístico é somente acreditar em Jesus, mas ignorar e não praticar Seus ensinamentos? Seguir e praticar o Evangelho Redentor quer dizer ser católico, ou evangélico? Seguimos as orientações calcadas no Pentateuco Kardequiano, principalmente no “Livro dos Espíritos”, no “Livro dos Médiuns” e no “Evangelho Segundo o Espiritismo”; não praticamos a Religião Kardecista. Esqueceram-se que somos da Religião de Umbanda, crística por natureza, mas, uma modalidade de Espiritismo? (A questão da Umbanda ser uma “Modalidade de Espiritismo”, está explicitada neste livro, no capítulo “POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?”)

Muitos irmãos inconformados querem a todo custo que todos sigam e preguem incondicionalmente àquilo que suas mentes acreditam e aceitam, por achismos, ser a Umbanda verdadeira, mas, não se dão ao luxo de estudarem e analisarem a luz da razão e do bom senso, o que outros também acreditam.

Se fosse assim então, poderíamos também dizer que esse ou aquele pratica uma Umbanda Africana, uma Umbanda Cigana, uma Umbanda Oriental, etc. Não nos esqueçamos que a Umbanda é eclética e aproveita tudo o que é bom da Espiritualidade positiva praticada em várias religiões; mas sua religiosidade primordial é calcada em Jesus e nos ensinamentos crísticos.

Se fossemos então retirar cada contribuição religiosa positivíssima que a Umbanda recebeu, somente por acharmos inconveniente ou mesmo não gostarmos, com certeza, o que somente existiria não seria Umbanda, mas sim, cultos estranhos particulares. Seria tão somente mediunismo. Só temos que ter cuidados para não trazeremos para a Umbanda aquilo que fere as “Linhas Mestras” de seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, os ensinamentos crísticos, à razão e o bom senso.

Relembrando Ramatis: *“Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto”*. Readaptando um aforismo do Espírito Miranez: *“Toda doutrina, culto ou filosofia religiosa que combate o tipo de fé de outra, é por não estar seguro da sua”*.

Nós, do “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista” praticamos e propagamos a modalidade Umbanda Crística, primordialmente calcada no Evangelho Redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo, nos ensinamentos dos Espíritos na codificação kardeciana, com aceitação doutrinária do conhecimento Uno preconizada pelo universalismo espiritual, ensinada pelos Espíritos Crísticos, e fundamentada nas “Linhas Mestras” preconizadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, tudo fundamentado na razão e no bom senso.

AOS IRMÃOS DE OUTRAS MODALIDADES UMBANDISTAS ESCLARECEMOS



A doutrina umbandista se baseia na crença em Deus, na existência da alma, na pluralidade de mundos habitados e na comunicação entre Espíritos e homens. Isso é possível a pessoas de diferentes religiões e mesmo sem religião definida.

No entanto, em o “Livro dos Espíritos”, os mensageiros de luz já ensinam que Jesus é o modelo de Espírito puro, o mais elevado que já encarnou na Terra. Seus ensinamentos morais, comentados em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, são o roteiro seguro para a perfeição da alma.

De acordo com as revelações espirituais Jesus está à frente de uma equipe de Espíritos elevadíssimos (os Sagrados Orixás Essenciais e Sustentadores) responsáveis pela criação de nosso planeta. Ele, como enviado do Cristo Planetário, é o Guia da parcela da humanidade universal que constitui a população espiritual (encarnada e desencarnada) da Terra.

Para sermos umbandistas, primeiramente é mister colocarmos em prática as orientações de Jesus ensinadas em Seu Evangelho Redentor para alcançarmos a vida em abundância que ele nos prometeu.

Diferentemente do catolicismo, do protestantismo, dos pentecostais e dos neo-pentecostais, não vemos Jesus como Deus, nem encontramos nas Escrituras qualquer afirmação dele que permita essa interpretação. Ao contrário, lemos: “*Aquele que me enviou (...), o Pai é maior que eu (...), nem o filho o sabe, mas somente o Pai (...)*” e muitas outras passagens em que ele deixa claro sua subordinação a Divino Criador.

Então, o umbandista segue fielmente os ensinamentos de Jesus, não por considerá-lo como Deus e que será salvo por essa forma particular de crença, mas por edificar sua casa sobre a rocha, ouvindo suas palavras e as cumprindo. Como ele disse ao fariseu: “*faze isto e viverás*”.

Consideramos a Umbanda, uma religião crística e brasileira. Não somos católicos e nem kardecistas, mas aceitamos alguns Santos católicos e seus exemplos de vida cristã, bem como alguns mentores kardecistas e seus ensinamentos e mensagens edificantes.

O Evangelho nos ensina: “*Examina tudo e retém o que é bom (Ts 5.21)*”. Qual é a melhor das religiões para que possamos segui-la? Aceite tudo o que é bom e rejeite tudo o que é mal; eis a melhor das religiões.

“A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião”. (Dalai Lama)

“A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhora o homem, não atinge a sua finalidade. Aquela em que ele pensa poder apoiar-se para fazer o mal é falsa ou foi falseada no seu início. Esse é o resultado a que chegam todas aquelas em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos símbolos exteriores é nula, quando não impede os assassinos, os adúlteros, as espoliações, as calúnias e a prática do mal ao próximo, seja qual for. Ela faz supersticiosos, hipócritas, fanáticos, mas não homens de bem”. (Jota Alves de Oliveira)

“A religião verdadeira é aquela que entenece os corações, fala às almas orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor”. (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7)

“Acima das diferenças doutrinárias, deve prevalecer o sentimento de fraternidade universal, independente de qualquer religião. Não há religião superior à outra, não há doutrina superior a outras doutrinas. A questão é de consciência, de estágio experiencial (...) O importante é que o homem se torne melhor na religião que abraçou. Se for cristão, que se apóie nas práticas de Jesus, e viva Seu Evangelho de luz (...). Estamos a favor da Causa Maior, operando em nome de Deus, ou estamos usando a religião como um trampolim da nossa vaidade e do nosso orgulho, a fim de projetarmo-nos aos olhos da sociedade?” (Gandharananda Shanti)

O umbandista é aquele, pois, que procura seguir os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, já que busca a vivência do seu Evangelho. A Umbanda estuda e propaga o Evangelho Redentor, tendo Jesus com pilar central, e o Cristo Planetário como Mestre Supremo.

Aceitamos Jesus incondicionalmente e procuramos, assim, nos integrarmos e interiorizarmos Seus ensinamentos em nossas mentes e em nossos corações, pois só assim conseguiremos nos elevar aos páramos da luz.

Jesus disse: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai, senão através de mim”* (João 14, 6). A Umbanda não aceita a salvação do homem através do batismo pela água, mas sim pelo batismo da prática da palavra que Jesus nos deixou, o farol mais seguro para seguirmos e assim alcançarmos a felicidade plena.

Aceitamos a Jesus incondicionalmente, não como o único filho de Deus, mas sim, como nosso irmão amado, Mestre em sabedoria, Pai por carinho, luz de nossas vidas, e Senhor pelo Seu amor. O Filho unigênito de Deus Pai é o Cristo que habita em Jesus.

Jesus para a Umbanda é o médium do Cristo Planetário, o grande luminar de toda a humanidade, pois veio nos trazer, por amor, a libertação através da palavra, dos ensinamentos e de Seus exemplos. Jesus é o governador do planeta Terra.

Aquele que está diuturnamente nos amparando, abençoando, irradiando amor, fé, perdão, bondade, caridade e paz. Jesus é o articulador da Umbanda para o plano terreno. A Umbanda existe atualmente, pela graça e a benção de Nosso Senhor Jesus Cristo.

De nada adianta ficarmos somente em magias, oferendas, simpatias, despachos, descargas, passes; carregarmos patuás, guias; efetuarmos banhos de ervas, defumações, charutos; colocarmos uma roupa branca e somente ficarmos nos Terreiros cantando e dançando. Somente o dia que olharmos de fato para Jesus; aceitá-lo incondicionalmente em nossos corações e interiorizarmos Seus ensinamentos, conseguiremos praticar uma religião de verdade, onde todos se beneficiarão e encontrarão a tão procurada paz. Com Jesus, aí sim, poderemos utilizar todo o arsenal da Umbanda com êxito.

Devemos descer Jesus dos altares, integrá-Lo em nossas vidas, apresentando-O a todos, assim como fazem nossos Guias e Protetores Espirituais. Vamos vivenciar Seus ensinamentos; vamos aplicá-los em nosso dia a dia, principalmente em nossa vida religiosa. E como fazer isso? Estudando, aceitando, vivenciando e propagando o Seu Santo Evangelho. *“De nada adianta andar com Jesus no peito; queremos ver quem tem peito de andar com Jesus”.*

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1.908 nos exortou: *“Os banhos de ervas, os amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza, **a par do ensinamento doutrinário contumaz, na base do Evangelho**, constituem os principais elementos de preparação do médium. E são severos os testes que levam a considerar o médium apto a cumprir a sua missão mediúnica”.*

A Umbanda baseia toda a sua doutrina nos ensinamentos crísticos, principalmente nos do Mestre Jesus, procurando incitar seus adeptos ao estudo e aplicações dos ensinamentos proferidos por Ele.

A Umbanda aceita em seus postulados tudo aquilo que já foi ensinado em questão de espiritualidade pelo mundo afora, desde que sejam conceitos firmados nas verdades eternas, com razão e bom senso, pois aceita como realidade, tudo aquilo que é feito por amor e para o bem. Mas, sua fé, seus postulados, suas leis, seus princípios básicos, sua finalidades são baseados nos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Às vezes, a Umbanda utiliza recursos da magia planetária como uma alavanca para levantar a quem ela procura, mas sua síntese de fé baseia-se, tão somente, na reforma íntima tão necessária à evolução humana. A Umbanda, religião sem mistérios, prega que o homem deve conhecer a verdade a fim de se libertar das amarras da matéria. A Umbanda aceita os ensinamentos de Jesus como o caminho para se chegar ao Pai. A Umbanda aceita Jesus como a Luz do mundo. A Umbanda aceita Jesus como o pão da vida. A Umbanda ama ao próximo. A Umbanda é perdão.

Temos a Umbanda como uma das seguidoras, sustentadoras e aplicadoras dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, o pilar mestre da nossa religiosidade; respeitamos, mas não aceitamos o cristianismo como é ensinado e praticado por muitos religiosos. Temos a nossa maneira de entender e praticar os ensinamentos de Jesus. A Umbanda realiza o Divino propósito de ensinar a existência de um Deus único, mas que se irradia através de Suas Emanações (Corporações Orixás), para todos e por todos. A Umbanda não dissocia Deus do homem, mas sim, Integra-o, tornando-nos Um com o Pai. A Umbanda prega a verdade da vida, conscientizando-nos de que todos são irmãos perante Deus, e que tudo o que fizermos, estaremos fazendo ao Pai. A verdade é Cristo atuando em nós.

Se ainda somos escravos das inferioridades, que são a causa das nossas desgraças, das dores, dos sofrimentos, das doenças, tratemos, hoje mesmo, de por em movimento o trabalho de nossa recuperação através de um treino diário de mentalizações e realizações para o bem; pela manhã, ao levantar, durante o dia, e à noite, ao deitar.

A realidade evangélica é chamada a fazer luz em nosso entendimento, para que a nossa razão seja despertada para o movimento da magia positiva em nossa consciência. Sem esse desejo veemente não alcançaremos aquela paz que nos falta e de que o Mestre Jesus nos falou.

Sigam as orientações crísticas dadas pelos Guias e Protetores Espirituais, transformando suas vidas, pois só assim conseguiremos reatar a amizade com a paz, a saúde, a união, a fraternidade, a fim de entendermos realmente o que seja a verdade da vida.

O CAMINHO

Na verdade o caminho que nos conduz ao Mestre é difícil de ser trilhado. Difícil e doloroso. Muitos acreditam que seja preciso uma viagem ao Tibet misterioso para o aprendizado necessário. Puro engano!

O caminho não está em determinadas regiões da Terra, fora do alcance comum e das possibilidades humanas. O peregrino encontrará o seu sendeiro na mesma cidade e lugar onde o destino o colocou.

As provas de experimentações impostas aos candidatos ao noviciado espiritual não se encontram também nos cerimoniais complicados e fossilizados de várias lojas e seitas religiosas, mas apenas na percepção dos pequenos lances da vida quotidiana nas renúncias diárias de coisas que aparentemente parecem úteis e imprescindíveis, mas que na realidade pouco significa.

O que importa ao caminhante é saber aproveitar as experiências e as esplêndidas lições do agora, porque é neste efêmero que está à plenitude da eternidade, e neste agora que está a vida, que também é eterno presente.

O caminho que nos conduz ao encontro do Cristo interno é uma via interior; profundamente interior. É uma espiral em ascensão para o infinito. É um caminho doloroso e difícil, já o dissemos. Está também cheio de renúncias.

Mas o peregrino tem, contudo, as suas compensações: enquanto os pés sangram na escalada dolorosa da montanha, feridos pelas pedras e pelas urzes das estradas, os olhos do caminhante vão contemplando novas e mais belas paisagens, novas e mais belas perspectivas de horizontes infinitos, novas e mais deslumbrantes iluminuras de poentes e de alvoradas.

É assim que caminhamos para mais perto do azul e das estrelas, para mais perto de Deus. A vista do Espírito através dos olhos da carne vai contemplando novas claridades, e só muito alto, no píncaro da montanha é que eles defrontam a vastidão imensurável, a vastidão maravilhosa das coisas infinitas. E o caminhante ao defrontar este panorama soberbo, amplo, permeado de luz, indefinido, sente-se extático e fica com a alma de joelhos na volúpia da contemplação. É a visão maravilhosa. A visão Suprema, a visão sem formas, o Pensamento incriado. É a luz transcendente. É Deus!

“Eu sou o Caminho da Verdade e da Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim”! (João 14, 6).

É Jesus que nos orienta. É preciso incorporar à nossa vida o Evangelho do Mestre. O Evangelho é essa chave perdida que alguns “magos” andam procurando pelo Tibet, pela Índia, pelo Egito, pela China, por Lemúria, pela Atlântida. E, afinal, não conseguem encontrar o caminho dos “passos perdidos”. É que a tal chave está conosco mesmo, em cada um de nós.

Está com todos aqueles que queiram seguir a Jesus e fazer a vontade do Pai. Não há fórmulas cabalísticas ou de magia que façam você ser feliz ou afortunado, se você não se colocar dentro da faixa vibratória do merecimento e fizer por onde. Você é que tem as chaves do reino e só você poderá fazer uso delas.

Então se ponha em condições, cada dia, de fazer penetrar essas chaves em seu próprio reinado, no mundo da sua consciência e o fim será maravilhoso. Prepararmo-nos para o futuro e para a eternidade, deve ser a nossa mais ardente preocupação. Mas nunca pelo aniquilamento do próximo, do nosso irmão, ou com processos escusos de matar animais.

O Evangelho, repetimos, está de braços abertos aguardando a nossa chegada. É o amigo sempre presente; faça amizade com ele e terá encontrado o caminho que você procura.

O Espiritualismo de Umbanda está aí para proporcionar Luz e Amor no entendimento e no coração dos filhos de Deus e não para promover demandas, nem atizar a fogueira do ódio, da vingança, das represálias. Não! “A melhor maneira de se extinguir o fogo é recusar-lhe combustível.

“A fraternidade operante será sempre o remédio eficaz, ante as perturbações dessa natureza. Por isso mesmo o Cristo aconselhava o amor aos adversários, o auxílio aos que nos perseguem e a oração pelos que nos caluniam, como atitudes indispensáveis à garantia da nossa paz e da nossa vitória”. – Citado por André Luiz em “Nos Domínios da Mediunidade”.

(Trecho do livro: “O Evangelho à Luz da Astrologia” – Dr. Aníbal Vaz de Melo)

O CRISTO INCONFUNDÍVEL

Mas Jesus assinala a sua passagem pela Terra com o selo constante da mais augusta caridade e do mais abnegado amor. Suas parábolas e advertências estão impregnadas do perfume das verdades eternas e gloriosas.

A manjedoura e o calvário são lições maravilhosas, cujas claridades iluminam os caminhos milenários da humanidade inteira, e, sobretudo, os seus exemplos e atos constituem um roteiro de todas as grandiosas finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre.

Com esses elementos, fez uma revolução espiritual que permanece no globo há dois milênios. Respeitando as leis do mundo, aludindo à efígie de César, ensinou as criaturas humanas a se elevarem para Deus, na dilatada compreensão das mais santas verdades da vida.

Remodelou todos os conceitos da vida social, exemplificando a mais pura fraternidade. Cumprindo a Lei Antiga, encheu-lhe o organismo de tolerância, de piedade e de amor, com as suas lições na praça pública, em frente das criaturas desregradas e infelizes, e somente Ele ensinou o “Amai-vos uns aos outros”, vivendo a situação de quem sabia cumpri-lo.

Os Espíritos incapacitados de o compreender podem alegar que as suas fórmulas verbais eram antigas e conhecidas; mas ninguém poderá contestar que a sua exemplificação foi única, até agora, na face da Terra.

A maioria dos missionários religiosos da antiguidade se compunha de príncipes, de sábios ou de grandes iniciados, que saíam da intimidade confortável dos palácios e dos templos; mas o Senhor da sementeira e da seara era a personificação de toda a sabedoria, de todo o amor, e o seu único palácio era a tenda humilde de um carpinteiro, onde fazia questão de ensinar à posteridade que a verdadeira aristocracia deve ser a do trabalho, lançando a fórmula sagrada, definida pelo pensamento moderno, como o coletivismo das mãos, aliado ao individualismo dos corações – síntese social para a qual caminham as coletividades dos tempos que passam – e que, desprezando todas as convenções e honrarias terrestres, preferiu não possuir pedra onde repousasse o pensamento dolorido, a fim de que aprendessem os seus irmãos a lição inesquecível do “Caminho, da Verdade e da Vida”.

(Chico Xavier – Emmanuel)

Uma das mais respeitadas médiuns kardecistas, referiu-se assim sobre a Umbanda:

O MARTÍRIO DOS SUICIDAS



Yvonne do Amaral Pereira

“(...) Então foi uma espécie de recordação? Sim. Creio que aquela cinta que puseram na minha cabeça era para regressão de memória. Meu Espírito foi salvo pelo Charles, mas ele não podia ir lá me retirar daquele antro. Ele serviu-se da Linha da Umbanda. É por isso que eu respeito a Umbanda. Eu vi. Puseram uma corda por onde desciam os Espíritos de Umbanda. Quando escrevi o romance, eles me puseram a tal cinta que creio, foi para provocar a regressão de memória. Aquilo doía muito. Então, havia uma cratera da qual fui retirada pelos Espíritos de Umbanda através de uma corda. Eu respeito a Umbanda por causa disso. Há muita coisa que não está certa na Umbanda, não resta a menor dúvida; há muitas mistificações (...). Mas os Espíritos adiantados se servem desses Espíritos para fazer o bem. Quantas vezes eu fui com o Dr. Bezerra fazer esses trabalhos, na Terra mesmo, ou no astral inferior (...)”.

PARÁBOLAS DE JESUS – Parte 38

O Cristo planetário por intermédio do seu médium Jesus, induz em seguir seus ensinamentos, por ser a única maneira do ser humano libertar-se dos ciclos reencarnatórios.

Em vez dos seres humanos estagnarem no artificialismo da vida material transitória, enquanto destroem a civilização pelas forças enfermigas do ódio, eles poderiam, criar a ventura humana através das energias sublimes do Amor. O Amor, que salva e redime o ser humano, é a saúde espiritual dos que reinam e se confortam com as vicissitudes e as dores do corpo físico, sem desejo de vingança, o ódio, que destrói e intoxica, é a enfermidade do espírito sob a imantação do reino animal.

Por isso o Evangelho do Pai, transmitido pelo Cristo Planetário e pelo médium Jesus, é especificamente um tratado da saúde do Espírito, porque modificando o campo moral do ser humano muda também a frequência vibratória do Espírito, e o ajusta cientificamente à pulsação harmônica e eterna do próprio Cosmo.

O Evangelho, além de código moral, é também, um tratado profundamente científico das leis cósmicas, que operam na intimidade de cada ser humano, conforme a sua frequência vibratória e graduação espiritual.

Jesus é a entidade que se descobriu a si mesmo, livre do tempo e do espaço, vencedor dos desejos e paixões, do tédio e das insatisfações.

Jesus então conforta o ser humano e semeia esperança na humanidade, ao informar sobre a vida futura, numa vivência de completo domínio espiritual.

O Espírito feliz se autogoverna sem qualquer preocupação da humanidade Sideral, porque a sua contextura íntima já se ajusta a frequência da realidade, acima de qualquer ato ilusório, egoísta ou evidência espiritual.

(Texto de: Vanderlei Bacic de Araujo)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER E A RELIGIÃO DE UMBANDA



Omolubá com Francisco Cândido Xavier em 15 de abril de 1975 na cidade de Uberaba (MG) por ocasião do Dia Nacional do Livro quando entrevistou o médium para a revista "Seleção de Umbanda".

Seleções de Umbanda: A seu ver como sente a Umbanda atual?

- **Chico Xavier:** *Eu sempre compreendi a Umbanda como uma comunidade de corações profundamente veiculados a caridade com a benção de Jesus Cristo e nesta base eu sempre devotei ao movimento umbandista no Brasil o máximo de respeito e a maior admiração.*

Seleções de Umbanda: Chico, cada religião, traz ou deve trazer algo de verdadeiro que possa contribuir a salvação de seus proficientes (o hinduísmo trouxe o dharma para os hindus, o hermetismo a ciência e o poder das forças ocultas, o orfismo é a religião da beleza para os gregos, o cristianismo o amor e assim por diante) o que traz de positivo a Umbanda?

- **Chico Xavier:** *A meu ver o movimento de Umbanda no Brasil está igualmente ligado ao Espírito de amor do cristianismo. Sem conhecimento de alicerces umbandísticos para formar uma opinião específica eu prefiro acreditar que todos os umbandistas são também grandes cristãos construindo a grandeza da solidariedade cristã no Brasil para a felicidade do mundo.*

Seleções de Umbanda: O que você acha do mediunismo na Umbanda através de "Caboclos" e "Pretos-Velhos"?

- **Chico Xavier:** *Acredito que o mediunismo no movimento de Umbanda é tão respeitável quanto a mediunidade das instituições kardecistas com uma única diferença que eu faria se tivesse um estudo mais completo de Umbanda; é que seria extremamente importante se a mediunidade recebesse a doutrinação do espírita do evangelho com as explicações de Allan Kardec fosse onde até mesmo noutras faixas religiosas que não fosse a Umbanda. Porque a mediunidade esclarecida pela responsabilidade decorrente dos princípios cristãos é sempre um caminho de interpretação com Jesus de qualquer fenômeno mediúnico.*

Cinco horas da manhã do dia 19 de abril de 1976, despedimo-nos de Chico que atendera perto de 2.000 pessoas totalizando assim 18 horas de trabalhos ininterruptos na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba.

"Apareçam amanhã para conversarmos mais. Quero saber das novidades da Guanabara". Foram as últimas palavras, sempre amáveis que ouvimos do médium espírita Francisco Cândido Xavier.

Parte da entrevista concedida à jornalista Alcione Reis, editora da Revista Seleções de Umbanda com a presença do Babalorixá Omolubá, recebido com muito carinho pelo médium espírita. Presentes na ocasião, entre outros, o Professor Paulo Garrido, presidente da Fraternidade Espírita Bezerra de Menezes.

PRETOS-VELHOS

A conversa corria animada, com aquele toque de alegria cristã, pura e singela de que se impregnam os ambientes onde Chico (nota do autor: Chico Xavier) se faz presente.

Alguém comentara sobre a presença de vultos destacados da sociedade em núcleos de Umbanda, via de regra respeitosos e genuflexos.

Componentes das mais altas camadas sociais, especialmente do Rio de Janeiro, civis ou militares, acorriam a esses locais de fraternidade e amor, ávidos por uma palavra amiga, um conselho, uma orientação.

Chico tomou a palavra:

– Geralmente essas pessoas de elevada posição social procuram humildemente os Pretos-Velhos, como se estivessem pedindo perdão pelo mal que lhes fizeram no passado, na posição de grandes latifundiários, de senhores feudais. No íntimo da consciência, pesa-lhes o haver sido, em sua grande maioria, impiedosos com os irmãos procedentes da África distante. Explica-se aí a posição de humildade com que se apresentam ante o Preto-Velho, que lhes dirige a palavra sempre consoladora e repleta de sabedoria. São os verdugos de ontem na bênção do arrependimento de hoje. Descansam a consciência pesada diante do carinho dos generosos Pretos-Velhos.

(Trecho extraído do livro: “Chico Xavier – Mandato de Amor” – União Espírita Mineira - 1997)

A UMBANDA E O EVANGELHO



Os Pretos-Velhos são “os representantes de Jesus Cristo e da Mãe Maria Santíssima” dentro da Umbanda. Seus mensageiros, como podemos notar em suas orientações, seus atos, suas posturas e nos pontos cantados que são como pequenas orações onde sempre encontramos as palavras “Jesus”, Cruz, Cruzeiro, Maria, Rosário, nomes de Santos e de Anjos (Pedro, Miguel, João, Benedito, etc.), e tantas outras palavras que revelam ou denunciam esse vínculo, essa ligação, entre os Pretos-Velhos e a representação da fé em Jesus e do Evangelho redentor dentro da Umbanda.

Os Pretos-Velhos são o Evangelho de Jesus praticado em palavras e atos.

Os ensinamentos de Jesus, assim como a Umbanda, são simples e destituídos de fórmulas e símbolos complicados. Ademais, Jesus não exigia dos homens que se tornassem santos ou heróis, sob a influência de seus ensinamentos.

Ele ensinava a realidade dos Céus no meio da vida comum, nas ruas, vielas, campos, lares, sob as árvores, ou a beira de praias. Jesus teve sua convivência por escolha entre o povo aflito e sofredor, sedentos por amor e um pouco de carinho em vez de estar entre eruditos, políticos, ou entre as complicações religiosas do mundo. Seus ensinamentos eram simples, compreendidos por todos, e eram gravados com letras de fogo no coração de cada um. Ensinamentos compreendidos e aceitos pela simplicidade das verdades inesquecíveis como:

“Ama a teu próximo como a ti mesmo”. “Faze aos outros o que queres que te façam”. “Quem se humilha será exaltado”. “Cada um colhe conforme suas obras”

Jamais, outra regra de reforma íntima tão singela e espiritual poderia permear a Umbanda, cuja doutrina é tão simples, desprovida de pompas, lógica e libertadora.

Nenhum outro Mestre que viveu entre nós conseguiu em poucas palavras e em tão pouco tempo expor um código de moral tão elevado (Evangelho) aos humanos. Poderíamos também classificar o Evangelho como: “Códigos e normas para se ter uma vida plena e feliz”.

A Umbanda não pretende isolar-se na interpretação pessoal do Evangelho tão bem exposto e explicado através de Allan Kardec, aliás, não devemos nos esquecer que as explicações contidas no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, foram dadas por Espíritos iluminados; portanto ser umbandista é ser crístico, e ser crístico é seguir os ensinamentos dos Espíritos elevados, sejam eles quais forem e de onde forem.

Adotar alguma literatura kardecista condizente não quer dizer praticar a Religião Kardecista, mas sim, nos educarmos nas mensagens edificadoras e filosóficas de alguns irmãos espirituais que ali militam. Adotando, também, o “Evangelho Segundo o Espiritismo” em nossos Templos, estaremos contribuindo para a libertação das pessoas, e contribuindo para a única maneira de nos espiritualizarmos, que é a “educação e o reforma íntima”.

Nós Umbandistas, devemos ter como objetivo a redenção dos Espíritos através de uma conscientização contínua das verdades eternas contidas no Evangelho de Jesus, sem aguardar o milagre da santidade instantânea. O Umbandista deve interessar-se profundamente pelo seu aperfeiçoamento e não eleger e confiar somente nos ensinamentos dos mestres e doutrinadores. Não basta querer ter sua vida resolvida, crer numa vida espiritual eterna se ainda não se converteu às verdades e aos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, reformando-se interiormente.

Evangelizar não se trata apenas de um conjunto de preceitos pregados a outras pessoas, mas sim interiorizados e vividos no íntimo de nossa alma, assim como fez Jesus, pois ele não só pregava, como também praticava todos os Seus ensinamentos.

Jesus não estabeleceu nenhum culto, nem pregou nenhum tipo de poder a multidão; não criou castas e nem outorgas sacerdotais; não criou magos e nem mestres; não pregou aprisionamentos de Espíritos; não ordenou que Espíritos fossem enviados para “o embaixo”; não ensinou a retornar nenhum mal que nos fizessem, não nos ensinou a revidar ofensas, e muito menos, não nos deu fórmulas mágicas ou mesmo magias para que pudéssemos nos beneficiar egoisticamente, promovendo facilidades materiais ou espirituais. Ele nos pregou o amor, o perdão, a redenção pela fé, e foi muito objetivo quando nos disse: *“Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; - porquanto, aquele que se quiser salvar a si mesmo, perder-se-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará. – Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo? (Marcos, cap. VIII, vv. 34 a 36; - Lucas, cap. IX, vv. 23 a 25; - Mateus, cap. X, vv. 38 e 39; - João, cap. XII, vv. 25 e 26.) “Vinde a mim, todos os que andam em sofrimento e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. (Mateus, XI: 28-30).*

Os Espíritos da Luz nos orientam: *“Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de seres queridos, encontram sua consolação na fé no futuro, e na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, pelo contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições pesam com todo o seu peso, e nenhuma esperança vem abrandar sua amargura. Eis o que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim, vós todos que estais fatigados, e eu vos aliviarei”. Jesus, entretanto, impõe uma condição para a sua assistência e para a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição é a da própria lei que ele ensina: seu jugo é a observação dessa lei. Mas esse jugo é leve e essa lei é suave, pois que impõe como dever o amor e a caridade”.* (O Evangelho Segundo o Espiritismo)

Com estas palavras, Jesus foi claro a nos dizer que Ele não nos tiraria a “cruz” de problemas adquiridos pelas nossas falsas crenças e ignorância em mal viver, mas sim, que se O seguissemos (seguir Seus ensinamentos), o nosso jugo será leve, e seremos salvos das nossas próprias imperfeições.

Jesus deu um toque sutil em todas as situações humanas e espirituais, operando o verdadeiro milagre da nossa reforma íntima, transformando angústias, fracassos e desesperos em bênçãos para o caminho do Céu.

Ao invés de menosprezar a vida nos ensinou que ela é um instrumento necessário para o aperfeiçoamento da alma. Transformou dores em bênçãos, choros, sofrimentos e aflições em bem-aventuranças eternas. Nenhum suspiro, dor, ou lágrima serão perdidos ante o Divino Criador.

Existe uma simbiose; uma sintonia moral entre a Umbanda e o Evangelho. Ambos requerem a redenção humana. Ambos valorizam a vida humana, nos ensinando que devemos viver tudo o que Deus nos proporcionou com disciplina, e não ver a vida simplesmente como condição expiatória ou apenas sofredora.

A Umbanda, portanto, também será um caminho a ser trilhado pela humanidade, e o Evangelho é a luz que ilumina o caminho, facilitando a nossa vida. A Umbanda, pelo Evangelho nos ensina: *“Deus te ama como você é. Deus não se importa com o que você é, mas se importa com o que você faz”*.

Deus só tem uma missão para todos nós: Que nos tornemos pessoas do bem, praticando a compaixão em qualquer setor da vida que escolhermos pelo nosso livre arbítrio.

Nós, Umbandistas, não devemos aguardar a aproximação do Evangelho, mas sim buscá-lo e vivenciá-lo em toda sua plenitude, como norma a ser seguida, a fim de nos desvencilharmos das ilusões e sofrimentos humanos, encontrando um caminho curto e seguro que nos levara a Deus.

O Evangelho é fonte criadora de homens incomuns em caráter amor e igualdade. Não é egoísta, mas sim altruísta; não se exalta, mas cria humildes. Deixa o ser humano terno e não cruel. Pacífico e não armado.

O Evangelho será a pátria dos homens santos. Os gigantes de espiritualidade, vencedores de suas mazelas e paixões.

Todos os problemas do mundo também serão solucionados pela leitura, estudo e prática do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o porto mais seguro da espiritualidade superior.

Nós Umbandistas, devemos usar dos recursos materiais que Deus nos proporcionou, que chamamos de “arsenal” de Umbanda, com disciplina, bom senso e parcimônia, sempre que necessário ajudar a qualquer irmão, mas desde que esse, naquele momento, não se encontra em condições de ser doutrinado ou transformado. Após o equilíbrio do mesmo devemos proceder a sua evangelização, para que o nosso irmão continue seu caminhar no plano terreno com equilíbrio e não venha cair nas malhas das viciações internas e nem dos nossos irmãos menos esclarecidos.

Então meus irmãos, mãos a obra, na edificação evangélica do nosso Espírito imortal, pois só assim estaremos contribuindo para o nosso aprimoramento e elevação espiritual.

Não nos esqueçamos do iniciador da Umbanda, em 1.908, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando nos exortou: *“Que o desenvolvimento do médium fosse com base na Evangelização contumaz”. “Dos Espíritos aprenderemos; os que nada sabem ensinaremos e a ninguém reacusaremos auxílio, pois essa é a vontade do Pai”. “E que o Cristo é o nosso Mestre Supremo”*.

Nós umbandistas também acreditamos que há outras obras tão importantes para a nossa evolução espiritual e carnal; conhecer as histórias, mitos e lendas das religiões do mundo afora, do hinduísmo, budismo, islamismo, lendas gregas, etc. e os abençoados livros psicografados por Chico Xavier, João Nunes Maia, Hercílio Maes, etc., pois a Umbanda é crística, e não devemos nos fechar em nossos parcos conhecimentos. Relembrando: *“Aceite tudo o que é bom e rejeite tudo o que é mal”*.

A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NA UMBANDA

A palavra Evangelho é a tradução portuguesa da palavra grega “Euangelion (ευαγγέλιον)” que foi notavelmente enriquecida de significados. Para os gregos mais antigos ela indicava a “gorjeta” que era dada a quem trazia uma boa notícia. Mais tarde passou a significar uma “boa-nova”, segundo a exata etimologia do termo.

Na tradução do vocábulo hebraico “Besorah”, significa uma notícia de grande alegria. Evangelizar, que corresponde ao verbo “bissar”, tem na tradução portuguesa a correspondência “alvissara” (*Auspicioso, promissor*), derivado do árabe. A palavra “Evangelho” aparece cerca de 68 vezes no Novo Testamento.

“Se algo existe pelo qual possa o homem viver e trabalhar lutar e sofrer satisfeito e feliz, então é o Evangelho da redenção e do amor, que o divino Mestre espargiu pelas terras da Palestina e mandou levar até os confins do Universo, sob a vigilância da competente autoridade”. (Huberto Rohden)

Foi depois da “ressurreição”, quando Jesus apareceu aos apóstolos e aos discípulos e lhes falou pela última vez: *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”* (Mc 16, 15). É uma lição e uma ordem que deveria ser repetida milhões de vezes para que pudéssemos realmente entender e praticar. Merece uma análise a última instrução do Mestre. Uma análise ampla, de maneira que se estabeleçam paralelos com a ação das religiões e, principalmente, daquela que se julga mandatária (...).

O Mestre, ditando as Leis para a felicidade do seu povo, do seu rebanho, o fez em nome do Pai, do Criador, de Deus. Vemos que ele não orientou o seu Colegiado a organizar-se em comunidades onde se prestasse culto à idolatria, rituais disparatados, profusão de magias e oferendas, a vestimentas especiais, ou de púrpura e que houvesse um sistema de celibato que serviu para degradar o homem e levá-lo ao pecado; não orientou confissões, nem batismos com água.

Não ordenou sacerdotes especiais, nem orientou profissionais para pregar o seu Evangelho. Olhando os séculos percorridos, deparamos decepcionados, com o desvirtuamento do: *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”*.

Mas o Evangelho é a semente da nossa redenção. Por isso, se até ontem não nos detivemos para cuidar dessa semente, façamo-lo a partir de hoje; nunca é tarde! Jesus nos espera de braços abertos!

Nas considerações que nos ocorrem, encontramos o Mestre a dirigir-se ao povo, expressando-se de maneira clara, quando afirma em Mateus 24:14 e Marcos 13:10: *“E será pregado este Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações”*.

Jesus diz *“este Evangelho”* e que não se refere, nunca se referiu, a que fossem pregar, O Velho Testamento! (...). Por quê? Somente os interesses judaicos, católicos e os protestantes poderão responder. Mas que é uma desobediência, não tenha a menor dúvida. Por certo, haverá quem seja castigado por tal desobediência. Fariseus, hipócritas, saduceus e fanáticos fundaram as “Sociedades Bíblicas” para ofuscar o Evangelho de Jesus e complicar a vida da humanidade toda. O Velho Testamento existia, serviu para uma época. Vem o dono da Terra e anuncia o Novo Testamento, para substituir o Velho.

É que o Velho já havia cumprido sua missão, sua finalidade. Mas, os falsários do tempo de Jesus, reencarnando por vários países, resolveram guerrear a Obra do Mestre e retardar o progresso do rebanho, que se debate entre a treva e a luz. Porém, mais treva do que luz; por isso vão caindo no fosso.

Paulo, apóstolo, prega o Evangelho e deixa patente sua obrigação na primeira carta aos Coríntios, 19:16: *“Se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o Evangelho”*.

Seria cansativo se fossemos apontar as passagens do Evangelho em que Jesus, Mestre e Senhor, afirma e reafirma a Sua Doutrina, sem Moisés e sem o Velho Testamento. E nós repetimos sempre com o mesmo entusiasmo e com o mesmo vigor: *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”*.

Novo Testamento

O Novo Testamento veio substituir o velho. O Velho Testamento e o Novo Testamento formam a Bíblia. No Evangelho segundo João, capítulo 1º, versículo 17, temos referências quanto à Lei do Velho Testamento, com Moisés e ao Novo, com Jesus: - *“Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”*. No Evangelho segundo Lucas, cap. 16, vers. 16, Jesus define ambos os Testamentos e qual devem vigorar, afirmando: - *“A lei e os profetas vigoraram até João; desde tempo vem o Evangelho do Reino de Deus sendo anunciado e todo homem se esforça por entrar nele”*.

O Velho Testamento, pois, está condenado; poderá nos servir, apenas, como livro histórico, para consulta, somente e que deveria figurar, exclusivamente, nas bibliotecas públicas, ou nos museus. O Novo Testamento, tal como palavra o esclarece: Novo! Que veio substituir o Velho! O Ano Velho sai, entra o Novo! O velho é arquivado. É posto de lado para consulta, nada mais. O Novo é que é o portador das Boas Novas! No Evangelho segundo Lucas, cap. 24, vers. 14, temos outra afirmativa do Mestre: *“E será pregado este Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações”*.

O Novo Testamento é o livro doutrinário, básico, a ele se juntam os livros da Terceira Revelação, mas nunca o Velho Testamento!

O grande livro doutrinário, pois, se compõe de: O Evangelho apresentado pelos quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João, cada qual apresentando a narrativa pessoal do que viram e ouviram e que nos dão um sentido geral da Doutrina de Jesus e sua vivência entre nós, têm, no Sermão do Monte, caps 5, 6 e 7 de Mateus toda a Alma doutrinária do livro do Mestre.

Vem depois a Vida e Atos dos apóstolos, a seguir as epístolas (cartas) doutrinárias, de instruções enviadas a vários povos e por fim o Apocalipse, o livro profético e simbólico de João Evangelista.

(Jota Alves de Oliveira com complementações do autor)

NO EVANGELHO ENCONTRAMOS OS POSTULADOS, AS PRÁTICAS E A SÍNTESE DE FÉ UMBANDISTA

Disse Jesus: *“Por aquele tempo tomou Jesus a palavra e disse: Louvo-te, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelas aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece o filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o filho, e aquele a quem o filho quiser revelá-lo. Vinde a mim todos os que estais fatigados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo leve”*. (Mat. 11:25-30). Com isso Jesus nos exorta que Ele é o farol da Umbanda, onde nós nos nortearmos em busca da espiritualidade maior. A Umbanda alicerçada em Nosso Senhor Jesus Cristo é a que nos toca, sem cerimônias barulhentas; é aquela onde se fazem preces elevadas; onde se estabelece o silêncio edificador e se pede a concentração. Onde se estabelecem horários; onde a disciplina impera desde o dirigente até aos auxiliares menos graduados.

A Umbanda de Jesus é aquela que tem finalidades elevadas e educativas, retificadoras e regenerativas, onde se recomenda a reforma íntima e a lei do amor ao próximo. Onde se aconselha o perdão e não se atíça o consulente à luta, ao acirramento.

Onde já foi substituído o olho por olho. Onde o adepto ou simpatizante, além do passe, dos descarregos e dos aconselhamentos, tenha em vistas a sua reforma íntima, a sua melhoria, tanto material quanto espiritual, em sentido do seu aperfeiçoamento. *(Jota Alves de Oliveira)*

- **Jesus dizia aos judeus que criam nele: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos. E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”**. (João. 8:31-32)

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus”. A verdade nos chega por etapas, isto é: em porções que nós possamos compreender e assimilar sem temor. Todos sabemos que a verdade é o oposto à mentira. Mas sabemos, também, que há muitas meias-verdades e muitas meias-mentiras engendradas pelo homem, composto de bem e de mal: meio honesto e meio desonesto. O homem é, também, um ser ardiloso, feito camaleão: quando está no sol ele é azulado, quando na sombra, é verde. Assim procedem ainda, em maioria, os homens no mundo. Mas, se queremos nos libertar das amarras de tudo que é inferior e que nos inferniza, tomemos a decisão de procurar a verdade e viver com ela, sem mais tintas.

O Mestre nos deixou lições de filosofia, de ciência e de moral para vivermos em equilíbrio, para sermos felizes dentro do relativo entendimento de cada um e das luzes que vamos acendendo em nosso interior, não só através do estudo, que nos enriquece a razão, como o de agirmos dentro da bondade e da caridade. É indispensável conhecer a verdade, procurando-a num trabalho intenso e constante, para colhermos todo o bem e todas as virtudes que estão latentes em nós e tem de ser desenvolvidas e postas em ação para alcançarmos à perfeição. A realidade evangélica é chamada a fazer luz em nosso entendimento, para que a nossa razão seja despertada para o movimento da magia positiva em nossa consciência. Sem esse desejo veemente não alcançaremos aquela paz que nos falta e de que o Mestre nos falou.

Seguí as orientações dadas pelos Guias e Protetores Espirituais, transformando suas vidas, pois só assim conseguiremos reatarmos a amizade com a paz, a saúde, a união, a fraternidade, a fim de entendermos realmente o que seja a verdade da vida.

- **“Por todos os lugares, pregai e proclamai que o Reino dos Céus se aproxima.”**. (Mt – 10:7)

Na Umbanda, procuramos sempre conscientizar os nossos irmãos da importância da fé na espiritualidade, bem como em nossas vidas terrenas. Jesus quis nos dizer que devemos nos investir da espiritualidade superior, com fé no coração e por onde estivermos pregar e proclamar, mas sempre respeitando a individualidade, a diversidade e a crença de cada um, não impondo, mas esclarecendo, que o Reino dos Céus se aproxima.

Este reino se aproxima pela bondade, compaixão, caridade, benevolência, paciência, humildade, fé, amor e perdão que cada um deverá ter plantado em seu íntimo, a fim de receber o reino de luz em seu Espírito. Não devemos tentar “converter” ninguém, mas sim, esclarecer, através de nossos exemplos, da importância de somente fazermos o bem. A Umbanda deve ser anunciada a todos através dos nossos exemplos, por tudo o que aprendemos dentro de um Terreiro Umbandista, e vivenciamos na vida. Afinal, a Umbanda tem como lei a caridade e como meta, a nossa fé e a nossa luta para salvarmos a todo irmão, mas com uma particularidade: sem vaidade, sem fins pecuniários, respeitando, ouvindo, ensinando e aprendendo, pois Oxalá (Jesus) nos aponta o caminho que devemos seguir.

- **“Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os Espíritos maus..”.** (Mt 10:8)

Vejam bem, que a Umbanda obedece fielmente o determinado por Jesus:

“(…) Curai os enfermos” (…) – Realizamos em nossos Terreiros a edificante mensagem do Evangelho, calcada nas preciosas orientações dos Espíritos de luz, a fim de “curarmos” as enfermidades do Espírito e do corpo de cada um, pois será somente através da reforma íntima que conseguiremos alcançar nossa cura interior e assim termos paz. A Umbanda realiza este trabalho de conscientização, onde todos têm a oportunidade bendita do aprendizado, e assim, crescer perante Deus e a humanidade. Quantos não vêm procurar a Umbanda, a fim de terem suas doenças físicas curadas ou minoradas. Deus, em sua infinita misericórdia nos deu a condição abençoada de através da mediunidade redentora, podermos orientar e minimizar as doenças corporais daqueles que nos procuram. Jamais devemos nos escoimar do atendimento fraterno, àqueles que vêm em busca do alívio para as doenças de seu corpo. Não somos médicos, e nem queremos passar por cima da medicina convencional, mas, temos condições de minorar o sofrimento dos nossos irmãos, através das orientações calcadas no Evangelho, passes, banhos, descarregos, defumações e tudo o que a Natureza dispõe, a fim de auxiliarmos a quem nos procura, com parcimônia.

“(…) Ressuscitai os mortos” (…) – Aqui, claramente, Jesus se refere à comunicação com os mortos (que deixou de viver), ou seja, a prática da mediunidade. Com isso, claramente definido no Evangelho, Jesus nos exorta da importância do trabalho mediúnico. Jesus não se refere à ressuscitação de um falecido, de alguém morto na carne, pois tal fato feriria a Lei Divina, e Jesus disse: *“Não cuideis que vim destruir a lei e os profetas, não vim ab-rogar, mas cumprir”.* (Mat. 5:17). Se fosse ressuscitar um corpo morto, Jesus diria: *“Ressuscitai os cadáveres”* (corpo morto). A prática da mediunidade consciente é uma dádiva divina, que deve ser cultivada e praticada, pois nela estaremos cumprindo com amor, os designativos de Deus, sendo fieis servidores da espiritualidade maior, através dos Espíritos Santos de Deus, nossos Guias e Protetores Espirituais.

“(…) Curai os leprosos” (…) – Aqueles que se encontram desiludidos, sem tempero pra nada, desvitalizados, sem o doce da vida, ou seja, praticamente “mortos” para o mundo e para o Espírito. São esses que infelizmente, pela perda do amor próprio, criam verdadeiras “feridas” no corpo espiritual, e, muitas vezes, essas “feridas” se materializam no corpo físico. São as feridas ocasionadas pelas doenças morais. É a esses que Jesus exortou, para que curássemos os leprosos. São aqueles que já se encontram com as “feridas” das desilusões, depressão, pânico, drogas, alcoolismo, etc., instaladas em seus corpos físicos e seus Espíritos. A Umbanda nos ensina que a vida é um dom precioso que Deus nos deu e que devemos vivê-la com intensidade, mas, tendo disciplina. Somente aprendendo a viver a vida, sem temores, sem hipocrisia, sem falsos pudores, falsos limites, nos reformando diariamente, conseguiremos ter a alegria de viver plenamente, renascendo, encontrando a luz que ilumina nossos caminhos e tendo a certeza que estamos amparados por uma força maior. A Umbanda nesta hora nos ensina a termos fé incondicional em Deus, mas também nos ensina a termos fé na vida e na possibilidade infinita que temos de sempre vencer, pois não está escrito em lugar nenhum, que estamos aqui, encarnados, para tão somente sofrer; *“A dor é inquestionável, mas o sofrimento é opção”.* Então, conscientizando a cada um, que a vida é bela, que o mundo não é um vale de lágrimas, e que Deus está presente em tudo, somente querendo a nossa felicidade, estaremos “curando os leprosos”, fazendo-os reviverem para a vida e para Deus.

“(…) Expulsai os Espíritos maus” (…) – É a caridade efetuada com os obsessores, kiumbas e sofredores, e perfazem um dos trabalhos mais importantes e bonitos na Umbanda. Eis aqui, um verdadeiro trabalho de caridade. Através do Descarrego (desobsessão), atingimos com eficiência, tanto aos desencarnados quanto aos encarnados desequilibrados, orientando, auxiliando e encaminhando todos, para a realidade da vida e do Espírito.

- **“De graça recebestes, de graça dareis..”.** (Mt 10:8)

Nos mais confins rincões do planeta, encontramos irmãos abnegados que muitas vezes sacrificam parte de suas vidas, para socorrer os irmãos necessitados. Praticam o bem pela caridade, sem nada pedirem ao seu próximo.

Muitas vezes não medem sacrifícios, e doam aquilo que mais falta lhes faz na presente vida – a saúde. Estes são os verdadeiros servos humildes de Deus. Fazem o que o Mestre Jesus ensinou: *“Imposição as mãos sobre os enfermos e os curarão”*.

Os médiuns também devem transformar-se em educadores, a fim de que os assistidos possam ter orientações seguras sobre como ter uma reforma íntima, tanto mental como física, pois senão a cura será momentânea, de efeito superficial, pois não estaremos curando o princípio da doença que é a mente. O bom médium não poderá apenas dar os seus bons fluidos, mas também orientar o assistido e a si mesmo pelo estudo, evangelização, meditação e a prática da caridade.

Pelos caminhos da vida, vamos encontrar proliferando mercenários sem escrúpulos, que não pensam duas vezes antes de minar as minguadas carteiras, daqueles que se encontram necessitados da benção de uma cura, de uma orientação. Jesus por várias vezes nos advertiu contra eles:

“Casas caiadas de branco”

“Lobos em pele de ovelhas”

“Ladrões e salteadores que entram pela janela, explorando a simplicidade dos necessitados”.

Em nome da espiritualidade, vamos encontrar aos montes aqueles exploradores em benefício próprio.

O pior, é que estão mercantilizando um dom que nos veio de graça. Grandes carmas e grandes penas estão adquirindo. Todo médium que emprega o seu dom na prática remunerada, que não seja simplesmente à vontade de servir a um propósito maior, está incurso no Evangelho: *“A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. E quem colhe, é Deus Pai Todo Poderoso”*. E todos receberão segundo suas obras.

Mais uma vez, lembre-se do que o Mestre Jesus disse: *“Orai e vigiai, para não cairdes em tentação”*.

Médiuns! Lembre-se de Judas Iscariotes, quando lhe foi dito: *“Que te não seja pesada a tua bolsa”*.

- **“Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita”** (Mt 6:1-4)

“Tomai cuidado de não fazer as vossas boas obras diante dos homens para serem vistas por eles, de outro modo não receberéis a recompensa de vosso Pai que está nos Céus. Então, quando derdes esmolas, não façais sob a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens. Eu vos digo em verdade, que receberam sua recompensa. Mas quando derdes esmola, que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita; a fim de que a esmola esteja em segredo; e vosso Pai que vê o que se passa em segredo, dela vos entregará a recompensa”.

“Jesus tendo descido da montanha, uma grande multidão de povo o seguiu; e ao mesmo tempo um leproso veio a ele e o adorou dizendo-lhe: Senhor, se quiserdes, podereis me curar. Jesus estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu o quero curado; e no mesmo instante a lepra foi curada. Então Jesus lhe disse: Guardai-vos de falar disto a alguém; mas ide vos mostrar aos sacerdotes e ofereci o dom prescrito por Moisés, a fim de que isso sirva de testemunho”.

(Mt 7:1-4)

Com isso, Jesus nos alertou sobre o infortúnio da prática da ostentação. Se houver ostentação, não existirá mérito. Se ocultarmos o que uma mão faz, estaremos nos investindo de uma superioridade moral. Devemos renunciar dos prazeres da ostentação na prática da caridade. Temos que observar que devemos somente fazer o bem por que é bom ser bom, mas, sem alardes, e sem nos preocuparmos da aprovação social e Divina. Aqueles que somente querem a aprovação dos homens, tendo a necessidade de alarde quando for praticar algum ato benevolente, está provando que somente tem fé nos homens, em detrimento da fé Divina.

Existem aqueles que somente prestam algum serviço caridoso, na esperança de terem seus nomes afamados. Com certeza, na presença de muitos farão de um tudo para auxiliar, mas na obscuridade nada farão em favor do próximo.

Bem disse Jesus: *“Aqueles que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa”*. Muitos, quando desencarnarem, clamarão: *“E o que eu fiz?”*. Ser-lhes-á dito: *“Já colocaram um valor sobre o que fizeram. Aqui, não tens o direito de reclamar por nada”*.

Muitos fazem o bem, seja qual for, mas, sempre deixando um pequeno espaço para que outros vejam o que foi feito. Com certeza, também já ganharam o que queriam – serem vistos e reconhecidos – já estão satisfeitos. É só o que terão.

A beneficência desinteressada é favorecida pela caridade moral e pela caridade material. Faz-se pelo amor. Pela simples vontade de fazer o bem. Não dissimula o benefício. Evitam-se as menores aparências. A verdadeira caridade é feita sem ostentação, sem vaidade, sempre sentindo em seu íntimo, que ao invés de auxiliar, está sendo auxiliado, ou seja, ao invés de beneficiar, é ele quem está sendo beneficiado.

- **“Eu sou a luz do mundo; quem me segue, de modo nenhum andaré em trevas, mas terá a vida eterna”** (João 8:12)

A luz é o símbolo da vida. Onde não existe luz, não há condições de vida.

O Hino da Umbanda diz: *“Refletiu a luz divina; em todo seu esplendor; vem do Reino de Oxalá; onde a paz e amor; luz que refletiu na Terra. Luz que refletiu no mar; luz que veio de Aruanda; para tudo iluminar (...)”*.

A Umbanda, se seguida fielmente em seus preceitos crísticos, é a luz redentora de Jesus presente na Terra. Quem seguir a luz redentora de Jesus, com certeza não andaré nas trevas.

Na espiritualidade, a luz se revela através de Jesus, que através de Seus ensinamentos é a luz que faz com que todos se aproximem mais do Divino Criador.

Todos nós precisamos desta luz para nos conduzir. Todos nós precisamos desta luz para não tropeçar nos caminhos da vida. Caminhar sem esta luz, que é Jesus, é caminhar nas trevas, onde tudo é difícil e perigoso, e com certeza, vamos nos expor a quedas imprevisíveis.

Assim, pois, se Jesus é a luz que ilumina o mundo e os nossos caminhos, então, sigamos com Ele, não nos apegando com dependência na figura terrena de Jesus, mas sim, seguindo fielmente Seus ensinamentos. Muitos se apegam na figura de Jesus, pedindo que Ele resolva seus problemas; suas pendengas não serão resolvidas por Jesus, mas terão soluções se seguir o que Ele ensinou.

Afinal, Jesus mesmo nos disse: *“Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia, e siga-me”* (Lc 9,23); vejam que Jesus não disse que iria tirar a nossa cruz (nossos problemas).

Em outro trecho do Evangelho Ele completa: *“Vinde a mim, todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendei de mim que sou brando e humilde de coração, e encontrareis o repouso de vossas almas, porque meu jugo é suave e meu fardo é leve”*. (Mt, cap. XI, vv. 28 a 30), com isso Jesus quis nos dizer que somente os Seus ensinamentos são capazes de oferecer o lenitivo para as nossas dores e sofrimentos.

- **“Eu sou o pão da vida..”**. (Jo 6:48-51/58)

“Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná do deserto, e morreram. Este é o pão que desce do Céu, para todo o que dele comer não pereça. (João 6:47)

Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; é o pão que darei pela vida do mundo, é a minha carne. Este é o pão que desce do Céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram, e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente”. (João 6.50-58)

Jesus é o caminho, é a verdade, é a luz, é a vida e é também o pão. A Umbanda diz que Jesus é o pão que alimenta as nossas almas! Sem esse pão, nossa vida perece! Com o pão do Céu, nossa vida se completa! O pão espiritual é que alimenta a alma; o pão material alimenta o nosso corpo. Pão que desceu do Céu através da palavra do Mestre Jesus, e tem de ser levado ao nosso intelecto, ao nosso conhecimento, fazer morada e alimentar as nossas vidas; aquela que perece que é a do corpo, e a que permanece e é eterna, a vida do Espírito. O pão espiritual é tão importante quanto pão material. Jesus fala do maná do deserto. Maná que é o alimento material, uma espécie de resina que dá nos arbustos e que é, também, um excelente fortificante. Foi esse maná que a legião de retirantes, comandada por Moisés, e encontrou pelo deserto; por isso saciaram a fome, mas morreram. Os judeus tinham como milagroso o aparecimento do maná, e achavam que havia caído do Céu, por isso acharam estranhas as palavras de Jesus.

“E o pão que eu darei pela vida do mundo, é a minha carne”. A substância do pão que desceu do Céu, é a Sua palavra; e o pão que Jesus dará pela vida do mundo, é a Sua carne, é o que corresponde ao seu sacrifício.

No versículo 27 do mesmo capítulo 6 de João, o Mestre Jesus põe em evidência a comida espiritual, quando ensina: *“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo”*. (João 6:27)

Todos cuidam do pão material para o sustento diário do corpo; corpo que morre; poucos cuidam do pão espiritual que alimenta a alma, e que tem a vida eterna.

O trabalho está incompleto; por isso, Nosso Senhor Jesus Cristo nos convida a que façamos, principalmente, o trabalho total, aliando o Seu pão em forma de alimento para a eternidade! Pois com a alma enriquecida por esse alimento que é a Sua doutrina, ficamos farto, e fácil nos é conquistar o pão que alimenta o corpo que morre. Porém, nós temos invertido o sentido da Lei, e por isso vimos sofrendo toda a sorte de males nestes dois mil anos da era cristã.

Noutra passagem do capítulo 6, versículo 63, o Mestre Jesus afirma categoricamente: *“O Espírito é o que vivifica. A carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são Espírito e vida”*. (João 6:63)

- **Os discípulos são o sal da Terra e a Luz do Mundo.** (Mt 5:13 – 16 e 11:33-36 – Mc 9:50 – Luc 14:34 – 35)

Esta lição é, ainda, para os trabalhadores da Umbanda, os discípulos do Colegiado do Senhor Jesus e de outros que se ponham a caminho e venham enfileirar-se no trabalho de esclarecimento e de renovação.

“Vós sois o sal da Terra”. O sal é condimento que poucos lhe dão a importância que ele merece. Condimento dos mais baratos, só se lhe atribui grande valor quando não é encontrado para atender à cozinha doméstica, ou o gado.

Mas o sal tem propriedades magníficas para a conservação dos alimentos, além da de temperá-los. Quando o sal se torna inosso, então é jogá-lo fora, para mais nada serve.

Os discípulos, unidos, disciplinados, amorosos, vigilantes, humildes, serão qual o sal da Terra: Condimento precioso para a edificação da obra do Senhor Jesus na Terra. Mas, se, desunidos, vaidosos, convencidos, são como o sal inosso, deteriorado, para nada valem, para nada prestam, pois que, ao invés de irradiação para ajudar a humanidade a se identificar com o Mestre Jesus, perturbam e desmoralizam o programa do Mestre.

- **“Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade sobre um monte; e ninguém acende uma vela e a coloca debaixo de um balde, mas no castiçal. E assim ilumina a todos os que estão na casa. De tal modo brilhe vossa luz diante dos homens, que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus”**. (Mt 5:14 – 15)

“Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a coloca num subterrâneo, nem debaixo de um balde, mas sobre o castiçal, a fim de que os que entram vejam, a luz. A lâmpada do corpo é o olho. Quando o olho é simples todo o teu corpo é luminoso, mas quando for doente, todo o teu corpo fica trevoso. Vá, pois, se a luz que há em ti não sejam trevas. Pois se todo o teu corpo for luminoso, sem ter parte alguma em trevas, será inteiramente luminoso, como quando uma lâmpada te iluminar com o seu fulgor”. (Mt 11:33 – 36)

Jesus dirige-se aos seus discípulos e a todos aqueles que venham a fazer parte do seu Colegiado de Iniciação, em qualquer tempo, e qualquer hora. Os discípulos são a luz do mundo, já que estão de posse do conhecimento, têm de fazer fulgar essa luz, de projetá-la em todas as direções do planeta, não podem nem devem retê-la. Ela tem de ser espalhada. Do conhecimento, que é luz, há outra recomendação: *“(…) que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus”*.

A luz aliada às boas obras é imprescindível para ter valor, para ser destacada. As obras devem ser vistas por todos, sem ser alardeadas, sem vaidades. Isto exige humildade, simplicidade, naturalidade. As obras, sejam de feição material ou espiritual, devem ficar no anonimato de quem as fez ou produziu. É assim que o Mestre Jesus ensina, e tem lógica.

“Vê, pois, se a luz que há em ti não sejam trevas”. É uma advertência amiga. Toma cuidado! Sê verdadeiro!

Quando os olhos são simples, puros, há luz positiva, mas quando estão impuros, refletindo más intenções ligadas à mente, ao Espírito, então há treva e não luz. A maldade e a malícia turvam a limpidez dos olhos e permite que a treva invada todo o corpo. A comparação e o comentário podem ser ampliados pela luz que cada um possui. Sempre que abrimos o nosso entendimento ao aprendizado, far-se-á luz, mas se, ao contrário, evitarmos o conhecimento, permanece as trevas da ignorância em nós. Vamos fazer luz em nós, aprendendo e pondo em prática as lições do Mestre Jesus. Começemos hoje mesmo! Amanhã o dia estará mais desanuviado e o nosso Espírito terá outras possibilidades, se nós deixarmos penetrar a luz do conhecimento.

O melhor dia é hoje e o melhor momento é agora.

Concitamos a todos os irmãos Umbandistas a reverem suas ideias e seus ideais, que a Umbanda deve ser praticada, calcada no Evangelho Redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Estamos passando por tempos difíceis onde à perseguição ainda é contumaz. Mas não nos esqueçamos dos primeiros cristãos que eram queimados, crucificados e até jogados aos leões, tudo em nome de alguma religião ou mesmo interesses pessoais.

Hoje, só mudou de circo romano, para programas de televisão, rádios e outros meios de comunicação, bem como através de “bancadas políticas”. Os tempos mudaram, mas a perseguição continua a mesma. Ainda bem que temos Leis Federais a nos proteger, senão...

Desses, Jesus já nos alertou:

“Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Por ventura os homens colhem uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos”? Assim toda a árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz maus frutos.

Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará nos reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci! Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”

Há indivíduos, instituições, colegiados e pseudo religiões que vivem da iniquidade e da ilusão de somente se dirigir a Deus para conquistarem bens materiais e cura para os seus corpos. Vivem da falsidade e da perversidade; fingem-se corretos e são injustos, enganam o próximo, vivem de expedientes inconfessáveis, a ludibriar o povo. Só fazem promessas de casa, telefones, fazendas, piscinas, empregos, indústrias, ou seja, somente bens temporais. Outras, somente fazem promessas de curas de todas as ordens.

Pregam um deus que é justo somente para aqueles que vão a sua igreja. Pregam um deus que facilita as coisas materiais, dando “verdadeiras fortunas”, curando tudo, para aqueles que o aceitarem em suas vidas, mas com a condição de serem fieis dizimistas, pois se não derem o seu pagamento mensal para ele, perderão tudo. Pregam um deus carrancudo, cruel, vingativo, que vive à custa de “castigar” os infiéis que não praticam a religião da sua igreja. Geralmente são os que ficam dizendo o dia todo: Jesus, Jesus – Jesus salva – Jesus te ama – Ta amarrado – Meus amados –, etc. Será que não estão incursos como falsos profetas? Só o tempo o dirá.

Infelizmente, em muitas Umbandas também só se muda a maneira de se fazer a coisa. Em nome da Umbanda, muitos estão fazendo cabeças, santo, camarinhas, ebós, boris, sacrifício de animais, feitiçarias, magias mil. Pois então, para esses, que hipocritamente saúdam o Pai Oxalá, Jesus também deixou a mesma lição.

Muitos abandonaram a Umbanda, convencidos de que praticavam feitiçarias, ou mesmo estavam servindo a demônios. A estes dizemos: verdadeiramente estavam servindo a encostos. É real o título de que se investiram de “pais, mães e filhos de encostos”, pois somente a estes vocês serviam. Guias e Protetores Espirituais reais jamais fazem ou fizerem os malefícios que vocês efetuaram em nome da Umbanda. Jamais um Guia Espiritual na Umbanda apregoou ou efetuou malefícios, despachos, magias negras, olhos gordos, invejas, maledicências, fofocas, desuniões, etc. Jamais o fato de ser Umbandista nos traz desgraças; àqueles que tiveram ou tem suas vidas desgraçadas, com certeza é pelo fato de serem ignorantes, viciosos, maledicentes, hipócritas, maus e serviam a Espíritos impuros. Vieram para a Umbanda tão somente para resolver seus mesquinhos e maldosos desejos pessoais. A esses a Umbanda somente deseja paz, amor e tranquilidade em seus corações, para que possam um dia voltar suas mentes para os verdadeiros ensinamentos de Jesus. Não nos esqueçamos do ensinamento evangélico: *“O salário do pecador é a morte”*.

Quando observarem indivíduos agindo de maneira em desacordo com a moral crística em nome da Umbanda, com certeza, a única coisa Umbandista que eles têm em sua vida, é a placa que mandaram pintar com o nome de Umbanda, e penduraram em frente a suas casas, que são verdadeiros antros de maldades.

A Umbanda nos ensina que a verdadeira abundância e fartura, não reside em possuir bens materiais, mas sim, esta na paz interior. Possuído pela verdadeira abundância, não necessitaremos de mais nada, pois estaremos fartos de bênçãos e agradecidos pela vida.

Lembre-se de Jesus: *“Não junteis tesouros na Terra, onde a traça rói e o ladrão rouba; mas, junteis tesouros no Céu” – “A verdadeira felicidade não é deste mundo”*.

Teremos que partir deixando tudo para trás. Logo, não se apeguem a coisa alguma. Não acumulem negatividade em nome de riqueza.

• Do amor ao próximo

Uma das coisas que a Umbanda mais valoriza, é o amor ao próximo. A Umbanda faz da sua vivência religiosa, o amor. Os Guias e Protetores Espirituais militantes no movimento Umbandista incentivam o amor. Na Umbanda, nada é feito sem o amor. O amor é a maior das magias. A Umbanda segue fielmente o que Jesus ensinou:

“Ouviste que foi dito: Amarás teu próximo e odiarás teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei o bem a quem vos odeia e orai por aqueles que vos maltratam e perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos Céus, o qual faz surgir o sol sobre os bons e os maus e faz chover sobre os justos e os injustos. Se, porém, amais aqueles que vos ama, qual recompensa tereis? Por acaso, não fazem isso também os publicanos? E se saudardes somente vossos irmãos, que fazeis de excepcional? Por acaso, os gentios não fazem isto também? Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito”. (Mt 5:43-48)

Jesus põe em evidência a lógica dos seus ensinamentos, e, ainda desta vez, faz lembrar o passado. No passado era assim, agora eu proponho seja assim, de maneira mais humana e mais atual. O passado passou. Venho Eu para melhorar tudo, entendi e ponde em prática o que vos ensino, pois é para vosso bem, para vossa felicidade.

Amar o próximo, o conhecido, os familiares, etc., é norma comum; não oferece obstáculos; porém, o amar aos inimigos exige um preparo maior, um treino mais profundo; como? Se inimigos houver, vamos movimentar a Lei do Perdão! Sem o perdão constante não atingiremos aquela faixa vibratória que nos conduz ao amor fraternal. Como, pois, amar a quem nos quer mal, ou por quem sentimos repulsa?

Na vida presente, vida que corresponde a uma outra que se foi, ou outras vidas que se foram, no passado das reencarnações, tivemos nos caminhos encontros, desencontros, brigas, amores, e, quem sabe, até provocamos ou cometemos um assassinato. Os companheiros de ontem entraram hoje no caminho de nossa jornada, por isso, muitas vezes, nos votam alergia, e nós por eles. O que for mais capaz, mais competente, mas capacitado, que entre no treinamento e na faixa vibratória do perdão, da reconciliação, da amizade, da estima e, por certo vencerá! Vencedor só é aquele que tem coragem de converter o inimigo em amigo! Jesus deu a lição; procuremos meios de executá-la. Se o bem é a realidade da Lei Universal, da Lei Suprema, e se o mal é a ausência do bem, tomemos precauções para evitar o mal ou por em prática todo o bem que nos seja possível.

O Mestre Jesus chama filhos de Deus, naturalmente, todos aqueles que estão aptos a seguir-lhe os conselhos. E vai mais além, lembrando-nos com naturalidade de que o Pai faz nascer o Sol sobre todos, bons e maus, e as chuvas sobre justos e injustos.

Assim teremos de proceder para estabelecer o reinado do equilíbrio, da harmonia, da paz, do amor, princípios que nos trazem felicidade. *“Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste”*: Mas ser perfeitos, como? Será possível? Ante tamanhas desigualdades e problemas, será possível? É possível, pois não é Jesus que o afirma? Então vamos movimentar a nossa capacidade de agora, deixemos de lado a preguiça, e trabalhem em prol do nosso aperfeiçoamento, mas como? Como manda Jesus; voltemos atrás e examinemos tudo que consta a partir do Sermão da Montanha e encontraremos o caminho aberto à nossa passagem, à nossa iniciação para a perfeição.

• Do Perdão

“Se perdoardes aos homens as ofensas que vos fazem também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados” – (Mt 6:14-15)

“Se teu irmão pecar contra ti, vai, e corrige-o entre ti e ele somente; se te ouvir, terás ganho o teu irmão. Então, chegando-se Pedro a Ele, perguntou: Senhor, quantas vezes poderá pecar o meu irmão contra mim, para que eu lhe perdoe? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes”. (Mateus, XVIII: 15, 21 e 22).

A resposta que Jesus deu à pergunta de Pedro corresponde ao perdoar sempre e incondicionalmente. Dessa orientação de Jesus: *“(…) setenta vezes sete vezes”*, por curiosidade, nos munimos de uma calculadora e fomos fazer as contas de quanto dava isso. Pasmem: Jesus mandou que não perdoássemos somente 7 vezes, mas, 1.183.490 vezes. Ou seja, perdoar infinitamente, sem limites. Só assim, alcançaremos o complemento da nossa Paz, de fato, da nossa paz que será contagiante a outros irmãos que não tenham, ainda, atingido o grau de compreensão para perdoar, não setenta vezes sete vezes, mas indefinidamente.

“Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrades de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la. (Mt 5: 23-24)

O perdão, em qualquer circunstância, é uma necessidade, senão um dever de qualquer criatura. Evita o remorso, a inquietude, a dor de cabeça. O cultivo das lições de Jesus e o desejo de espiritualizar-se devem ser a constante nos homens deste século. A lição exposta é calar e não admite qualquer interpretação duvidosa, vacilante, e está condicionada, dentro da liberdade que Deus nos concede e da escolha. De forma alguma deve ser guardada mágoa ou raiva dos desencontros, pois *“tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu e tudo o que desligardes na Terra, será desligado no Céu”*. A responsabilidade dos novos sentimentos amadurece com o livre arbítrio; a vingança martiriza e escraviza, o perdão liberta. O perdão, antes de ser uma dádiva de bondade, é uma libertação da alma. Perdoando se é perdoado e todo o desentendimento é sanado pela misericórdia.

“Se perdoardes, vosso Pai vos perdoará. Se não perdoardes, vosso Pai não vos perdoará”.

A nossa fraqueza, por causa da ignorância que habita em nós, não nos permitirá, de pronto, perdoar abertamente, sem sentir mágoa do nosso ofensor. Porém, o trabalho do Evangelho é o de evangelizar, o de espiritualizar o homem, para torná-lo menos agressivo, mais comedido, mais compassivo com os seus irmãos em humanidade.

Então, para sermos filhos dignos aos olhos do Pai, vamos exercitar, diariamente, o perdão, de maneira a que a tranquilidade seja em nós uma constante. Perdoar é nobre, quando se perdoa com a palavra e com o “coração”, sem fingimento, sem hipocrisia.

A defesa e a imunidade contra todos os tipos de feitiços reside na “cristificação” do homem e não na escolha deste ou daquele credo. Ninguém adquire espiritualidade defensiva e protetora contra todos os tipos de maldade, somente por rezar ou citar trechos do evangelho, da bíblia, acender velas, tomar banhos de descarrego, riscar pontos, efetuar magias, simpatias, passes, oferendas, despachos e ebós. Só conseguirá se for assiduamente evangelizado, dependendo dessa constante espiritualização como se dependesse de se alimentar.

O INÍCIO E O IDEALIZADOR DA RELIGIÃO DE UMBANDA SEGUNDO A UMBANDA CRÍSTICA



O que agora irei relatar foram duas experiências espirituais, dois arrebatamentos, dois êxtases em momentos de oração; portanto, por ser uma experiência pessoal, não posso “provar” a veracidade dos fatos, mas apelo para a razão e o bom senso de cada um para que reflitam e utilizem suas intuições para entenderem e saberem da realidade do que será relatado. Peço a todos também, que perguntem a um Guia Espiritual, de fato, sobre o assunto, e verão a sua opinião.

Nesse relato, vou transcrever tudo o que ficou impresso em minha mente, embora, quando temos uma experiência em desdobramento consciente muita coisa pode se perder, mas, procurarei através da parca lembrança, ser fiel ao que vivenciei.

Num dia, num momento contemplativo de oração, de repente, fui praticamente arrebatado. Meio estonteado, minha visão turvou-se, e num segundo, comecei a ver uma cena que me impressionou muito.

Eu via tudo como se eu estivesse assistindo a um filme em terceira dimensão. Tal era a realidade, que dava a impressão que eu estava participando ativamente de tudo. Em meu íntimo eu sabia que estava em Aruanda.

Era noite, e a Lua brilhava intensamente. Como um mero expectador, por traz, via uma imensa multidão sentada, num grande ambiente natural, a meia luz. Ao fundo do ambiente, entre frondosas árvores, erguia-se tipo uma “concha acústica” simples, toda formada e adornada floridamente com a própria Natureza. Essa “concha acústica” brilhava de modo especial e de onde qualquer um estivesse, via-a perfeitamente, sem entraves. Todos estavam compenetrados, em estado meditativo, em silêncio total.

Nessa multidão, à frente, divisei vários veneráveis sentados, em forma de meia lua, mantendo a leveza do semblante, todos em estado contemplativo.

De repente, olhando atentamente um a um, emocionadamente comecei a reconhecer alguns. Divisei primeiramente, Santo Agostinho, Santo Antônio de Pádua e São Benedito; logo em seguida, no meio dos veneráveis, vislumbrei um índio, simples, sereno, que imediatamente reconheci ser o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Ao lado estava um venerável trajando roupas indianas, que logo reconheci como sendo o Senhor Maha Baba. Em torno deles estavam outros anciões, senhores e senhoras sentados, os quais não reconheci de imediato, pois fiquei atento e embevecido com os que conhecia.

Por traz dos anciões posicionavam-se a grande assistência em silêncio. Quando olhei atentamente para a multidão, comecei a reconhecer Índios, Pajés, Caboclos, Pretos-Velhos, senhoras e senhores de idade avançada, mulatos, mamelucos, cafuzos, padres, freiras, crianças, muita gente vestida de branco, todos de semblante calmo e irradiante. Eu estava intensamente emocionado, pois me encontrava diante de uma imensa irmandade que reconheci serem Guias Espirituais da Umbanda. Isso me fazia arrepiar. Todo o meu ser vibrava de emoção.

Num dado momento, até a Natureza em volta silenciou totalmente. Todos se levantaram, de cabeças baixas, com as mãos postas juntas à altura do peito, e na “concha acústica” apareceu nada mais, nada menos que o Mestre Jesus, todo vestido de branco. Creio que Jesus nesse momento praticamente “apagou” sua luz, pois apareceu normalmente, vibrando uma paz infinda.

Eu, como um mero espectador, gelei; senti todo o meu ser estremecer, tal a emoção que de mim se apossou.

Jesus, a todos olhava com ternura. Com um sinal das mãos, pediu para que todos sentassem. Calmamente, disse:

“Que a paz e o amor que emana de Deus Pai esteja entre todos vós. Hoje é um dia de muita alegria, pois sou portador de alvissareira notícia que fará resplandecer mais ainda o amor do nosso Pai sobre a humanidade.

Há muito, foi-nos enviada farta documentação sobre a criação terrena de mais uma religião que iria permear as vidas de muitos. Não é da vontade de nosso Pai impor uma religião ou doutrina exclusivista, mas, sempre abre caminhos quando surge um grupamento voltado ao bem, com a oportunidade abençoada de esparramar as bênçãos do amor.

Essa religião virá integrar-se a outras, onde terá como missão ser a portadora da humildade, da paz, do amor e da compaixão desmedida, onde os filhos da luz, abençoados, humildes e determinados, irão espargir a mensagem redentora do meu Evangelho aos filhos encarnados, mostrando que todos podem e tem condições de serem medianeiros da Espiritualidade Maior.

O final dos tempos teve inicio quando da minha vinda na Terra. Hoje, todos presenciamos os acontecimentos plasmados da vontade frenética dos irmãos ainda perdidos na ignorância de suas ilusões. Os tempos são chegados. Estão sendo conclamados os trabalhadores da última hora. Precisamos da colaboração de todos.

Muitos de meus irmãos, simples de coração, oraram diuturnamente por uma oportunidade abençoada de fazer algo pelos seus. Suas preces foram ouvidas.

Nesse momento, Jesus estendeu suas mãos chamando o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Este levantou-se, chorando copiosamente. Ao chegar diante de Jesus, dobrou seus joelhos encostando a cabeça no chão aos pés de Jesus; o Mestre imediatamente levantou-o, abraçando-o ternamente; nesse momento, todos se emocionaram.

Jesus, de frente com o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, pegou suas mãos, e olhando-o bem nos olhos, disse-lhe: *“Filho amado. Quando servias ao plano espiritual, encarnado como jesuíta, levando aos seus irmãos indígenas em terras brasileiras a mensagem do Evangelho, sobressaístes em amor e humildade. Posteriormente, tivestes a oportunidade abençoada de reencarnar como silvícola, angariando respeito e amizades; de volta ao plano espiritual, junto aos seus irmãos de jornada, os nativos, conseguistes reunir todos em ideais nobres, auxiliando-os a se tornarem mensageiros crísticos, bruxuleando a formação de uma nova religião. A “Manifestação do Espírito para a Caridade” já estava sendo plantada no coração dos Espíritos afins, angariados por ti. A semente desta religiosidade compassiva já estava sendo gradativamente formada há tempos, sem alardes, sem ostentação, mas, sim, simplesmente pela boa vontade dos obreiros da vida eterna em trabalhar e servir.*

Hoje, é em tuas mãos que deposito a missão de plasmar na Terra de Santa Cruz, essa que será a mais serviçal das religiões, pois ela terá como lema: “A manifestação do Espírito para a caridade pura, desmedida, gratuita e amorosa”.

Pegando no ombro do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, virou-o para a assistência e lhe disse: *“Aqui, (apontando para os veneráveis), estão teus confrades. Eles os auxiliarão a conduzir tão nobre religião. Ali, (apontando para a grande multidão), estão teus irmãos. Conduzi-os para o trabalho árduo na Terra, para que através da mediunidade redentora possam ser abençoados todos que delam fizerem uso. Paulatinamente, com amor e dedicação, oriente-os na paciência no trato com os filhos desgarrados que encontram-se encarnados. Ensinaí a todos com ardor, como reconduzir os irmãos que encontram-se perdidos na ignorância, na senda da luz e do perdão”.*

Depositando um imenso livro nas mãos do Caboclo disse: *“Aqui está registrado todas as considerações que necessitar, para que possa plantar e erguer a manifestação religiosa da humilde religião que ora irá anunciar. Junte tudo o que aqui está escrito com o Evangelho e mais o livro da sua vida, e coloque em prática.*

Nada oculte. Seja sempre claro e objetivo, mas, simples e humilde. Mostre que o conhecimento e a dedicação a Deus estão ao alcance de todos. Mostre que essa religião é universalista, e que aceita tudo o que é bom, rejeitando tudo o que é mal.

Ensine que: “Todos serão ouvidos, e nós aprenderemos com aqueles que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é à vontade do nosso Pai”

O trabalho será grande e espinhoso. Assim como foi comigo, será espezinhado, mal compreendido, ofendido e muitos, principalmente os de dentro, quererão derrubar pra sempre, o que plantarás, desvirtuando e deturpando o que humildemente ensinarás. Mas, tenha fé, amor, dedicação, disciplina, obediência e principalmente paciência. Muitos, no anonimato, estarão alertas e trabalhando para no momento certo, auxiliarem-no.

Neste mesmo dia, 30 de abril de 1856, na França, também foi entregue nas mãos de Rivail (Allan Kardec) toda a organização, todo o esquema do que seria a implantação do Consolador prometido, a manifestação mediúnica dos Espíritos Santos de Deus na Terra.

Como vos disse, o caminho será espinhoso e a incompreensão preconceituosa será abundante, mas seja firme. No início serão duas linhas paralelas, duas correntes religiosas mediúnicas com direcionamentos diferentes, mas com o mesmo objetivo: caridade; mas no final, se encontrarão e seguirão unidas, num só coração e num só pensamento.

Vá. O tempo urge. Que a paz de Deus esteja convosco.

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, abraçado ao livro, chorava copiosamente.

A multidão, de pé, também chorando, entoavam majestosamente um cântico: *“Oxalá meu Pai; tem pena de nós tem dó; se a volta do mundo é grande, seu poder ainda é maior. Dai-nos forças Oxalá; dai-nos forças Oxalá; pra cumprir nossa missão, dai-nos forças Oxalá”.*



O Caboclo desceu da “concha acústica”, misturando-se a todos, entre choros e abraços.

Depois disso, nada mais vi. Abri meus olhos, chorando de emoção.

Encontramos um trecho esclarecedor, ditado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas ao seu discípulo, Leal de Souza, que nos esclarece liricamente seu encontro com Jesus, que lhe apontou o caminho que deveria seguir, corroborando com o que vimos, descrito acima:

(...) “Estava esse Espírito no espaço, no ponto de intersecção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomava, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus, e mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade, e para se colocar no nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tomou o seu nome dos caminhos que o desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas” (...). (Texto de Leal de Souza, em seu livro “O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA – 1933”)

Somos sabedores que tudo o que se passou, passa e passará, já é do conhecimento do Divino Pai. Mas, também somos sabedores da Lei Maior imperante no plano terreno, que se chama – Lei do Livre Arbítrio – ou seja, nos é dado à liberdade de fazermos, pensarmos e realizarmos tudo o que quisermos com a nossa vida (desde que não interfiramos negativamente no livre arbítrio alheio), no plano terreno, enquanto aqui estivermos encarnando. Assim, tudo o que acontece no plano terreno, sempre será pela ideação, vontade e realização humana. A Espiritualidade Maior nunca interfere nas decisões humanas; somente nos orientam, nos intuem, mas deixam a decisão por nossa conta. Assim sendo, a Umbanda também foi idealizada por um Espírito humano. Mas, quem seria o Espírito que enviou farta documentação para a Espiritualidade Superior, sobre a implantação da Umbanda na Terra? Tive a grata satisfação de conhecê-lo.

Numa segunda experiência (anterior à relatada), num dia, em frente ao altar, estando em estado contemplativo de oração, fui igualmente arrebatado para fora do meu corpo. Num dado momento, encontrava-me numa densa floresta, ladeada por árvores centenárias de uma beleza sem igual, todas recobertas por uma espécie de musgo verde-escuro exuberante. O colorido do local era mais vivo e o perfume emanado das plantas era inebriante. O ar era úmido e me fazia bem inalá-lo. Todo o local era orvalhado, e as gotículas irradiavam a luminosidade do Sol, formando pequenos arco-íris de uma cor intensa, mas que não feriam os olhos. Tudo a minha volta era belo, calmo, compassivo e sereno. Pássaros cantarolavam aqui e acolá, numa melodia suave e hipnotizadora.

O interessante é que eu não inquiria onde estava ou mesmo não me encontrava espantado com tudo o que via. Dava-me a impressão de que me encontrava em minha casa. Tudo era natural e eu andava pela trilha formada naturalmente, como se estivesse no paraíso, a caminhar meditativamente. Num dado momento da trilha, do lado esquerdo, observei uma imensa construção no meio da floresta. Era um edifício de grandes proporções, tendo a sua frente várias colunas bem distribuídas, em muito parecendo o “Paternon”, da Grécia antiga, todo ladeado pelas árvores. Nas colunas centrais, e acima, existiam símbolos desconhecidos por mim. O símbolo entalhado na porta (triângulo e Cruz) reconheci como um símbolo da Umbanda. Era de uma beleza e singeleza sem igual. Ao mesmo tempo em que irradiava seriedade, também irradiava simplicidade e serenidade. Parei na frente do Templo e fiquei curiosamente a observá-lo cuidadosamente.

De repente, a porta principal do Templo se abriu, e de dentro surgiu um ancião. Este senhor estava trajado com uma roupagem branca, a maneira indiana. Era calvo, estatura baixa, e tinha um semblante sereno, firme, bondoso, de uma segurança impressionante. Suas rugas refletiam beleza.

Portava o símbolo “ॐ” no pescoço. De suas mãos, naturalmente, espargiam uma luz cor-de-rosa calmante. Difícil explicar. Com um belo sorriso, abriu seus braços e alegremente me recepcionou dizendo: *“Bem vindo meu filho. Que bom que estejas aqui”*.

Após o longo, demorado e emocionante abraço, com eu, emocionadíssimo, em lágrimas, me pegou pelas mãos e disse-me: *“Me acompanhe”*. Caminhamos por uma trilha na mata, parando defronte a uma pequena elevação de terra recoberta por uma leve camada de gramado. Ladeando a elevação de terra, formando um nicho, grassava uma vegetação abundante, toda florida de azul e cor de rosa, muito se parecendo com a planta chamada “primavera”. Deste nicho dava pra avistar um imenso vale recoberto de árvores, sendo algumas floridas multicoloridas, tendo ao fundo uma leve névoa esbranquiçada por cima de uma cachoeira formando uma lagoa; pássaros e borboletas exóticas revoavam para lá e para cá.



Daquele lugar, o Céu era visto como um tapete de seda azul, pontilhados de nuvens branquíssimas. Mostrando-me o nicho, ele me disse: *“Filho. Aqui nasceu a Umbanda”*.

Fiquei a contemplar a pequena elevação, quando abruptamente voltei à realidade física, com os olhos embargados com lágrimas.

À noite, em conversação com os Guias Espirituais, para o meu espanto, me informaram que tive o privilégio de conhecer o Espírito que tinha idealizado a Religião de Umbanda. Chorei de alegria.

Disseram-me que este Espírito, em sua última encarnação, foi um grande luminar em terras indianas (na Umbanda, os Espíritos fazem uso de nomes simbólicos, erradicando os nomes pelos quais foram conhecidos quando encarnados, numa alusão à sua humildade. Não querem de forma alguma que os veneremos pelo que foram quando encarnados, mas sim, que os respeitemos e sigamos seus exemplos. Querem somente servir a Deus e ao amor). Também me disseram que este Espírito, hoje, pontifica a Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente), sendo conhecido como: Venerando Maha Baba.

Pedimos a um pintor que fizesse, sob nossa orientação, passo a passo, a reprodução da imagem do Venerando Maha Baba:



Maha Baba – Venerando da “Linha Sublime dos Magos Brancos do Oriente” – idealizador da religião de Umbanda

Maha: significa grande. Baba: significa Pai. Portanto, Maha Baba quer dizer: Grande Pai.

Abaixo, de forma humilde, a reprodução da entrada do grande Templo vislumbrado por mim, que pedi ao mesmo pintor, reproduzir da melhor forma:



Bom, essas foram umas das mais belas experiências que já tive. Acredite quem quiser. Mas, como eu já disse, façam uma experiência: Perguntem aos seus Guias e Protetores Espirituais, da veracidade da existência do Senhor Maha Baba, Venerando da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente, idealizador da Religião de Umbanda.

Eis ai, talvez, uma das explicações do porque esse movimento religioso ter o nome Umbanda, que é uma regionalização do termo – “Aumbhandham” – em sânscrito.

Após este Espírito idealizar um movimento religioso que viria resgatar a religião primeva, simples, caridosa, universalista, humilde, suas ideias foram aceitas com unanimidade pela Espiritualidade Superior, sendo ordenada a fundamentação de tão nobre religião.

Após a idealização e aceitação da Religião de Umbanda, iniciou-se a sua formação espiritual, que demandou um bom tempo, e deu-se um grande movimento, pois muitos Espíritos vieram solícitos auxiliar a constituição da religião emergente, pois viram a efetividade e a seriedade da nova corrente religiosa/mediúcnica, que viria permear a vida de muitos.

Foi iniciada a coordenação espiritual para num breve futuro formar a Religião de Umbanda; aproveitando o culto ancestral da Jurema (pajelança), fortalecendo a crença em Jesus e Seu Evangelho legados pelo Catolicismo, aprendendo a lidar com as forças da Natureza com os cultos africanos, equilibrando a mediunidade através dos conceitos estudados no Pentateuco kardequiano e por fim, o rigor e a importância do conhecimento milenar do Orientalismo.

Mais tarde, a partir de 1856 (relato anterior), houve a materialização da religião, onde começaram as primeiras manifestações mediúnicas de Espíritos já em grau elevado, formadores deste movimento (os que vieram abrir caminho) por todos os rincões brasileiros (mas ainda sem apresentar o nome da Umbanda), para formalizá-la em 1.908. Estava sendo preparada a implantação da Umbanda como religião em solo brasileiro. O venerando senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas é o instituidor da Umbanda no Brasil, como religião.

Alguns anos antes da instituição oficial da Umbanda, muitas entidades já se manifestavam, aqui e ali, trazendo as primeiras sementes da nova religião e preparando o importante advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Na página 14 do livro “Umbanda e o Poder da Mediunidade” de Wilson Woodrow da Matta e Silva, encontramos as seguintes referências em relação ao assunto:

- *“Em 1934 tivemos contatos com um médium de nome Olímpio de Mello, oriundo de Magé (um mulato alto, magro) que praticava “a Linha de Santo de Umbanda” há mais de 30 anos (portanto, desde 1904 mais ou menos) e que trabalhava com um Caboclo dito como Ogum de Lei, com um “Preto Velho”, de nome Pai Fabrício e com um Exu de nome Rompe-Mato”.*

- *“Em 1935 conhecemos também o velho Nicanor (com 61 anos de idade) num sítio da Linha Auxiliar denominado Costa Barros, que sempre afirmava orgulhosamente que, desde 16 anos, já recebia o Caboclo Cobra-Coral e o Pai Jacob e que desde o princípio, as suas sessões “era no “girado” da Linha Branca de Umbanda”, nas demandas e na caridade (portanto desde o ano de 1890, segundo suas afirmativas)”.*
- *“Em 1940 conhecemos um famoso “pai-de-santo” denominado Orlando Cobra-Coral (nome de sua Entidade de cabeça, um Caboclo), também num subúrbio da Linha Auxiliar, em Belfort Roxo, que dizia praticar a “Umbanda Branca”, já há 27 anos, portanto desde 1913 (...)”.*

Observem que esses médiuns declararam que praticavam Umbanda, antes de 1908, mas, deram essa informação na década de 1930/1940. Com certeza, incorporaram em suas práticas o nome Umbanda, a partir do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, após 1908. Antes, com certeza, praticavam somente mediunismo ou mesmo a famosa “Macumba”, mas, já com bruxuleios de manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos.

Ainda em relação ao evento anterior, o leitor poderá encontrar mais detalhes na página 128 do mesmo livro de W. W. da Matta e Silva:

“Muitos vanguardeiros receberam a tarefa ou a missão de lançarem as primeiras sementes da Umbanda, a fim de que em dias futuros pudessem brotar, e seus frutos se transformassem num sistema, numa Lei, numa Regra, numa Religião. As maiorias dos eventos desses vanguardeiros, não foram registradas oficiosamente, ou seja, não foram destacados pelos interessados que escreviam.

Dentre esses vanguardeiros, merece destaque especial, o grande enviado, o Espírito do Caboclo Curugussu, que preparou por vários e vários anos o advento primeiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que atuaria nas grandes massas populares, visando tornar popular o termo Umbanda e o culto apregoado por esse portentoso enviado da Espiritualidade. Devemos ainda ressaltar que, no Nhengatú (Tupi antigo), o termo Curugussu significa: “O Grito do Guardião”.

Não pudemos comprovar efetivamente, que o nome “Curugussu” realmente significa: “O Grito do Guardião”. Segundo o Dicionário da língua Tupy: chamada língua geral dos indígenas do Brasil, de 1858 – por Antônio Gonçalves Dias, o mais aproximado que encontramos sobre “grito”, foi: “Çapucái”: *clamar, bradar, apregoar, gritar por alguém*. E, o mais aproximado de “Guardião: “Manhána”: *guardar, guarda, vigia, custódia, ronda*. Não encontramos o termo: “Curug”, mas sim, “ussu”, nesse mesmo dicionário: “uçu”: *grande*. De onde o Sr Matta e Silva tirou a conclusão que “Curugussu” quer dizer o grito do guardião, desconhecemos.

O jornalista Leal de Souza dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das sete Tendias fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, relatou, através de sua pena, sincera e honesta, alguns fatos relativos a essa Entidade, numa entrevista publicada no Jornal de Umbanda de outubro de 1952, com o título de “Umbanda – Uma Religião Típica do Brasil”:

“A Linha Branca de Umbanda é realmente a religião nacional do Brasil, pois que, através dos seus ritos, os Espíritos dos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem a sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos Guias Superiores, que regem o nosso ciclo psíquico de realizar na Terra a concepção do espaço (...)”.

Se Leal de Souza disse isso, com certeza ouvir do próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois foi médium na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade por 10 anos. Infelizmente não foi deixado claro se o Caboclo Curugussu comunicou-se espiritualmente através de um médium, e nem onde ele teria se manifestado. Pelo relatado por Leal de Souza, da claramente a entender que o Caboclo Curugussu trabalhou espiritualmente, e não em trabalho mediúnico, como precursor da Umbanda.

Um grande movimento se formou na espiritualidade, chamando pelos seus “Emissários da Luz”, para abrir o caminho da implantação da Umbanda na Terra. As manifestações desordenadas de muitas entidades espirituais, sem disciplina, sem hierarquização, com particularidades de apresentação mediúnica regionais, iniciaram seus trabalhos, dentro do que já existia no plano terreno, que era o Catimbó, a Cabula, e, posteriormente a Macumba.

Tudo culminou com a manifestação ordenada do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 16 de novembro de 1908, ditando as “Linhas Mestras” e regras da religião emergente, separando-a da Macumba, do Catimbó, dos cultos afro-brasileiros e do Espiritismo, fundamentando um novo culto que ali se iniciava.

No mais curto espaço de tempo possível abarcou-se o maior número de fiéis. Era o momento da abertura da conscientização e de uma nova maneira evolucionar para todos os Espíritos. Era o momento da chamada de todos, para as coisas do Espírito.

Era o momento do rompimento das barreiras da escravidão espiritual, surgindo assim, a manifestação Divina em tudo e em todos. Era o momento de plantar a ideia de que Deus se irradiava em todos e para todos, e não somente para alguns poucos “escolhidos”. Era o momento de plasmar uma religião que também viria orientar sobre as necessidades materiais dos filhos de Deus. Foram chamados os trabalhadores da última hora (tanto encarnados como desencarnados) para atender ao apelo de Jesus, em trabalho caritativo em terras brasileiras. Os obreiros de Ogum saíram abrindo os caminhos, clamando pelos doadores da energia divina.

Quais os objetivos da formação de tão nobre religião?

A ORDEM DO MESTRE

Avizinhando-se a Natal, havia também no Céu um rebrilho de alegrias suaves. Os anjos acendiam estrelas nos cômodos de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias misteriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastores do paraíso cantavam sob o esforço caricioso dos zéfiros da imensidade, o Senhor chamou o Discípulo Bem-Amado ao seu trono de jasmims matizados de estrelas.

O vidente de Patmos não trazia o estigma da decrepitude como nos seus últimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no princípio do seu apostolado.

- João – disse-lhe o Mestre – *lembras-te do meu aparecimento na Terra?*

- Recordo-me Senhor. Foi no ano 749 da era romana, apesar da arbitrariedade de frei Dionísios, que colocou erradamente o vosso natalício em 754, calculando no século VI da era cristã.

- Não, meu João – retornou docemente o Senhor – *não é a questão cronológica que me interessa em te argüindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vem até mim o murmúrio doce das lembranças!*

- Ah! Sim, Mestre Amado – retrucou pressuroso o Discípulo – compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!, se me lembro; a manjedoura, a estrela guiando os poderosos ao estábulo humilde, os cânticos harmoniosos dos pastores, a alegria ressoante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos compreendiam mais que os homens, aos quais ofertáveis a lição da humildade com o tesouro da fé e da esperança. Naquela noite divina, todas as potências angélicas do paraíso se inclinaram sobre a Terra cheia de gemidos e de amargura para exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro.

Uma promessa de paz desabrochava para todas as coisas com o vosso aparecimento sobre o mundo. Estabeleceram-se um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do júbilo com que vossa Mãe vos recebeu nos seus braços feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as estrelas de ouro do paraíso fabricavam naquela noite de aromas e de radiosidades indefiníveis um mel divino no coração piedoso de Maria!.

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem-amado, vejo o transcurso da vossa infância, sentindo o martírio de que fostes objeto; o extermínio das crianças de vossa idade, a fuga aos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso Pai, preparando-vos para o desempenho da missão única que vos fez abandonar por alguns momentos os palácios de sol da mansão celestial para descer sobre as lamas da Terra.

- Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres como seguem no mundo as coisas atinentes à minha doutrina?

- Vão mal, meu Senhor. Desde o concílio ecumênico de Nicéia, efetuado para combater o cisma de Ário em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo seguiu-se o movimento dos iconoclastas em 787 e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que eles próprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangélicos.

- Mas não te recordas João, que a minha doutrina era sempre acessível a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida sem lhes haver escrito uma só palavra.

- Tudo isso é verdade, Senhor, mas logo que regressastes aos vossos impérios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar à posteridade os vossos ensinamentos. Os evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da matéria e do símbolo. A todas as coisas puras da espiritualidade adicionam a extravagância de suas concepções. Nem nós e nem os evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basílicas de Rávena e de Roma, Mateus é representado por um jovem, Marcos por um leão, Lucas por um touro e eu, Senhor, estou ali sob o símbolo estranho de uma águia.

- *E os meus representantes, João, que fazem eles?*

- Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quase todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quase que apenas para se condenarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes a se amarem como irmãos.

- *As discussões e os símbolos, meu querido – disse-lhe suavemente o Mestre – não me impressionam tanto. Tiveste, como eu, necessidade destes últimos, para as pregações e, sobre a luta das ideias, não te lembras quanta autoridade fui obrigado a despende, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tornassem inimigos? Se entre meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos eliminá-las do ambiente dos homens, que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações? O que me contrista é o apego dos meus missionários aos prazeres fugitivos do mundo!*

- É verdade, Senhor.

- *Qual o núcleo de minha doutrina que detém no momento maior força de expressão?*

- É o departamento dos bispos romanos, que se recolheram dentro de uma organização admirável pela sua disciplina, mas altamente perniciosa pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palácios confortáveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravização das consciências. Enquanto vós não tínheis uma pedra onde repousar a cabeça, dolorida os vossos representantes dormem a sua sesta sobre almofadas de veludo e de ouro; enquanto trazeis os vossos pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandálias matizadas de pérolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basílicas suntuosas, erigidas no mundo como um insulto à glória da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a quem estendíeis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lágrimas e os soluços entre os infelizes, nos templos, onde se cultua a vossa memória, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demônio no chão acolhedor da vossa casa.

- *Então, meu Discípulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança?*

- Infelizmente, Senhor, é preciso que nos desenganemos. Por um estranho contraste, há mais ateus benquistos no Céu do que aqueles religiosos que falavam em vosso nome na Terra.

- *Entretanto – sussurraram os lábios divinos docemente – consagro o mesmo amor à humanidade sofredora. Não obstante a negativa dos filósofos, as ousadias da ciência, o apodo dos ingratos, a minha piedade é inalterável. Que sugeres, meu João, para solucionar tão amargo problema?*

- Já não dissestes, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

- *Mas prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno!*

E os olhos claros e límpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai Celestial, Jesus exclamou:

- *Se os vivos nos traíram, meu Discípulo Bem-Amado, se traficam com o objeto sagrado da vossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos túmulos para que a verdade ressurgir das mansões silenciosas da morte.*

Os que já voltaram pelos caminhos ermos da sepultura retornarão à Terra para difundirem a minha mensagem, levando aos que sofrem, com a esperança posta no Céu as claridades benditas do meu amor!

E desde essa hora memorável, há mais de cinquenta anos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.

(Trecho extraído do livro: “Biblioteca Chico Xavier – Palavras do Infinito” – pelo Espírito de Humberto de Campos, através do médium Chico Xavier – Pedro Leopoldo 20 de dezembro de 1935)

No dia, 30 de abril de 1856, na França, foi entregue nas mãos de Allan Kardec todo o esquema do que seria a implantação do Espiritismo. Neste mesmo dia, também foi entregue nas mãos do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, todo o esquema da implantação da Umbanda nas Terras de Santa Cruz, nosso amado Brasil. Estava aí, a concretização da promessa do Senhor Jesus: O Consolador Prometido. Jesus disse: “*E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre*” (João 14:16).

Logo após, completou: *“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”*. (João 14:26). Por isso, consideramos que o Consolador prometido é a presença dos Espíritos Santos de Deus, os Guias e Protetores Espirituais em si, em benefício de todos, e não nenhuma doutrina filosófica ou religiosa em particular. Nessa mesma hora memorável, também, a Umbanda nascia para ser serviçal às obras do Senhor, como, também, uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma “Modalidade de Espiritismo”, está explicitada neste livro, no capítulo “POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?”, no subtítulo “1ª Missão”), a manifestação mediúnica dos Espíritos Santos de Deus, os Guias e Protetores Espirituais na Terra, que vem nos trazer as mensagens do Cristo Planetário.

Vejam só o que o Espírito de Ramatis, através de Hercílio Maes diz quando se refere a muitos Espíritos que iriam reencarnar e vindo para a Umbanda:

O EVANGELHO A LUZ DO COSMO

Até o fim do século atual, período em que se processa o profético “Juízo Final”, e época dos “Tempos Chegados”, provavelmente devem ser convocados à reencarnação mais de 5 bilhões de Espíritos na erraticidade, para aí no mundo físico darem o testemunho da evolução espiritual.

Antigos magos negros serão chamados a militar na magia branca de Umbanda, e muitos retornarão às antigas práticas em prejuízo do próximo, ainda estimulados pela sua deficiência espiritual.

Entre antigos inquisidores, líderes sombrios da Idade Média, polemistas de dissensões religiosas e mesmo políticas, serão convidados a participar da renovação espiritual do mundo, embora muitos deles ainda devam prosseguir preferindo as discussões estéreis à ação crística.

Mas, conforme as estatísticas da “Administração Sideral”, apenas um terço da vossa humanidade deverá ser escolhido à direita do Cristo e gozar da concessão de voltar a encarnar-se na Terra, no próximo milênio. Os dois terços restantes compreendem os “feixes” de joio, que “atados de pés e mãos”, e devido à sua irresponsabilidade espiritual, serão classificados à “esquerda” do Cristo e obrigados a emigrar para um mundo primitivo, onde o homem ali mal consegue amarrar machados de pedra!

São esses Espíritos escravos do “mundo de César”, que preferiram exclusivamente a “porta larga” dos prazeres, vícios, das ignomínias, paixões e facilidades humanas, desprezando a “porta estreita”, que simboliza o dever, estoicismo, e paciência e resignação.

(Trecho extraído do livro: “O Evangelho à Luz do Cosmo”, pelo Espírito de Ramatis através do médium Hercílio Mães – 1974 – Capítulo 16 – “O trigo e o joio”)

Vejam então que antigos Espíritos endividados perante a Espiritualidade Maior, magos negros, mas, portadores de grandes conhecimentos herméticos, infelizmente, no pretérito, usados egocentricamente, receberam o beneplácito de se tornarem médiuns umbandistas, e se recuperarem de seus passados escusos, utilizando seus conhecimentos para o bem, a caridade e o amor (*“Fora do amor não há salvação”*). Se fosse só por isso, já seria grandiosa a missão da Umbanda.

A Umbanda veio como um farol direcionar, onde as almas poderão se guiar perante a obscuridade materialista que ofusca e enegrece os corações humanos. Muito ainda tem-se por fazer, pois ainda estamos engatinhando perante toda a grandeza da missão da Umbanda, que é reestruturar a Religião Primeva (Relativo aos primeiros tempos; antigo, primitivo). Pai Antonio, o 1º Guia Espiritual Preto-Velho a incorporar na recém criada Umbanda em 1908, através de Zélio de Moraes, entoava um ponto cantado que sabiamente diz em sua simples formulação que pouquíssimos sabem o que realmente é a Umbanda; o ponto diz assim:

*Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda*

Infelizmente, hoje, muitos são os Umbandistas que ainda caminham distantes, desvirtuados do caminho traçado pela Cúpula Astral da Umbanda, através dos simples ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, tudo é providencial, e a espiritualidade é paciente conosco, esperando o amadurecimento necessário para iniciar a jornada definitiva, rumo à Luz Maior. Enquanto esperam, trabalham com o que tem na mão. Dos piores, fomos os melhores escolhidos para permear tão nobre missão perante Deus e a humanidade, que é a vivenciação das Leis Divinas dentro da Umbanda.

A Umbanda não é simplesmente a reimplantação da religião primeva, somente como a mais certa e a que contém a realidade absoluta. A Umbanda é a reestruturação da Religião Primeva, como simplicidade, humildade, amor, perdão, compaixão e caridade.

A Umbanda não é somente a ressuscitação dos cultos ancestrais indígenas, afros ou mesmo orientais. Ela está aqui, para, juntamente com a modernidade, nos dar a simplicidade que é servir a Deus, sem luxo, sem ostentação, sem as complicações metafísicas, litúrgicas, ritualísticas, doutrinárias e sacerdotais, sempre respeitando, mas, nos ensinando que não existem mistérios, mas sim, conhecimentos ainda não absorvidos condizentemente por falta de maturidade espiritual.

A Umbanda veio sim, ressuscitar a ideia de que todos nós somos merecedores dos dons Divinos e que estes dons podem e devem ser utilizados somente para o bem.

Infelizmente as religiões criaram um verdadeiro abismo entre o homem e Deus, mas a Umbanda, com a sua simplicidade, veio nos dizer e ensinar que não existe essa separação, mas que o Pai esteve, está, e sempre estará presente em nossas vidas, pois nós somos não somente a imagem e a semelhança de Deus, mas sim, a Sua presença viva, dentro de nós mesmos.

A Umbanda nasceu entre os Espíritos simples de coração (*“Bem - Aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus!”* (Mateus V: 8) - A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade, e exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho) e cresceu entre os pioneiros humanos de boa vontade, pois somente estes poderiam iniciar a restauração de tão grandioso movimento.

Depois do seu nascimento como religião, a Umbanda cresceu calcada na humildade, na tolerância e nos ensinamentos dos povos humildes, representados por arquétipos das classes sociais: Caboclos da Mata, Pretos Velhos, Crianças, Caboclos Sertanejos, Baianos, Caboclos D’Água, Ciganos, Curandeiros e Orientais. Vejam, que a própria representação arquetípica das entidades militantes no movimento Umbandista já nos mostra que é entre os simples de coração, que Deus se faz presente. Reparem que a Umbanda não se preocupa com o fator racial em si, ou seja, não defende essa ou aquela raça, mas sim, com o fator social, em suas manifestações arquetípicas fluidicas regionais de apresentação.

A Umbanda veio não só propagar, mas sim, vivenciar, trabalhando, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos ter como objetivo a redenção dos Espíritos através de uma conscientização contínua das verdades eternas contidas no Evangelho de Jesus. A Umbanda veio nos ensinar que Evangelizar não se trata apenas de um conjunto de preceitos pregados a outras pessoas, mas sim interiorizados e vividos no íntimo de nossa alma, assim como fez Jesus, pois Ele pregava e praticava todos os Seus ensinamentos, trabalhando arduamente junto do povo, que era a paixão de Jesus.

O Senhor Maha Baba idealizou a Umbanda para que seja o caminho a ser trilhado por nós, e em seus preceitos está que, o Evangelho é a luz que ilumina o caminho, facilitando as nossas vidas. A Umbanda veio para ficar.

A Umbanda, como aspiração religiosa sublimada, ainda meio estonteada por estar em seu início, sendo implantada com amor, carinho e paciência, calcada no amor, na caridade, e na benevolência, trazendo ao homem a união e que todos somos irmãos perante Deus e que devemos nos manter coesos em ideais. A Umbanda quer reviver a simplicidade e a maturidade de que basta o amor e basta à caridade.

A Umbanda quer reviver os tempos em que todos se respeitavam, comungados num só pensamento que é o amor a Deus acima de todas as coisas e o amor ao próximo (Religião Primeva), vivenciando e ensinando que somos uma religião crística a servir ao Pai Eterno (*“Há muitas moradas na casa de meu Pai”* – João, 14: 1-3), e que servimos a Deus de uma forma própria (*“Amarás a teu Deus de todas as formas, de todo o seu coração, com todas as suas forças e de todo o seu entendimento – Marcos 12:30”*).

A Umbanda quer reviver o respeito e a reverência a Mãe Natureza. A Umbanda quer reviver o pensamento e a certeza de que existe um Deus só, mas que Ele se manifesta através das Suas criações, em tudo e em todos. A Umbanda somente quer que todos sejam felizes aos seus modos, mas, que pratiquem o bem de todos os modos. Enfim, a Umbanda somente quer ser, não a melhor, mas somente a mais serviçal das religiões.

Agora, muito poderão perguntar: Mas isso é Umbanda? Mas, não é o que vemos. Isso é possível? Respondemos: Sim. Isso é Umbanda. Sim. Isso é possível. Só que muitos umbandistas se desvirtuaram, distanciando-se totalmente das simples *“Linhas Mestras”* preconizadas pelo seu iniciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, usando o livre arbítrio, mas, com egocentrismo, achismos, idiosincrasias e cupidez como desculpas, dando valor somente às exteriorizações externas, relegando ao esquecimento às práticas internas (reforma íntima, evangelização).

AS RAÍZES (EXOTÉRICAS) DA UMBANDA



Embora não coadunamos com alguns pequenos conceitos desta reportagem, achamos por bem disponibilizá-la, devido a certas peculiaridades:

UMA RELIGIÃO PARA TODAS AS CLASSES

Apesar da crença geral de que a Umbanda provém diretamente do Candomblé, é possível comprovar que este culto tem suas influências mais antigas no ritual indígena do culto da Jurema, e posteriormente do Catimbó. A ele se juntariam posteriormente elementos africanos, católicos e espíritas, numa mistura peculiaríssima que arregimenta cada vez maior número de adeptos, entre todas as raças e divisões sociais brasileiras – o que lhe vale a denominação de “a primeira religião brasileira”.

Em que pesem as teses em contrário e mesmo pontos de contato mais ou menos íntimos entre essas quatro correntes religiosas, a Umbanda não é uma dissensão do Candomblé e nem do Espiritismo.

Uma documentação bastante farta – nem sempre levada a sério, mas ainda assim disponível ao interessado que queira procurá-la – aponta claramente que a Umbanda não é nada mais nada menos que a religião ancestral do indígena que adotou a nomenclatura nagô, quer para elementos do culto (comidas, oferendas), quer para algumas das entidades, os Orixás. Do catolicismo ela adotou o reconhecimento da figura do Cristo e a adoção de Seu ideal de amor e caridade. Esse ideal, acoplado à práxis do exercício mediúnico, objetiva, segundo o Umbandista, a sua própria evolução espiritual e a de toda humanidade.

No Candomblé, o culto é dirigido ao Orixá, como parte de uma ordem estruturada e preestabelecida. Na Umbanda, esse aspecto devocional-prático limita-se a algumas orações cantadas (pontos) ou recitados no início de um culto para que, a seguir, como médium, o fiel preste-se a permitir o contato temporário dos assistentes com a hierarquia espiritual admitida pelo credo. Essa hierarquia atende a assistência, dá conselhos e remédios, faz previsões (...).

África, Europa e América numa só religião

Não é fácil rastrear as origens da Umbanda, ainda mais quando se tornou hábito, entre eruditos e não eruditos, classificá-la como subproduto do Candomblé. Mesmo o significado da palavra, para a qual já se fizeram as mais aventurosas traduções, é desconhecido.

Certos elementos do culto, porém, lhe são básicos, independentemente das diferenças que haja entre uma casa e outra. Podemos lembrar, entre eles, a existência de um Deus Criador, uma Trindade, um setenário de forças emanados do Primeiro Princípio, entidades tutelares de forças naturais, a estrutura do ritual e a mediunidade, esta, aliás, nunca praticada nos cultos yorubás. Todas essas identificações podem ser encontradas na religião do indígena sul-americano, numa ou noutra comunidade.

O Pajé, sacerdote, curandeiro e médium, deve aprender as particularidades de sua função, é verdade. No entanto, a iniciação real é resultado de uma experiência mística, só depois, sobrevindo um período de instrução, junto a um Pajé mais antigo, já reconhecido pela comunidade.

Suas funções são várias: desfazer malefícios e curar doenças usando remédios, imposição das mãos (passes) ou sortilégios, onde as defumações ocupam lugar de destaque. Também são porta-vozes dos Espíritos, sejam ancestrais ou tutelares naturais, e exercem essa função quase sempre através de práticas mediúnicas. Seus conselhos regram a vida do indivíduo e influem na vida da comunidade.

Catimbó: o ancestral indígena

Não é outra função do pai-de-santo na Umbanda, tampouco são outras crenças.

O elo que une essa religiosidade processada no Templo verde das matas e a Umbanda, sua sucedânea urbana, pode ser localizado no culto, hoje quase desaparecido, do Catimbó.

No Brasil colônia, muitos dos indígenas, voluntariamente ou como prisioneiros, passaram a conviver junto à comunidade branca. Nos centros urbanos ou em suas proximidades, os que ali permaneceram não abandonaram seu culto, Embora batizados e indo às missas, não deixaram de procurar seus Pajés. Da mesma forma como mestiçaram-se negros e brancos, uniram-se índios aos colonizadores europeus, e processos da inquisição já apontam esses últimos em reuniões religiosas dos primeiros.

O culto, simples encontro do Pajé com seus seguidores, resumiu-se ao transe mediúnico do sacerdote para atender as consultas ou na sua orientação quanto a remédios naturais e mágicos.

Porém, logo os frequentadores também apresentaram o fenômeno do transe. À defumação e aos passes junta-se, no ritual, a presença de uma bacia de louça onde é macerada a “Jurema”, palmeira tóxica do Nordeste. Referem-se ao culto como Catimbó – literalmente, mata de timbó, o cipó que o indígena utilizava para entorpecer os peixes e apanhá-los com maior facilidade.

Tudo indica a analogia. A mata, para o indígena, é a região dos Espíritos; nela interpenetram-se os mundos visível e invisível. Realmente, um médium, principalmente na Umbanda, antes e de se tornar porta-voz efetivo de entidades sobrenaturais, passa por estágios de semi-torpor, fica tonto. Aliás, ainda hoje procura-se, nos Terreiros, estimular, apressar esse estado, entontecendo o médium ao fazê-lo girar rapidamente.

O Catimbó serviu de ponte para a religiosidade indígena, e em São Paulo mesmo encontraremos no velho Jaú, ex-jogador e técnico do futebol, mas antes de tudo decano dos pais-de-santo, um antigo seguidor desse culto.

Nota do autor:

Pai Jaú – Um Grande Mártir da Umbanda

Euclides Barbosa, o “Pai Jaú”. Foi zagueiro do Corinthians e do Vasco da Gama e participou da Copa do Mundo de 1938, na França. Barbosa morreu dia 26 de dezembro de 1988, aos 82 anos, de insuficiência respiratória, em São Paulo. 15/12/1906 - 26/12/1988. (Fonte: Veja, 4 de janeiro, 1989 - Edição nº 1061 - DATAS - Pág.; 65)

“Um apelido como qualquer outro” era a resposta que Euclides Barbosa dava quando lhe perguntavam de onde ou do que havia surgido o apelido Jaú. Evitava falar de sua vida e das mulheres que sempre povoaram sua existência de alegrias e muitos dissabores. Apenas dizia que, como filho de Ogum, estava seguindo à risca os ensinamentos de seu pai.

De fato, o cidadão Euclides Barbosa, que ficou conhecido como Jaú, sempre foi um líder, desbravando territórios que ainda não haviam sido tocados por nenhum outro brasileiro.

Sua espiritualidade, como a de todos os seres que são contemplados com este tipo de missão, surgiu nos primeiros anos de sua vida, mas a visita a algumas benzedadeiras da época retardou a explosão espiritual, que se deu após encerrar sua brilhante carreira como jogador de futebol.

“Sou uma pessoa que tem três pesos e três medidas: sou da raça negra, umbandista e corintiano”.

Sábias palavras de quem tinha um parco conhecimento das letras, mas um infinito instinto de sobrevivência e de garra para não se deixar derrubar por nada neste mundo.

Suas façanhas no futebol foram cantadas em versos e prosa; a mais conhecida foi um jogo de vida e morte do “Coringão”.

Jaú, em uma dividida de bola, acabou tendo um ferimento grave na cabeça. Sua presença era essencial para que o time conseguisse vencer o adversário. Foi nesse instante que recebeu, pela primeira vez, uma mensagem espiritual, e a levou a sério.

Jaú estava deitado na maca, fora das linhas do campo, o médico dizendo ao técnico que ele não poderia voltar ao jogo, pois o sangue não parava de jorrar e, provavelmente, ele havia sofrido uma concussão cerebral; somente um milagre faria com que ele se levantasse.

Quando olharam para o lado, Jaú estava de joelhos, olhando para o infinito, como se estivesse ouvindo instruções, e passou a mão no gramado, arrancou um chumaço de grama, colocou no ferimento, e, ainda seguindo as instruções, enfaixou a cabeça. Depois, solenemente encostou a testa na terra e levantou-se, como que impulsionado por uma mola, entrando vitorioso no campo, sob os aplausos da torcida e a perplexidade do médico e do técnico.

Mais tarde, este gesto de tocar o solo do gramado com a testa passou a ser marca registrada do grande jogador e tinha tanta influência entre os colegas que ninguém se atrevia a colocar os pés no gramado sem que houvesse o toque da sorte, como passou a ser conhecido.

Quando Jaú pendurou as chuteiras e passou a dedicar-se inteiramente à sua missão religiosa, teve realmente de ter o mesmo espírito de luta que sempre lhe acompanhou nas disputas esportivas.

Sua religião era mais discriminada do que ser da raça negra ou então ser corintiano. Mesmo sem jogar, continuou fazendo, no Pacaembu, toda a vez que o timão fosse jogar, suas "mandingas" no campo para dar sorte aos jogadores.

O radialista Estevam Sangirardi imortalizou a figura de Jaú nos programas que eram apresentados após cada jogo e ninguém reclamava, pois realmente era uma homenagem merecida ao grande guerreiro.

Na religião, não teve tanto reconhecimento, ao contrário, foi o mais discriminado, o mais criticado e o mais perseguido pela polícia, que juntava a bronca de Jaú ter sido grande jogador corintiano com o fato de sua magia ainda ajudar nas grandes partidas.

Foi preso diversas vezes, sob alegação de estar praticando feitiçarias. Passou por muitas torturas, como ficar horas ajoelhado no milho; dias e noites sem comer, recebendo apenas goles de água. “Se ele recebe mesmo Espíritos, não precisa comer nem beber”, satirizavam os carrascos. Por fim, acabavam libertando-o, pois os filhos-de-santo se aglomeravam defronte à delegacia e, cantando pontos de Umbanda, pediam a libertação de Pai Jaú.

Uma das torturas mais cruéis ocorreu quando o Timão estava disputando uma final e Pai Jaú, ao acabar de fazer sua mandinga de sorte, disse ao técnico que o zagueiro deveria ficar mais solto, pois o gol da vitória estaria em seus pés. Não deu outra e o timão foi campeão daquele ano. Não mencionaremos o nome do time adversário para não causar constrangimento, pois temos certeza de que o ato praticado por alguns indivíduos não era a vontade de todos os torcedores.

A noite, Pai Jaú estava fazendo seu trabalho espiritual, quando seu pequeno Terreiro foi invadido por policiais, que alegaram ter recebido uma denúncia de que no local estavam promovendo uma orgia pela vitória do timão. Pai Jaú foi arrastado para o camburão e levado para a delegacia, não na mesma de sempre, o que dificultou aos filhos localizarem prontamente e pedirem sua soltura.

Até que fosse encontrado, na noite seguinte, Pai Jaú passou pela humilhação de ficar no “pau-de-arara”, levando choques e foi jogado entre marginais de outros times, que o espancaram.

Não satisfeitos, os policiais separaram dez palitos de fósforo, fizeram pontas bem finas e enfiaram, bem devagarzinho, entre as unhas das mãos de Pai Jaú, que nesse momento invocou a proteção do Senhor Ogum.

Foi atendido; quando os carrascos acenderam os palitos, ele começou a ver, nas chamas, uma espécie de luz, formando uma figura de índio. De seus olhos escorreram lágrimas, não de dor e sim de pena daqueles sujeitos que acharam que estavam lhe fazendo um grande mal. Estavam lhe proporcionando passar por um grande milagre espiritual.

Os policiais foram afastados a bem do serviço e nunca mais Pai Jaú foi perseguido pela polícia.



Euclides Barbosa (Pai Jaú) – 15/12/1906 – 26/12/1988

Até os 82 anos, idade em que faleceu, Pai Jaú atendia pessoas todas as quartas-feiras. Todos admiravam seu Caboclo (nota do autor: Caboclo Lumumba), pois sempre vinha do mesmo jeito, independente da idade ou da saúde do velho guerreiro. Na incorporação, seu corpo estirado se elevava mais de um metro do chão e, ao tocar no solo, o caboclo batia a cabeça no chão, no gesto característico do grande Decano.

Como já aconteceu com muitos dirigentes, por não deixar por escrito sua vontade, após sua morte, no que diz respeito a cerimônia e legados, Pai Jaú sofreu a discriminação e o desrespeito. Seus filhos-de-santo não puderam fazer nada, pois a família, com exceção de seu filho Jair, que nunca havia participado de sua vida, proibiu qualquer cerimonial umbandista e, no dia seguinte ao enterro, sua filha evangélica desmontou o Congá, jogou tudo na rua e colocou fogo, sob os olhos atônitos dos vizinhos, que não puderam ou não quiseram interferir.

Terminava assim a trajetória de um homem que honrou seu tempo, seus amigos e seus filhos espirituais, mas que recebeu muito pouco ou quase nada em troca, a não ser sua própria luz na eternidade.

Ao Velho Pai Jaú, por seu dia de glória. Oxalá o abençoe e guarde hoje e sempre. Sua benção Pai Jaú.

(Texto extraído do livro "Os Decanos, os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda")

Seríamos ingênuos em achar que, muito antes do Império, caboclos e mestiços, indígenas aculturados, que percorreram o Brasil de norte a sul na aventura das bandeiras e migrações diversas, não tenham espalhado também sua religiosidade. Mais tarde outros fluxos migratórios (a guerra do Paraguai, por exemplo), deram sem dúvida sua contribuição.

Medicina, consolo e orientação dos humildes, são entre os menos favorecidos que a "nova prática" cria raízes. Na década de 40, porém, já havia chegado até a chamada classe média, e hoje, entre seus praticantes (como no Candomblé), estão representadas todas as camadas culturais e socioeconômicas brasileiras.

O que foi relatado acima pode ser comprovado tanto por testemunhos e observação desapaixonada como pela comparação de textos a respeito. O estudioso e o filho de fé, curioso não deixarão de se sentirem seduzidos por uma aventura, tentando explicar a origem do culto.

Místicas, é verdade, são essas especulações, mas bastante verossímeis a partir de uma infinidade de pontos da história do homem e sua civilização que até hoje nunca foram suficientemente explicados.

Restos de um conhecimento fragmentado

De maneira geral, são de duas espécies essas hipóteses: parte referindo-se à destinação da Umbanda e seu papel de religião universal para uma época futura, uma nova Idade de Ouro. As demais, ligadas as primeiras atribuem-lhe não só o papel de religião universal como ainda de essência do conhecimento ancestral da humanidade, difundindo-se a partir da América (como parte da Atlântida mítica), para o resto do mundo, em épocas imemoriais e lendárias. Variantes dessa teoria admitem que o conhecimento e a civilização ancestrais da América vieram em migrações de diversos povos, também em datas muito remotas, passando nosso indígena por descendente de asiáticos (chineses, japoneses), polinésios, egípcios, sumerianos e hebreus.

Muitas evidências não devidamente apreciadas por pesquisadores oficiais, falam da presença na América de outros povos que não os autóctones. As mais conhecidas (e documentadas) registram colônias de navegadores nórdicos cristãos da América do Norte, antes da chegada de Colombo às Antilhas. Há mesmo registros de contribuições desses colonos feitas aos cofres do Vaticano. Os restos documentais, tradições, lendas e também construções, falam de civilizações desaparecidas quando o europeu aqui chegou oficialmente e relatam estruturas metafísicas muito elaboradas para povos “primitivos”. O certo é que há um centro “cultural” nas Américas, não localizado ao norte do continente, como seria de se esperar caso a cultura tivesse chegado ao Novo Mundo vinda do Estreito de Behring. Essa geografia da cultura americana mostra que suas civilizações mais desenvolvidas se localizaram no Yucatán, México (incluindo os pueblos ainda existentes no Sul dos Estados Unidos), nas Guianas e Norte do Brasil (marajoaras) e no litoral do Pacífico (incas).

Pobres e ricos integrados no mesmo culto

Se é possível dar a esses povos um atestado de originalidade, é impossível também negar-lhes esse papel. O proto-americano, o americano original, tanto pode ser herdeiro de civilizações remotas vindas da Ásia, como querem alguns, como pode, exercendo papel oposto, serem o ancestral e o exportador dessas culturas. No Ocidente, relatam as tradições, está o país Ancestral, no Ártico, a terra sempre verde de Thulé. Acontece que o Oeste egípcio, o seu *Amenti*, é o lugar onde o Sol se põe, mas também aponta o caminho da América. O norte céltico aponta o pólo, mas também o caminho que levaria a essa mesma América anterior; e quanto aos vikings, sabe-se que eles buscaram esse caminho.

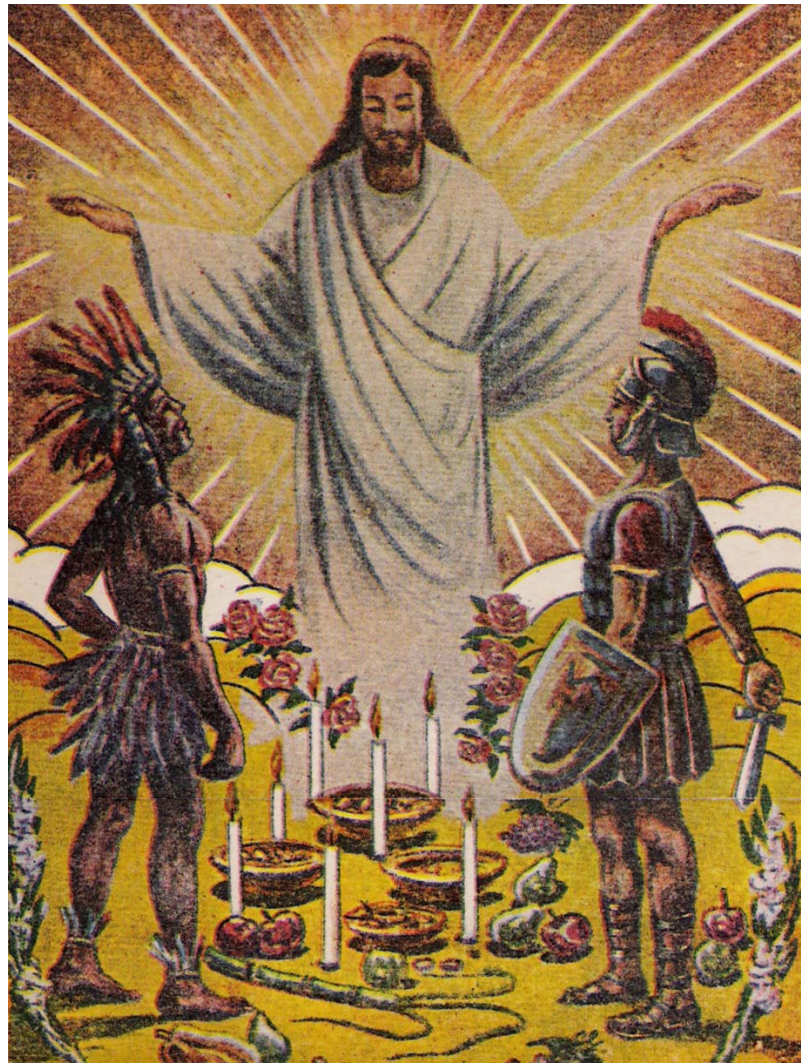
A Umbanda, vista como religião ancestral, abstraindo-se dela a nomenclatura nagô, identifica-se com todas as grandes religiões, do Egito ao hinduísmo védico, do panteão celta às sutilezas do taoísmo na China, sem falar do Olimpo greco-romano. É verdade que se pode argumentar com a coincidência, com a identidade arquetípica (teoria segundo a qual, independentemente de contatos, a humanidade partilha de ideias básicas) ou mesmo com erros de interpretação. Cada uma dessas teorias, porém, explicará um fragmento da Umbanda, e não seu todo. A evidencia (e não prova) da universalidade do culto, surgido entre os Caboclos humildes nas periferias urbanas do Brasil, deve ser reconhecida com sua aceitação universal. Registra-se sua mediunidade não só entre nosso Caboclo que tentou a civilização, mas com a japonesa que ainda não aprendera português e veio se radicar aqui, em uma comunidade de seus conterrâneos no meio da Amazônia. Seus princípios mágicos são universais, e sua prática, baseada na prestação de auxílio aos fiéis, não contradiz qualquer complexo religioso “evoluído”.

Pode-se indagar por que tantos tropeços em sua prática. Por que tantas vezes um culto de Terreiro sofre merecida menção desfavorável no noticiário dos jornais. Nelson Cunha, babalorixá há mais de vinte anos, tem uma explicação para essa circunstância:

“Ao homem – diz – é impossível conhecer os desígnios de Deus. Ao mesmo tempo, tem-se a tendência de fazer de nossa própria existência o centro do universo, quando, na verdade, somos apenas uma partícula ínfima do Todo. Muito próximos dos fatos, não podemos avaliar o que aquilo que vivenciamos hoje representará para a eternidade. Por mais desvios que essa religiosidade, irrompida para conhecimento público há menos de meio século, possa apresentar, não podemos avaliar o que ela está representando para o destino do homem. A Umbanda abre potencialidades desconhecidas e, simultaneamente, perigos também desconhecidos. Só o futuro, quem sabe não muito remoto, apontará os frutos de sua prática”.

(Trecho extraído da revista: *Planeta Extra – Candomblé e Umbanda – nº 09 – 1983*)

O QUE É UMBANDA



Primeiramente, vamos atentar para algumas opiniões de alguns primeiros umbandistas sobre a Umbanda:

- *“A Umbanda é hoje uma religião nacional, bem nossa, bem brasileira”.*
- *“Umbanda é o milagre vivo diante dos nossos olhos deslumbrados; Umbanda é ação do Cristo na sua jornada pelo planeta, realizando a magia divina em favor da humanidade que se debate no sofrimento e na dor”.*
- *“A tarefa que sobre seus ombros tomou o Caboclo da Sete Encruzilhadas – organizar a Lei de Umbanda no Brasil – é um verdadeiro milagre de fé e nos leva a um sentimento de profundo respeito por essa Entidade que se faz pequenina e procura valer-se sob a capa de uma humildade perfeita. É a ele que se deve a purificação dos trabalhos nos Terreiros. Não veio destruir o ritual e sim lhe dar força e métodos, manter sua pureza e propagá-lo com a sua organização maravilhosa”.*
- *“Religião de raízes antiquíssimas, cujas origens remontam a eras anteriores ao cristianismo, sua liturgia encontra-se a cada passo do Velho e do Novo Testamento, nos Templos do Egito e da Índia e na própria Igreja Católica. Por mais remota que seja uma religião, nela encontraremos os vestígios da Umbanda, ou seja, sob outro ponto de vista, de cada uma delas a Umbanda dos nossos dias colheu uma contribuição para consolidar a sua própria liturgia. Mas assim como a velha religião mosaica, à qual pertenciam os homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve de ser expurgada por Jesus de todo rito impuro, a Umbanda deixou para trás a seita que os cientistas classificavam de animismo fetichista e, libertada dos rituais complexos, pesados e, por vezes, contrários às normas de bondade, caridade e perdão, passou a ser o caminho mais simples e acessível para o homem se reaproximar do Criador”.*
- *“A religião que lhes estava destinada deveria ser uma religião eclética, cujas características principais fossem a caridade, a humildade e a perfeita tolerância para com a imensa ignorância dos homens”.*
- *“Umbanda é a própria alma do mundo trabalhando em prol da regeneração dos homens”.*



(Textos de José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa) – Dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo (1935), uma das sete tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas)

- *“Não cobrar, não matar, usar o branco, evangelizar e utilizar as forças da Natureza – eis a Umbanda”.*



(Texto de Moab Caldas – umbandista, eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul em 1950).

- *“Os conceitos emitidos através da mediunidade de Zélio de Moraes determinaram uma Linha de Trabalho que será, mais hoje, mais amanhã, aquela que definirá os rumos verdadeiros da Umbanda”.*



(Texto de Floriano Manoel da Fonseca – Dirigente da Cabana Espírita Senhor do Bonfim – 1939).

- “O Espiritualismo de Umbanda está aí para proporcionar Luz e Amor no entendimento e no coração dos filhos de Deus e não para promover demandas, nem atizar a fogueira do ódio, da vingança, das represálias. Não! “A melhor maneira de se extinguir o fogo é recusar-lhe combustível”.

(Dr. Aníbal Vaz de Melo)

- “Se a nossa missão é Umbanda, nosso dever primordial é cultuá-la com absoluta convicção, respeitando seus princípios, estudando seus fundamentos a fim de compreender os seus fins. Respeitemos as outras crenças, mas deixemo-las a cargo daqueles que a praticam. Não é certo misturar crenças e rituais. Estudemos a Umbanda, pura, simples e bela, para que possamos praticá-la conscientemente, elevando-a ao nível que merece. Umbanda é religião e ciência admirável, que apaixonou quem a ela se dedica”.



(Texto de Átila Nunes (1948) (pai)).

- “O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de magia negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos.”
- “A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem o seu fundamento no exemplo de Jesus.”
- “A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador, nada se encontra susceptível de condená-la”.
- “E o amor de Deus e a prática do bem são a divisa da Linha Branca de Umbanda e Demanda”.



(Textos de Leal de Souza, em seu livro “O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA – 1933”)

- *“A doutrina da Umbanda é um sistema religioso inspirado nas Leis Divinas. Sua interpretação é feita pelos Guias Espirituais que a transmitem por via das comunicações mediúnicas. A lógica, a justiça e a razão são as bases dos conceitos emitidos pelas Entidades em torno de tudo o que nos rodeia na vida terrena. A doutrina umbandista é uma via de reforma humana, de espiritualização autêntica para transformar em realidade o almejado sonho de fraternidade entre os homens. Não é falsa asserção, pois é notório o resultado obtido com a doutrina ininterruptamente feita pelos Espíritos missionários que se apresentam como Pretos Velhos ou Caboclos”.*

(Texto de João de Freitas).

- *“Umbanda se nos apresenta como a estrada luminosa e ampla pela qual podem seguir juntos, irmanados no mesmo desejo de liberdade e perfeição, no mesmo sentimento de amor e progresso, povos de todas as raças, crenças, cores e nacionalidades”!*
- *“Segundo dados conhecidos, a Umbanda vêm sendo praticada em terras brasileiras desde o meado do século XVI, sendo, por conseguinte, a mais antiga modalidade religiosa implantada sob o Cruzeiro do Sul, depois do Catolicismo, que nos veio com os descobridores”.*
- *“A Deus o que é de Deus e a César o que é de César”: essas palavras sábias do doce Nazareno ainda aqui têm cabimento. À Umbanda não interessa nem especulação nem mistificações.*

(1º Congresso de Umbanda – Textos do Senhor Diamantino Coelho Fernandes, da Tenda Espírita Mirim – 1941)

- *“A Umbanda é uma religião porque possui culto, ritual, dirigente, oferenda, e tudo quanto uma religião devidamente organizada possui neste ou naquele grau. A Umbanda é uma ciência porque, não se limitando a aceitação cega da imposição ritualística sacerdotal dogmática, indaga, pesquisa, investiga o dito sobrenatural servindo-se dos métodos mediúnicos kardequianos (mesmo quando seus adeptos não conhecem a “Terceira Revelação”) e dos métodos mediúnicos de Papus e Elifas Levi (mesmo quando as fórmulas evocativas são diferentes). A Umbanda, tanto quanto o Espiritismo é uma ciência de experimentação e passível de evolução em grau que se não pode limitar. E é a Umbanda uma religião verdadeira? Para o católico nenhuma outra religião, além da sua, é verdadeira; e a sua fórmula dogmática é: “Fora da Igreja não há salvação”. Entretanto para o estudioso de religião comparada, que, à luz da história das civilizações e da ciência, concluiu que a fonte é uma só; a Umbanda não apenas é uma religião verdadeira como é também um vasto campo de pesquisa teosófica. É, portanto, a Umbanda, como antes dissemos, uma verdadeira religião e uma verdadeira ciência”.*

(Texto retirado do Livro Codificação da Lei de Umbanda (Emanuel Zespo, Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista, 1953, p.8 e p.47))

- *“Umbanda é a expressão de uma elevadíssima corrente espiritual que traz para o povo da América a glória de uma época de luz que ficará na história. Não é um movimento arbitrário: está obedecendo ao Plano Divino”.*



(1º Congresso de Umbanda – Texto do Senhor Roberto Ruggiero, da delegação da Tenda Espírita Mirim – 1941)

- *“A Umbanda é qual libélula que se desvencilhou da lagarta rastejante e alçou vôs para viver uma nova vida, vida de luz, de renovação, levando em suas asas as vibrações amigas de Paz, Caridade, Perdão e Amor”.*

- *“A Umbanda, esteira de luz a iluminar os filhos de Deus nos caminhos da trevas, chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o Amor Universal, a imortalidade da alma e a vida futura, consagrando-se como verdadeira religião de caráter nacional”.*

(Textos de Jota Alves de Oliveira – 1965)

- *“A Umbanda tem por objetivo a transformação moral do homem, revivendo os ensinamentos crísticos na sua verdadeira expressão de simplicidade, fé, humildade, pureza e amor. A Umbanda é uma religião simples, desprovida de complicações doutrinárias e metafísicas. O fim essencial da Umbanda é a melhoria do homem, iluminando-lhes os sentimentos, na superioridade das características morais, libertando-o para a Vida Maior”.*

(Texto de: Padrinho Juruá, dirigente do “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista”)

UMBANDA – RELIGIÃO/FILOSOFIA/CIÊNCIA/ARTE

Umbanda é uma religião milenar em seus fundamentos, cósmica em seus preceitos, evolutiva em suas manifestações, crística em seus princípios, aspectos, finalidades, postulados, e brasileira em sua origem. Explicaremos melhor:

- **É Milenar** porque seus fundamentos são os mesmos que presidiam o reencontro com Deus desde o início da raça humana em nosso planeta.
- **Cósmica** porque seus fundamentos culminaram com a união preconizada pelo Movimento Umbandista dos quatro pilares do conhecimento humano, que são: Filosofia, Ciência, Religião e Arte.
- **Evolutiva** em suas manifestações, porque a Umbanda se manifesta em seu dia a dia, utilizando todos os recursos positivos existentes no ontem, no hoje e com certeza usará os que vierem no amanhã.
- **Crística** porque os seus aspectos, princípios, postulados e finalidades estão calcados nos ensinamentos dos Mestres da Luz, principalmente no Mestre Jesus, sendo a manifestação e a vivência do Evangelho Redentor, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal.
- **Brasileira em suas origens.** Como prática religiosa, surgiu e se desenvolve no Brasil.

Do catolicismo absorveu alguns sacramentos, a crença em Jesus, na Mãe Maria Santíssima, aos Anjos e alguns Santos; do Espiritismo, o estudo sistemático da codificação kardeciana; dos cultos-afros, absorveu a crença nos Sagrados Orixás, a temática de oferendas e despachos; dos cultos Indígenas, o uso ritualístico das ervas, do tabaco e o respeito à Terra e tudo o que ela possui e, finalmente, do Ocultismo e Orientalismo toda a gama de informações sobre o mundo oculto, mantras, pedras, incensos, concentração, meditação, etc. Isto tudo unido é Umbanda e traz uma compreensão maior do próprio homem, entendendo-se como Ser Espiritual habitante não apenas de uma cidade, país ou planeta, mas sim de todo o Universo; o papel de cada um neste contexto cósmico é revelado pela Umbanda no conhecimento das causas e origens deste mesmo Universo.

Podemos resumir o objetivo de todos estes processos através das seguintes equações:

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Filosofia + Ciência = Sabedoria • Arte + Religião = Amor • Sabedoria + Amor = Caridade • Caridade = Umbanda. |
|---|

A Sabedoria é alcançada através da Razão, e o Amor é a expressão máxima e suprema do sentimento. Assim, o caminho para atingir o binômio Sabedoria + Amor que é a Caridade expressada, através da fé raciocinada e da razão sentimentalizada; a Caridade, é a maior expressão existente do Amor. Com tudo isso sedimentado, houve por bem manifestar todos esses dons no Brasil. Surgiu então, a Umbanda. Quem imaginaria que por trás da aparência singela de um humilde Terreiro Umbandista, existissem conceitos tão profundos e propósitos tão sublimes? Dizemos que a Umbanda é evolutiva referindo-nos, em primeira estância, as formas de apresentação do Movimento Umbandista que não só tem variações entre os diversos Terreiros (modalidades de Umbanda), atendendo às necessidades dos que os procuram, mas também variações evolutivas do ritual de cada um desses Terreiros no decorrer do tempo.

Este é princípio básico de expansão e evolução do Movimento Umbandista. É claro que, se as pessoas vão evoluindo e adquirindo valores espirituais superiores, é justo que os rituais reflitam esta evolução, abandonando gradativamente os aspectos da forma, e buscando a essência da vida.

Umbanda é vibração mágica de amor e de força, que envolve e atinge a tudo e a todos. É a força mágica que abrange este crescente movimento religioso.

Umbanda é lei que regula os fenômenos das manifestações e comunicações entre os Espíritos da Aruanda para o mundo das formas.

A Umbanda é uma poderosa corrente espiritual, mantida no astral, para a massa humana, tendo dentro de si os aspectos religiosos, filosóficos, científicos, simbólicos, mitológicos, ritualísticos ou litúrgicos, os fenômenos da mediunidade, os da metafísica, o terapêutico e o mágico.

A Umbanda é uma profissão de fé baseada no Evangelho de Jesus, nos ensinamentos crísticos, nos Sagrados Orixás, no trabalho com as forças da Natureza, e na manifestação mediúnicamente e orientação dos Espíritos que usam a roupagem arquetípica fluidica de apresentação na forma regionalizada de: Caboclos da Mata, Caboclos D'água, Caboclos Sertanejos, Baianos, Povo do Oriente, Pretos-Velhos, Crianças, Ciganos, Curandeiros, Tarefeiros, nos trabalhos mediúnicos pró-caridade, excluindo-se o totemismo, as superstições e o sobrenatural.

A Umbanda com sua mundividência cósmica é mais requintada com sua reflexão sobre a espiritualidade do que os sistemas religiosos extremamente homocêntricos que dominam o mundo atual. A Umbanda está profundamente enraizada no mundo natural e no relacionamento da humanidade com o Universo.

As religiões monoteístas dominantes, em suas formas estabelecidas e heréticas, rejeitam a Natureza e o mundo material como tentações malfazejas, que desviam o verdadeiro crente do caminho espiritual. A Umbanda admite os perigos do ultramaterialismo, mas tem uma visão mais realista da Natureza, reconhecendo o papel da humanidade na roda cósmica da vida. A Umbanda veio unir o conceito filosófico crístico que leva a Deus, a fenomenologia da mediunidade (Kardec) e a vivência com a mãe Natureza.

(Texto formulado em base de um capítulo do livro: "Cultura Umbandística" – Brasão de Freitas, Roger T. Soares, e, Willian C. Oliveira – Editora Ícone)

A UMBANDA COMO RELIGIÃO

Na evolução do sincretismo religioso afro-brasileiro, provavelmente com o Dr. Nina Rodrigues à frente, a partir de 1896, tiveram início as primeiras pesquisas dos cultos africanos, introduzidos no Brasil, hoje denominados de Candomblés e por extensão Kimbando, Omolokô, Xangô e Linhas de Nações.

Vamos encontrar, nos autores estrangeiros, estudos relacionados com o fetichismo africano e as várias fases de mesclagem com o judaísmo, o islamismo e o catolicismo principalmente.

Encontramos alguns estudiosos a fazerem escavações atlantes e lemúrias procurando tirar, dos subterrâneos milenares, o fenômeno Umbanda. Será isso possível? A Umbanda já teria existido ou se originado com as características atuais das terras submersas da Atlântida e da Lemúria, como querem alguns estudiosos? Talvez...

Mas, se a Umbanda, como verificamos no Rio de Janeiro, Estado do Rio, Espírito Santo, Estado de Minas, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e outros Estados, se apresenta frequentemente com as características esotéricas das práticas do Candomblé africano – como poderemos encontrá-la nos milênios recuados – se tudo indica que o seu despontar, o seu nascedouro, como o afirmam muitos, se deu mesmo nas Terras de Santa Cruz, depois da intromissão de gente civilizada?

Percebemos que ainda estão a confundir Umbanda com Candomblé...

É possível! Entretanto...

Nos dias que correm não devemos confundir Umbanda com o Candomblé africano ou o Candomblé de Caboclo, este último em larga proliferação em Salvador, Bahia e geralmente difundido no Rio de Janeiro e Estado do Rio, notadamente nas cidades satélites do Estado, como Caxias, São João de Meriti, Belfort Roxo, Éden, São Mateus e pelo ramal de Nova Iguaçu e, por outro lado da baía, nas cidades de Niterói e São Gonçalo.

O Candomblé que se pratica nessas cidades é um pouquinho diferente daquele que nos descreve o professor Waldemar Valente, no livro "Sincretismo Religioso Afro-brasileiro."

É um Candomblé com mais atrativos e funcional, com horários para consultas particulares, onde a maioria dos médiuns, ou “cavalos”, Babá, lalorixá, ou Babalawô, se tornam profissionais do culto, fazendo comércio com sua mediunidade e com os Espíritos atuantes, em total desarmonia com os médiuns apóstolos do Cristo.

Os designativos ou apelidos dos médiuns dos Candomblés são os mesmos usados e algumas Tendões de Umbanda.

Não obstante os paradoxos entre as práticas de caridade limpa e as consultas sob pecúnia, alguns Terreiros do Candomblé também usam salvar a Nosso Senhor Jesus Cristo (...). O ritual além de muito longo, é cansativo (...), com excesso de cânticos e saudações entrosadas com dialetos africanos (...), estende-se pela madrugada adentro.

Muitos Terreiros se excedem no uso de bebidas alcoólicas de variados tipos. Fazem matanças e oferendas de sangue e de comidas, inclusive (...). Recomendam despachos simples ou complicados (...).

Sempre há um trabalho feito contra o consulente, que deve ser desmanchado através de obrigações, com outros despachos para estabelecer a contra magia.

É a lei de Moisés, dizem, do olho por olho, dente por dente (...). Babás e Babalaôs e seus “filhos” de Terreiro, usam roupagens complicadas, vistosas e coloridas, de elevado custo, com abundância de colares de variados tipos, braceletes e outros adornos de grande efeito e valor, de maneira que corresponda o melhor possível às exigências dos “mortos” da grei e seus ascendentes, em face da herança e dos preceitos transmitidos de pai para filho (...). Colares e adornos que pretendem confundir com os “mantrans”. Mas é bonito e leva o “cavalo” a usar muitos quilos desses enfeites. Por todo esse sistema e armação, querem, também, chamar de Umbanda.

Entretanto, convém que fique bem claro; o que entendemos por Umbanda, o que apreciamos em vários lugares, o que centralizamos para o nosso estudo é um pouquinho mais que as cerimônias barulhentas com batidas de atabaques e palmas, com gritos e assovios de Caboclos e de Índios, como se estivessem em plena selva comemorando algum feito guerreiro. A Umbanda que nos toca à sensibilidade é aquela onde se faz prece de abertura e encerramento das sessões. Onde se estabelece silêncio e se pede concentração. Onde se estabelece horário e se cumpre o horário. Onde a disciplina impera desde o chefe do Terreiro, homem ou mulher, o responsável pelos trabalhos espirituais, até os auxiliares menos graduados. Onde os atabaques ou tambores são usados somente em dias de festas, já que são instrumentos totalmente impróprios para dias de sessões públicas, denominadas de caridade e nos dias reservados à escola de médiuns. Atabaques e tambores que os sacerdotes africanos usavam a pleno Céu aberto, nos Terreiros adrede preparados para officiar o culto, durante dias e noites, sem se darem conta de horários, nem de preocupações com trabalho e patrões (...).

A Umbanda com a qual nos identificamos é aquela que tem finalidades elevadas e educativas, retificadoras e regenerativas, onde se recomenda a reforma íntima e a lei de amor ao próximo. Onde se aconselha o perdão e não se atíça o consulente à luta, ao acirramento. Onde já foi substituído o olho por olho de Moisés, pelo ensino de Jesus: *“Quem com ferro fere, com ferro será ferido”*, que corresponde a outro ensinamento: *“Com a mesma medida que medirdes sereis medidos”*.

De modo que, além do passe o do conselho, ou da corrente de descarga, o adepto ou simpatizante tenha em vista a sua reforma, a sua melhoria, tanto material quanto espiritual, em sentido de seu aperfeiçoamento.

A Umbanda em nossos dias, já é mais que a resultante do sincretismo progressivo; muito mais. A Umbanda é um movimento dinâmico produzindo magnetismo sadio por Espíritos selecionados, cujas falanges desenvolvem um trabalho de limpeza psíquica e o “toque” de despertar nas criaturas desorientadas, nos viciados, nos desiludidos, nos doentes de todos os matizes.

São Espíritos que agem dentro das ondas vibratórias positivas, onde há perfeita sintonia e receptividade nas faixas de amor ao próximo, capaz de estabelecer, através dos médiuns, sua luz edificante. A Umbanda é qual rio caudaloso a distribuir ondas de luz radiosa e de renovação incessante, onde seus trabalhadores não medem sacrifícios para atender aos ensinamentos do Evangelho: *“Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam”*.

Muito diferente do africanismo atuante em sua origem e mesclado no Brasil, onde a exploração e a ignorância estão em oposição ao *“Daí de graça o que de graça recebeis”*.

A Umbanda é qual libélula que se desvencilhou da lagarta rastejante e alçou vôos para viver uma nova vida, vida de luz, de renovação, levando em suas asas as vibrações amigas de Paz, Caridade, Perdão e Amor.

Promoção, renovação e constante evolução, são as características dinâmicas que observamos no variadíssimo sistema e método de trabalho, normas e práticas, quer em sessões de caridade, quer nas sessões de iniciação e preparo mediúnicos onde já foram introduzidas lições doutrinárias do Evangelho de Jesus.

A variedade encontrada nas sessões espirituais da Umbanda, dentro do terreno positivo, honesto, de servir sem pecúnia, de não fazer da Umbanda balcão de negócio é elemento que não pode ser desprezado, nem combater, exigindo uniformidade de rituais ou sistemas.

Pois que, encontramos exatamente, na variedade de métodos e sistemas de trabalhos, um fator importantíssimo ao seu desenvolvimento, ao seu aprimoramento por todos os recantos das Terras do Cruzeiro. É preciso atender ao fator vibratório dos seus condutores, às condições do meio ambiente; a capacidades intelectuais, culturais, etc., dos médiuns ou aparelhos. É preciso, inclusive, respeitar as tendências, os gostos, quando os mesmo não sejam prejudiciais aos trabalhos.

Em várias regiões do Brasil e variadíssimos ambientes, quer do Centro, Norte e Sul, detivemo-nos em observações, levamos tempo para nos convencer que é na variedade que está a progressividade atuante deste maravilhoso fenômeno que se chama Umbanda.

Não se deve esquecer a situação e nossos irmãos que foram convocados ao trabalho para sua própria redenção, desde o varredor de rua até o ministro das relações e o introdutor diplomático. A Umbanda atende à sintonia vibratória da maioria dos filhos de Deus, muitos esquecidos e alheios aos desígnios da Providencia Divina e, outros descrentes das religiões atuantes que lhes negaram e negam até o direito de raciocinar e o de conhecer a verdade mais próxima e lhes têm impingido a mentira atrás de atitudes veladas e dogmas que repugnam ao bom senso, ao infinito amor do Pai, de Deus.

Sentimos a Umbanda como se fora uma esteira de luz a iluminar os filhos de Deus, nos caminhos das trevas. Vemos a Umbanda como se fora uma Casa de Saúde a restabelecer e a recompor os transeuntes abalados e afadigados. Percebemo-la como se fosse um grande hospital a curar as chagas morais e espirituais e as feridas dos doentes de todas as classes. Percebemos a Umbanda, naquele conselho de Jesus à mulher sofredora: *“Vai e não peques mais”*.

Embora sem doutrina própria, a Umbanda chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o Amor Universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação; consagrando-se como uma verdadeira religião de caráter nacional.

Assim vemos a Umbanda despertando as consciências e iluminando as veredas para a ascensão do homem, do Espírito-imortal.

Não confundir a Religião de Umbanda, com a Religião Espírita, com o Candomblé de Caboclo e muito menos com o Candomblé Africano – são como água e azeite, de mistura impossível.

Nós, umbandistas, não seguimos a Religião Espírita, a Religião Católica, ou mesmo a Religião do Candomblé, mas simplesmente seguimos os ensinamentos crísticos, os Espíritos de luz e suas lições preciosas calcadas no Evangelho Redentor, sejam de onde foram quando encarnados.

Muitos filhos, adeptos e frequentadores do negativismo, têm chegado até a Umbanda e, vislumbrados com sua luz radiosa, não mais se perderão no caminho das trevas em que vegetavam até então.

A propósito, examinemos este conceito do Espírito Emmanuel, em seu livro edificante, *“Pensamento e Vida”*. – *“Com o auxílio dos múltiplos instrutores que nos guiam da cátedra e da tribuna, pelo livro e pela imprensa, retomamos no mundo a nossa realidade psíquica determinada pela soma de nossas aquisições emocionais e culturais no passado, com a possibilidade de mais ampla educação da verdade para o devido ajustamento à Vida Superior”*.

(Trechos extraídos do livro: Umbanda Cristã e Brasileira – Jota Alves de Oliveira – Ediouro – 1989”, com algumas adaptações do autor)

A DOCTRINA UMBANDISTA

Muitas pessoas só em ouvir falar em “Umbanda” já sentem ojeriza. Imaginam sacrifícios de animais, feituas de magias negras, amarrações, invocações demoníacas, ataques histéricos, baixo espiritismo e outras coisas terríveis. Nada disso tem a ver com a Umbanda, a religião que prega a caridade, o amor ao próximo, a reforma íntima, a evangelização, a adoração a Deus, e a fé inabalável que remove montanhas.

É um tanto difícil falar de tão encantadora doutrina, pois quanto mais conhecemos mais nos aproximamos da bondade de Deus e da sua sabedoria. Mais nos encantamos, e mais descobrimos quão pequenos somos, e quanto ainda temos que aprender. Aprender a amar a Deus sobre todas as coisas e aprender a amar ao próximo como a si mesmo. Amar, amar e amar; aprender, aprender e aprender; trabalhar, trabalhar e trabalhar.

E nesse contexto de amar, aprender e trabalhar é que devemos entender a Umbanda como uma corrente de fé, que por meio do contato com os Espíritos Santos de Deus, Os Espíritos Tutelares, nossos Guias e Protetores Espirituais, seres abnegados que já passaram por experimentações terrenas, onde muitos já alcançaram a plenitude da sabedoria universal e hoje se dirigem a nós no intuito de auxiliar-nos em nossa caminhada evolutiva, nem sempre fácil, mas sempre digna e merecedora do aprendizado.

A Umbanda busca por meio da mediunidade, contatar os Espíritos da luz para que num elo “corpo e essência” os mesmo possam ensinar tudo aquilo que aprenderam em suas vidas e por diversos caminhos nos levar a uma mudança de pensamento e de vida, sempre para o bem, pautados nos ensinamentos eternos de Jesus.

A Umbanda, durante uma Sessão de Caridade, manipula as energias cósmicas e da Mãe Natureza para auxiliar aqueles que necessitam, seja para uma cura espiritual, para uma cura física ou mesmo para um direcionamento na vida. Lembremo-nos, entretanto, que a Umbanda não presta auxílio somente aos encarnados, mas auxilia e muito os nossos irmãos que no plano espiritual sofrem, pelo remorso de suas consciências, pelas suas ignorâncias ou ainda por não terem entendido e vivenciado as verdades eternas. Os Guias e Protetores Espirituais, em suas simplicidades, nos orientam para o único e inevitável caminho de todos os seres: Deus.

Entendemos que a Umbanda é patrimônio dos Seres Espirituais de alta evolução que governam o planeta Terra e os seres humanos encarnados e desencarnados são herdeiros deste Conhecimento-Uno. Entretanto, a aquisição deste conhecimento cósmico depende de condições ou pré-requisitos que o indivíduo deva possuir para compreender a extensão e significado deste patrimônio.

Ao processo de amplificação da consciência que conduz a integração de ser neste contexto, denomina-se “Processo Iniciático” ou Iniciação, no qual o pretendente busca o início das causas e origens do nosso Universo, a partir do conhecimento de si mesmo, e das leis que regem o macrocosmo.

O Movimento Umbandista é um movimento filo-religioso que visa reestruturar o Conhecimento-Uno. Sua divulgação é estimulada pela Cúpula Astral de Umbanda, calcado nos ensinamentos crísticos, sob a égide do Mestre Jesus, pilar central da Umbanda e seus aspectos internos ou iniciáticos são propagados pelos Guias e Protetores Espirituais, alicerçados em médiuns verdadeiros, devotos e conscientes de seu trabalho espiritual.

Considerações sobre a Umbanda:

A Umbanda é um conjunto de leis que regem a vida e a harmonia do Universo. Como religião ou como ciência, na Umbanda, tanto na prática ritualística material como na esfera espiritual das comunidades umbandistas, só se conhece uma hierarquia: a da evolução de cada Espírito nos diversos planos da criação, e a vibratória estabelecida pelo mérito de cada um. A par do conhecimento perfeito da vida, a Umbanda aproveita o ambiente material fornecido pela vibração humana para abrir o verdadeiro caminho da sabedoria onde se aprende que a verdade ou a realidade final do Universo é imutável. Dentro da concepção de que o aproveitamento material fornecido pelo homem é força ativa indispensável à realização da Umbanda, sobre o médium é que repousa integral responsabilidade, somente excedida pela sua própria compreensão quanto à missão que lhe é, por escolha, auto-imposta. A Umbanda é uma síntese expressiva de Amor, Sabedoria, Respeito, Tolerância e Renúncia, tal qual nos deparamos através do Evangelho de Jesus e dos ensinamentos crísticos através dos Mestres do Amor. O Umbandista dela se serve como meio de progresso e defesa, mas nunca como instrumento de ataque. Esta síntese de concepção atende tanto a uniformidade das comunidades Umbandistas, como diretamente fica subordinada às manifestações dos diversos planos de criação, quando emanadas de uma determinação superior, única e universal.

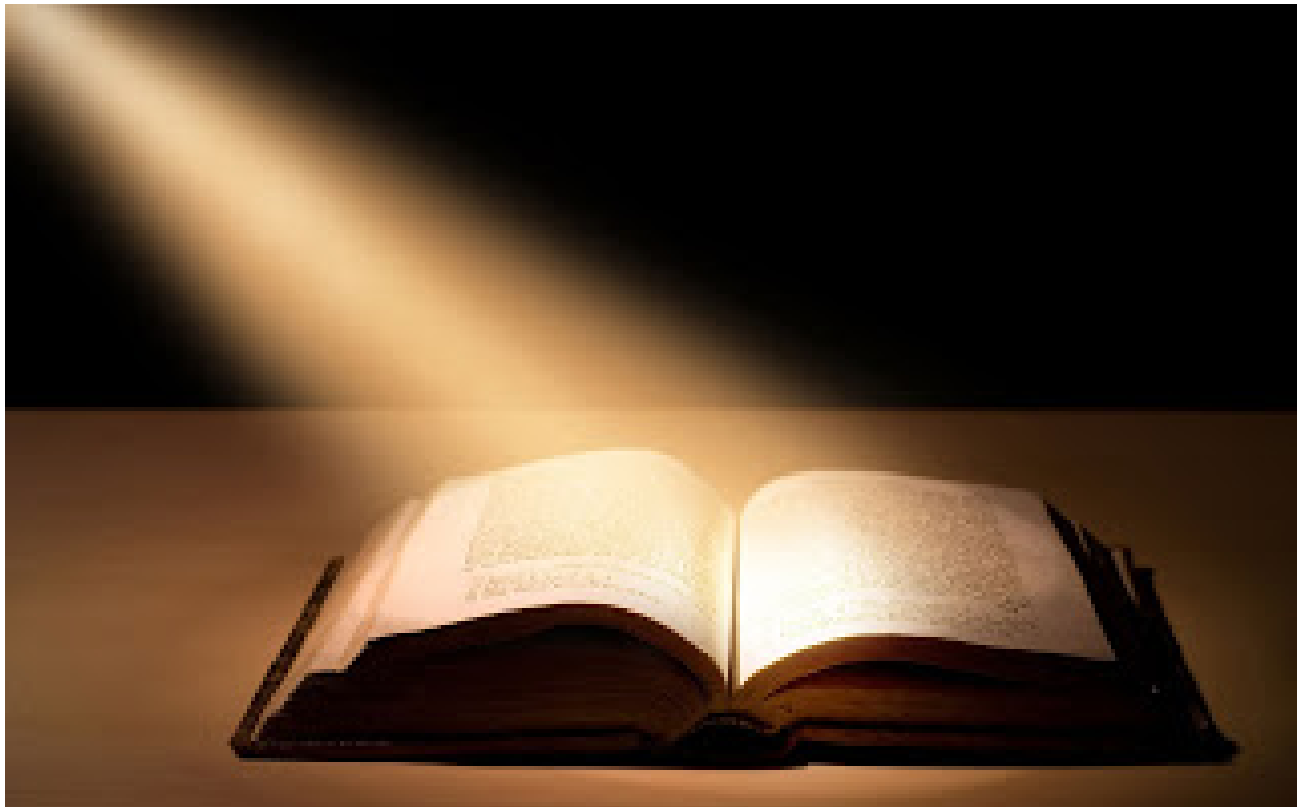
- O Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu do astral superior, a missão de purificar um culto, surgido no Brasil entre a mesclagem de Pajelança, Catimbó, Cabula e Macumba, que se deturparam no final de 1880, até 1940, tornando-se instrumento de interesses pessoais, com magias negras e fins pecuniários.
- Umbanda é o sinônimo de prática religiosa e caritativa, não tendo cobrança pecuniária como uma de suas práticas usuais. Mas, é lícito o chamamento dos médiuns e das pessoas que freqüentam os Terreiros no sentido de mensalmente, contribuir espontaneamente para a manutenção do mesmo ou para a realização de eventos de cunho religioso e assistencial aos mais necessitados. Vivemos para a Umbanda e não da Umbanda.
- A Umbanda não aceita a tese defendida por adeptos dos cultos de nação, e que diz que só com a raspagem e catulagem e só com o sacrifício de animais é possível às feituas de cabeça, e os assentamentos dos Orixás, pois, para a Umbanda, a reforma íntima, a fé, o amor, a caridade, as rezas e as orações são os mecanismos íntimos que ativam Deus, seus Poderes Reinantes (Corporações Orixás), e os Guias e Protetores Espirituais em benefício dos médiuns e os frequentadores dos seus Templos. Inclusive, em Umbanda, também não existe “coroação de médiuns”.

- A Umbanda não recorre aos sacrifícios de animais para assentamentos magísticos, e não tem nessa prática legítima do Candomblé um dos seus recursos ofertatórios aos Poderes Reinantes do Divino Criador (Corporações Orixás) e nem “demandatórios”, pois recorre às orações, rezas, desobsessões, ou se preciso, oferendas e/ou entregas magísticas de flores, bebidas, frutos, sucos, chás, alimentos, incensos, velas, ou seja, produtos naturais e de elevada vibração em manipulações magísticas. A reforma íntima, fé, amor, rezas e orações são os principais fundamentos religiosos da Umbanda e suas práticas de entregas magísticas são isentas de materiais de baixa energia vibratória (sangue, ossos, carnes, etc.). A Oferenda, como dádiva (é um presente, sem intenções magísticas e muito menos de agradar), é também uma reverência espontânea aos Sagrados Orixás e é recomendada a sua prática aos seus fiéis, como forma espontânea de alegria e satisfação.
- A Umbanda é uma religião ainda difusa, devido à incorporação massiva de médiuns cujas formações religiosas se processaram em outras religiões, e cujos usos e costumes vão sendo diluídos muito lentamente para não melindrar os conceitos e as posturas religiosas dos seus adeptos, adquiridas fora da Umbanda, através de milênios, mas respeitadas por ela. Mas, tudo isso é providencial, pois cada um trouxe para a Umbanda aquilo que era necessário para a futura fundamentação doutrinária/ritualística/litúrgica/magística, excluindo somente as superstições, totemismos, fanatismos, dogmas, idolatrias e tudo mais que fere a vivenciação evangélica, aos ensinamentos crísticos, à razão e ao bom senso.
- A Umbanda não é somente magística, mas faz uso da magia a fim de auxiliar seus prosélitos, para quando estiverem fortificados, possam ser doutrinados na prática do Evangelho Redentor e nos ensinamentos crísticos.
- A Umbanda não apressa o despertar mediúnico ou doutrinário de seus fiéis, pois tem no tempo e na espiritualidade dois ótimos recursos para conquistar o coração e a mente de cada um.
- A Umbanda tem no “dom paranormal de incorporação” a sua maior fonte de adeptos, pois a mediunidade independente da crença religiosa das pessoas. Como a maioria das religiões condena os médiuns ou os segregam, taxando-os de pessoas possesadas ou desequilibradas, então a Umbanda não tem que se preocupar, pois sempre será procurada pelas pessoas portadoras de faculdades mediúnicas, principalmente a da mediunidade psicomotora.
- A reformulação de certos aspectos da Umbanda não depende somente dos escritores e dirigentes, que acreditamos tenham boa vontade para externarem aquilo que acham correto. Simplesmente todos somente fazem aquilo que suas mentes concebem como certo. Cremos que nunca vá existir um codificador ou mesmo uma codificação. A Umbanda é unilateral; se fosse para fazer um código, deveria ser com todo mundo junto e mesmo assim ainda teria as limitações. O que a Umbanda carece atualmente é de um reformulador, que irá contribuir para a disciplina, coordenação e assentamento doutrinário, calcado nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso. Sabemos que somente com as bênçãos dos Sagrados Orixás, com desprendimento, humildade, espírito de caridade e muito amor no coração, o que alguém escrever, e no momento certo, frutificará. O fato de não ter sido criada com uma codificação ritualística/litúrgica/magística, foi fundamental para a consolidação da Umbanda, pois caso fosse desde o início, o movimento se estreitaria, tornando-se reservado somente a alguns “escolhidos e iniciados”, com ritualísticas e liturgias codificadas, não permitindo o que viesse futuramente. A Umbanda dá liberdade para que todos os seus adeptos leiam e estudem todos os livros sagrados do mundo, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal. Seria impossível conceber, uma religião do porte da Umbanda, ser prejudicada pela desinformação, ou somente pelo egoísmo de seus dirigentes e seguidores materiais. Tudo aconteceu e acontece de conformidade com as diretrizes da Cúpula Astral da Umbanda. Confiemos, e envidemos todos os esforços para contribuirmos pela unificação doutrinária da Umbanda. O que realmente aconteceu, foi que o Caboclo das Sete Encruzilhadas ditou “Linhas Mestras” a serem seguidas por todos; “Linhas Mestras” essas que permeiam a essência do trabalho umbandista, por isso, devem ser seguidas rigorosamente, o que não acontece em praticamente a maioria dos Terreiros da atualidade.
- Os dirigentes umbandistas têm que se prepararem condignamente, para que acolham em seus Terreiros todas as pessoas portadoras de faculdades mediúnicas, e as auxiliarem em seus desenvolvimentos, preparando-as para que futuramente se tornem, também elas, os seus futuros dirigentes. Dirigente se forma com anos de trabalho ativo, iniciático e doutrinário dentro de um Terreiro Umbandista, e não tão somente por querer, e menos ainda através de cursos e literaturas. Aceitamos sim, “cursos especializados” que visam aperfeiçoar e capacitar os já reconhecidos dirigentes pela espiritualidade nos aspectos exteriores e magísticos. Os dirigentes têm, primeiramente, por obrigação, tornarem-se evangelizados e evangelizadores.

- A Umbanda prega que os integrantes dos Poderes Reinantes do Divino Criador (Corporações Orixás), indissociáveis da Natureza terrena, não são deuses, mas sim, são seres dotados de alta Espiritualidade, Arcanjos Planetários, Anjos Planetários e Espíritos Superiores, recomendando a prática de rezas, orações e caridade como forma de reverenciá-los e invocá-los, e não somente festas, magias e oferendas.
- A Umbanda não alimenta em seu seio segregacionismo religioso de espécie alguma, e vê as outras religiões como legítimas, todas como ótimas vias evolutivas, permitidas pelo Pai Eterno, para acelerarem a evolução de vários setores regionais humanos. Cada qual, onde se afiniza. Para a Umbanda não existem religiões ruins, mas somente locais onde se reúnem pessoas de boa vontade, que praticam aquilo que acham ser o correto. Dão o melhor de si, e com certeza, auxiliam muitas pessoas.
- A Umbanda é uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma “Modalidade de Espiritismo”, está explicitada neste livro, no capítulo “POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?”, no subtítulo “1ª Missão”), mas não é prática religiosa kardecista. Somente fundamentamos, com razão e bom senso, os estudos doutrinários mediúnicos e de entendimentos dos Espíritos, na codificação kardeciana; aceita e acata os ensinamentos de alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista. A Umbanda, também é espiritualista porque incorporou conceitos e práticas espirituais universais (referentes ao mundo espiritual). Também manipula os elementos superiores da Natureza (comandadas pelos Anjos Planetários, os Orixás Sustentadores), e trabalha com os Espíritos elevados, os Espíritos Tutelares (Guias e Protetores Espirituais), para auxiliar as pessoas que freqüentam os Terreiros Umbandistas.
- Nas apresentações mediúnicas, com os Espíritos, a Umbanda procura mostrar arquétipos sociais e não raciais, ou seja, enfatiza grupos sociais a fim de serem aceitos e melhor compreendidos, e não defendendo e impondo fatores raciais. A Umbanda nos traz os arquétipos sociais/regionais que fazem parte de toda a nossa ancestralidade e por isso são aceitos sem ressalvas, nos fazendo sentir bem por estar em contato com Espíritos afins. O que a Umbanda não faz, é defender e impor as raças: negra, branca, amarela ou vermelha.
- O aparente sincretismo foi previsto pela espiritualidade, para no menor tempo possível, angariar o maior número de adeptos, em decorrência da própria formação racial brasileira. Mas, na verdade, a Umbanda, que não é afrodescendente; não é sincrética. cremos que alguns Santos proeminentes, Espíritos Superiores, que na Umbanda são nominados de Orixás, pontificam Linhas de Trabalhos dos Orixás Mediadores, como trabalhadores dos mesmos, atuando em comunhão com essa força; Exemplos: São Jorge milita na força Ogum; São Jerônimo milita na força Xangô; Santa Bárbara milita na força Yansã; São Lázaro milita na força Omulú, etc. (eles não são “o” Orixá, mas “militam na força Orixá”, perfazendo toda uma Linha de Trabalho Espiritual). Somente os culto-afros são sincréticos. O único sincretismo existente na Umbanda é dos arquétipos regionais dos Guias e Protetores Espirituais, ligando-os aos tipos sociais brasileiros.
- A Umbanda prega a existência de um Deus único e tem nessa sua crença o seu maior fundamento religioso, pois não o dispensa em momento algum em seus cultos religiosos; reverencia as Corporações Orixás como sendo Poderes Reinantes do Divino Criador e não como deuses (divindades); os Espíritos elevados, Espíritos Tutelares (os Guias e Protetores Espirituais), e não os dissocia Dele, o nosso Pai Maior. A Umbanda não encerrou Deus em quatro paredes, elegendo alguns “dignos” representantes D`Ele (Monoteísmo), mas sim, reconhece a presença Divina em tudo e em todos e que o Pai manifestasse de todas as formas através de uma hierarquia muito bem distribuída e disciplinada (Neo-Panteísmo). Por isso, Umbanda não é monoteísta, mas sim, Neo-Panteísta.
- A Umbanda não é catolicismo, mas aceita e acata os Anjos e alguns Santos. A Umbanda não é culto-afro, mas aceita e acata, com entendimento próprio, a crença nos Orixás.
- No atual momento terreno, encerra-se o primeiro ciclo do movimento umbandista no Brasil (100 anos). Atualmente caminhamos para o “tempo de escolha”, onde será separado o trigo do joio, para que a Umbanda floresça em toda a sua plenitude espiritual e material.

O tempo é o melhor juiz de todas as coisas. Devemos envidar todos os nossos esforços a fim de contribuirmos para que a Umbanda seja higienizada, retirando de seu culto o folclore, o totemismo, as superstições, as excentricidades, o exagero dos cultos externos, o uso exagerado de oferendas, despachos, fantasias, adereços, vaidades, dançarias, manifestações circenses, etc., transformando-a numa religião na acepção da palavra, modificando o homem para melhor, e a fim de auxiliar sua religação a Deus. O maior fundamento da Umbanda reside na crença em Jesus o Oxalá, o Mestre dos Mestres, o Governador Espiritual do Planeta Terra e sua doutrina – Os Evangelhos, e nos ensinamentos crísticos, a fim de nos prepararmos para a grande jornada, que é o nosso reencontro com Deus.

OS POSTULADOS DA UMBANDA



Na visão da Umbanda Crística, vamos apresentar os “Postulados da Umbanda” para que todos possam entender o que seguimos, em que acreditamos, e quais as nossas finalidades, para que não fiquem em divagações negativas sobre tão nobre religião:

APOTEGMAS DA UMBANDA

- 1) A Umbanda é uma religião crística.
- 2) A Umbanda é uma religião Neo-Panteísta.
- 3) A Umbanda é uma religião evolucionista teísta.
- 4) A Umbanda é uma religião brasileira.

SÍNTESE DA PROFISSÃO DE FÉ DOS UMBANDISTAS

- 1) Cremos em um Deus único, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as Suas perfeições.
- 2) Cremos em Jesus, incondicionalmente, não como o único filho de Deus, mas sim, como nosso irmão amado, Mestre em sabedoria, Pai por carinho, luz de nossas vidas, e Senhor pelo Seu amor, sendo Ele o pilar central da Umbanda.
- 3) Cremos na existência do Cristo Planetário, responsável por toda a evolução planetária, e O temos como Mestre Supremo.
- 4) Cremos na Mãe Maria Santíssima e em Suas obreiras, as padroeiras responsáveis por diversos países.
- 5) Cremos na doutrina dos Evangelhos (segundo Marcos, segundo Mateus, segundo João e segundo Lucas) e nos ensinamentos dos Espíritos Crísticos, os Mestres do Amor como via evolutiva para se chegar a uma espiritualidade superior.
- 6) Cremos na Lei da Reencarnação.
- 7) Cremos na mediunidade, sob as mais variadas apresentações, e na comunicação dos Espíritos.

- 8) Cremos na mediunidade como tarefa – não como profissão.
- 9) Cremos na Alma (chamamos de Alma o Espírito preso à carne) e no Espírito (quando já está desvincilhado da carne).
- 10) Cremos na imortalidade do Espírito e na vida futura.
- 11) Cremos no batismo da palavra, da conversão, e não no da água.
- 12) Cremos na Lei de Causa e Efeito, excluídos os castigos de Deus, do Céu ou do inferno.
- 13) Cremos na Lei do Livre-Arbitrio.
- 14) Cremos e aplicamos o exposto nas obras kardecianas, principalmente em o “Livro dos Espíritos”, em o “Livro dos Médiuns” e em o “Evangelho Segundo o Espiritismo”.
- 15) Cremos na existência da pluralidade dos mundos religiosos, filosóficos e doutrinários espirituais.
- 16) Cremos na existência da matéria como energia – massa e de espaço – cósmico, indestrutíveis, eternos, porém de natureza intrínseca, ligados entre si.
- 17) Cremos em duas linhas evolutivas: Ascensão e Evolução material; que a linha de Ascensão, “via matéria”, foi escolha nossa.
- 18) Cremos na Lei das conseqüências, ou de causa e efeito, ou seja: Carma.
- 19) Cremos na Lei das conseqüências benéficas adquiridas, ou seja: Darma.
- 20) Cremos na existência das Hierarquias Espirituais Angelicais assim constituídas: Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins, Tronos, Potestades, Potências, Dominações e Principados.
- 21) Cremos na existência dos Poderes Reinantes do Divino Criador, nominados de “Orixás Essenciais” (*Essencial: Que caracteriza, denota o mais relevante; Que é primordial*) os Espíritos Arcangélicos, também conhecidos como Engenheiros Siderais ou Arquitetos Maiores, Mentas Superiores, construtores e responsáveis pelas constelações. Não são deuses, mas sim denominações humanas para uma classe de Hierarquia do Divino Criador.
- 22) Cremos na existência dos “Orixás Sustentadores” (*Sustentador: Aquele que ampara, sustenta; mantêm em pé*), os Anjos Planetários, responsáveis diretos por toda a criação e sustento de tudo no Planeta Terra. São os embaixadores dos “Orixás Essenciais”.
- 23) Cremos na existência de “Orixás Mediadores” (*Mediador: Que ou aquele que intervém. Intercessor*), também conhecidos como “Pais de Segredo”, os Espíritos Superiores, que são os enviados diretos dos “Orixás Sustentadores”. As atuações e posturas arquetípicas dos Espíritos Guias e Protetores na Umbanda, manipulam os reservatórios de energia (Orixás) de cada Linha; por isso as “Sete Linhas de Umbanda” postadas como se fossem Orixás em si; nada mais seriam, do que Poderes Reinantes do Divino Criador, fundamentados por Arcanjos Planetários (Orixás Essenciais), manipulados por Anjos Planetários (Orixás Sustentadores), e, distribuídas com 21 Espíritos Superiores para cada Linha Excelsa (Orixás Mediadores – em número de 147 no total), que comandam Espíritos Guias (Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos), seus enviados, por afinidade fluídica. Isso tudo é para a Umbanda somente.
- 24) Cremos na existência e comunicação mediúmica em trabalhos caritativos em atendimentos fraternos dos Espíritos Tutelares, os Guias e Protetores Espirituais, também conhecidos como Espíritos Santos de Deus ou Santas Almas Benditas, assim classificados: Guias Caboclos da Mata, Guias Pretos-Velhos, Guias Crianças, Guias Curandeiros, Guias da Linha do Oriente, Protetores Baianos, Protetores Caboclos Sertanejos, Protetores Caboclos D’Água, e Protetores Ciganos.
- 25) Cremos na existência e comunicação mediúmica dos Espíritos Tarefairos (conhecidos como Exus e Pombas-Gira de Lei), em trabalhos caritativos somente em processos demandatórios e de defesa.
- 26) Cremos nos Espíritos tidos como condutores e/ou obreiros de outras religiões e filosofias, que quando encarnados serviram às causas nobres, ensinando a todos o bem, o amor, a caridade a reforma íntima, principalmente com seus exemplos e tidos por muitos como Santos (Semirombas), Mentores (Espiritismo), ou Mestres (Budismo, Fraternidade Branca, Hinduísmo, etc.), desde que calcados nos princípios crísticos, na razão e no bom senso.

- 27) Cremos na existência do Espírito, sobrevivendo ao homem físico, no caminho da evolução, buscando o aperfeiçoamento.
- 28) Cremos na Lei da Magia Planetária que rege todo o Universo e sua aplicação com parcimônia.
- 29) Cremos na unificação de todas as religiões.
- 30) Cremos na afirmação de que as religiões constituem os diversos caminhos de evolução espiritual, que conduzem a Deus.
- 31) Cremos na prática da caridade material e espiritual.
- 32) Cremos na necessidade do ritual como elemento disciplinador e direcionador dos trabalhos espirituais.
- 33) Cremos na crença de que o homem vive num campo de vibrações que condicionam a sua vida para o bem ou para o mal, conforme sua própria tônica vibratória.
- 34) Cremos na compaixão como sinônimo de prática caritativa diária.
- 35) Cremos na existência de sítios vibratórios da Natureza (praias, matas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, jardins, etc.), por onde os Poderes Reinantes do Divino Criador (Orixás Mediadores), manifestam-se vibratoriamente com mais intensidade emanando magnetismos necessários à nossa sobrevivência, e aonde vamos constantemente promovendo concentrações para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes, nos reequilibrando com as forças da Mãe Natureza. A Umbanda reverencia a Natureza, por ser nela que se encontram as mais puras manifestações Divinas, e onde também iremos buscar e nos harmonizar com as forças ali reinantes, sustentadoras de toda a forma de vida planetária.

PROFERIDOS UMBANDISTAS

- 1) Seguimos tudo o que estiver pautado nos ensinamentos crísticos, nas orientações dos Espíritos na codificação kardeciana, e principalmente nas orientações dos Evangelhos, sem achismos e sem idiosincrasias, regando todas as práticas, sejam elas doutrinárias ou ritualísticas, na razão e no bom senso.

E para sabermos se os ensinamentos dos textos acima, sejam quais forem, estão pautados na sabedoria divina, é só seguir o seguinte aforismo:

“Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade. Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Devo (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual. Nem porque pareça ser uma necessidade análoga. Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não crerdes meramente porque ouvistes falar.

Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, deveis agir de conformidade e intensamente”.

(Siddhartha Gautama – Buddha)

“A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião”. (Dalai Lama)

A Umbanda, incondicionalmente, também aceita e segue os 14 preceitos dados pelo Senhor Siddhartha Gautama (Buddha), um dos Espíritos crísticos que estiverem entre nós. Levemente adaptamos os preceitos, para se encaixar na Umbanda, sem ferir o seu conteúdo:

1. *Não seja idólatra por causa de nenhuma doutrina, teoria ou ideologia, mesmo a umbandista. Os sistemas umbandistas de pensamento são meios de orientação; eles não são a verdade absoluta.*
2. *Não pense que o conhecimento que você possui no presente é imutável, ou que ele é a verdade absoluta. Evite ser fechado e estar preso a opiniões presentes. Aprenda a praticar o desligamento de pontos de vista a fim de estar aberto a receber os pontos de vista de outros. A verdade é encontrada na vida e não simplesmente no conhecimento de conceitos.*
3. *Não force os outros, incluindo crianças, por nenhum meio, a adotar seus pontos de vista, seja por meio de autoridade, ameaça, dinheiro, propaganda, ou mesmo educação. Entretanto, através do diálogo compassivo, ajude os outros a renunciarem o fanatismo e a estreiteza de ideias.*
4. *Não evite o sofrimento, não feche seus olhos ao sofrimento. Não perca a consciência da existência do sofrimento na vida do mundo. Encontre maneiras de estar com aqueles que estão sofrendo, incluindo contato pessoal, visitas, imagens e sons. Por tais meios, lembre a si mesmo e aos outros à realidade do sofrimento no mundo.*
5. *Não acumule riqueza enquanto milhões passam fome. Não faça o objetivo da sua vida adquirir fama, lucro, riqueza, ou prazer sensual. Viva simplesmente e compartilhe seu tempo, energia e recursos materiais com aqueles que estão passando necessidades.*
6. *Não mantenha a raiva ou o ódio. Aprenda a penetrá-los e transformá-los enquanto eles ainda só existem como sementes na sua consciência.*
7. *Não se perca nas distrações à sua volta, mas continue sempre em contato com tudo que é maravilhoso, refrescante e curativo dentro de você e ao seu redor. Plante sementes de alegria, paz e entendimento em si mesmo, a fim de facilitar o trabalho de transformação nas profundezas da sua consciência.*
8. *Não pronuncie palavras que podem criar discórdia e causar a quebra da comunidade. Faça todos os esforços para reconciliar as pessoas e resolver todos os conflitos, nem que sejam pequenos.*
9. *Não diga coisas falsas nem por interesse pessoal, nem para impressionar as pessoas. Não diga palavras que causam divisão e ódio. Não espalhe notícias que você não sabe se são verdadeiras. Não critique ou condene coisas das quais você não tem certeza. Sempre fale a verdade, de maneira construtiva. Tenha a coragem de levantar sua voz quando vir uma situação injusta, mesmo quando ao fazer isto você coloca sua segurança em perigo.*
10. *Não use a comunidade umbandista para ganho ou lucro pessoal, e não transforme sua comunidade em um partido político. Uma comunidade religiosa, no entanto, deve tomar uma atitude clara contra a opressão e injustiça, e deve tentar mudar a situação sem se envolver em política partidária.*
11. *Não viva com uma vocação que é nociva aos seres humanos e à natureza. Não invista em companhias que privam outras pessoas da sua chance de viver. Selecione uma vocação que o ajude a realizar seu ideal de compaixão.*
12. *Não mate. Não deixe que outras pessoas matem. Encontre todos os meios possíveis de proteger a vida e impedir a guerra.*
13. *Não possua nada que deveria pertencer a outras pessoas. Respeite a propriedade dos outros, mas impeça os outros de lucrarem do sofrimento humano ou do sofrimento de outras espécies na Terra.*
14. *Não maltrate seu corpo. Aprenda a cuidar dele com respeito. Para preservar a felicidade dos outros, respeite os direitos e os compromissos dos outros. Preserve suas energias vitais (sexual, espiritual, respiração) para a realização de seu Caminho.*

Para irmãos e irmãs que são médiuns umbandistas: suas expressões sexuais não devem ser sem amor e comprometimento. Em uma relação sexual tenha consciência do sofrimento que pode ser causado no futuro. Para preservar a felicidade de outros, respeite seus direitos e compromissos. Esteja plenamente consciente da responsabilidade de trazer novas vidas a este mundo. Medite sobre o mundo para o qual você está trazendo novos seres.

Agora, o que estiver contrário a tudo isso, pare imediatamente; está no caminho errado; não está praticando a Religião de Umbanda.

A Umbanda é uma religião de amor, compreensão e compaixão.

- 2) Abominamos o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira), quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios para obtenção de favores de qualquer ordem.
- 3) Em Umbanda damos de graça o que de graça recebemos de Deus; trabalhos espirituais não se cobram. Tudo é feito gratuitamente.
- 4) Em Umbanda não se cultua ou “incorpora” Orixás, mas tão somente seus enviados.
- 5) Fazemos largo uso de ervas em defumações, banhos e amacis e o uso ritualístico de Tabaco.
- 6) Fazemos uso, com parcimônia da sistemática de oferendas e quando necessário, os despachos demandadores.
- 7) A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos demandatórios. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos.

FINALIDADES DA UMBANDA

“Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade”.

Frase lapidar e insubstituível, que nos legou o saudoso e inesquecível Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Coadjuvando tal definição, poderemos, inclusive, cimentá-la com uma outra que diz: *“Fora do amor não há salvação”*. A caridade é a maior expressão de amor.

A caridade propiciada nos Templos Umbandistas é muito ampla, e sempre começa com a ação dos Espíritos, proporcionando o bem espiritual, com uma série de benefícios aos Espíritos perturbadores que lá chegam com as pessoas e logicamente aos consulentes, tais como:

- 1) Caridade para com os médiuns, por sua dedicação e renúncia e, concomitantemente, ao seu aperfeiçoamento moral, espiritual e material.
- 2) A caridade proporcionada ao Espírito comunicante, pela necessidade que tem do médium, pois sem este não seriam possíveis as comunicações e na diversidade nos serviços (como esclarece o apóstolo Paulo); o Espírito Guia, no intercâmbio com o médium e a coletividade, também faz o seu progresso, a sua evolução pelos trabalhos ou serviços que presta.
- 3) A caridade para com os Espíritos perturbados/perturbadores, obsessores, kiumbas, os desarvorados que são trazidos ao recinto dos trabalhos espirituais da Umbanda, bem assim os que enfermam as pessoas, com ou sem noção do mal que estão praticando, e que, por tais mal-estares que causam, obrigam as pessoas a recorrerem aos Terreiros. É o chamado: Trabalho de Descarrego (desobsessão).
- 4) A caridade material, sem a intervenção dos Espíritos, através do Departamento de Assistência Social onde são distribuídos gêneros alimentícios, roupas, enxovais para recém-nascidos, remédios, por vezes médico e dentista; enfim, campanhas para dar assistência quase que geral aos pobres são comuns aos Terreiros bem organizados.
- 5) *“Todas as entidades serão ouvidas, e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é à vontade do Pai”.* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)
- 6) Fazemos uso, com parcimônia da sistemática de oferendas, de entregas magísticas, e quando necessário, os despachos demandadores.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO NEO-PANTEÍSTA



A Umbanda é profissão de fé, crística, baseada nas manifestações dos Espíritos utilizando a roupagem arquetípica fluídica regional de Caboclos da Mata, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D'água, Ciganos, Curandeiros, Povos do Oriente, e Tarefeiros, na orientação dos mesmos nos trabalhos mediúnicos pró-caridade, dentro da ritualística própria; excluindo-se mitos, dogmas, idolatria, totemismo, fetichismo, milagres, superstições e o sobrenatural.

UMBANDA: UMA RELIGIÃO

Segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, *“Religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem”*.

Com base nesse conceito, pode-se afirmar que a Umbanda é uma religião. A fusão positiva de algumas práticas de outros credos, filosofias e as diferenças de ritos nos Terreiros não invalidam tal classificação. Variações litúrgicas, magísticas e ritualísticas são passíveis de ocorrer não apenas em religiões tradicionais, como em todas aquelas que, por motivos diversos – invasão, evasão, idiosincrasia, guerra, etc. – tenham sofrido influência de terceiros.

Por isso, a doutrina umbandista se caracteriza pela infiltração positiva de outros costumes, pela falta de coesão e de origem única deve-se considerar universalista. É essencialmente brasileira. Teve contribuições positivas dos cultos afro-ameríndios, com doutrina e rituais absorvidos de outras fontes, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal; desenvolveu-se e consolidou-se num credo apropriado à evolução, temperamento, cultura e anseio do povo brasileiro. Não representa, portanto, um culto africano, como pretendem muitos, apesar de ter com alguns deles diversos pontos positivos de contato. Ressente-se ainda de uma uniformidade doutrinária e de uma ritualística padronizada.

Tende, porém com o tempo, à uniformização, tornando-se homogênea, com uma base única, assim que forem corrigidas as discrepâncias que permanecem em consequência de equivocadas ritualísticas/doutrinas herdadas pelas idiosincrasias. É preciso, todavia, tolerância e compreensão, visto ser uma religião muito nova, não totalmente firmada em seus postulados.

Esses tropeços, que não permitiram sua consolidação, são facilmente explicáveis. A maior parte das religiões possui um fundador, um avatar, um messias, elaborador da doutrina, que a ensinou e a difundiu.

Mesmo aqueles que a transmitiram apenas oralmente, tiveram seguidores que se preocuparam em transcrevê-la para que ficasse sedimentada e perpetuada, sem perigo de deturpação.

Remontando às primeiras épocas, encontram-se os Vedas, onde ficaram registradas as leis que regem a pluralidade das existências e dos mundos e a comunicação com os mortos. Através do Bardo Thodol, livro que enfeixa a sabedoria do Tibet, se obteve o conhecimento da Lei do Carma. No Zenda Avesta, foram fixados os ensinamentos de Zoroastro, transmitidos ao povo da Pérsia.

No Torá, foram consolidadas as leis hebraicas. Nos Evangelhos, ficaram imortalizadas as palavras e lições ministradas por Jesus. Maomé deixa impresso no Alcorão as crenças e doutrina a ele comunicada por Entidades Celestiais. O esclarecimento dos mistérios que envolviam o intercâmbio com o Além, com base nas verdades pregadas por Jesus, foi enviado por Espíritos a Kardec, que o enfeixou numa série de livros. Nasceu, assim, o Espiritismo.

A Umbanda, todavia, não teve um messias (ela teve um instituidor) e ressentiu-se de um reformador que a resume e lhe unifique o ritual e a doutrina, a fim de possibilitar uma estruturação única. Isto, porém, virá oportunamente, através de empenho pessoal, da luta, do uso da razão e da fé de algum umbandista iluminado.

Talvez seja essa a diretriz seguida pelo Alto para ensinar o homem atual. Fazê-lo atingir o conhecimento da verdade, por si mesmo, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter uma Entidade Angelical ao supremo sacrifício de descer ao Plano Físico para elucidá-lo. As bases primordiais das Normas Divinas foram fartamente explicadas pelos Avatares das diversas religiões, o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

A alta Hierarquia Espiritual, reconhecendo que a humanidade, no estágio evolutivo em que se encontra, está preparada para servir-se de razão com discernimento, e valer-se da intuição mais burilada, faculta ao homem usá-las com objetividade. É um método didático de permitir que o indivíduo cresça e se aprimore por esforço próprio.

Na elaboração da Doutrina Espírita já se nota a tendência de não impor a verdade, mas deixar que ela seja procurada e achada. O Espiritismo não surgiu de uma fonte única ou de dogmas, mas foi produto de informações e esclarecimentos prestados por diversas entidades, enviados a todos os quadrantes do mundo, fornecidos a inúmeros médiuns e, finalmente, convergindo para um ponto.

Foi preciso um esforço imenso e grande trabalho sacrificial para separar a realidade da fantasia. De mensagens propositadamente falsas, transmitidas por Espíritos inferiores, deduziu-se o modo de vida desses seres e a razão de ocorrências desse tipo.

De informações fragmentadas e escritas em idiomas diferentes, formulou-se uma doutrina única, real e verdadeira, somente exequível por existir um raciocínio lógico, objetividade, dedicação, sensatez e intuição de uma mente superior como a de Kardec.

Pelo imenso número de adeptos que a Umbanda possui, não é difícil surgir em seu meio alguém portador das qualidades necessárias para estruturá-la e fazer com que todas as casas de culto se unam sob o mesmo código.

Como nada sucede na Terra que não seja programado pelo Alto, presume-se que as Entidades Celestiais que supervisionam as religiões e especificamente as que amparam a Umbanda estejam esperando que ela amadureça um pouco mais para providenciarem a vinda de uma pessoa habilitada a reformá-la.

Quanto mais o homem progride na mente, no coração e na intuição, mais os mestres podem levantar o véu que encobre a realidade única.

(Trecho extraído do livro: "O Ritual da Umbanda – Vera Braga de Souza Gomes – Ediouro", com adaptações do autor)

Como muitos tacham a Umbanda de seita numa alusão pejorativa, vamos entender o que realmente significa esse termo e não mais nos aborrecermos quando ouvirmo-lo:

Seita:

- 1º)** Do latim secta = "seguidor", proveniente de "sequi" = "seguir". É um conceito utilizado para designar, em princípio, simplesmente qualquer doutrina, ideologia ou sistema que divirja da correspondente doutrina ou sistema dominante, bem como também para designar o próprio conjunto de pessoas (o grupo organizado ou movimento aderente a tal doutrina, ideologia ou sistema), os quais, conquanto divergentes da opinião geral, apresentam significância social. Usualmente conecta-se o termo à sua significação específica (stricto sensu) apenas religiosa, com o que por "seita" entende-se, a priori e de ordinário, imediatamente "seita religiosa". Porém, tal nexos causal não é imperativo, pois nem sempre uma seita está no domínio religioso. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Seita>)

- 2º) Doutrina religiosa ou ideológica que se afasta de outra; conjunto de crenças de uma doutrina que diverge da geral; partido; grupo de pessoas que seguem determinados princípios ou doutrinas, diversas dos geralmente aceitos no respectivo meio; teoria de algum professor célebre, seguida por muitos. (*pt.wiktionary.org/wiki/seita*)

DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES DA RELIGIÃO

Religião é um sistema qualquer de ideias, de fé e de culto, como é o caso da fé cristã.

Interpretação da religião: É o conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus. Doutrina ou sistema de princípios que regula a subordinação da criatura ao Criador.

- Religião (do latim: “religio” usado na Vulgata (*Vulgata é a forma latina abreviada de “vulgata editio” ou “vulgata versio” ou “vulgata lectio”, respectivamente, edição, tradução ou leitura de divulgação popular – a versão mais difundida (ou mais aceita como autêntica) de um texto*), que significa “prestar culto a uma divindade”, “ligar novamente”, ou simplesmente “religar”); é um conjunto de crenças sobre as causas, natureza e finalidade da vida e do universo, especialmente quando considerada como a criação de um agente sobrenatural, ou a relação dos seres humanos ao que eles consideram como santo, sagrado, espiritual ou divino.
- Religare: estar ligado, unir, atar;
- Religio: dúvida, escrúpulo e mais tarde cerimônia de culto;
- Relegere: escolher cuidadosamente.
- Religião é um conjunto de crenças e práticas organizadas, formando algum sistema privado ou coletivo, mediante o qual uma pessoa ou um grupo de pessoas é influenciado.
- Religião é um corpo autorizado de comungantes que se reúnem periodicamente para prestar culto a um deus, aceitando um conjunto de doutrinas que oferece algum meio de relacionar o indivíduo àquilo que é considerado ser a natureza última da realidade.
- Religião é qualquer coisa que ocupa o tempo e as devoções de alguém. Há, nessa definição, um quê de verdade, já que aquilo que ocupa o tempo de uma pessoa é geralmente algo a que ela se devota, mesmo que não envolva diretamente a afirmação da existência de algum ser supremo ou seres superiores. E a devoção encontra-se na raiz de toda religião.
- Religião é o reconhecimento da existência de algum poder superior, invisível; é uma atitude de reverente dependência a esse poder na conduta da vida; e manifesta-se por meio de atos especiais, como ritos, orações, atos de misericórdia, etc.

Finalidade da religião: *“A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhora o homem, não atinge a sua finalidade. Aquela em que ele pensa poder apoiar-se para fazer o mal é falsa ou foi falseada no seu início. Esse é o resultado a que chegam todas aquelas em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos símbolos exteriores é nula, quando não impede os assassinos, os adúlteros, as espoliações, as calúnias e a prática do mal ao próximo, seja qual for. Ela faz supersticiosos, hipócritas, fanáticos, mas não homens de bem”.* (“o Evangelho na Umbanda” – Jota Alves de Oliveira)

A partir destas tentativas de definição, podemos nos atrever a classificar as religiões em tipos de acordo com a similaridade de suas crenças.

Especialistas no assunto destacam pelo menos nove classes de religiões. Mas, como o leitor perceberá, há casos em que a distinção é mantida por uma linha muito tênue, o que faz que surja certa mistura de conceitos (tipos) em uma única religião.

De fato, os tipos de religiões mesclam-se em qualquer fé que queiramos considerar, e, geralmente, as religiões progredem de um tipo a outro ao longo de sua trajetória.

Assim, os vários tipos de religiões alistados a seguir não são necessariamente contraditórios ou excludentes entre si. Acompanhe:

- 1) **Religiões animistas:** Sistemas de crenças em que entidades naturais e objetos inanimados são tidos como dotados de um princípio vital impessoal ou uma força sobrenatural que lhes confere vida e atividade.

- 2) **Religiões naturais:** Pregam a manifestação de Deus na natureza, e, geralmente, rejeitam a revelação divina e os livros sagrados. Segundo seu pensamento, toda e qualquer revelação à parte da natureza não é digna de confiança.
- 3) **Religiões ritualistas:** Enfatizam as cerimônias e os rituais por acreditar que estes agradariam as divindades. Tais ritos e encantamentos teriam o poder de controlar os Espíritos, levando-os a atuar para o bem ou mal das pessoas.
- 4) **Religiões místicas:** São também revelatórias, porém, seus adeptos acreditam na necessidade de contínuas experiências místicas como meio de informação e crescimento espiritual. Os místicos regem sua fé pela constante e diligente busca da iluminação.
- 5) **Religiões revelatórias:** Na verdade, seriam uma espécie de subcategoria das religiões místicas. Este grupo de religiões fundamenta-se nas supostas revelações da parte de deuses, de Deus, do Espírito, ou de Espíritos desencarnados que compartilham mistérios que acabam cristalizados em livros sagrados.
- 6) **Religiões sacramentalistas:** São grupos que têm nos sacramentos meios de transmissão da graça divina e da atuação do Espírito de Deus. Estas religiões, geralmente, acreditam que o uso dos sacramentos por meio de pessoas “desqualificadas” impede a atuação do Espírito de Deus. Os sacramentos constituem-se em veículo para promoção do exclusivismo.
- 7) **Religiões legalistas:** São construídas sob preceitos normativos, algum código legal que deve governar todos os aspectos da vida de um indivíduo. Este código é usualmente concebido como divinamente inspirado. O bem é prometido aos obedientes e a punição aos desobedientes.
- 8) **Religiões racionais:** Neste grupo, a razão recebe ênfase proeminente e a filosofia é supervalorizada. A razão, segundo acreditam, seria algo tão poderoso que nada mais se faria necessário além de seu cultivo bem treinado e disciplinado.
- 9) **Religiões sacrificiais:** Pregam a salvação por meio de sacrifícios apropriados. O cristianismo é uma religião sacrificial, no sentido de que Jesus Cristo é reputado como o autor do sacrifício supremo necessário à salvação. A suprema palavra do Senhor declara: *“E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão”* (Hb 9.22).

Todos estes princípios de crenças sustentam, cada qual à sua maneira, a religiosidade do mundo em que vivemos. Não foram poucas as declarações de filósofos e intelectuais que vislumbraram o desaparecimento destes sistemas. Mas eis que a religião ainda persiste, manifestando-se de diversas formas, em todos os lugares e coisas, em pleno século XXI, tão forte e influente quanto a mais recente descoberta científica. Por quê? Porque o homem não vive só de pão, mas também de religião.

É justamente ela (a religião) quem se candidata a responder ao “drama da alma humana”, o traço magno de todo interesse espiritual. Um mundo caído sem religião não é concebível.

Em sua famosa canção, “Imagine”, o célebre cantor e compositor John Lennon nos convida a imaginar um mundo ideal, sem coisas ruins (entre as quais ele destaca as religiões), propõe um mundo em que as pessoas pudessem viver em paz e sugere a religião como fonte incentivadora das guerras.

Em verdade, não há como negar que o abuso das atitudes religiosas produziu sangrentas guerras entre nós. Entretanto, temos de ponderar que as guerras não nasceram das convicções religiosas, mas, sim, do comportamento errado diante delas, o que é diferente.

Se os homens são tão ímpios com religião, o que seriam sem ela? Não é possível desfazer-se das religiões simplesmente tentando ignorá-las.

(www.icp.com.br – com adaptações do autor)

E qual tipo de religião a Umbanda se encaixa? Encontramos um artigo que coaduna com o nosso pensamento:

UMBANDA – UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

É lugar comum encontrar vários textos que se referem a Umbanda, a confinante classificação de “religião cultural”. Sinto pelos que concordam, mas me debato fervorosamente a esta ideia. É certo que pertenço a uma “nova geração” de umbandistas. Não tenho raízes apontadamente africanas, nunca freqüentei um Terreiro de “chão de barro” e desde que me lembro, sempre ouvi explicações, senão científicas, ao menos lógicas para todo e qualquer fenômeno ocorrido dentro de uma Sessão de Umbanda.

Dentro da irmandade espiritual a que pertenço, temos pessoas de todas as classes, níveis culturais e correntes intelectuais. Médicos, jardineiros, professores, promotores de justiça, vendedores, engenheiros, donas de casa, diaristas, advogados, artistas, enfim, uma gama bastante variável em termos de cultura e origens as mais diversas. Então a conclusão me parece óbvia: A Umbanda não é uma religião cultural, porque não depende de uma determinada cultura apenas. Uma religião cultural é a religião que pertence especificamente a um grupo cultural, como podemos observar no bramanismo ou judaísmo. A Umbanda, não pode ser considerada uma religião deste gênero, porque é universal.

Eu explico: A Umbanda é uma religião essencial ao ser humano, enquanto consideramos a sua essência, não apenas a sua porção corpórea, mas também a sua causa psíquica e espiritual. Seus fundamentos, encontrados similarmente em diversas religiões, cultos e correntes filosóficas através do tempo e espaço humano, não pertencem à esquemática de um ciclo determinado da cultura humana, mas sim ao sistema do homem enquanto homem, por isso não pode ser limitada a uma cultura ou grupo social, mas sim encarada como um caminho da própria natureza do ser humano.

A Umbanda, mesmo que hoje isto já seja bastante óbvio, não pode ser considerada uma religião racial porque não depende de qualquer raça. E seria um erro julgar apenas que fosse uma manifestação amálgama, um estágio posterior ao encontro dos cultos africanos com a doutrina espírita européia, com influências sincréticas do cristianismo ou crenças indígenas nativas. Embora em sua forma atual perceba-se esta fusão de elementos culturais diferentes, alguns até antagônicos, conciliados em uma percepção global do Sagrado, absolutamente não é esta sua condição final. Nem tão pouco pode ser considerada uma religião de classes, porque embora determinadas classes em determinados contextos possam formar suas religiões e as têm formado ao longo dos anos, a Umbanda não pertence a nenhuma classe, ou casta, porque não depende delas para ser.

A Umbanda é uma religião da espécie humana, tomada em sua totalidade: corpo, mente e Espírito. Assim, mesmo formando-se e surgindo em uma determinada área racial e cultural, pertence a mais genérica parte do ser humano, o anseio do homem pelo sagrado. Porque a preocupação com o corpo, a mente e a alma humana independe, inclusive, do tempo, quanto mais da cultura, espaço ou classe social.

A Umbanda, apreendida através do contato com a espiritualidade superior, poderia surgir – se é que não o fez – em qualquer instante do tempo, não estando simplesmente determinada a condições históricas em que surgiu. Essas talvez, apenas facilitaram e facilitam sua atual percepção.

Poderia ter surgido antes, como poderia ter surgido depois, aqui ou ali em relação ao espaço geográfico. Por isso as suas possibilidades não dependem das condições culturais, porque pertencendo aos anseios inerentes ao homem enquanto homem se torna, então, universal.

(Marcelo – médium umbandista do Centro Espírita de Umbanda Xangô Caô do Oriente)

Chegamos a duas conclusões:

- 1ª)** A Umbanda é uma religião, pois atende ao Evangelho: *“A religião verdadeira é aquela que entenece os corações, fala às almas, orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois “onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor”.* (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7).
- 2ª)** Das classificações e definições de religiões, a Umbanda deve ser classificada como religião crística, devido a sua universalidade, pois é uma escola da alma, eclética, local de oração, de estudo dos ensinamentos divinos, de fraternidade, da comunhão entre as pessoas encarnadas e desencarnadas, de meditações, da prática da caridade, de boas leituras, boas músicas e boas canções.

A Umbanda é politeísta, monoteísta, panteísta, ateísta ou neo-panteísta?

TIPOS DE RELIGIÕES

Há várias formas de religião, e são muitos os modos que vários estudiosos utilizam para classificá-las. Porém há características comuns às religiões que aparecem com maior ou menor destaque em praticamente todas as divisões. A primeira destas características é cronológica, pois as formas religiosas predominantes evoluem através dos tempos nos sucessivos estágios culturais de qualquer sociedade.

Outro modo é classificá-las de acordo com sua solidez de princípios e sua profundidade filosófica, o que irá separá-las em religiões com e sem Livros Sagrados. Pessoalmente como um estudioso do assunto, prefiro uma classificação que leva em conta essas duas características, e divide as religiões nos seguintes 04 grandes grupos distintos: Panteísta – Monoteísta – Politeísta – Ateísta. Nessa divisão há uma ordem cronológica.

As Religiões Panteístas são as mais antigas, dominando em sociedades menores e mais “primitivas”. Tanto nos primórdios da civilização mesopotâmica, européia e asiática, quanto nas culturas das Américas, África e Oceania. As Religiões Politeístas por vezes se confundem com as Panteístas, mas surgem num estágio posterior do desenvolvimento de uma cultura.

Quanto mais a sociedade se torna complexa, mais o Panteísmo vai se tornando Politeísmo. Já as Monoteístas são mais recentes, e atualmente as mais disseminadas, o Monoteísmo quantitativamente ainda domina mais de metade da humanidade. E embora possa parecer estranho, existem religiões Ateístas, que negam a existência de um ser supremo central, embora possam admitir a existência de entidades espirituais diversas. Essas religiões geralmente surgem como uma reação a um sistema religioso Monoteísta ou pelo menos Politeísta, e em muitos aspectos se confunde com o Panteísmo embora possuam características exclusivas. Essa divisão também traça uma hierarquia de rebuscamento filosófico nas religiões. As Panteístas por serem as mais antigas, não têm Livros Sagrados ou qualquer estabelecimento mais sólido do que a tradição oral, embora na atualidade o renascimento panteísta esteja mudando isso.

Já as politeístas muitas vezes possuem registros de suas lendas e mitos em versão escrita, mas nenhuma possui uma Revelação propriamente dita. Isto é um privilégio do Monoteísmo. Todas as grandes religiões monoteístas possuem sua Revelação Divina em forma de Livro Sagrado. As Ateístas também possuem seus livros guias, mas por não acreditarem num Deus pessoal, não tem o peso dogmático de uma revelação divina, sendo vistas em geral como tratados filosóficos. Vejamos alguns quadros comparativos.

	ÉPOCAS DE SURGIMENTO E PREDOMÍNIO.
PANTEÍSMO	As mais antigas, remontando a pré-história onde tinham predominância absoluta, e também presentes em muitos dos povos silvícolas das Américas, África e Oceania.
POLITEÍSMO	Surgem num estágio posterior de desenvolvimento social, tendo sido predominantes na Idade Antiga em todo o velho mundo, e mesmo nas civilizações mais avançadas das Américas pré-colombianas.
MONOTEÍSMO	Mais recentes, surgindo a partir do último milênio aC e predominando da Idade Média até a atualidade.
ATEÍSMO	Surgem a partir do século V aC, tendo vingado somente no Oriente e no Ocidente ressurgindo somente após a renascença numa forma mais filosófica que religiosa.
NEO PANTEÍSMO	Embora possuam representantes em todos os períodos históricos, popularizam-se ou surgem a partir do século XVIII.

	BASE LITERÁRIA
PANTEÍSMO	Próprias de culturas ágrafas, não possuem em geral qualquer forma de base escrita, sendo transmitidas por tradição oral.
POLITEÍSMO	Nas sociedades letradas possuem frequentemente registros literários sobre seus mitos, e mesmo nas ágrafas possuem tradições icônicas mais elaboradas.
MONOTEÍSMO	Possuem Livros Sagrados definidos e que padronizam as formas de crença, servindo como referência obrigatória e trazendo códigos de leis. São tidos como detentores de verdades absolutas.
ATEÍSMO	Possuem textos básicos de conteúdo predominantemente filosófico, não possuindo, entretanto, força dogmática arbitraria ainda que sendo também revelados por sábios ou seres iluminados.
NEO-PANTEÍSMO	Seus textos são em geral filosóficos, embora possuam mais força doutrinária, não incorrendo, porém em dogmas arbitrários.

	MITOLOGIA
PANTEÍSMO	Deus é o próprio mundo, tudo está interligado num equilíbrio ecossistêmico e místico. Crê-se em Espíritos e geralmente em reencarnação, é comum também o culto aos antepassados. Procura-se manter a harmonia com a Natureza, e o mundo comumente é tido como eterno.

POLITEÍSMO	Diversos deuses criaram, regem e destroem o mundo. Se relacionam de forma tensa com os seres humanos, não raro hostil. As lendas dos deuses se assemelham a dramas humanos, havendo contos dos mais diversos tipos.
MONOTEÍSMO	Um Ser transcendente criou o mundo e o ser humano, há uma relação paternal entre criador e criaturas. Na maioria dos casos um semi-deus se rebela contra o criador trazendo males sobre todos os seres. Messias são enviados para conduzir os povos, profetiza-se um evento renovador violento no final dos tempos, onde a ordem será restaurada pela divindade.
ATEÍSMO	O Universo é uma emanção de um princípio primordial “vazio”, um Não-Ser. Crê-se na possibilidade de evolução espiritual através de um trabalho íntimo, crê-se em diversos seres conscientes dos mais variados níveis, e geralmente em reencarnação.
NEO-PANTEÍSMO	Acredita-se em geral no Monismo, uma substância única que permeia todo o Universo num Ser único. São em geral reencarnacionistas e evolutivas. A desatribuição de qualidades do Ser supremo por vezes as confunde com o Ateísmo.

	SÍMBOLOS
PANTEÍSMO	Utilizam no máximo totens e alguns outros fetiches, é comum o uso de vegetais, ossos, ou animais vivos ou mortos.
POLITEÍSMO	Surgem os ídolos zoo ou antropomórficos na forma de pinturas e esculturas em larga escala. A simbologia icônica se torna complexa em alguns casos resultando em formas de escrita ideográfica.
MONOTEÍSMO	O Deus supremo geralmente não possui representação visual, mas os secundários sim. Utilizam símbolos mais abstratos e de significados complexos.

ATEÍSMO	O Não-Ser supremo não pode ser representado, mas há muitas retratações dos seres iluminados. Há vários símbolos representativos da Natureza e metafísica do Universo.
NEO PANTEÍSMO	Diversos símbolos e mitos de diversas outras religiões são resgatados e reinterpretados; também não há representação específica do Ser Supremo, mas pode haver de outros seres elevados.

	RITUAIS
PANTEÍSMO	Geralmente ligados à Natureza e ocorrendo em contato com esta. É comum o uso de infusões de ervas, danças, oráculos e cerimônias ao ar livre.
POLITEÍSMO	Passam a surgir os templos, embora em geral não abandonem totalmente os rituais ao ar livre. Em muitos casos ocorrem os sacrifícios humanos, oráculos e as feitiçarias de controle ambiental.
MONOTEÍSMO	Geralmente restritas aos templos, as hierarquias ritualistas são mais rígidas, não há oráculos pessoais, mas sim profecias generalizadas com base no Livro Sagrado. Não há rituais de controle ambiental.
ATEÍSMO	Embora ainda comuns nos templos sejam também freqüentes fora destes. Desenvolvem-se técnicas de concentração, meditação e purificação mais específicas, baseadas antes de tudo no controle dos impulsos e emoções.
NEO-PANTEÍSMO	Em geral baseados no uso de “energias” da Natureza. Não mais têm influência nos processos civis, sendo restritos a curas, proteção contra ameaças físicas e extra físicas.

	EXEMPLOS
PANTEÍSMO	Religiões silvícolas, xamanismo, religiões célticas, druidismo, amazônicas, indígenas norte americanas, africanas, etc.
POLITEÍSMO	Religião Grega, Egípcia, Xintoísmo, Mitologia Nórdica, Religião Azteca, Maia, etc.

MONOTEÍSMO	Bhramanismo, Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Sikhismo, Kardecismo.
ATEÍSMO	Orientais: Taoísmo, Confucionismo, Budismo, Jainismo. Ocidentais: Filosofias Neo-Plantônicas, Ateísmo Filosófico (Não Religioso)
NEO-PANTEÍSMO	Umbanda, Racionalismo Cristão, Neo-Gnosticismo, Teosofia, Wicca, “Esotéricas”, etc.

PANTEÍSMO

As religiões primitivas são Panteístas; acredita-se num grande “Deus-Natureza”. Todos os elementos naturais são divinizados, se atribuí “inteligências” espirituais ao vento, a água, fogo, populações animais e etc. Há uma clara noção de equilíbrio ecossistêmico, onde é comum ritos de agradecimento pelas dádivas naturais e pedidos às divindades da Natureza, em alguns casos requisitando autorização mesmo para o consumo da caça que embora tenha sido obtida pelo esforço humano, seria na verdade permitida, se não ofertada, pelos entes espirituais.

A relação de dependência do ser humano com o ecossistema é clara, assim como a de parentesco e de submissão. As entidades elementais da Natureza estão presentes em toda a parte, conferindo a onisciência do Espírito divino.

Embora haja a tendência da predominância de uma presença mística feminina, a “Mãe-Terra”, o elemento masculino também é notável a partir do momento que os seres humanos passam a compreender o papel do macho na reprodução. Ocorre então à presença de dois elementos divinos básicos, o Feminino e Masculino universal.

É um domínio de pensamento transcendente, mais compatível com a subjetividade e a síntese, não sendo então casual que este seja o tipo religioso onde as mulheres mais tenham influência. A presença de sacerdotisas, bruxas e feiticeiras é em muitos casos, muito mais significativa que a de seus equivalentes masculinos.

Todas essas religiões são ágrafas, sem escrita, com exceção é claro dos Neo-Panteísmos contemporâneos. Portanto são as mais envoltas em obscuridade e mistérios, não tendo deixado nenhum registro além da tradição oral e de vestígios arqueológicos.

POLITEÍSMO

Com o tempo e o desenvolvimento as necessidades humanas passam a se tornar mais complexa. A sobrevivência assume contornos mais específicos, o crescimento populacional hipertrofiado graças à tecnologia que garante maior sucesso na preservação da prole e da longevidade, gera uma série de atividades competitivas e estruturalistas nas sociedades, que se tornam cada vez mais estratificadas.

Nesse meio tempo a influência racional em franca ascensão tenta decifrar as transcendentess essências espirituais da Natureza. Surge então o Politeísmo, onde os elementos divinos são então personificados com qualidades cada vez mais humanas. O que era antes apenas a água, um ser de essência espiritual metafísica e sagrada, agora passa a ser representada por uma entidade antropomórfica ou zoomórfica relacionada a água.

No princípio as características dessas divindades não são muito afetadas, mas com o tempo, a imaginação humana ou a tentativa de se adequar as religiões às estruturas sociais, elas ficam cada vez mais parecidas com os seres humanos comuns, surgindo então entre os deuses relacionamentos similares aos humanos inclusive com conflitos, ciúmes, traições, romances e etc.

E cada vez mais os deuses perdem características transcendentess até que a “degeneração” chegue a ponto destes se relacionarem sexualmente com seres humanos, o que significa a perda da natureza metafísica, da característica invisível, ou mais, de haver relações físicas e pessoais de violência entre humanos e divindades, sem qualquer caráter transcendente.

Em muitos casos é difícil distinguir com clareza se determinadas religiões são Pan ou Politeístas. Mesmo no estágio Panteísta por vezes pode-se identificar com muita evidência algumas personificações das entidades divinas, mas algumas características como as citadas no parágrafo anterior são exclusivas do politeísmo. É possível que os elementos que contribuam ou realizem essa transição sejam o Animismo, Fetichismo e Totemismo.

Ocorre também uma relativa equivalência entre deidades femininas e masculinas, embora as masculinas mostrem sinais de predominância à medida que o sistema de crenças se torne mais mundano, características de uma fase mais racional e técnica onde muitas vezes a religião politeísta caminha junto com filosofias da Natureza. É sempre nesse estágio também que as sociedades desenvolvem escrita, ou pelo menos passa a utilizar símbolos abstratos e códigos visuais mais elaborados, no caso do politeísmo asiático, egípcio e europeu, por exemplo, evoluiu para um sistema de escrita complexo.

Muitas destas religiões têm então, narrativas de seus mitos em forma escrita, mas tais não possuem o valor e a significância de uma Revelação propriamente dita.

Num estágio final tende a ocorrer o fenômeno da Monolatria, onde a adoração se concentra numa única divindade, o que pode ser o ponto de partida para o Monoteísmo.

MONOTEÍSMO

Chega um momento onde o Politeísmo está tão confuso, que parece forçar o “inconsciente coletivo”, ou a “intuição global” a buscar uma nova forma de crença. Alguém precisa pôr ordem na casa, surge então um poderoso Deus que acaba com a confusão e se proclama como o Único soberano.

Acabam-se as adorações isoladas e hierarquizam-se rigidamente as deidades, de modo a se submeter toda a autoridade do universo a um ente máximo.

O Monoteísmo não é a crença em uma única divindade, mas sim a soberania absoluta de uma. A própria teologia judaico/cristã/islâmica adota hierarquias angélicas que são inclusive encarregadas de reger elementos específicos da Natureza.

Um elemento que caracteriza mais claramente o Monoteísmo mais específico, Zoroastrista, Judaico, Cristão, Islâmico e Sikh, é antes de tudo a ausência ou escassez de representações icônicas do Deus supremo, e sua desatribuição parcial de qualidades humanas, nem sempre bem sucedidas. Já as entidades secundárias são comumente retratadas artisticamente.

A própria mitologia grega através da Monolatria, já estaria a dar sinais de se dirigir a um monoteísmo similar ao que chegou a religião Hindu, ou a egípcia com a instituição do deus único Akhenaton, embora ainda impregnadas fortemente de Politeísmo a até de reminiscências Panteístas no caso do Bhramanismo. Zeus assomava-se cada vez mais como o regente absoluto do universo.

Entretanto um certo obstáculo teológico impedia que tal mitologia atingisse um estágio sequer semi-Monoteísta. Zeus é filho de Chronos, neto de Urano, essa descendência evidencia sua natureza subordinada ao tempo, ele não é eterno ou sequer o princípio em si próprio, que é uma característica obrigatória de um Deus Uno e absoluto como Bhraman ou Jeová.

Um fator complicador é que todas essas religiões apesar de seu princípio Uno são também Dualistas, pois contrapõem um deus do Bem contra um do Mal. Entretanto não se presta “Sob hipótese alguma!”, qualquer Culto ao deus maligno, como ocorre nas Politeístas. Saber se o deus maligno está ou não sujeito afinal ao deus supremo é uma discussão que vem rendendo há mais de 3.000 anos.

Diferente do estado Panteísta original não ocorre harmonia entre os opostos, e um deles passa a ser privilegiado em detrimento do outro. Sendo assim onde antes ocorria a divinização dos aspectos masculinos e femininos do universo, e a sacralidade da união, aqui ocorre à associação de um com o maligno, fatalmente do elemento feminino uma vez que todas as religiões monoteístas surgiram na fase patriarcal da humanidade.

O Bhramanismo sendo o mais antigo, ainda conserva qualidades tais como veneração a manifestações femininas da divindade, não condena a relação sexual e ainda detém a crença reencarnacionista que é uma quase constante no Panteísmo. Do Politeísmo guarda toda uma miríade de deuses personificados, com histórias bastante humanas que envolvem conflitos e paixões.

Mas a subordinação a um Uno supremo, no caso representado pela trindade Bhrama/Vishnu/Shiva, é clara. O panteão anterior Hindu foi completamente absorvido pelo monoteísmo Bhraman, e conservou até mesmo a deusa Aditi, que outrora fora a divindade suprema.

Já os monoteísmos posteriores, mais afastados do fenômeno panteísta, entram em choque mais evidente com o Politeísmo que geralmente está em estado caótico. Ocorre um abafamento da religião anterior pela nova e seu caráter patriarcal e associado à violência, especialmente a partir do Judaísmo, se impõe de forma opressiva. As divindades femininas são erradicadas ou demonizadas, sendo então obrigatoriamente associadas ao elemento maligno do universo. Esse fenômeno acompanha a queda da condição social feminina na sociedade.

Embora as teologias monoteístas, especialmente na atualidade, se esforcem para afirmar o contrário, o deus único Hebreu, Cristão e Islâmico, basicamente o mesmo, assim como o do anterior Zoroastrismo e posterior Sikhismo, é nitidamente masculino, aparentemente renegando o aspecto feminino divino do universo, mas na verdade o absorvendo, uma vez que ao contrário de deuses “supremos” Politeístas como Zeus, Osíris e Odin, eles são carregados de atribuições de amor e compaixão, embora ainda conservem sua Ira divina e seus atributos violentos, o que resulta em entidades complexas, que possuem aspectos paternos e maternos simultaneamente.

Tal como a própria emocionalidade, esse é o período mais contraditório da evolução do pensamento Teológico. Apesar de estar sob o domínio de uma característica de predominância subjetiva, é o momento onde as sociedades se mostraram paradoxalmente mais androcáticas.

Os elementos femininos são absorvidos pelo Deus Único dando a ele o poder de atrair e seduzir as massas pela sua bondade, mostrando sua face benevolente, mas por outro lado a espada da masculinidade está sempre pronta a desferir o golpe fatal em quem se opuser a sua soberania.

Tal união confere aos deuses monoteístas um poder supremo inigualável, e tal contradição, tal desarmonia intrínseca, resultou não por acaso no período religiosamente mais violento da história. As religiões monoteístas, especialmente o trio Judaísmo/Cristianismo/Islamismo, são as mais intolerantes e sanguinárias da história.

ATEÍSMO

As religiões aqui caracterizadas como Ateístas negam simplesmente a existência de um Ser Supremo central, que tudo tenha criado e a tudo controle, e talvez seja nesse grupo que se sinta mais radicalmente a ruptura entre Ocidente e Oriente, mas basicamente o Ateísmo religioso tende a funcionar da seguinte forma:

Se o Monoteísmo tenta acabar com o “pandemonium” Politeísta e estabelecer uma nova ordem por algum tempo, acaba por também se mundanizar. As autoridades religiosas interferindo fortemente na política e na estruturação social enfraquecem como símbolos transcendentais. A inflexibilidade fundamentalista do sistema se revela injustificável ante a problemática social e as conquistas e descobertas filosóficas e científicas e num dado momento o sentimento de descrença é tal que se deixa de acreditar num deus. Surge o Ateísmo.

Esse é o ponto crucial, a razão pela qual de fato não acredito que existam ateus no sentido mais profundo do termo, no máximo “agnósticos”. Geralmente o ateu não é aquele que desacredita do “invisível”, de qualquer forma de Téos, mas sim o que descrê dos deuses personificados e corrompidos. Afinal até o mais materialista e cético dos cientistas trabalha com forças invisíveis! Fenômenos da Natureza ainda inexplicáveis. Gravitação Universal, Lei de Entropia, Mecânica Quântica e etc. não podem ser vistas! Apenas seus efeitos. Tal como sempre se alegou com relação aos deuses.

No que se refere a uma visão do Princípio, não creio fazer diferença acreditar que um corpo é atraído para o centro da Terra por uma força invisível da Natureza ou pela vontade de um deus também invisível. Há apenas uma maior compreensão racional do fenômeno, com maiores resultados práticos, mas de um modo ou de outro, a explicação possui um certo caráter de fé, tão racionalmente satisfatório para o cientista quanto para o religioso, capaz de explicar com clareza o funcionamento do mundo e mesmo quando isso não ocorre, admitir-se como mistérios divinos, ou causas científicas ainda desconhecidas.

No caso do Oriente, o Ateísmo religioso surge principalmente na Índia, sob a forma do Budismo e do Jainismo, e na China, sob o Taoísmo e o Confucionismo.

Todas essas religiões possuem textos base com certo grau de respeitabilidade mística ou filosófica, mas o grau de liberdade com que se pode reinterpretar ou mesmo discordar destes textos é incomparável em relação aos livros sagrados Monoteístas.

E nesse nível que muitas posturas passam a ser desconsideradas como religiões, sendo tidas em geral como filosofias. No Ocidente, tal movimento ocorreu também na Grécia Antiga, através de Filósofos da Natureza que estabeleciam como princípio primário universal alguma “substância” completamente impessoal. Mais especificamente, Aristóteles colocava o Motor Imóvel como o princípio primário, e Plotino, estabelecia o Uno. Porém essa breve ascensão do Ateísmo filosófico e científico ocidental foi logo minada pelo sucesso do Monoteísmo cristão.

O Ateísmo no Ocidente só surgiu novamente após a renascença, no Iluminismo, onde outras formas filosóficas se desenvolveram, mas a mistura destas com os Neo Panteísmos e o avanço científico em geral resultam num quadro difícil de se diferenciar. Mas o ponto mais complexo na verdade, e que Ateísmo e Panteísmo se confundem.

Religiões Ateístas e Neo-Panteístas

As religiões Ateístas não creem numa entidade suprema central, mas pregam a interdependência harmônica do Universo, da mesma forma que o Panteísmo. Pregam a harmonia dos opostos como Yin e Yang, da mesma forma que a harmonia entre a Deusa e o Deus no Panteísmo, e constantemente adotam uma posição de neutralidade em relação aos eventos. Provavelmente não por acaso Taoísmo e Budismo são as mais avançadas das grandes religiões num sentido metafísico, racional e mesmo científicas. São imunes as contestações racionais, pois seus conceitos trabalham num plano mais abstrato, mas ao mesmo tempo capaz de explicar a realidade, e fartos de paradoxos escapistas, sendo extremamente mais flexíveis que as religiões monoteístas, por exemplo. Não há casos significativos de atrocidades cometidas em nome destas religiões em larga escala como as monoteístas ou nas politeístas monolátricas. Porém, barreiras intransponíveis impedem que essas religiões sejam nesse esquema de divisão, classificadas como Panteístas.

Taoísmo e Confucionismo que são chinesas enquanto o Budismo e o Jainismo Indianos são religiões letradas. Possuem seus escritos fundamentais como os Sutras Budistas, o Tao-Te-King Taoísta e os Anacletos Confucianos e os textos dos Tirthankaras Jainistas. Todas possuem seus mentores, Buda, Lao-Tsé, Confúcio e Mahavira.

E todas são muito desenvolvidas filosoficamente, por vezes sendo consideradas não religiões, mas filosofia. Todas essas características inexistem no Panteísmo primitivo. Portanto isso me leva a classificá-las como Religiões Ateístas, por declararem a inexistência de um Ser Supremo. Pelo contrário, o Tao ou o Nirvana, o centro de todo o Universo segundo o Taoísmo e Confucionismo, e o Budismo, são uma espécie de Vazio, um Não-Ser.

Já o Neo-Panteísmo possui sim seus textos. É o caso do Espiritismo Kardecista, do Bahaísmo, do Racionalismo Cristão, etc. Embora muitos insistam em negarem-se como Panteístas se inclinando para o Monoteísmo, porém uma série de fatores a distanciam muito deste grupo. Tais como:

- A ênfase atenuada dada ao livro base da doutrina, que embora seja uma revelação, não tem o mesmo peso dogmático e em geral se apresenta de forma predominantemente racional.
- A postura passiva e não proselitista, e muito menos violenta, do Monoteísmo tradicional. A caracterização de seu fundador que mesmo sendo dotado de dons supranaturais, não reivindica deificação e nem mesmo reverência especial. E o mais importante, diferenciando-as principalmente do Monoteísmo “Ocidental”, o tratamento totalmente diferenciado dado à questão da existência do “Mal”. Esses são alguns exemplos que tendem a afastar essas novas religiões, que prefiro agrupar na categoria Neo-Panteísmo, do grupo das Monoteístas.

PANTEÍSMO	=>	Deus é Tudo
POLITEÍSMO	=>	Deus é Plural
MONOTEÍSMO	=>	Deus é Um
ATEÍSMO	=>	Deus é Nada

Evidentemente, afirmar que Deus é tudo é muito similar a afirmar que é nada. O zero é tão imensurável e incalculável quanto o infinito. Eles não podem ser medidos ou divididos, assim como não se divide por eles.

Vale lembrar que não se pode também rotular tal ou qual religião como meramente Pan, Poli ou Monoteísta. Muitas passaram pelas várias fases nem sempre de maneira perceptível e consensual. O próprio Budismo tem várias escolas bastante diferentes entre si, e mesmo o Cristianismo tem suas variantes com direito à reencarnação e sexo tântrico, e cujas atribuições de Deus o afastam das características monoteístas. Mas o processo macro, inconsciente, me parece ser esse! O de fases “psico-históricas” que vão à forma: Panteísmo/Politeísmo/Monoteísmo/Ateísmo/Neo-Panteísmo.

Outro ponto importante é que jamais uma dessas formas religiosas deixou de existir totalmente, principalmente na atualidade onde a intolerância religiosa não é mais “tolerada” na maior parte do mundo. Esses tipos de religiões se misturam e se confundem o que explica porque qualquer tentativa de se classificar as religiões é tão complexa. Até mesmo essa divisão esquemática apresenta problemas, como a notável diferença entre o Monoteísmo “Ocidental”, Judaísmo/Cristianismo/Islamismo, fortemente interligadas, o Monoteísmo Oriental, Hindu, Bhramanismo e Sikhismo, e o sempre complexo Zoroastrismo, de características fortemente Maniqueístas, o que viria por vezes a suscitar a questão de se o Maniqueísmo, que tem forte influência sobre o Gnosticismo e o Catolicismo, poderia ser considerado Monoteísta.

SÍMBOLOS



O mantra sagrado "OM" ou "AUM" Hindu. Representa o "Som" primordial.



A Roda do Dharma budista, ou "Roda da Vida".



O Tei-Gi do Taoísmo. Simbolizando a interdependência dos princípios universais Yin e Yang.



A estrela de Davi. Um dos símbolos do Judaísmo e do estado de Israel.



A cruz do Cristianismo. Encruzilhada entre o material e o espiritual.



A Lua e Estrela Muçulmana, oriunda de um dos mais antigos estados a adotar o Islã.



Nenhuma religião em especial, mas algumas igrejas protestantes costumam usar um livro como símbolo.

(Texto de: Marcus Valério XR)

E A UMBANDA?

Depois de tudo entendido, chegamos à conclusão que a Umbanda é Neo-Panteísta.

Creemos na percepção da Natureza e do Universo, com a presença de Deus, sendo Ele a causa e o efeito de tudo o que existe.

Na Umbanda Neo-Panteísta, a ideia de um Deus que vive em tudo, complementa e coexiste com o conceito de Deus associado com os diversos elementos da Natureza, onde surge o que conhecemos como Corporações Orixás, que nada mais são que a presença do próprio Pai Eterno, através de Suas Hierarquias Superiores, os Poderes Reinantes do Divino Criador.

A principal convicção é que Deus, está presente no mundo e permeia tudo o que nele existe. O Divino também pode ser experimentado como algo impessoal, como a alma do mundo, ou um sistema do mundo.

Creemos que Deus está em tudo e em todos, mas não somente como o efeito (mundo material), mas principalmente a causa de tudo. Tudo está interligado num equilíbrio ecossistêmico e místico.

Creemos em Espíritos, em reencarnação, comunicação espiritual. Procuramos manter a harmonia com a Natureza.

A Umbanda é ligada a Natureza e ocorrendo em contato com esta, o uso de ervas em todas as suas formas é essencial ao nosso culto.

A Umbanda é crística, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal, e está ligada intimamente ligada às religiões, doutrinas e ritualísticas xamanistas, célticas, africanas, orientais, cristãs, etc.

A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO HUMANA

Pergunta efetuada ao médium Chico Xavier:

- Qual o mais importante aspecto da Doutrina Espírita: o da religião, o de filosofia ou o de ciência?

- *O Espírito Emmanuel costuma nos dizer que a coisa mais importante que cada um de nós poderá fazer na vida é seguir o mandamento cristão que nos aconselha a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Segundo Emmanuel, tudo o mais é mera interpretação da verdade. Dessa forma, não temos dúvida ao crer ser o aspecto religioso da Doutrina Espírita o seu ângulo fundamental. Muito nobre a filosofia, mas em verdade a filosofia nada mais faz que muita conversa. Muito nobre o esforço científico, mas em verdade a mesma ciência que inventou a vacina construiu a bomba atômica. Então, nós devemos reconhecer que todos, os seres humanos, trazemos no íntimo um alto grau de periculosidade e, até hoje, a única força no mundo capaz de frear estes impulsos de periculosidade humana, é sem sombra de dúvida, a religião.*

Geraldo Lemos Neto

(Fonte: "O Espírita Mineiro", número 217, maio/junho de 1991)

Quando da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, foi dito o seguinte:

(...) “E ainda, usando o médium, anunciou o tipo de missão que trazia do astral: fixar as bases de um culto, no qual todos os Espíritos de Caboclos e Pretos-Velhos poderiam executar as determinações do Plano Espiritual, e que no dia seguinte (16 de novembro de 1908) manifestaria na residência do médium, às 20h00min, e fundaria uma Tenda Espírita que falaria aos pobres, humildes, doentes, necessitados do corpo da alma, onde haveria igualdade para todos, encarnados e desencarnados. E ainda foi guardada a seguinte frase, que a entidade pronunciou no final: “Levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves (bairro onde o médium morava) onde ela se transformará em árvore frondosa”.

Durante o desenrolar da entrevista, entre muitas outras perguntas, o vidente teria perguntado se já não bastariam às religiões já existentes e fez menção ao Espiritismo. O Caboclo respondeu da seguinte forma: “Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte, o grande nivelador universal, rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam iguais na morte, mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?”. (...)

(Trecho extraído do livro: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA”)

Quanto a existir uma “nova religião”, no caso a Umbanda, encontramos uma importante informação, constada na Revista Espírita de Novembro de 1858, onde o Espírito da Madame Staël (Anne Louise Germaine de Staël – baronesa de Staël-Holstein 1766/1817), em comunicação numa Sessão na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ditou o seguinte:

(...) “Alguns Espíritos perguntam para que ensinar nova religião se o Cristo já estabeleceu as bases para a caridade grandiosa da felicidade. Não queremos mudar o que nos deixou. Só viemos confirmar a segurança, aumentar as esperanças; quanto mais nos adiantarmos na civilização mais firmeza precisaremos ter e também mais necessidade de mantê-las no alto. Não é para alterar a face do Universo, mas para torna-lo melhor e se hoje não socorremos o homem, ele será muito infeliz”. (...)

Por isso, também surgiu a Umbanda como religião: para socorrer, acalantar, desoprimir, ensinar. A Umbanda só quer ser servidora agradecida, e nada mais.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO EVOLUCIONISTA TEÍSTA



Para nos posicionar e entendermos bem, vamos a um estudo simplificado do que é Criacionismo e Evolucionismo:

CRACIONISMO

Há pelo menos três níveis possíveis distintos de Criacionismo, que evoluíram historicamente.

Criacionismo religioso puro, sem pretensão científica

É a forma original, que remonta aos mitos primitivos, dessa forma, quase toda a humanidade já foi criacionista. Mesmo hoje em dia, muitas pessoas estão satisfeitas com suas visões místicas de mundo, e ou ainda não tomaram contato com conhecimentos científicos ou filosóficos mais avançados. Nesse caso qualquer tensão entre a visão religiosa e a visão científica se dá somente a nível individual, normalmente sem prejuízo significativo para ambas as áreas. Porém, é daqui que nascem as outras formas de Criacionismo, e de onde estes retiram boa parte de suas forças, se apoiando numa visão de mundo ainda muito difundida e enraizada.

Criacionismo intermediário, de menor teor religioso, e maior teor Teológico-Filosófico

Surge somente após o desenvolvimento da Ciência do século XIX, em especial do Evolucionismo, quando a reação religiosa ortodoxa contra o desenvolvimento científico se mostrou pouco viável. Às vezes mantém da religião, normalmente da Bíblia, apenas a parte moral e talvez a parte divina que não entre em choque direto e explícito com a Ciência. Pode não se apegar duramente a dogmas e ser flexível, podendo admitir por exemplo a possibilidade da não universalidade do Dilúvio, de um período geológico maior para a criação da Terra.

Ao menos até a virada de século XIX / XX, um grande número de cientistas, principalmente por tradição, ainda era criacionista. Hoje, porém, o que resta deste estágio costuma ocorrer como Criacionismo de Terra Antiga.

Alguns aceitam a Teoria do “Big-Bang” e reinterpretam a Gênese para encaixá-la. Outros admitem uma idade antiga para a Terra através da Teoria da Lacuna, que declara que a Bíblia omite um imenso período de tempo, ou da alegação de que um “Dia” na gênese seria um símbolo para um período de tempo muito superior. O mais importante é que esse tipo de Criacionismo normalmente entre em atrito somente com a Teoria da Evolução.

Criacionismo “científico” fundamentalista, fortemente religioso

É um resgate da ortodoxia religiosa, porém disfarçada de ciência, surgindo nos EUA somente a partir da década de 20 do século XX, e se baseando nas reações contra o Liberalismo Cristão da virada dos séculos XIX / XX, mas só se difundindo a partir das décadas de 50 e 60. É o mais contraditório, pois ao mesmo tempo em que é ortodoxo em termos religiosos, tenta ser avançado em termos científicos, inclusive usando argumentos que possam validar uma idade jovem para a Terra, o mito do Dilúvio e a Arca de Noé, e até mesmo os episódios da Torre de Babel ou de Josué fazendo o Sol “parar” sobre Jericó.

É mais conhecido como “Criacionismo de Terra Jovem”, e o principal fator de seu surgimento foi a intervenção federal norte-americana que extinguiu as proibições do ensino evolucionista nas escolas de estados do sul.

Especialmente fundamentado na Inerrância Bíblica, curiosamente é o que mais se difunde, pois tende a sofisticar seus conceitos com dados aparentemente razoáveis, ainda que muitas vezes errôneos, falsos, e atingindo graves deturpações de conceitos científicos.

Embora haja exceções, isso decorre dado ao fato de que o objetivo maior deste movimento ser simplesmente a apologética religiosa, que assume contornos de uma Guerra Santa, na qual evidentemente tudo é válido por uma causa pretensamente justa.

Acredita numa idade de 6 a 12 mil anos para a Terra, alegando ter “provas” para tal, e não abre mão da existência de um Dilúvio Global, não obstante, as vertentes mais famosas tem incorporado cada vez mais elementos evolutivos, porém visto como “Micro-Evolução”, que inegavelmente ocorre dentro do âmbito de uma mesma família de espécies, sendo esta a única forma de possibilitar alguma chance de credibilidade para os mitos da Gênese sem negar diretamente dados inequívocos da Natureza. Dada sua interpretação literal da Bíblia, ataca principalmente o conceito de “Macro-Evolução”, bem como a Cosmogênese do “Big-Bang”, e as teorias de origem da Terra e da Vida, normalmente confundindo todas elas com a Teoria da Evolução.

Criacionismo de Terra Antiga x Criacionismo de Terra Jovem

Na atualidade a disputa tem sido, porém, entre essas duas tradições, que atacam conjuntamente o Evolucionismo, mas também brigam entre si, mesmo porque normalmente se baseiam em tradições bíblicas diferentes e inconciliáveis, cada qual com sua certeza de possuir a interpretação verdadeira. A maioria esmagadora é de tradição Cristã Protestante, mas há também alguns exemplares católicos, judaicos e islâmicos de menor expressão.

Também são Criacionista, as tradições: Grego-antiga, Hinduísta, Yorubá, Islâmica e Judaica.

As versões mais expressivas costumam estar ligadas a igrejas Metodistas, Batistas e Assembléia de Deus, onde predomina o Criacionismo de Terra Jovem. Outro grande foco ocorre entre os Adventistas do Sétimo Dia, onde ocorre tanto o Criacionismo de Terra Jovem quanto o de Terra Antiga. Já os Testemunhas de Jeová são provavelmente os maiores representantes do Criacionismo de Terra Antiga. Porém a mais expressiva costuma ser a ala do Criacionismo de Terra Jovem, onde ocorre o Criacionismo “Científico”.

EVOLUCIONISMO

Involucionismo, evolucionismo Teísta e design inteligente

Os Evolucionistas Teístas são aqueles que têm muito pouco ou nenhuma objeção à Teoria da Evolução, mas acreditam na participação de uma inteligência intencional por trás do processo evolutivo. Nesse grupo também podem ser inclusos Deístas, assim como qualquer aceitação de uma finalidade, teleologia ou propósito por detrás da evolução, pode ser considerado ao menos uma inclinação ao Teísmo.

Na realidade, visto que a maioria das pessoas, incluindo cientistas, mesmo concordando com os fatos da Evolução não se tornam atéias e não desconsideram a possibilidade de uma intervenção divina na natureza, pode-se dizer que são Evolucionistas Teístas, mesmo que não se proponham a levar essa hipótese para o campo científico. Uma exceção porém são os Criacionistas Ufológicos, ou Evolucionistas ufológicos, da Religião Raeliana, que não se encaixa em qualquer outra categoria.

Dessa forma sem dúvida a maioria dos Evolucionistas são Teístas, ainda que aparentemente a maioria dos Grandes Evolucionistas sejam Ateus.

Pelo menos duas religiões neo-cristãs são oficialmente evolucionistas, O Racionalismo Cristão, e o Espiritismo. Bem como várias designações esotéricas e místicas, embora seja comum ocorrer entre estas um tipo de Contra Evolucionismo, que poderia ser chamado de Involucionismo.

Normalmente influenciados pela Teosofia ou gnosticismo, estes costumam entender o desenvolvimento da vida na Terra como um tipo de decadência de seres tidos como superiores que regrediram a estágios tidos como mentalmente, e mesmo fisicamente, menos dotados. Em geral propõem que a humanidade atual da Terra é uma degeneração da raça de Atlântida, que por sua vez o é da raça Lemuriana.

Contudo nenhum destes termina por ser um movimento definido e com aparentes pretensões científicas como o é o Criacionismo “Científico”. Porém, há um ramo do Evolucionismo Teísta que embora não Criacionista, termina por engrossar as fileiras dos combatentes do Evolucionismo Tradicional, isto é o Neodarwinismo.

Trata-se do movimento favorável ao Design Inteligente, que entendem que a Evolução não seria possível sem um tipo de projeto intencional oculto, ainda que normalmente não se diga muito sobre esse “Projetista”.

Seus proponentes defendem um novo paradigma evolucionário em substituição ao Neodarwinismo, que já não mais seria capaz de explicar todos os dados recentemente descobertos. Embora eles em geral não se misturem com os Criacionistas, e muitas vezes até os reneguem, o Criacionismo tem tirado dos teóricos do Projeto Inteligente seus melhores argumentos.

Muitos cientistas e céticos desconfiam entretanto que o Design Inteligente possa ser um tipo de Criacionismo disfarçado, ocultando suas intenções na tentativa de abrir um precedente teórico na comunidade científica, para posteriormente ser explorado e aprofundado pelos Criacionistas.

(Marcus Valerio XR com adaptações do autor)

Portanto, por tudo que lemos, chegamos a uma só conclusão: A Umbanda, sem sombra de dúvida, é Evolucionista Teísta, pois cremos na Teoria Científica da Evolução, mas, tendo Deus Pai como causa primária de todo esse processo evolutivo natural.